

José Jackson Coelho Sampaio

TRABALHO E SOFRIMENTO PSÍQUICO EM PETROLEIROS DE PRODUÇÃO

subjetivismo, penosidade e conformismo



REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR

Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso

Francisco Horácio da Silva Frota

Francisco Josênio Camelo Parente

Gisafran Nazareno Mota Jucá

José Ferreira Nunes

Liduina Farias Almeida da Costa

Lucili Grangeiro Cortez

Luiz Cruz Lima

Manfredo Ramos

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Marcony Silva Cunha

Maria do Socorro Ferreira Osterne

Maria Salete Bessa Jorge

Silvia Maria Nóbrega-Therrien



José Jackson Coelho Sampaio

TRABALHO E SOFRIMENTO PSÍQUICO EM PETROLEIROS DE PRODUÇÃO

subjetivismo, penosidade e conformismo

Trabalho e sofrimento psíquico em petroleiros de produção: subjetivismo, penosidade e conformismo

©2023 Copyright by José Jackson Coelho Sampaio

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva do autor. O download e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos ao autor. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

Coordenação Editorial

Cleudene de Oliveira Aragão

Nayana Pessoa

Diagramação e capa

Narcélio Lopes

Revisão de Texto

Lucas Gabriel de Castro e Silva

Imagem da Capa

Agência Petrobrás

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sampaio, José Jackson Coelho
Trabalho e sofrimento psíquico em petroleiros de
produção [livro eletrônico] : subjetivismo,
penosidade e conformismo / José Jackson Coelho
Sampaio. -- 1. ed. -- Fortaleza : Editora da UECE,
2023.

PDF

Bibliografia
ISBN 978-85-7826-898-5

1. Ambiente de trabalho - Aspectos psicológicos
 2. Ceará - Condições sociais
 3. Plataformas de petróleo
 4. Trabalho - Aspectos psicológicos
 5. Trabalho e classes trabalhadora - Saúde mental
- I. Título.

23-177390

CDD-363.11

Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde mental no trabalho : Bem-estar social
363.11

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos reservados

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE

Av. Dr. Sílas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará

CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893

www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



A Zé Júlio e Maria, meus sobrenomes;
A Célia, Dafne, Dioniso e Ariadne, meus heterônômios;
A Charles e Jamacy, motivadores permanentes.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Manassés Claudino Fonteles, Magnífico Reitor da UECE, que criou as condições para uma vida acadêmica de alto nível em nossa instituição;

Ao Prof. Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva, pela presença constante e generosa em minha vida intelectual, apoiando-me na saída para a Pós-Graduação, no vínculo com a UECE e na produção desta Tese;

Aos Profs. Ms. Erasmo Miessa Ruiz e Izabel Cristina Ferreira Borsoi, grandes parceiros, presença quase impossível de ser desentranhada de meus textos científicos;

À Profa. Dra Célia Maria de Souza Sampaio, revisora atenta de forma e estrutura, disciplinadamente dedicada a organizar meu caos de memórias, documentos e vivências;

Aos Profs. Ms. Cleide Carneiro, Emani Viera Vasconcelos Filho, Arnaldo Ribeiro Costa Lima e Maria de Lourdes de Góes Araújo, com cujas Dissertações de Mestrado dialoguei, treinando análises, testando sínteses, construindo estilos muito próximos aos que aqui se exercita;

Ao Prof. Ms. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho, infatigável amigo e pesquisador, que me apresentou à Sociolinguística Interacional, sem cujas ferramentas a interpretação, nesta Tese, teria ficado ainda mais insuficiente;

Ao CNPq, à FUNCAP, ao MTb, à SESA/Ce, à OIT, ao PNUD, ao SINDIPETRO, à Petrobrás, pois, sem seus apoios financeiros, operacionais e políticos, a pesquisa que fundamenta a presente Tese não teria sido motivada e realizada.

“Concluí a escola técnica e começou a pressão, tanto da família pobre como da minha consciência, no sentido de entrar logo no mercado de trabalho. Não me sinto realizado, pois não trabalho porque gosto, trabalho porque preciso, então sou um escravo do trabalho e necessito lutar para que o trabalho seja melhor.”

“Parece que querem o trabalhador sem vida decente, inseguro, brigando com outro trabalhador por emprego e pequenos direitos, um verdadeiro escravo, bucha de canhão para o aumento do lucro de estrangeiros.”

“Só terei a chance de progresso na carreira se me transferir do Ceará, mas como, se sou apegado à família e à terra? Tenho tido cansaços, dores de cabeça, insônia e depressão. Mas, por conta desta história de privatização, reengenharia, qualidade total, até a empresa anda em clima depressivo.”

“O início do embarque está virando sofrimento. Sinto vontade de desembarcar, mas não posso, a perda salarial será muito grande. Ficar isolado, sem poder dar um pulo em casa, deixa tristeza, irritação, ansiedade. Agora ando explodindo, pois vivo direto no confinamento, só mudando de plataforma e de campo final também tenho explodido em casa na véspera de embarque”

“Minha família e os amigos que tenho no trabalho são tudo para mim. Uma vez minha mulher embarcou comigo e quando me dei conta daquela união, daquela cerveja tomada na hora do jantar, na plataforma, com a mulher e meus amigos, eu quase chorei. Ah, se fosse possível acontecer aquilo toda semana.”

“Todo trabalho interfere na vida privada e o nosso mais ainda. Um colega trouxe uma caixa de areia para ele ficar pisando e assim reduzir o estresse de viver num lugar todo de ferro. Os problemas de casa a gente não esquece a ansiedade só diminuiu com comunicação.”

“Evito levar problemas do trabalho para casa e da casa pro trabalho, mas nem sempre é possível. No meio da noite, em casa, por causa da insônia, vem à cabeça problemas do trabalho. No trabalho, em algum momento de folga, vem à cabeça problemas da casa. Só é possível separar o mundo da casa do mundo do trabalho quando tudo vai maravilhosamente bem nos dois.”

“O regime de embarque entra em choque com os momentos de desejo: o desejo vem e não se pode; pode-se e o desejo não vem.”

“Acho que o país tem melhorado e o controle da inflação está dando certo. Não sei bem identificar os partidos políticos e escolho pela pessoa dos candidatos, torcendo para que algum seja trabalhador e honesto, na profissão de político, como eu sou na minha.”

“Sinto-me entregue a forças sobrenaturais, energias que ligam o meu corpo com a terra. Penso sobre o que seria de um sonâmbulo que caísse no meio desse mar escuro. Não sou sonâmbulo e não conheço caso na plataforma, mas penso nisso, sobretudo mudou quando vou para o deck, de madrugada, para pescar. São essas as minhas distrações na plataforma, e aí eu reflito sobre o mar, sobre a morte e sobre Deus.”

À GUIA DE APRESENTAÇÃO: dois livros como frutos de um só esforço de pesquisa

Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio

No tempo entre a graduação em Medicina na UFC e a saída do Ceará para fazer Mestrado na UERJ e Doutorado na USP/Ribeirão Preto, eu me dediquei espontaneamente a pesquisar sobre as relações entre trabalho e saúde mental. A experiência clínica com mulheres tecelãs e mulheres quebradeiras de castanha de caju despertou o interesse e me levou a buscar os movimentos do pensamento e da investigação científica para compreender quais aspectos de seus trabalhos - monótonos, repetitivos, insalubres, sub-remunerados e com exíguas proteções - estariam presentes nas síndromes psicopatológicas singulares e dramáticas que chegavam às emergências psiquiátricas.

No Mestrado em Medicina Social do Instituto de Medicina Social/UERJ (1984-1988), enfrentei a compreensão das políticas de saúde mental, ou da ausência delas, tanto quanto a compreensão do modelo asilar europeu, ter tão facilmente se aclimatado em nosso país tropical. Mas não descurei das reflexões sobre as interdeterminações Saúde Mental & Trabalho.

No Doutorado em Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP (1988-1992), desafiei-me a entender como a Epidemiologia poderia tratar o semovente, fugidio, objeto subjetivo que são as estruturas de personalidade, os sintomas, as sín-

dromes e as doenças mentais. Neste período, além de não descurar da questão Saúde Mental & Trabalho, eu integrei trabalho-atividade como uma das funções mentais, de complexidade tão propriamente humana, nas grandezas ontogênicas e nas coisas compradas e vendidas.

Simultaneamente com o Doutorado, eu pude trabalhar com o Prof. Dr. Wanderley Codo coordenando a dimensão epidemiológica de um projeto concebido e liderado por ele, o *Saúde Mental & Trabalho: uma investigação interdisciplinar*. Começamos a criar um método adequado à natureza dos problemas enfrentados e aos campos autônomos, porém em interdependência, contato e articulação: saúde mental e saúde do trabalhador.

Elegendo como categoria empírica o ramo profissional, ensaiamos estudos de caso, com maior ou menor grau de completude, em telefonistas, operários de metal/mecânica, sucroalcooleiros, enfermeiros, operários de indústria de sapatos, bancários e metroviários, por exemplo. Destes estudos, financiados pelo Ministério da Saúde, fez-se um legado de experiência e método.

Imaginamos um holograma tridimensional, com um dos ângulos dominado pela categoria heurística “alienação”; o outro ângulo, pela categoria empírica “ramo profissional” e o terceiro ângulo, pela categoria empírica “perfil epidemiológico”. O holograma era então rastreado em quatro recortes desenrolados do mais abstrato para o mais concreto: Sociologia do Trabalho, Psicologia do Trabalho, Epidemiologia e Clínica.

O Doutorado foi concluído em fevereiro de 1992, o projeto de pesquisa foi concluído em maio de 1993 e, em julho de 1993, eu estava de volta a Fortaleza para assumir contrato de Professor Visitante da UECE, contrato que se tornou efetivo em 1995, por meio de concurso para Professor Adjunto, e avançando na carreira acadêmica, em 2000, por meio de concurso para Professor Titular.

A chegada à UECE me permitiu a realização do projeto de ser professor universitário, por meio da responsabilidade sobre a disciplina de Epidemiologia, oferecida aos cursos de Enfermagem e de Nutrição (ainda não havia o curso de Medicina, que ajudei a criar em

2003), da atividade sistemática de pesquisa, da criação do Mestrado Acadêmico em Saúde Pública e do Grupo de Pesquisa Vida e Trabalho, e da gestão acadêmica, ao assumir a Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, em caminho que me levou à Reitoria.

Na transição, eu finalizava projeto de pesquisa com bancários e, no legado, vieram bolsas de Iniciação Científica do CNPq (nossa FUNCAP dava seus primeiros passos) e equipamentos, como computadores, gravadores e retroprojetores, que a FAPESP autorizara trazer comigo, por conta da inserção na UECE, depois de findo o Doutorado. Assim, foi possível conceber e executar o projeto *Saúde Mental e Trabalho em Petroleiros de Produção OffShore no Ceará*, com base de apoio na Universidade, na Empresa e no Sindicato.

Já estava em evolução a cultura de recortar os resultados de uma pesquisa para a produção de vários artigos, destinados à publicação em periódicos, mas a publicação em livros ainda era hegemônica no campo das Ciências Sociais Aplicadas à Saúde. Daí foi um passo para que planejássemos a elaboração de dois livros nos quais convergiriam os resultados da pesquisa Petroleiros.

O 1º livro teria como conteúdo o perfil e o contexto produzidos pelos recortes da Sociologia do Trabalho, da Psicologia do Trabalho e da Epidemiologia, saturando informações sobre o que poderia determinar o que fosse encontrado no recorte da Clínica. Este livro foi publicado, em 1988, pela EdUECE, em parceria com a FLACSO, financiamento pelo SINDIPETRO/Ceará, sob o nome de *Saúde Mental e Trabalho em Petroleiros de Plataforma: penosidade, rebeldia e conformismo em petroleiros de produção (on shore/off shore) no Ceará*.

O 2º livro teria como conteúdo os resultados produzidos pelo recorte da Clínica, desdobrado nos resultados da aplicação da Entrevista de Aprofundamento e Representação do Trabalho e do Exame Mental. A ideia da publicação foi suspensa para que os resultados deste recorte compusessem minha Tese de Professor Titular: *Trabalho e Sofrimento Psíquico em Petroleiros de Produção: subjetividade, penosidade e conformismo*. O tempo passou, a Tese não se tornou livro, mas, na forma Tese, o texto já era livro.

Eis que chega o ano de 2023 e a UECE realiza, com a *Red de Investigadores sobre Factores Psicosociales em el Trabajo*, da qual o Grupo de Pesquisa Vida e Trabalho/UECE, criado em 1985, participou da fundação em 2007, o *II Congresso Internacional e V Congresso das Américas sobre Fatores Psicossociais, Saúde Mental e Stress no Trabalho*. A programação deste Congresso, pela 1ª vez realizado no Brasil, incluiu momento para lançamento de livros e a EdUECE percebeu a oportunidade para a união dos dois livros aqui citados, a 2ª edição do 1º livro e a necessária 1ª edição do 2º livro, ambos separados pelo destino editorial, mas concebidos como um todo na produção, e ambos teoricamente consistentes, atuais no rigor do método proposto, demonstração inequívoca de um debate necessário e urgente em tempos de metamorfoses do trabalho, sob a égide das desregulações legais e do surgimento de outras plataformas-empresas globais, atuando sobre trabalhadores com identidades voláteis, desintegrados em meio às mudanças climáticas, ao nomadismo digital e ao desprotegido e subpago *home office*. Aqui se expõe um método para outras iniciativas investigativas.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 16 |
| METODOLOGIA | 27 |
| 1. Abordagem teórica | 27 |
| 2. A questão dos instrumentos | 28 |
| 3. Cronograma, procedimentos da investigação e técnicas | 30 |
| 4. Procedimentos de análise..... | 33 |
| 5. Categorias principais | 35 |
| 6. Caracterização do grupo de entrevistados | 38 |
| 7. Estrutura do texto | 44 |
| CAPÍTULO 1 – GENTE EM DESCONFORTO, MAL-ESTAR E SOFRIMENTO | 46 |
| 1. O Exame Mental e o Inventário Psicológico: resultados cruzados..... | 47 |
| 2. Estados de sofrimento psicológico | 51 |
| CAPÍTULO 2 – O PETROLEIRO DE PRODUÇÃO DIANTE DE SI MESMO: DECIFRO-ME OU DEVORO-ME | 55 |
| 1. Capacidade de expressar autoimagem | 56 |
| 2. Natureza dominante das categorias de autorrepresentação | 57 |
| 3. Estrutura básica da autorrepresentação | 59 |
| 4. Inserção do trabalho na autorrepresentação | 65 |
| 5. A circunstância que catalisa as visões..... | 69 |

CAPÍTULO 3 – SER SAUDÁVEL: ÓRGÃOS FUNCIONANDO, A CAPACIDADE DE TRABALHAR E MEDICAMENTOS PARA SUPORTAR76

1. Ser saudável, não ser ou muito pelo contrário77
2. O corpo em ruptura de níveis e funções78
3. O rol das cruces difusas que o corpo carrega80
4. Os hábitos: medicamentos, álcool, tabaco, maconha83
5. Plataforma: um confinamento de engorda85
6. Insônia e pesadelos no meio do mar87
7. É fácil observar, difícil é compreender a relação entre doença e trabalho92
8. A competência prática que aparece quando estimulada.....95

CAPÍTULO 4 – OS ROMANCES FAMILIARES 104

1. A transição rural-urbano e a ascensão social105
2. O sistema familiar: união e desunião, pendências de dever e mágoa, a felicidade possível112
3. Socialização primária, valores aprendidos e valores reproduzidos.....118
4. A empresa na família e a família na empresa121

CAPÍTULO 5 – A TRAMA DOS RELACIONAMENTOS SOCIAIS E A QUESTÃO DA SEXUALIDADE 127

1. As marcas do isolamento e da conciliação128
2. A fofoca.....131
3. Vida social e trabalho: a fonte e o espaço da construção das amizades.137
4. Relações sociais e formas de organização do trabalho 140
5. A sexualidade possível.....143
6. Os fantasmas da sexualidade.....149
7. Sexualidade e trabalho155

CAPÍTULO 6 – DE ONDE VIM, ONDE ESTOU, PARA ONDE VOU...158

1. O que rege os acontecimentos da vida158
2. O Brasil me dá régua e compasso.....164
3. O que o futuro me reserva.....170

CAPÍTULO 7 – COMO PRODUZO MINHAS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA E PENSO A REDE DE RELAÇÕES 181

1. A rede que me sustenta.....181
2. Assim se faz a produção da sobrevivência.....195

CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRABALHADORES EM LUTA PELA SANIDADE, PELO ORGULHO DE OFÍCIO E PELA VIDA DIGNA...212

1. As ações e as verdades.213
2. A presença do trabalho na visão de mundo222
3. Um mapa de conflitos229
4. A reapropriação pela autoironia243

REFERÊNCIAS..... 249

INTRODUÇÃO

A pesquisa Saúde Mental e Trabalho: Um Estudo de Caso em Petroleiros de Produção *on/off shore* no Ceará, cujo relatório crítico conclui-se com a presente Tese, representa o ápice do amadurecimento de um processo de articulação teórica e prática da Epidemiologia, com as aplicações práticas da Saúde Mental e da Saúde do Trabalhador, no campo da Saúde Pública, que o autor vem desenvolvendo há, pelo menos, 20 anos.

Os esforços teóricos e práticos apresentam um elenco de novidades que obrigam a uma sistematização: epistêmicas, pela articulação de campos de conhecimento (Epidemiologia, Sociologia, Psicologia) e de níveis analíticos (Produção, Reprodução, Subjetividade), coerência dada pelo rigor dos acordos conceituais; teóricas, pela articulação de matrizes de conhecimento oriundas do historicismo, do estruturalismo e do funcionalismo, coerência dada pelo olhar formado a partir da perspectiva marxista; metodológicas, pela articulação de procedimentos quantitativos e qualitativos, empíricos e heurísticos, coerência dada pelos aprofundamentos, testes e retornos das lógicas analíticas, sintéticas e críticas, próprias da dialética; e políticas, pela articulação de demandas colocadas pelos sindicatos de trabalhadores e pela empresa, organizadas e respaldadas pela universidade. Tantas novidades por si explicam o pequeno volume de literatura encontrada antes do início dos campos de pesquisa, realidade que pouco mudou no período.

A Universidade Estadual do Ceará-UECE, a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico-FUNCAP e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq deram as garantias de prestígio acadêmico e de respaldo, tanto operacional como financeiro; o Sindicato dos Petroleiros do Estado do Ceará-SINDIPETRO/CE, autor da encomenda original, manteve-se apoiando a pesquisa mesmo quando as exigências científicas de rigor e sigilo contrariavam suas necessidades políticas imediatas; e PETROBRAS/CE exigiu assinatura de um compromisso, solicitando prioridade na divulgação de resultados, mas facilitou o acesso livre aos trabalhadores e não interferiu na situação de pesquisa, mesmo nos períodos de dissídio e greve.

Os 18 meses de elaboração do projeto e de negociações políticas e financeiras; os 30 meses de trabalho de campo; os 18 meses de redação do texto que resultaram na síntese crítica das fases de Sociologia do Trabalho, Psicologia do Trabalho e Epidemiologia, publicada em livro sob o título *Saúde Mental e Trabalho em Petroleiros de Plataforma: Penosidade, Rebeldia e Conformismo em Petroleiros de Produção on/off shore no Ceará* (Sampaio; Borsoi; Ruiz, 1998); e os 14 meses de sistematização da fase de Aprofundamento Clínico e Representação do Trabalho, que resultam na atual Tese; demonstram a decisão de equacionar os problemas de um campo social atravessado de crises, os problemas de sobrevivência do pesquisador e o objetivo de resolver algumas questões teóricas postas, como a hipótese de um sofrimento psíquico determinado pelo trabalho em dadas condições técnicas, sob dada lógica de exploração, tendo como pano de fundo a babel conceitual que envolve as palavras estresse e alienação e a construção ainda incipiente de uma teoria sobre o sofrimento psíquico. Existem teorias sobre a psicose, sobre a neurose e sobre a saúde mental, mas não na mesma dimensão sobre o sofrimento psíquico, fenômeno que exige permanente ressignificação, devido a uma onipresença capaz de cobrir uma variada gama de expressões psicológicas, da saúde à doença.

Considerando o grande número de novidades – epistêmicas, teóricas, metodológicas e políticas; a importância de uma pesquisa bandeirante – pelo objeto, pelo campo, pelos procedimentos e pelo

objetivo; a grande quantidade de dados obtidos; e a radical diferença de olhar entre as três fases anteriores e a última, decidiu-se expor os resultados em dois volumes independentes.

O 1º volume, já publicado, conteve introdução e metodologia gerais, a montagem do perfil de produção do grupo estudado (Sociologia do Trabalho e Psicologia Organizacional), a discussão dos resultados do inventário de personalidade aplicado (Epidemiologia Social) e um conjunto de conclusões, finais para os respectivos níveis, mas parciais para o conjunto articulado, isto é, para a meta síntese. Para os objetivos do 1º volume foram percorridos os seguintes passos: identificação da categoria profissional, identificação da empresa, negociação de abertura de campo, identificação do grupo profissional, estudos gerais de Sociologia do Trabalho para configurar o caso-empresa, estudos específicos de Sociologia do Trabalho para configurar o perfil de produção do grupo profissional, estudos gerais e específicos de Psicologia do Trabalho para conclusão do perfil de produção do grupo profissional, montagem do perfil de produção e do diagnóstico organizacional, identificação dos subgrupos de estudo para fins de comparação crítica e estudo epidemiológico censitário para configurar a população epidemiológica qualificada, sobretudo para qualificar as tendências de sintomas, síndromes e características de personalidades encontradas no grupo profissional estudado, que inclui a amostra aqui investigada.

A população global do Núcleo de Produção da Petrobrás/Ceará-NUPROCE, originalmente de 357 trabalhadores, foi estabelecida em 325 (população epidemiológica – PE) pela exclusão dos engenheiros em exercício de funções específicas de engenheiro e de chefia ($n = 15$), dos gerentes de plataforma ($n = 8$) e das mulheres ($n = 9$). A retirada das duas primeiras categorias deveu-se a motivo técnico, pois seriam entrevistados nas fases de Sociologia e de Psicologia do Trabalho, identificados com a objetividade da empresa, impossibilitando o comparecimento posterior como subjetividade de trabalhador. As mulheres foram retiradas em respeito ao princípio de constituição de grupo paradigmático de trabalhadores, as mulheres representando pouco mais de 2% do grupo e alocadas em serviços alimentares ou de enfermagem, extensões culturais do papel feminino de cuidadora.

Devido a perdas decorrentes de férias, licenças, recusas e impossibilidades de saída do posto de serviço para participação na pesquisa, na ordem de 25,6%, a população realizada, isto é, a População Epidemiológica Efetiva-PEE foi de 241. Por fim, discriminando segundo resultado geral do Inventário Minnesota Multifásico de Personalidade-MMPI – invalidado, validado normal, validado risco, validado problemático – e segundo resultado geral da organização do trabalho – *on shore*/sede administrativa (Mucuripe), *on shore*/Pier (Paracuru), *off shore*/manutenção (Manutenção) e *off shore*/operação (Operação) – a PEE foi classificada.

Da literatura levantada previamente, Sampaio, Borsoi e Ruiz (1998) encontraram que:

O petroleiro de produção necessita efetuar mudanças e adaptações em rotinas pessoais, ritmo sono-vigília, padrão alimentar, tolerâncias físicas a condições atmosféricas e tolerâncias psicológicas a condições afetivas agressivas, mas o tempo e as condições propiciadas não facilitam os processos de adaptação, sejam conservadores ou críticos. Os trabalhadores identificam-se com a empresa, nela reconhecendo força, vitalidade e competência, mas observam a necessidade de mudanças que melhorem as condições de trabalho. A comunicação interna é deficiente, parcial, atrasada, pois o que sabem sobre a empresa advém muito mais da Grande Imprensa do que de informação socializada internamente. A estrutura organizacional apresenta falhas tais como planejamento pouco transparente, limites mal definidos de competência e atividades distribuídas de modo inadequado, gerando insegurança e redução das expectativas positivas de futuro. A carreira é formalmente curta, tomando possível a estabilização precoce no topo, mas efetivamente longa, com obstáculos tais que possibilitam a estabilização precoce em etapas intermediárias. A hierarquia é centralizadora e autoritária, ora militar ora paternalista, e os valores que a administração, na prática, preconiza, são obediência, passividade e rotina, embora diga estimular criatividade e liberdade. (p. 143)

No perfil psicossanitário geral do grupo, destacam-se uma prevalência de não normais da ordem de 44,5% e uma prevalência de suspeita de sofrimento psicológico da ordem de 22,7%. O primeiro número aponta um paradoxo: a não norma, no sentido estatístico de habitualidade e magnitude de ocorrência, sem qualquer julgamento de valor, aproxima-se da metade do grupo. O segundo número indica, considerando escala aproximada de grandeza, que de cada quatro trabalhadores um apresenta queixas inequívocas de sofrimento psíquico.

A partir de estudos preponderantemente objetivos, quantitativos e descritivos, Sampaio, Borsoi e Ruiz (1998) concluem o que pode ser sumarizado nos seguintes 25 tópicos de sistematização de resultados e de conclusões:

- Na sintomatologia, há preponderância da díade hipocondria/depressão, secundada pela díade histeria/introversão social. O estudo das questões do MMPI permite perceber que as escalas hipocondria e histeria aproximam-se pela ansiedade, representação corporal das tensões e preocupação com os riscos à saúde e à integridade, e que as escalas depressão e introversão social aproximam-se pelo isolacionismo, julgamento negativo das experiências existenciais-sociais e dificuldade de superar criativa criticamente as perdas.
- Qualquer subdivisão organizacional do grupo – regime de trabalho, turno, função – encontra hipocondria elevada, compondo marca geral, o que corresponde a uma lógica que congela as respostas do sujeito na urgência de mal-estares fixados no corpo físico, depositário imediato das condições de insalubridade, periculosidade e penosidade vividas objetivamente.
- A depressão é modo genérico e primitivo de reação frente à dor, ao sofrimento, à perda existencial e à morte, mas a hipocondria é modo de defesa aprendido através da incorporação das experiências de vida, derivado das contradições que o trabalho sob risco permanente impõe ao trabalhador.

- As medidas de proteção, pela própria presença insistente, lembram seu contrário: o que é perigoso, insalubre, penoso. E estes contrários são qualificados em decorrência da competência do trabalhador em conhecê-los, significá-los e usar protetores (capacetes, fardas, luvas, botas etc.).
- Trabalho em turnos e sobreaviso geram perturbações da ordem temporal, do sono e da vida social, agravando doenças, aumentando suscetibilidade a agentes nocivos e a cansaço, precipitando envelhecimento e alterações gastrointestinais. A mudança dos horários de dormir ou a ocorrência de sono sob a expectativa de ser acordado a qualquer momento, altera a alimentação, a rotina fisiológica primária, a prática sexual, o repouso e o lazer.
- A jornada e suas condições (ritmo, ruído, trepidação, turno, sobreaviso) interferem no ciclo normal de sono dos trabalhadores e ferem toda e qualquer sincronia sono-vigília, interna ou externa, resultando em sensação difusa, permanente, de fadiga, além de prejuízos vários a funções cognitivas como atenção e memória. Ocorre um choque com as necessidades de hipertrofia da atenção e da memória que as exigências de segurança requerem.
- Turno, sobreaviso, regime de embarque, expectativa de acidentes e fragmentação da experiência social podem explicar a prontidão hipocondríaca, sobretudo se forem acrescentados alternância de perdas destruição/reconstrução de quotidianos determinadas pela alternância de embarque e desembarque – e desencantos com a carreira, a empresa, a função, a profissão, com os papéis de sujeito, de trabalhador e de cidadão.
- Regime de embarque constitui problema de grande transcendência por, pelo menos, duas razões básicas: desorganiza vida social, realizando um tudo/nada de experiências (sete dias no trabalho/sete dias em casa); e suspende precocemente os processos de adaptação quando vai adaptando-se a turno ou sobreaviso, corta para casa; quando vai adaptando-se às lógicas domésticas, corta para turno ou sobreaviso.

- Como mais de 2/3 dos trabalhadores de terra começaram a carreira pelo mar, distinguir grupos de função – Apoio, Operação, Manutenção – revelou-se solução mais rica que a distinção *on/off shore*. Retirar o subgrupo Manutenção tornaria a população hígida, com indicadores residuais de sofrimento psíquico.
- A planta física é antiga e tudo depende de energia elétrica gerada nas próprias plataformas, tanto a produção como a segurança. A falha elétrica, o fio descascado, o curto-circuito, a sobrecarga em rede inadequada, podem desencadear a fagulha de catastróficos problemas de produção e riscos à sobrevivência do grupo – a responsabilidade técnica é de um, mas todos estão, literalmente, “no mesmo barco.”
- O eletricista é responsável direto pela energia utilizada, trabalhando com geradores, motores e comandos. Seus gestos requerem precisão quando se trata de intervenção em corrente viva, quando trabalhadores, equipamentos e produção ficam pendentes de sua competência. Hipertrofia da responsabilidade, precisão de gestos, maior demanda de sobreaviso para emergência e trabalho noturno, e ausência de compensações de sono no outro dia conformam o perfil produtivo destes trabalhadores.

Os mais problemáticos fatores de insalubridade são o ruído, a vibração e o espaço físico. Mas tais fatores necessitam ser incorporados em processos sinérgicos e referidos à percepção que o trabalhador tem deles. A presença de um pode potencializar o outro, na medida em que divide a atenção do trabalhador entre a tarefa e os obstáculos para sua realização.

O ruído é intenso, sempre exigindo do trabalhador o uso de protetores auriculares, no setor de produção. A vibração encontra-se presente, sobretudo nas plataformas onde existem geradores de energia (turbinas). A somatória de ruído e vibração faz com que o petroleiro ande, sente, deite, trabalhe, durma e divirta-se sobre pecas em tremor.

O espaço físico é restrito, contendo o absolutamente necessário ao funcionamento dos equipamentos e à acomodação dos trabalhadores, sujeitos a esforço físico e a trabalho em posição incorreta, em decorrência da disposição de máquinas, equipamentos, casulos de alojamento, escadas, passarelas, corrimões e colunas de sustentação. O trabalhador agacha-se, escorrega, tropeça e força a coluna em lotes de tempo de sete dias.

Entre os fatores de periculosidade destaca-se a permanente expectativa de acidente. Os acidentes mais comuns são de pouca gravidade: cortes nos dedos, corpo estranho nos olhos em períodos de ventos fortes ou por conta de jateamentos e *sprays*, e quedas devido ao piso derrapante pela presença de óleo e desgaste pelo tempo de uso. O piso tipo “grelha”, presente nas passarelas que contornam a plataforma e nas escadas externas, oferece o risco de quedas provocadas por deslizamentos e tonturas, ambos decorrentes da visão da altura e dos movimentos das ondas do mar sob os pés.

Os acidentes aumentam em decorrência das contradições que prejudicam a atenção, a motivação e a satisfação, no caso do determinante ser falha humana; ou em decorrência da natureza da atividade, da idade e do estado de conservação dos equipamentos, no caso do determinante ser falha técnica. Os acidentes graves ou sinistros são raros, de fato, mas suas dimensões em prejuízo material e humano são tão altas que garantem a introjeção do fantasma perseguidor no cotidiano. Todos se sentem na mão da natureza e do acaso, com segurança oferecida pela loteria de estatísticas maquiadas pela redução gradativa do número de trabalhadores da própria empresa e pelo expurgo dos dados referentes aos trabalhadores terceirizados.

As condições de vida e de trabalho nas plataformas são “perversas” ou “de sacrifício”, condição que se consubstancia no conceito de penosidade. Pelo fato de quase toda a extensão das plataformas ser área de risco, mesmo necessidades simples como comer, dormir e repousar passam a ser realizadas dentro de esquema rígido de segurança.

O lazer e o espaço físico de circulação são restritos (confinamento), trabalho e descanso confundem-se, privacidade não existe. As tentativas de separação formal entre trabalho e descanso, através

de pequenos rituais, parecem pouco efetivas, pois, se parte dos trabalhadores descansa, parte continua trabalhando e mantendo contato com os que estão de folga; o ruído das turbinas e a iluminação da plataforma mantêm-se constante durante a noite; o revezamento de turno e o sobreaviso alertam para o fato de que estão sempre, de certo modo, trabalhando, a vida é sempre coletiva e em cultura masculina. Se não posso me livrar do colega, passo a torcer para que “estranhos” não venham perturbar a “comunidade”: compensações psíquicas sendo dadas por piadas envolvendo virilidade, homofobia, traição e ciúme.

O período de desembarque significa obrigação quase compulsiva de “tirar o atraso” e “por a escrita em dia” em todas as outras dimensões da sociabilidade – esporte, consumo cultural, vida sexual -, além de desreprimir os hábitos prazerosos de compensação – beber, fumar, jogar, consumir.

A situação de embarque/desembarque apresenta um tudo/nada nas relações de trabalho, forçando adaptações radicais polares. O embarque leva a supercompensações da perda da vida social externa, através de comer muito e procurar fitas pornográficas de vídeo. O desembarque leva a supercompensações da carência anterior, através de comportamento hedonista, a busca do prazer pelo prazer, ou de adaptações à carência, o isolacionismo.

As transições embarque/desembarque obrigam à construção de ritos de passagem, demarcatórios de saída e chegada, mas que parecem pouco efetivos, marcados por crises, alterações do humor (alegria/tristeza), distúrbios de sono (insônia/sono sobressaltado) e distúrbios do apetite (comer muito/comer pouco). Durante o embarque, o repouso é no próprio ambiente de trabalho, sob as mesmas condições, o que residualiza ou anula possibilidades de construir rituais de fim/começo de jornada na plataforma e estende as crises para o cotidiano.

Superqualificação por iniciativa própria, redução de oportunidades internas de educação continuada e desencanto com a empresa, em contradição com temor das condições de salário e trabalho ocorrentes no mercado de trabalho em geral, marcam o grupo. Defesa

do campo de trabalho associada a defesa do monopólio estatal da produção petrolífera, em contradição com o desinvestimento derivado da crise fiscal do Estado e com a propaganda ideológica da privatização como panaceia para a crise, confundem o grupo.

Por causa da origem de classe, da posição de arrimo familiar, do trabalho em empresa sem alternativa no mercado, da hierarquia militar, da forte disciplina, do posto isolado de trabalho em ruptura com a vida social, pela lógica intertravada do processo de trabalho, tudo leva à constituição de subjetividades com grandes dificuldades de comunicação centralidade de fala, especialização de discurso, posturas motoras padronizadas, fraseologia “petroleira”.

A aplicação do inventário permite perceber que existem perfis claramente diferenciados por grupo e o presente nível de análise indica as possibilidades lógicas de explicação dos perfis pela vida de trabalho. O regime de embarcado, o sobreaviso, o clima organizacional fechado e a especialização de tarefas parecem constituir elementos explicativos bastante densos para as diferenças e características encontradas.

Os petroleiros de produção não vivem condições de trabalho e jornada semelhantes às da revolução industrial em seus primórdios, com certeza não passam fome e os acidentes são frequentes, porém sem gravidade. O que pressiona por entendimento são seus mal estares psicológicos, o modo como suas personalidades se constituem a partir da experiência deste trabalho tão específico e especial.

Caso identificado a população descrita em suas tendências e macro- dinâmicas, há que buscar o entendimento dos processos e das formas concretas de expressão, sobretudo pelo acesso ao discurso que os sujeitos operam sobre suas condições, atitudes e opções.

O objetivo geral da presente Tese consiste, portanto, à luz das características de produção e de personalidade identificadas para o caso “Petroleiros de Produção no Ceará”, na análise crítica das relações entre lógica concreta de trabalho e lógica concreta de expressões psicológicas do grupo e na identificação dos procedimentos que possibilitem sofrimento psíquico no grupo.

Para tanto, três objetivos específicos serão buscados: montar o mapa de conflitos entre trabalho e saúde mental, tal como aparece para os próprios trabalhadores, por meio de seus depoimentos; montar o mapa de soluções de compromisso, recuperatórias, religadoras, reapropriadoras, que mantém estes trabalhadores em funcionalidade social satisfatória, a despeito dos preços psicossociais a pagar; e identificar, em nível teórico, as grandes formas de expressão das soluções encontradas.

METODOLOGIA

1. Abordagem teórica

Os estudos no campo das relações entre saúde mental e trabalho, instrumentalizados pela dialética marxista, postulam que os processos de trabalho e as formas de exploração da força de trabalho explicariam as características psicológicas e psicopatológicas encontradas nos grupos de trabalhadores, porém mudando de peso e lugar na hierarquia de explicações, a cada situação.

O objeto, portanto, deve ser abordado de modo interdisciplinar e em níveis analíticos simultâneos ou sucessivos, retirando em um nível os critérios de seleção de sujeitos e fatos para composição do estudo em nível subsequente, além de construir pressupostos em nível mais geral e abstrato, a serem confrontados em outros mais específicos e concretos: Sociologia do Trabalho, Psicologia do Trabalho, Epidemiologia Social e Psicopatologia do Trabalho. Das tendências, associações lógicas e probabilidades parte-se para seus modos de operação na história dos grupos e sujeitos reais.

O campo Saúde Mental e Trabalho, nesta pesquisa singular, integra ciências de desenvolvimento anterior, como Epidemiologia, Medicina do Trabalho, Psicologia Organizacional, Ergonomia e Sociologia; inspira-se na dialética marxista como entendida por Breilh e Granda (1986), Minayo (1994) e Sampaio (1998); relê alguns autores que ofereceram indicações para o estudo da produção social da subjetividade (Adorno, 1950; Politzer, 1965; Leontiev, 1978; Fanon, 1978; Sève, 1979; Gramsci, 1984; Vygotsky, 1964; Campana, 1988); incorpora técnicas de análise de

depoimentos e entrevistas pertinentes à Sociolinguística Interacional (Pêcheux, 1997; Brandão, 1998; Ribeiro e Garcez, 1998; Orlandi, 1999); e investiga, interpreta e expõe com o suporte de categorias explicitadas em Sampaio (1998) e em Sampaio, Borsoi e Ruiz (1998).

2. A questão dos instrumentos

O principal instrumento epidemiológico, o Inventário Multifásico Minnesota de Personalidade-MMPI, caracteriza-se, é utilizado e produz dados como exposto em Sampaio, Borsoi e Ruiz (1998), a partir das orientações de Graham (1987).

O final das três fases coletivas de investigação, delineadas na Introdução, resultou na construção de uma grade onde, nas linhas, a população epidemiológica efetiva-PEE foi categorizada em “*on shore*/Mucuripe”, “*on shore*/Paracuru”, “*off shore*/operação”, “*off shore*/manutenção” e “*off shore*/apoio”, segundo lógicas de produção estabelecidas pela Sociologia do Trabalho e pela Psicologia do Trabalho, e, nas colunas, em “inventário inválido”, “inventário válido/normal”, “inventário válido(risco)” e “inventário válido/problemático”, segundo os resultados mais gerais do MMPI. De cada um dos 20 estratos foi sorteado aleatoriamente um sujeito para aplicação da Entrevista de Aprofundamento Clínico e Representação do Trabalho- EART, instrumento complexo e exclusivo do nível de análise de tendências e de identificação das expressões de conflitos, de sofrimentos e de tentativas de superá-los. A EART foi desenvolvida em Sampaio (1998) e publicada na íntegra, como anexo, em Carneiro (2000).

Considerando as necessidades de revitalizar a anamnese psicológico/psiquiátrica, de testar o inventário psicológico aplicado à população de petroleiros de produção do Ceará, de avaliar outras dimensões como o lugar da família e da inserção no mundo do consumo, por exemplo, além de contrapor representações do pesquisador sobre o sujeito e do sujeito sobre si mesmo, e de captar o modo como o trabalho comparece na subjetividade do trabalhador, foi desenvolvida a EART, com quatro módulos:

1º módulo = exame clínico psiquiátrico, dinâmico.

2º módulo = 40 questões fechadas para identificação dos sujeitos segundo idade, sexo, escolaridade, migração, moradia, renda, profissão, hábitos de consumo, família de origem, família constituída, religião, *hobby*, sindicalismo, política partidária, seguros.

3º módulo = 14 questões abertas, cobrindo concepções sobre a própria personalidade, circunstância, relação com saúde/doença, apetite, sono, família de origem, família constituída, sexualidade, relacionamento social, religião, *hobby*, sindicalismo, política partidária, história de trabalho, *locus* de controle, projeto de futuro.

4º módulo = 20 questões semifechadas, induzindo opinião sobre rotina de trabalho, organização da empresa, hierarquia, ritmo, matéria prima, produto, processo de produção, salário, regime de contratação, salários secundários, lucro da empresa, normas internas de conduta, jornada de trabalho, riscos sanitários.

A seleção de sujeitos para o nível de aprofundamento crítico é primeiramente estratificada, depois aleatória – sorteio de um sujeito de cada estrato, para representar todas as tendências prevalentes encontradas – e resultou em estudo duplo cego, pois o sujeito e o aplicador da EART não sabiam de qual subpopulação o sujeito fora escolhido. Depois de aplicadas e transcritas, as entrevistas foram submetidas a uma preparação para análise, com cuidadosa atenção para não haver prejuízo de conteúdo e de coerência.

O texto preparado foi então submetido aos 10 processos de análise discriminados em Sampaio, Borsoi e Ruiz (1998): as leituras cursiva, analítica e crítica; a descrição das proporções do quantificável, conferindo diferenças e semelhanças entre amostra (submetida à EART) e população (submetida ao MMPI); a avaliação clínica com objetivo diagnóstico; estudo do conteúdo das respostas às questões abertas formuladas, na vertical, por sujeito, e, na horizontal, comparativa entre sujeitos; por fim, estabelecimento das representações sobre o trabalho.

3. Cronograma, procedimentos da investigação e técnicas

Obtidas as tendências, prevalências e probabilidades dos níveis de Sociologia do Trabalho, Psicologia do Trabalho e Epidemiologia Social, urgia compreender como as tendências se tornam fenômeno nos sujeitos. Obtido o levantamento objetivo das características da organização do trabalho, para o capital e para o processo de produção de um produto específico, urgia compreender o significado subjetivo para o trabalhador e como as características objetivas eram representadas na consciência.

Três pesquisadores revezaram-se nas aplicações das 20 entrevistas, incluindo o líder do grupo de pesquisa, todos devidamente treinados em abordagens clínicas. As entrevistas foram realizadas em ambientes que resguardavam privacidade e sigilo ético. O calendário das entrevistas desenvolveu-se ao longo de dois meses e resultou em 65 h de fita gravada, após consentimento dos trabalhadores entrevistados. Em quatro casos foi necessário um segundo sorteio porque o primeiro sorteado recusou ($n = 1$) ou não pode ($n = 3$) ser entrevistado.

A fase de aprofundamento e representação atingiu 8,3% da população epidemiológica efetiva ($N = 241$) de petroleiros de produção do Ceará, à qual foi aplicado o inventário psicológico, embora com distorções internas entre os estratos, derivadas da decisão de sortear um sujeito por estrato, independentemente do número de sujeitos ali classificados.

Para que a investigação evolua e possa ser qualificada, faz-se necessário detalhar diferenças e semelhanças entre o planejado e o conseguido, além de esboçar um perfil demográfico-socioeconômico da população constituída para entrevista e avaliar a representatividade da amostra estratificada de 20 sujeitos, em relação ao universo dos trabalhadores submetidos ao inventário psicológico.

Numa abordagem qualitativa não é relevante dimensionar a representatividade de um conjunto de entrevistados em relação à população da qual tenha sido extraído. Mas em nome da lógica como a pesquisa geral foi realizada, desdobrando fases e realizando

escolhas a partir do pré-definido em fase anterior, impôs-se descrever possibilidades estatísticas de representatividade, até porque a fase anterior ao presente momento foi objetiva, censitária, quantitativa, epidemiológica.

A distribuição dos entrevistados, por função e resultados do inventário psicológico, ocorreu segundo o previsto no desenho metodológico da pesquisa.

Pela função, os entrevistados garantem a representatividade das principais atividades de terra (*on shore*), como agente administrativo, técnico de segurança e operadores de transporte, de carga e de produção, e as principais atividades de mar (*off shore*), como operador de produção, assistente técnico de operação de produção, eletricitista, instrumentista e mecânico.

A distribuição etária encontrada nos entrevistados revela-se próxima daquela da população de petroleiros de produção e identifica um grupo bastante homogêneo, com moda e média coincidentes (34 anos) e a quase totalidade (90%) concentrada na faixa de 30 a 39 anos de idade. O indivíduo mais novo tem 29 anos e o mais velho 44 anos, resultando numa amplitude de variação de 15 anos, o que cobre o arco central, a plenitude do tempo produtivo.

Pela necessidade de focar o trabalhador paradigmático do setor de produção foram excluídas as nove mulheres encontradas. Os entrevistados são do sexo masculino, observando-se outra grande homogeneidade, a de gênero. Neste caso os petroleiros de produção afastam-se do perfil da população do estado, composta por 47% de homens, o que fala de uma profissão nitidamente masculina, com os desdobramentos culturais daí decorrentes.

Dos 20 entrevistados, 85% declararam-se brancos, apenas 15% pardos (um deles de evidente aparência negróide) e nenhum preto. As fronteiras de raça e cor, no Ceará, são, historicamente, bastante difusas. A homogeneidade objetiva e subjetiva de tipo físico é muito grande¹.

1 A presença do negro é muito pequena no Ceará. Os ciclos econômicos do gado vacum, da salga de carne e do algodão, no período colonial-imperial, não se realizaram com mão de obra escrava. Os ciclos econômicos da cera de carnaúba, do óleo de mamona, da pesca e da castanha de caju, no período republicano, não se firmaram

Pelos critérios do inventário psicológico, os entrevistados garantem a representatividade dos macro-resultados, como invalidado, validado normal, validado risco e validado problemático, além da hierarquia descendente de resultados clínicos daqueles identificados como em sofrimento psicológico hipocondria, depressão e histeria. As garantias de representatividade dos entrevistados, em relação à população de petroleiros de produção da Petrobrás/Ce, reduzem margens de erro e enviesamentos, portanto os achados na amostra podem ser generalizados para a população.

Um exame mental simplificado é capaz de afirmar inexistência de qualquer caso de falso negativo (normal ao inventário psicológico, porém sofrimento psicológico ao exame mental) e existência de três casos de falso positivo (sofrimento psicológico ao inventário psicológico e normal ao exame mental). Mais uma vez, na história de uso do MMPI pela equipe de pesquisa, não há ocorrência de falso negativo e o falso positivo tem tamanho equivalente ao do validado risco, garantindo o rigor da identificação estatística entre validado problemático e Prevalência de Suspeita de Sofrimento Psicológico-PSSP.

Os sujeitos entrevistados realizam concretamente todas as tendências identificadas na população pelos estudos objetivo-quantitativos. O modo como os sujeitos foram localizados, suas características principais e o modo como as informações foram colhidas encontram-se consistente e coerentemente reveladas.

sobre lógica racial. A miscigenação havida, no início da colonização do Nordeste brasileiro (Hoornaert, 1994), colocou, no cenário demográfico do Ceará, portugueses, judeus portugueses, castelhanos, galegos, holandeses, judeus holandeses e índios, das nações tabajara, potiguar, cariri, tremembé, canindé, tapeba, jucá e quixelô, sobretudo da resistente confederação liderada pelos tabajaras e canindés. A miscigenação europeia-ibérica com indígena-tapuia resultou, diante das condições climáticas e sociais do semiárido nordestino, num tipo baixo, moreno claro, rosto redondo, “cabeça chata”, zigomas salientes, cabelo negro de fio grosso, que perdeu a consciência da matriz indígena de sua formação, recusa identificação com a matriz africana e, por exclusão, afirma-se branco.

4. Procedimentos de análise

A tecnologia básica de interpretação de resultados é fornecida pela Análise de Discurso (Ribeiro; Garcez, 1998; Brandão, 1998; Orlandi, 1999), pois o:

discurso é palavra em movimento, prática de linguagem (..) e, na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história (...) A linguagem é a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social (Orlandi, 1999, p. 15)

Trabalho, identidade, personalidade, linguagem, trabalho simbólico, trabalho social geral, história, realidade, mediação, sociedade eis aí todos os termos da equação que, a partir do conceito marxista de atividade, sobretudo aquela especificamente humana, articula a linguagem do trabalho com o trabalho da linguagem. Nada melhor para enfrentar os significados, os deslocamentos de significados, as contradições entre significados e coisas significadas, que uma ferramenta nascida da relação entre os domínios disciplinares da Linguística, do Estruturalismo e do Marxismo, desenvolvida para viabilizar interpretações e identificar os dinamismos de produção de significados e rupturas de significados.

As premissas operacionais são as seguintes:

- Não há sofrimento psicológico se não houver conflito;
- Sofrimento constitui sintoma de conflito, não necessariamente de doença;
- A linguagem apresenta ordem própria, mas autonomia relativa;
- A história tem seu real afetado pelo simbólico;
- O sujeito da linguagem é afetado pelo real da fala e da história, sem efetivo controle sobre o modo como estes reais o afetam;

- Cada investigação obriga a formulação de conceitos e recortes conceituais diferentes;

- Os procedimentos metodológicos específicos devem ser expostos em articulação com as perguntas provocadoras e as respostas produzidas.

- As 14 perguntas provocadoras da EART oferecem, na própria formulação, as categorias analíticas básicas;

- A partir das respostas produzidas, são extraídas as categorias analíticas específicas, ou subcategorias operacionais;

- O procedimento de seleção dos trabalhadores para os vários níveis de estudo, torna paradigmáticos os 20 entrevistados;

- Uma tensão dialética entre sujeito-indivíduo e sujeito-grupo obriga a identificação das respostas de maneira formal genérica, pela função.

- Nenhuma técnica é capaz de abolir o viés, por isso impõe-se especificar os sujeitos e suas condições de vida e de elaboração de significados.

- As leituras dos textos-resposta passam pelo literal e pelo metafórico, sistematizando fórmulas, tanto quanto contradições e silêncios.

- Para o enfrentamento das articulações entre condições materiais de vida e consciência, objetivando uma leitura antropológica e psicossocial, Marx (1974a; 1974b) inspira as categorias “trabalho”, “modo de produção das condições de existência” e “ser social”; Gramsci (1987) as categorias “concepção de mundo” e “ideologia”; e Foucault (1984a; 1984b) a categoria “modo de produção de verdades”;

- Para o enfrentamento da produção e das táticas de elaboração do sofrimento psíquico, na dimensão individual da experiência, a categoria proposta é a de “modo de reapropriação” (Codo; Sampaio; Hitomi, 1993; Codo; Sampaio, 1995; Sampaio, 1998).

5. Categorias principais

TRABALHO – A categoria expressa conjunto complexo de atividades que resultam na apropriação da natureza pelo homem e reproduzem o próprio homem, revestindo-se de formas específicas a cada lógica da organização social, das formas de produção e distribuição de riqueza, da natureza das técnicas e tecnologias utilizadas. No modo de produção capitalista apresenta uma dupla e contraditória natureza: concreta (atos necessários à criação de um produto ou utilidade) e abstrata (tempo socialmente necessário à produção de uma mercadoria e de um diferencial de acumulação). Através do trabalho geram-se utilidades, mercadorias e relações sociais. O trabalho, juntamente com a linguagem, constitui-se em atividade humana por excelência.

MODO DE PRODUÇÃO DAS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA – A categoria expressa a lógica dominante de certa articulação historicamente determinada entre os níveis econômico, político e teórico de uma organização social. Os níveis compõem, grosso modo, duas instâncias classicamente denominadas de infraestrutura (trabalho, organização e tecnologia de produção, capital, mercadoria, mercado) e superestrutura (estado, poder, sociedade, cultura e ideologia), cuja articulação realiza uma totalidade complexa de relações, homóloga, de apropriação real e de propriedade. Uma mediação necessária ao modo de produção, este jeito de produzir e distribuir riqueza, tanto quanto de produzir e distribuir poder e significados, é a formação social: objeto concreto real com existência histórica real, não apenas genérica/abstrata como a do modo de produção, que constitui combinação particular, superposição específica de vários deles, com posição relativa e dominância de um ou outro. Determinação e dominância são conceitos que se complementam, até coincidem, mas não são sinônimos, pois o fato de um modo de produção ser determinado pela instância econômica não permite deduzir que a dominância seja econômica. A determinação refere-se o movimento infraestrutura, da base reguladora do complexo, enquanto a dominância é reflexo desta base e o próprio instrumento sobre o qual incide o objeto refletido. Assim, o econômico pode ser determinante, mas expressar-se em dominância política ou ideológica, por exemplo.

SER SOCIAL – A categoria expressa o conjunto de preexistentes econômicos, políticos e ideológicos, sintetizados em formas culturais e simbólicas, em torno do nascimento de um ser humano. Ser social designa, portanto, a qualidade material do “berço” e as expectativas tanto da parentela como do grupo social próximo. Se décimo filho, sexo feminino, de família de trabalhadores rurais indianos, ou primogênito masculino de aristocratas franceses, a posição ocupada pela família no modo de produção e na formação social, a objetiva condição material (habitação, alimentação, educação, poder de consumo) e os sistemas de valores recortados na ideologia (as fantasias e os desejos projetados) confluirão na trama de trilhas e destinos do recém-nascido, alavancando possibilidades e limitações reais para cada história de vida. Tal exoesqueleto cultural primário serve de base para reforços e reformulações, significados e ressignificados, como matriz, mote e “pecado original”, conformador da disponibilidade de tempo dos genitores para com os filhos e da natureza dos cuidados e do olhar dispendidos.

MODO DE PRODUÇÃO DE VERDADES – A categoria expressa o fenômeno ideológico-cultural, através de redes formais e informais de instituições, que produz as fórmulas de orientação e de sustentação das atividades dos grupos sociais, com autonomia relativa frente à lógica atual das articulações econômico-políticas básicas. As formas de produção das condições de existência geram organizações, instituições, sistemas, exercícios concretos de poder e exercícios concretos de explicação que podem sobreviver por muito tempo, mesmo depois do desaparecimento das formas possibilitadoras, congelando micropoderes tão arcaicos quanto fortes. Um conjunto de alterações, de questionamentos no plano da cultura e da política, de procedimentos crítico-interpretativos, de militância intelectual, pode revelar a diacronia, a contradição, o antagonismo, o arcaísmo das explicações encarnadas nos poderes sobreviventes. Também pode haver ruptura das explicações compartilhadas coletivamente sem que tenha ocorrido superação do modo de produção material das condições de existência.

CONCEPÇÃO DE MUNDO – A categoria expressa o conjunto dominante de noções, crenças e ideologias, articulando de modo consistente senso comum, religião e ciência, e constitui-se como filosofia de vida defendida coletivamente e característica de um coletivo. As noções, representações, ritos e costumes referentes a origem, destino, direitos, deveres, determinação, fontes de determinação, processos, legitimações e lealdades constituem são seus elementos básicos. Toda filosofia consiste, em seu núcleo, de uma concepção de mundo, donde se deduz que existem várias filosofias quanto concepções de mundo na arena das explicações e legitimações sociais, considerando um nível analítico mais largo e expandido de observação. Toda filosofia tende a tornar-se o senso comum de um ambiente social e a corresponder à história de uma época.

IDEOLOGIA – A categoria expressa o conjunto de normas e princípios que orientam, sustentam e justificam a ação de classes ou grupos sociais, desenvolvido e incorporado pelos indivíduos em suas ações cotidianas, com ocultamento da fonte externa de origem, da historicidade e da parcialidade. A ideologia está explícita, revelada e defendida logicamente no discurso, mas descontextualidade e oferecida como universal, embora represente interesse parcial de um grupo hegemônico; ou pode estar implícita, vivida como criação interna, naturalizada e eternalizada. A principal característica da ideologia é sua função prática de fazer a vida ser levada como se não houvesse contradições estruturais e funcionais, através do desaparecimento aparental dos interesses supraindividuais em ação.

MODO DE REAPROPRIAÇÃO – A categoria expressa, para os indivíduos e grupos sociais imediatos de convivência concreta, as tentativas de relacionamento estável, de entender, superar, evitar e tornar suportável os sofrimentos psíquicos oriundos dos conflitos subjetividade/objetividade. Modo de reapropriação média, especificamente, as relações entre alienação (experiências de contradição, estranhamento e antagonismo entre criador e criatura, produtor e produto, sujeito e objeto, subjetividade e objetividade) e ideologia. Por auxiliar o processo de construção da personalidade, portanto da identidade e da criatividade, a categoria média o pro-

cesso saúde/doença, dinâmica expressiva das condições de vida de indivíduos e coletividades, representante das diferentes competências para enfrentar limitações, carências, desafios, agressões, conflitos e mudanças vitais. A cada momento que a relação subjetividade/objetividade tender para o antagonismo, isto é, para a ruptura aparential, a insuportabilidade da experiência vazia de significados obriga a uma reconstrução da sincronia e da diacronia crítica necessárias à relação, e tal reconstrução, quando efetiva, constitui-se de uma explicação defensiva e conservadora, útil à sobrevivência psicológica, que é o modo de reapropriação.

6. Caracterização do grupo de entrevistados

Todos os registros de dados estatísticos sobre a população do Ceará, usadas na visão panorâmica apresentada na presente investigação, são referentes a 1996 e foram efetuados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística–IBGE (1996).

Dos trabalhadores entrevistados, quase todos (90%) referem pai vivo. Os dois falecidos tinham respectivamente 65 e 69 anos de idade quando morreram, fato ocorrido há mais de dez anos. Ambos já haviam ultrapassado a esperança masculina de vida no Nordeste, que é de 64 anos. A perda de pai não é evento recente que possa estar conformando alguma reação psicológica atual.

O perfil etário dos pais vivos pode ser sintetizado do seguinte modo o mais novo, 54 anos; o mais velho, 75 anos; amplitude de variação de 21 anos; média de 70 anos e curva bimodal (em 65 anos e em 72 anos). Um quarto dos pais vivos são novos, menores de 59 anos. Há uma proximidade geracional bastante grande entre estes filhos e pais. Destaque-se que média, modas e 45% dos pais encontram-se acima da esperança de vida do homem nordestino, o que representa grupo com condição de sobrevivência superior à média da região.

Os dois mortos encontravam-se profissionalmente ativos ao morrer e eram agricultores. Dos pais vivos, 1/3 encontra-se em atividade e 2/3 aposentaram-se.

Segundo os ramos, as profissões dos 20 pais obedecem à seguinte distribuição funcionário público nível médio, agricultor, militar nível médio, comerciante, pequeno proprietário rural e comerciário. No perfil, agricultura ocupa o segundo lugar, mas, historicamente, quase todos (85%) começaram a vida com alguma atividade de natureza rural, o que prova que, nesta geração, ocorreu a transição rural-urbano. A renda auferida, de trabalho ou aposentadoria, é, em média, 40% menor que a dos filhos. A entrada dos filhos na Petrobras elevou o *status* econômico e a expectativa social dos pais, além de ter urbanizado as famílias.

O perfil das mães acompanha a tendência demográfica das mulheres no Nordeste. Estão todas vivas, corroborando a maior sobrevivência materna, e são simetricamente mais novas que seus maridos, em proporção que guarda razoável uniformidade. Média, modas e 75% das mães estão abaixo da esperança de vida da mulher nordestina. São bastante jovens as mães destes trabalhadores.

A situação profissional das mães não difere da realidade da mulher nordestina, sobretudo no grupo social que aqui vai se delineando, da classe baixa-alta à média-média. Dessas, 75% declaram-se “do lar” e não registram renda própria. Duas estão aposentadas e três encontram-se em atividade. Segundo os ramos, as profissões destas cinco mães obedecem à seguinte distribuição decrescente: professora, comerciária, comerciante. A renda média de quem tem renda é pequena e fica desprezível se trabalharmos a média do grupo, incluindo as “do lar”, praticamente não afetando a relação renda dos pais/renda dos filhos petroleiros.

A família média destes 20 trabalhadores é composta por oito pessoas: Os pais e seis filhos. Nenhum dos entrevistados é filho único e 90% encontram-se entre os três filhos mais velhos, dos quais mais da metade é composta de primogênitos. Podemos deduzir que estes petroleiros de produção representaram investimento dos pais em ascensão social, foram postos a estudar com o objetivo de entrarem em bons empregos e ajudarem os pais a cuidarem dos outros filhos, indicando caracterização de “arrimo de família”.

Agora vejamos o estado civil do grupo e que tipo de família estão constituindo. Dos 20 entrevistados, 85% estão casados e 15% distribuem-se entre dois separados e um solteiro, este último sendo o único sem filhos. Um dos separados encontra-se neste estado civil há 18 anos e, tecnicamente, pode ser incluído no grupo de “pais solteiros”. Entre os casados apenas 1/3 encontra-se no estado civil há mais de 10 anos. Os entrevistados têm, ao todo, 39 filhos ($x=02$), numa grande dispersão etária que vai de um a 19 anos de idade ($x=07$).

Para aprofundar o estudo da caracterização demográfico-socioeconômica do grupo destaca-se a inserção profissional das esposas. Nestas 18 mulheres (incluindo uma ex-esposa), a proporção de profissionalmente ativas continua baixa, semelhante, até inferior, à da geração das mães dos trabalhadores: 22%. Mas mudou escolaridade e formação profissional, pois sobre metade destas mulheres os companheiros registram formação de 2º grau completo, 2º grau profissionalizante e curso superior, mesmo quando inativas: professora primária, secretária, técnica em edificações, técnica em contabilidade, técnica em telecomunicações, assistente social, terapeuta ocupacional, engenheira.

O grau de escolaridade destes trabalhadores é bastante diferenciado do da população do Ceará: 2º Grau Completo (70%), Superior Completo (25%) e Superior Incompleto (5%). Os 30% de registro de curso superior (completo ou incompleto) representa seis vezes do que é encontrado para a população do Estado. Daqueles 70% de 2º grau, metade o foi em Escola Técnica Federal e a outra metade em Colegial de escola pública. As famílias investiram na formação destes trabalhadores, indicando o caminho das escolas públicas profissionalizantes, para um retorno mais rápido. A busca de curso superior parece investimento pessoal para fazer carreira na empresa ou por ambição de desenvolvimento pessoal. As graduações preferidas são Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica, Administração, Ciências Contábeis, Direito e Matemática.

Com relação à nacionalidade, todos são brasileiros, outra homogeneidade. Os estudos sobre comportamento de petroleiros de produção, realizados no México e na Venezuela (Braz, 1987), apontam para a diversidade de línguas e/ou nacionalidades como um “fa-

tor Babel”, com grande poder de gerar tensão, o que não se encontra no presente estudo. Com relação à naturalidade, 70% são cearenses, 90% são nordestinos. Este dado harmoniza-se com a questão da cor – praticamente todos emergem do berço genético-cultural nordestino. Mas considerando os precedentes de outros Estados e do interior do Ceará, encontramos uma migração intra e inter-regional alta, de 65%. Dos 20, apenas sete nasceram e residem em Fortaleza.

Os trabalhadores que migraram, o fizeram na adolescência, trazidos pelos pais, para estudar e trabalhar, estabelecendo uma geração de transição rural/urbana. A menor idade de migração registrada é de cinco anos, a maior de 31 anos, realizando uma amplitude de variação de 26 anos. A moda de 15 anos, próxima da média, de 14 anos, aponta para razoável homogeneidade da distribuição, em contradição aparente com a grande amplitude de variação.

A informação obtida para os petroleiros de produção da Petrobrás/Ce, referente a condição de vida razoável e a acúmulo regular de bens materiais, é compatível com os estratos médios da classe média. Entre os entrevistados 85% residem em casa própria de, em média, 112 m² e nove cômodos. São, em média, quatro moradores por casa, resultando 28m² de área vital *per capita*.

Todos dispõem de cobertura previdenciária pública universal, do Instituto Nacional de Seguridade Social–INSS, e de cobertura previdenciária da empresa, a PETROS. A cobertura de assistência à saúde também é dupla, pelo Sistema Único de Saúde – SUS e por profissionais e clínicas conveniados pela Petrobrás. O duplo sistema oferece forte sentimento de proteção e de adesão à empresa, sempre entendida como provedora de cuidados especiais, não encontráveis na maioria das outras empresas, estatais ou privadas.

Por motivos pessoais, 25% dos trabalhadores, mais da metade dos lotados em trabalho *on shore*, realizam o deslocamento casa-trabalho-casa em veículo próprio. Os outros utilizam transporte alugado pela empresa, forma principal de deslocamento para os lotados em trabalho *off shore*. O tempo médio do deslocamento para *on shore* é de 35 min, moda de 20 min. O tempo médio e a moda de deslocamento para *off shore* é de 4 h.

O padrão de deslocamento para os trabalhadores off shore é táxi da casa à rodoviária de Fortaleza, ônibus fretado da rodoviária de Fortaleza à base de Paracuru, lancha ou helicóptero da base de Paracuru à plataforma. Estes tempos, para on shore e off shore, são bastante significativos e não poderão ser desprezados na análise das consequências psicológicas do trabalho.

Após os elementos demográfico-socioeconômicos, a ficha de identificação da EART, aplicada aos trabalhadores selecionados, antecipa questões a serem melhor exploradas nas respostas às questões abertas, subjetivas aqueles referentes ao modo de reapropriação. Como estes trabalhadores inscrevem-se em instâncias sociais de mediação e formação ideológica?

Quanto à Religião, 95% declararam vínculo com alguma confissão religiosa, nenhum militante, todos colocando-se em situação de crente (defende o princípio espiritualista, a opção confessional, mas não participa dos ritos) ou participante (crente e frequentador dos ritos). A distribuição das confissões apresenta a seguinte hierarquia decrescente: Católica Romana (n = 12,60%), Presbiteriana (n = 4,20%) e Espírita Kardecista (n = 3,15%). Entre as confissões, aquela com maior índice de participação é a Presbiteriana, nestes casos a Religião funciona, de modo intenso, como fonte de critérios, explicações e justificativas para a visão de mundo. Apenas um dos entrevistados assume a designação de materialista, mas sem declaração de militância filosófica.

Quanto à Sindicalização, 95% declaram vinculação com o SINDIPETRO, dos quais três professam militância e 16 simples filiação. Aqui há um evidente viés com relação à população de petroleiros de produção da Petrobras/Ce, pois a situação sindical da população, presumida em estudo anterior (Barroso, 1993), é menos positiva: a proporção de não filiados é maior e a de militantes menor. A discordância entre os estudos obriga a cautela, neste nível de análise.

Menos de metade (n = 9,45%) refere identificação com um partido político, em relação aos quais a quase totalidade declara apenas simpatia. Apenas um é filiado e um é filiado/militante. Os Partidos que atraem a identificação estão no espectro ideológico da esquerda, na se-

guinte ordem decrescente de interesse: Partido dos Trabalhadores–PT (n = 5,25%), Partido Comunista do Brasil–PC do B (n = 2,10%), Partido Socialista Brasileiro–PSB (n = 1,50%) e Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado–PSTU (n = 1,50%). As identificações são ambíguas, afirmando-se no ideal de defesa financeira e política da categoria e na postura ética de denúncia e crítica, tanto da corrupção que permearia o Estado brasileiro, como do patrimonialismo que permearia o comportamento dos empresários, mas afastando-se no que diz respeito ao suposto “radicalismo destes partidos. Todos consideram-se moderados em relação ao que percebem na prática dos Partidos com os quais simpatizam. O SINDIPETRO é filiado à Central Única dos Trabalhadores–CUT, órgão com hegemonia política ligada ao PT, mas sua diretoria atual tem hegemonia política ligada ao PC do B.

Quanto ao associativismo civil, 45% declaram relação de filiação, sobretudo com clubes de lazer e esporte. A pergunta admite mais de uma resposta e os nove que responderam positivamente referiram 11 alternativas.

A distribuição é a seguinte, por hierarquia decrescente: clube da empresa (n = 5, 25%), outros clubes sociais (n = 3, 15%), clubes de serviço (n = 1,5%), associações profissionais (n = 1,5%), associações de moradores (n = 1,5%). A opção associativista é frágil e com ¼ dos entrevistados a vivendo em ambiente da própria empresa, extensão de suas regras, convivências e hierarquias.

A pergunta sobre *hobby* também admite mais de uma resposta e recebeu declaração positiva de 85%. A média de respostas é de três *per capita*, assim resultando: assistir e/ou jogar futebol (n = 11,55%), ir ao cinema (n = 9,45%), beber (n = 6,30%), ouvir música (n = 5,25%), ler periódicos e/ou livros (n = 5,25%), viajar (n = 4,20%), pescar (n = 4,20%), assistir vídeo e/ou TV em casa (n = 3,15%), correr (n = 2,10%) e dirigir automóvel (n = 1,5%). Apenas 15% encontram-se diante do trabalho e da família sem derivativos externos de construção de equilíbrio.

A identificação com confissão religiosa, sindicato, partido político e associativismo civil existe, mas apresenta pouca densidade afetiva, pouca convicção e a ênfase na defesa da posição, parece rotina, tradi-

ção, consequência de um padrão cultural. Cruzando-se indicadores observa-se que os entrevistados que declaram militância religiosa, sindical ou político-partidária não são os que enfatizam o cultivo de *hobbies*.

7. Estrutura do texto

A Tese oferecida por ocasião do concurso público para Professor Titular da Universidade Estadual do Ceará-UECE, área de Saúde Pública, constitui o 2º volume do relatório crítico da pesquisa *Saúde Mental e Trabalho: Um Estudo de Caso em Petroleiros de Produção On Shore/Off Shore no Ceará*, contendo uma introdução criadora de um nexos entre os volumes, as extensas e qualitativas informações obtidas nas entrevistas com trabalhadores amostrados, uma conclusão do perfil psicológico do grupo e uma conclusão destacando categorias explicativas mais gerais das relações entre os perfis.

O Cap. I contém os resultados do exame mental, visando comparação, aprofundamento e qualificação com os resultados individuais do inventário psicológico.

O Cap. II sistematiza, analisa, sintetiza e critica as respostas apresentadas às questões “quem é você?” e “passa por alguma perturbação especial no momento?”, visando compreender a representação construída sobre o si mesmo, além de expurgar reações momentâneas a eventos conjunturais perturbadores.

O Cap. III sistematiza, analisa, sintetiza e critica as respostas apresentadas às questões “considera-se saudável?”, “como está seu sono?” e “como está seu apetite?”, visando revelar o universo simbólico produzido pelos trabalhadores em referência ao corpo, ao silêncio fisiológico, ao tônus neurovegetativo.

O Cap. IV sistematiza, analisa, sintetiza e critica as respostas apresentadas às questões “fale sobre sua família de origem” e “fale sobre a família que você constituiu”, visando qualificar a imagem da própria família, a matriz das experiências primárias, e as persistências ou oposições projetadas sobre a família que estes trabalhadores vieram a constituir.

O Cap. V sistematiza, analisa, sintetiza e critica as respostas apresentadas às questões “como é seu relacionamento social” e “como está sua vida sexual?”, visando equacionar a problemática das experiências de socialização secundária, fora do trabalho, e os impactos mútuos entre o mundo do consumo e o mundo do trabalho.

O Cap. VI sistematiza, analisa, sintetiza e critica as respostas apresentadas às questões “a que atribui o que lhe acontece?” “como vê a situação do país?” e “quais são suas perspectivas para o futuro?”. Aqui o objetivo é identificar o *locus* de controle tornado fantasma pelos sujeitos, a capacidade de compreender a sociedade política que sobredetermina suas existências como consumidores, trabalhadores e cidadãos, além de identificar a existência e a qualidade das esperanças.

O Cap. VII sistematiza, analisa, sintetiza e critica as respostas apresentadas às questões “fale-me sobre o que faz fora do trabalho, incluindo religião e vida associativa” e “fale-me sobre seu trabalho”. O foco finalmente é fechado sobre o objeto, não sem antes investigar as instâncias de mediação indivíduo/sociedade e as possibilidades de construção dos modos de reapropriação subjetividade/objetividade mais comuns na experiência cultural destes trabalhadores.

Nas Considerações Finais, o texto retoma a dimensão teórica, reconstruindo abstratamente o concreto estudado e testando o mapa de conflitos e os modos de reapropriação, instrumentos teóricos desenvolvidos por Sampaio (1998). Cada experiência específica de trabalho gera um jeito próprio de conflito psíquico, um jeito próprio de expressar seus impasses e as buscas frustradas ou vitoriosas de superá-los? A Tese atinge seus objetivos ao indicar possíveis equacionamentos em torno da relação entre trabalho e sofrimento psicológico e em torno do repertório de táticas de escapar do sofrimento, a serviço dos campos da Saúde e Trabalho, da Saúde Mental e da Saúde Pública.

CAPÍTULO 1

GENTE EM DESCONFORTO, MAL-ESTAR E SOFRIMENTO

O primeiro grande resultado do estudo de aprofundamento clínico e de representação do trabalho de petroleiros de plataforma é dado pela prevalência de suspeita de sofrimento psicológico no grupo constituído para entrevista sete dos 20 casos, isto é, 35%. Mais de 1/3, portanto, destes trabalhadores, apresenta sofrimento psíquico reconhecível pelo inventário psicológico, em nível problemático. A ocorrência na população de entrevistados ficou proporcionalmente maior que o resultado geral da população submetida ao inventário, que foi de 22.7%, pois a seleção incluiu mais petroleiros em situação de embarque e com maiores indícios prévios de sofrimento psíquico, afinal o grande objeto da investigação.

Convém lembrar que, em importante estudo multicêntrico, Almeida *et al* (1992) encontram para o Brasil a prevalência de 19% de suspeita de doença mental. A metodologia não é a mesma, mas os instrumentos compartilham lógica básica, descritiva, empírica, de redução de um fenômeno qualitativo a dimensão quantitativa, o que autoriza comparação. Os objetivos não são os mesmos, pois aquele estudo intenta mapear a doença mental, incluindo as graves, o que não se espera encontrar em lugar de plena atividade produtiva. Doença mental e sofrimento psíquico mantêm entre si importante interseção, mas não se reduzem uma à outra, então a referência bibliográfica permanece apenas a título de ilustração.

1. O Exame Mental e o Inventário Psicológico: resultados cruzados

Em Sampaio, Borsoi e Ruiz (1998) foi possível, discriminando os tipos de sofrimento identificados na população, observar a predominância da díade de sintomas hipocondria/depressão, secundada pela díade histeria/introversão social. Separando os inventários psicológicos aplicados aos entrevistados surgem as mesmas díades, na mesma ordem, como aparece no Quadro I.

QUADRO I – Distribuição das escalas clínicas do MMPI, segundo intensidade do comprometimento (Risco, Problemático), entre os petroleiros de produção entrevistados (N = 20)

| Comprometimento | HS | D | HY | PD | MF | PA | PT | SC | MA | SI | TOTAL |
|-----------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-------|
| Risco | 6 | 7 | 7 | 4 | 3 | 3 | 4 | 3 | 3 | 5 | 45 |
| Problemático | 8 | 5 | 4 | 0 | 1 | 2 | 2 | 2 | 0 | 3 | 27 |
| TOTAL | 14 | 12 | 11 | 4 | 4 | 5 | 6 | 5 | 3 | 8 | 72 |

HS = hipocondria, D = depressão, HY = histeria, PD = psicopatia, MF = masculino/feminino, PA = paranóia, PT = obsessividade, MA = mania, SI = introversão social.

Fonte: Elaboração própria.

Excluindo os cinco casos de sujeitos cujos inventários não referiram qualquer indicativo de transtorno ou sofrimento, encontram-se 15 que apresentam, no geral, em média, cinco escalas afetadas por sujeito, caracterizando marca difusa, sem especialização, das respostas psicológicas aos conflitos experimentados. Discriminando os níveis de comprometimento, para risco a distribuição é de, em média, três escalas comprometidas, e para problemático a distribuição é de, em média, duas escalas comprometidas. O aumento da intensidade de comprometimento também aumenta sua especialização.

As escalas que mais se encontram afetadas são, pela ordem, hipocondria (n = 14, 70%), com propensão a nível mais grave de comprometimento (problemático), depressão (n = 12, 60%), histeria (n = 11, 55%) e introversão social (n = 8, 40%), as três últimas com propensão a nível menos grave de comprometimento (risco).

Tais expressões de sofrimento psíquico, Sampaio, Borsoi e Ruiz (1998) já discutiam, afirmando:

Qualquer subdivisão do grupo – regime de trabalho, turno, função – encontra hipocondria elevada, compondo marca geral do Núcleo de Produção da Petrobrás/Ce (...) hipocondria, além de nome de sintoma e de doença, designa uma lógica que congela as respostas do sujeito no presente pela urgência de mal-estares fixados no corpo físico, corpo este depositário imediato das condições de insalubridade, periculosidade e penosidade vividas objetivamente.

(...)

No MMPI, a escala de depressão é constituída por proposições que abordam principalmente sentimentos de pessimismo, falta de esperança no futuro e insatisfação geral com a própria situação de vida. Este parece ser um sentimento geral, expresso sobretudo entre eletricitistas.

Nos sete sujeitos identificados como problemáticos, sempre a escala de hipocondria encontra-se afetada e sempre em nível mais grave de intensidade. A introversão social praticamente desaparece e tanto depressão como histeria mantêm suas posições secundárias como marca do grupo. No clássico manual de Graham (1987) não é apresentada uma descrição de síndromes mais complexas que díades, por isto podemos especular sobre o que hipocondria/depressão/histeria pode ser, por meio de articulações do que aquele autor apresenta sobre relações dois a dois.

Díade hipocondria/depressão:

Las características más sobresalientes de esta combinación son los malestares somáticos y el dolor (...) También se quejan de vértigo, insomnio, debilidad, fatiga y cansancio. Reaccionan a la tensión, incluyendo la responsabilidad, con síntomas físicos, y se resisten a los intentos por explicar sus síntomas en términos de factores emocionales o psicológicos. (...) Manifiestan sentimientos de timidez, tienden a ser algo aislados y solitarios.

Díade hipocondria/histeria:

Estas personas se presentan a sí mismas como normales, responsables y sin defectos. Prefieren las explicaciones médicas para sus síntomas y.. utilizan excesivamente la negación. La mayor parte del tempo se controlan excesivamente y es probable que expresen sus sentimientos negativos e formas indirectas, pasivas, pero en ocasiones pierden los estribos y se expresan em forma colérica, pero no violenta.

Díade depressão/histeria:

Las personas manifesta sentirse nerviosas, agitadas, tensas y preocupadas, también tristes y infelices. (...) Pueden parecer competitivas, laboriosas y con impulsos, pero no se sitúan em realidad en situaciones directamente competitivas en las que puedan experimentar fracasos. Buscan incrementar su responsabilidade pero temen la tensión y presión relacionada com ésta. (...) Se siente socialmente inadecuadas y se inclinan a evitar el compromiso social.

Num corte transversal do grupo, pode-se agora apresentar o segundo grande resultado do estudo de aprofundamento clínico e representação do trabalho de petroleiros de plataforma: a composição da tríade hipocondria/depressão/histeria caracteriza o modo de expressão do sofrimento psicológico dos sujeitos submetidos a este processo de trabalho, a esta forma de exploração da força de trabalho, a esta singular experiência de sociabilidade.

Para a composição da tríade, são possíveis várias combinações das díades de John Graham e o exercício pretendido, no momento, é o de identificar o que acontece realmente com os sujeitos, em suas singularidades concretas. Busca-se, portanto, a caracterização de uma marca de grupo, através da conexão compreensível de sintomas num complexo sintomático, conexão esta propiciada por extensividade, recorrência e simultaneidade, como preconiza Jaspers (1967). Há, assim, uma consistência fenomênica que autoriza a identificação da marca.

De posse do diagnóstico descritivo, de tendência grupal, baseado em instrumento objetivo, empírico, a investigação exige salto analítico-crítico que permita a inclusão de novas dimensões e níveis de análise. Os 20 entrevistados foram submetidos a anamnese, com exame mental, avaliação de dinâmicas psicopatológicas e identificação de diagnóstico formal. O psiquiatra não dispunha dos resultados do inventário psicológico do examinado e a nenhum dos 13 sujeitos enquadrados pelo inventário psicológico como risco ou normal foi atribuído diagnóstico formal. Dos sete enquadrados como problemático, a quatro foi atribuído diagnóstico de transtorno mental pela anamnese. A primeira leitura deste nível de análise resulta no que se segue:

- Funções mentais sem transtornos ou prejuízos, colaboradores e confiantes, expressivos e francos = cinco sujeitos, os mesmos cinco identificados como normal pelo inventário psicológico.
- Funções mentais sem transtornos ou prejuízos, com expressão de dificuldades comunicacionais e evidências de desconforto, mal-estar, sofrimento psíquico sem transtorno mental = 11 sujeitos, os oito identificados como risco pelo inventário psicológico e três oriundos do estrato considerado problemático.
- Funções mentais e comportamentos apresentando transtorno mental com sofrimento psíquico, passível de enquadramento na categoria de estrutura neurótica, intensidade moderada a grave = quatro dos sete sujeitos identificados como problemático pelo inventário psicológico.

Considerando a anamnese como critério de verdade, conclui-se pelo registro de 20% de prevalência de transtorno mental e 75% de sofrimento psíquico, classificação maior que inclui o transtorno.

A transcrição dos elementos de exame mental e diagnóstico, que constituem a fala do psiquiatra, em referência aos 15 sujeitos com marca de sofrimento, apresenta o que se segue, discriminando estados, com e sem transtorno mental.

2. Estados de sofrimento psicológico

a) Sem transtorno mental:

- Defensivo, ansioso, demonstra esforço para controlar o nervosismo e o tremor de mãos. Aparecem elementos de hipocondria e isolamento social.
- Humor deprimido, preocupação excessiva com saúde/doença e sucesso/fracasso. Há quadro de sofrimento psíquico, tendendo para o ansioso-depressivo e o hipocondro-paranóide. O quadro caracteriza-se por ansiedade, depressão e irritabilidade, com alteração do sono. Há expressão de conflitos na identidade sexual.
- Discurso marcado por sentimentos de inferioridade, fragilidade física e falta de perspectiva. História de alcoolismo anterior. Perturbações do sono, presença de elementos ansiosos, depressivos e hipocondríacos.
- Timidez, introversão, tendência depressiva, dificuldade no campo da sexualidade, ansiedade controlada.
- Ansiedade, preocupação excessiva com o funcionamento corporal, sentimento de inferioridade, ideias depressivas sobre o futuro.
- Introversão, ansioso, ocasiões de fúria depressiva. Nervoso, ofegante, pausas longas, fazendo esforço para apresentar-se sob melhor ângulo.
- Ansiedade livre, somatizações, esforça-se por apresentar o ângulo mais favorável, defesas persecutórias organizadas e preocupação com a saúde.
- Dificuldades de memória, preocupação com a saúde, uso de medicamentos controlados, fadiga, cansaço físico, insônia. Introversão, com elementos persecutórios, obsessivos e depressivos nítidos. A marca da religiosidade é forte.
- Dificuldades com a temática sexual, hipersocializado, rígido com normas.

b) Com transtorno mental:

- Elementos de ansiedade, de depressão e de paranoia, configurando *borderline* neurótico. Características de ciúme patológico e de transposição da figura paterna para a figura das autoridades.
- Alterações de comportamento e personalidade, expressas dentro da estrutura neurótica, marcadas por depressão, rituais obsessivos, prontidão paranóide e isolamento social. Tenso e externando sintomas de insônia crônica e de dependência de tranquilizantes. Estrutura neurótica em nexos com as condições de trabalho.
- Elementos depressivos, conversivos e persecutórios. Já solicitou tratamento psiquiátrico.

Entre os 11 em situação de sofrimento psíquico e os quatro em situação de transtorno mental, parcialmente passíveis de enquadramento nas reações e estruturas de natureza neurótica formalizadas no CID-10 (OMS, 1992), podem ser encontrados quase todos os nomes de formas de expressão do sofrimento psíquico, em torno dos quais as clínicas psicológica e psiquiátrica gravitam: ansiedade, depressão, hipocondria, obsessividade, dissociação, somatização, conversão, dependência, reação paranóide, fobia. Os sujeitos encontram-se ameaçados, sem clareza sobre a fonte das ameaças, vivem sentimentos de impotência e, como náufragos, tentam a simultaneidade e a sucessão das saídas.

Por trás dos rótulos diagnósticos há que compreender grau (leve, moderado, grave), níveis analíticos (econômico, político, social, cultural), bases externas das determinações (família, escola, empresa, igreja, *mass media*, organização política etc), bases internas das dinâmicas (genética, anatômica, fisiológica, psicológica, mistas), estruturas (existencial, psicopática, neurótica, psicótica) e síndromes (combinações mais estáveis e permanentes das variadas formas de expressão do sofrimento psíquico).

Tomando os termos hipocondria, depressão e histeria, por exemplo, o que desdobram? Nome de lógica psíquica básica, de ca-

racterística de personalidade, de reação existencial, de sintoma de processo biológico, de sintoma de processo psicológico, de doença? Vício do olhar de quem diagnostica? Cristalização descritiva dos instrumentos? A tríade identificada expressa todas estas possibilidades e os próprios sujeitos percebem a pluralidade de fenômenos que coexistem, mais ainda, a tríade é identificada como uma prontidão, uma reticência agressiva, uma tensão psicológico-fisiológico-muscular, uma disponibilidade fantasmática permanente, nas felizes expressões de Fanon (1978).

Para a constatação crítica de um transtorno ou doença mental, identificando suas histórias individuais e seus prognósticos evolutivos, faz-se necessário assumir os entrevistados como clientes, pactuar com eles uma psicoterapia e investigar mais profundamente suas subjetividades. Em pesquisas coletivas, como esta, é necessário parar aqui: existe sofrimento psicológico, tal sofrimento apresenta forma característica e existe uma profundidade que é capaz de expressar-se de modo sistemático como prontidão. No entanto, alguns dos entrevistados já se encontram sob rotulação psiquiátrica e usando psicofármacos.

Como todo o trabalho do petroleiro de produção é marcado pelas urgências do tempo e da ameaça simultaneamente concreta (incêndios e explosões são possíveis e já aconteceram) e abstrata (a ocorrência real é remota e cercada de cuidados preventivos); como o regime de embarque é caracterizado por um processo permanente de perda/recuperação/perda em um tudo/nada de sociabilidade; e como as fantasias recorrentes são de morte, traição afetiva e homofobia/homofilia, um complexo sintomático centrado em congelamentos dolorosos do tempo no presente (hipocondria), em perdas (depressão) e em transtornos de vínculos sensuais (histeria), faz sentido. Há uma crise das perspectivas – o presente é um futuro que, ao cumprir-se, traiu os planos do passado.

Há uma crise das perspectivas – para o futuro o sujeito não projeta planos e só espera a continuidade dos impasses do presente. Há uma crise da história do sujeito que reformata e ressignifica a história da categoria profissional e da classe social, e também por elas

é reformatada e (re) significada. O conjunto destas crises encontra na marca hipocondria/depressão/histeria sua expressão lógica.

O elenco dos 25 tópicos de sistematização de resultados e de conclusões das fases objetivas da pesquisa (Sociologia do Trabalho, Psicologia Organizacional e Epidemiologia), apresentado na Introdução; as comparações e cruzamentos de elementos de identificação socioeconômica, cultural e laboral dos selecionados para a fase de aprofundamento clínico e representação do trabalho, apresentadas na Metodologia; e os resultados do exame mental discriminados neste capítulo, possibilitam construir o contexto imediato e o perfil dos sujeitos, cujos discursos, opiniões, percepções e representações podem ser entendidos agora como “palavra em movimento” e “trabalho simbólico”.

Caracterizados os que discursam, são dadas as condições para o entendimento dos modos de operação dos conflitos, das representações destes conflitos na linguagem e das táticas de superação, num grupo concreto de trabalhadores.

CAPÍTULO 2

O PETROLEIRO DE PRODUÇÃO DIANTE DE SI MESMO: DECIFRO-ME OU DEVORO-ME

Caracterizados os sujeitos do grupo constituído para a presente investigação, vejamos como constroem a autoimagem, a avaliam e a expõem. Analisa-se discurso, aceito como uma crença produzida intimamente, lógica e verdadeira para o sujeito, mas também como um sintoma, a ser interpretado, revelando e velando camadas de outros significados subjacentes.

A aplicação da entrevista com questões abertas tem por objetivo caracterizar a visão que o petroleiro de produção, o sujeito da investigação, tem de si próprio, de seu estado vital e das relações sociais construídas e experimentadas. Busca, sobretudo, no que diz respeito à questão “Fale sobre você, o que pensa e sente sobre você mesmo”, estabelecer os principais valores, o universo simbólico de partida para a identificação da natureza das explicações sobre a fonte dos fenômenos que lhe ocorrem, as perspectivas futuras e as instâncias de mediação que ele identifica como atuando no cotidiano concreto, tanto na direção sociedade-sujeito, como na direção sujeito-sociedade.

1. Capacidade de expressar autoimagem

Os modos básicos que os sujeitos usam para discursar sobre o si mesmo são, pelo menos, quatro: 1º) exposição direta, fluente, confessional; 2º) exposição direta, concisa, contida; 3º) exposição difícil, revelando indiretamente a dificuldade em lidar com o tema, através de concisão radical e táticas de evitar; e 4º) exposição difícil, declarando a dificuldade em lidar com o tema.

A maioria dos entrevistados (n = 12,6%) não revela dificuldade em lidar com o tema e vai direto a discurso, incluindo-se deste modo na segunda classificação. Alguma diferença é perceptível, no grau de articulação, de complexidade e de domínio da língua falada, mas diferença que não autoriza sub-estratificação.

Nos extremos, identifica-se um sujeito desinibido, caudaloso, que o entrevistador teve necessidade de conter, inscrito na primeira classificação, e três sujeitos temerosos, arredios, os da terceira classificação, sem condições de verbalizar a própria dificuldade, mas expressando-a por meio de grande concisão, principalmente de táticas de evitar, e certo sofrimento psíquico evidentes ao entrevistador e registrados no diário de campo.

Trabalhando com a escala de grandeza da prevalência, a quarta classificação apresenta-se em segundo lugar, caracterizando o grupo de modo secundário. Esta classe apresenta pelo menos uma diferença perceptível: após a dificuldade ser exposta, de modo consciente, em relação ao tema, ou pelo menos à falta de hábito em lidar com ele, os sujeitos encaminham a fala para graus diferentes de articulação, complexidade e domínio da língua falada. Imediatamente após a pergunta há um silêncio, em seguida a dificuldade é verbalizada, finalmente acrescentam um operador argumentativo que liga enunciados contrários e um discurso negativo/afirmativo é iniciado. As táticas de entrada tendem a ser como segue:

É difícil falar de si mesmo. Quero ser sincero, dizer o bom e o ruim. É difícil. Porém... Engraçado, nunca gostei de falar de mim. Nunca me peguei fazendo auto-avaliação. Bom... mas. Auto-análise é difícil. Não sei se vou conseguir dizer o que penso... me descrever... porém... Acho difícil falar de mim... mas.

O grupo de entrevistados, indo direto ao assunto e mediando o tema com revelações de dificuldade ou desconforto, apresenta-se articulado, fluente, com bom domínio da língua falada, esforçando-se em colaborar, informar e ser sincero. O alto grau de mobilização sindical para a defesa de direitos trabalhistas e da exploração nacional-estatal do petróleo, a alta escolaridade média que inclui titulação mais elevada que as exigências formais do mercado de trabalho para as funções específicas, e as exigências de atualização organizacional e tecnológica, ajustam-se muito bem ao perfil apresentado pelo grupo.

2. Natureza dominante das categorias de autorrepresentação

Em relação a este item, também com facilidade e clareza, foi possível identificar três modos básicos de expressão: 1º) crítico-religioso; 2º) crítico-político; e 3º) existencial-moral.

O grupo demonstra extraordinária homogeneidade, inscrevendo quase a totalidade dos sujeitos (n = 18,9%) na última classificação, um único sujeito na primeira e um único sujeito na segunda. Vejamos a partir de qual universo de referências estes trabalhadores se autodefinem, de onde retiram lógicas, categorias e metáforas para se compreenderem.

Apenas dois sujeitos distinguem-se do grupo pela capacidade de distanciarem-se do si mesmo para se observarem. Eles escapam do mergulho na própria subjetividade e da aparência fenomênica para buscarem na externalidade social, em dimensões mais genéricas e transpessoais, as referências para a verbalização de como se concebem. A proposição de “crítico” como primeiro termo da classificação deve-se à capacidade de distanciamento, de externalização, de sair de si e olhar de fora, elegendo uma instância de mediação indivíduo-sociedade (Adorno, 1950) como fonte das categorias de definição. A proposição de “religioso” ou de “político”, como segundo termo da classificação, deve-se à instância de mediação escolhida.

Pode-se exemplificar a lógica crítico-religiosa com o seguinte trecho:

Sou uma pessoa religiosa .. perdi por um tempo o contato com Deus mas o estou restaurando. Por causa de leituras, na Universidade, contestei meu pai e a Igreja, hoje refaço minhas ligações pois sei que não há homem ou Igreja perfeitos. As organizações podem não ter futuro, mas Cristo tem.

O seguinte trecho exemplifica a lógica aqui denominada de crítico-política:

Concluí a Escola Técnica e começou a pressão, tanto da família pobre como da minha consciência, no sentido de entrar logo no mercado de trabalho (...) Não me sinto realizado profissionalmente. Eu não trabalho porque gosto, trabalho porque preciso, então sou um escravo do trabalho e necessito lutar para que o trabalho seja melhor, é preciso lutar no sindicato, no voto...

A maioria olvida religião, política e tradições culturais para afirmarem-se como indivíduos independentes, livres e iguais num mercado de indivíduos, existindo em sociabilidade que apenas se expressa na esfera do privado e do consumo, revelando-se impressionistas. Os trechos a seguir, colhidos aleatoriamente, cada um de entrevistado diferente, revelam a lógica dominante:

Estar bem consigo mesmo e perceber que quem gosta de você está bem também, isso é o mínimo para a felicidade. Mas .. O que vemos é miséria e ambição.

Sou um cidadão comum, sem maiores ambições, até acomodado com o sistema (...) Sou pacífico, calmo.

Eu tenho uma vida equilibrada e penso que sou uma pessoa normal (...) Meu maior conflito é não conseguir viver com meus filhos. Não me sinto feliz, mas não encontro o motivo.

Bem, eu me acho inteligente e feliz. Felicidade é estar satisfeito com o que conseguiu fazer, sem se perturbar com o que não foi feito. Felicidade é estar arrumado, sem ambição.

Sou temperamental. A aparência calma esconde um cara de pavio curto. Mas procuro ser justo e acho que sou bom e inteligente. Inteligência é responsabilidade e bom senso.

Vivo bem, minha família não passa necessidade, não sou rico mas o que ganho garante bom padrão de vida... posso dizer que sou realizado.

O grupo encontra na rotina do existir, na moralidade individual, nas táticas de sobrevivência e no mundo do consumo, as fórmulas capazes de expressar o que sente e pensa. Os membros do grupo não se esforçam por superar a superfície do empírico, das aparências dos fenômenos, e, em contradição com a história de militância sindical, de luta nacional-estatista pela exploração de petróleo e de simpatia por partidos políticos de esquerda, aderem a categorias existencial-morais na hora de elaborarem um discurso que fotografe a própria identidade.

A história de militância parece emergir de circunstâncias facilitadoras, da consciência arguta sobre a construção de direitos na esfera corporativa e da indignação moral, genérica, estética, contra a miséria das massas populares e a prática considerada como autoritária, fisiológica, das políticas públicas. Estes sujeitos debatem-se entre a felicidade pessoal, a satisfação dentro da família nuclear, a realização profissional e a indignação abstrata contra miséria e corrupção.

3. Estrutura básica da autorrepresentação

Após as duas incursões mais gerais efetuadas, convém ajustar o olhar para discriminar detalhes. Uma análise acurada das 20 respostas à proposição aponta 34 tópicos discursivos que são chave para o prosseguimento do esforço de interpretação. Impõe-se aqui a necessidade de identificá-los, estudar suas distribuições e suas efetivas ocorrências associadas, para então avaliar o peso que a atividade trabalho apresenta na forma como estes sujeitos elaboram um discurso sobre a identidade.

Os tópicos são: aparência, comodidade, conformidade, conservadorismo, disciplina, escravatura do trabalho, esportividade, fatalidade, felicidade, ideal de estudo, independência, insegurança, inteligência,

maturidade, normalidade, obediência, organização, perfeccionismo, pessimismo, realização pessoal, realização profissional, rebeldia, religiosidade, repressão, sexualidade, sociabilidade, solidariedade, sonho, temperamento, timidez, trabalho, tranquilidade, vaidade e vida natural.

Mas, se 15 dos tópicos ocorrem cada um em apenas um discurso, estabelecendo marcas pessoais, idiossincráticas, o trabalho ocorre em 75% das entrevistas, e outros dois, comodidade e conformidade, ocorrem sempre em dupla e em 55% das entrevistas. Destaca-se também que em 25% das entrevistas os tópicos comodidade, conformidade, inteligência, normalidade e rebeldia aparecem juntos em associações três a três, inclusive em três entrevistas (15%) ocorre uma tríade que apresenta um paradoxo, uma contradição em termos: conformidade, normalidade e rebeldia.

Os Quadros II e III apresentam a distribuição e a frequência de ocorrência dos tópicos discursivos recenseados:

QUADRO II – Distribuição das expressões-chave identificadas nas respostas à questão nº 1 da EART aplicada a petroleiros de produção, ocorrentes em mais de uma entrevista.

| PALAVRAS E EXPRESSÕES-CHAVE | ENTREVISTAS EM QUE OCORREM |
|-----------------------------|----------------------------|
| Trabalho | 15 |
| Comodidade | 11 |
| Conformidade | 11 |
| Inteligência | 7 |
| Normalidade | 6 |
| Rebeldia | 6 |
| Conservadorismo | 3 |
| Felicidade | 3 |
| Maturidade | 3 |
| Realização profissional | 3 |
| Sociabilidade | 3 |
| Solidariedade | 3 |
| Aparência | 2 |
| Disciplina | 2 |
| Escravidão do trabalho | 2 |
| Ideal de estudo | 2 |
| Perfeccionismo | 2 |
| Vaidade | 2 |

Fonte: Elaboração própria.

QUADRO III – Distribuição das expressões-chave identificadas nas respostas à questão nº 1 da EART aplicada a petroleiros de produção, ocorrentes em uma entrevista.

| PALAVRAS E EXPRESSÕES-CHAVE |
|-----------------------------|
| Esportividade |
| Fatalidade |
| Independência |
| Insegurança |
| Obediência |
| Organização |
| Pessimismo |
| Realização pessoal |
| Religiosidade |
| Repressão |
| Sexualidade |
| Temperamento |
| Timidez |
| Vida natural |

Fonte: Elaboração própria.

Deixando para o próximo subcapítulo um corte crítico sobre os modos de comparecimento de trabalho, dominante como tópico discursivo, mas pouco útil nestes processos de construção de autoimagem, aprofundemos a análise dos tópicos comodidade, conformidade, inteligência, normalidade e rebeldia. A díade comodidade/conformidade é extensamente apresentada e defendida, de modo claro pelos sujeitos, obrigando-nos a deixá-los falar:

Sou uma pessoa sem maiores ambições, até acomodado com o sistema.

Não preciso de ambição, realizar-se é continuar subindo minha escada e eu estou subindo.

Sou uma pessoa que tenta se adaptar ao sistema se todos calam, fico calado; se todos conversam, eu converso.

Reproduzo, no casamento e no trabalho, a falta de afeto que eu identificava no casamento de meus pais. Na adolescência contestei meus pais e a igreja, mas hoje aceito que não existem pessoas ou instituições perfeitas.

Posso crescer mais, porém o comodismo me vence. Quero prestar vestibular, por exemplo, mas, na hora da inscrição, a coisa mais boba impede que aconteça.

Não gosto de política, faço o que faço individualmente, seguindo a lei da comodidade.

Estou há 14 anos sem praticar esporte, a não ser levantamento de copo e arremesso de ponta de cigarro.

Briguei no começo para adquirir o direito de ficar quieto e agora consegui, estou na defensiva, bem quieto, na minha.

Não me meto em política e em greve. Sofro muito com o distanciamento dos colegas, por causa de ser contra greve, mas... sou assim.

Ando com preguiça até de ler, perdi o saco. Acho que estou começando a me entregar.

Como a felicidade não é mesmo uma coisa completa e nunca será, vou me contentando.

Visitando dicionários (Ferreira, 2000) é possível identificarmos o universo semântico que envolve o termo comodidade, qualidade ou caráter do que é cômodo, estado de ser associado a conforto. A palavra deriva, portanto, de cômodo, que tem útil, vantajoso, adequado, favorável, aconchegado, agradável, agasalhado, protegido, tranquilo e calmo por universo sinonímico. E dela tanto deriva comodismo (sistema ou atitude que leva à comodidade), como acomodado (que ou quem obteve satisfação de interesses), acomodaticioso (condição favorável ao acomodamento) e comodista (que ou quem atende somente ao interesse pessoal e egoísta).

O universo semântico ao qual nos leva o termo conformidade, qualidade de quem é conforme e de quem se resigna, estende-se a conforme (que tem a mesma forma), concordante (que tem ideias idênticas), conformismo (atitude de quem se conforma com tudo) e conformista (adepto do conformismo, quem professa ideário formal e oficial).

Egoísmo e resignação parecem, portanto, sintetizar a atitude destes sujeitos, sobretudo se valorizarmos a formulação geminada dos conceitos.

O quarto tópico discursivo mais ocorrente é inteligência.

Não sei se sou inteligente, nem penso nisto.

Penso que minha inteligência é média e lenta.

Sou desinteressado, talvez um pouco burro, no trabalho me chamam de burro lesado.

Se eu não fosse inteligente eu não estaria onde estou, não teria passado na admissão e nos treinamentos.

Inteligência é responsabilidade e bom senso e eu tenho os dois.

Bem... não sou gênio, mas não sou burro.

Sou potencialmente inteligente, mas como parei de estudar houve um bloqueio.

Meu raciocínio é rápido e tenho facilidade de relacionamento, assim acho que sou inteligente.

O tópico inteligência surge sempre relativizado e qualificado de modo negativo. Se for isso, então sou. Se for aquilo, então não sou. Exceto pelo último sujeito, que afirma uma capacidade de raciocínio rápido e de facilidade de relacionamento, os outros qualificam a função psíquica como média, lenta, lesada, potencial ou bloqueada. Da latina *intelligentia*, que reporta a uma complexa faculdade de apreensão mental, de arguta análise de informações e de compreensão perspicaz, os petroleiros extraem apenas uma expressão operativa, carregada de certo sentimento de inferioridade e decorrente da ética comodista.

Poderia ser de outro modo? Parece que um processo de trabalho intertravado e lógico, como o dos petroleiros de produção, exige um sistema de procedimentos manualizados, adequado a uma rotina fática, pouco flexível e pouco criativa, e isso é transferido para a linguagem, linguagem do trabalho, linguagem-trabalho.

Mas chegamos agora ao centro de uma contradição, um paradoxo que, mais do que qualquer outra contradição entre termos, expressa a consciência historicamente construída pelos sujeitos, nas condições concretas do trabalho petroleiro: normalidade versus rebeldia. Vejamos, primeiro, os tópicos como são explorados individualmente.

Normalidade.

Sou um cidadão comum e normal.

Sou equilibrado e normal, igual a todos.

Acho que sou uma pessoa como qualquer outra, com vícios, defeitos, tudo o que um ser humano pode ter.

Sou uma pessoa normal, que estabelece objetivos possíveis e sabe ter comportamento adequado a hora e lugar.

Procuro viver da maneira mais comum, de acordo com o que todos considerem correto.

Quero estar na média dos outros, nunca o melhor ou o pior.

Rebeldia:

Tudo está errado, é preciso mudar.

É preciso lutar para não sermos injustiçados.

Repressão é o que não falta, é camisa de força na personalidade, mas isto me incomoda e também me faz lutar.

Não aguentava mais a minha casa, então comecei a buscar jeito de escapar. Cai na vida militar... no casamento... na Petrobrás... tudo fica se repetindo, mas luto.

Eu quero crescer financeiramente e a empresa está sem estímulo, quero crescer fora da empresa e o trabalho embarcado não deixa, só posso é me revoltar.

Não consigo aceitar minha condição no trabalho. Sou um estudante universitário, faço tarefas de nível médio e sou conduzido por pessoa de nível médio.

O ideal de normalidade encontra-se próximo ao de conformismo. Os sujeitos expressam, sem distinções, um universo semântico associado a comum, igual, qualquer, adequado, médio e correto. A rebeldia, quando aparece, faz-se de modo heterogêneo, genérico, associável a um desejo remoto, próximo da idealização (“tudo errado”, “é preciso lutar”) e distante do comportamento operacional; ou aponta para a recusa moral, ligada às dimensões da infância e da repressão sexual. Nestes dois casos, a rebeldia surge do próprio coração da experiência de trabalho, mas como desabafo, revolta não politizada, dentro da lógica da competição entre trabalhadores por lugar no mercado de trabalho.

Das seis ocorrências individuais dos tópicos discursivos, três representam intersecção e em nenhuma delas trabalho comparece. O paradoxo não é percebido, parece ser apenas vivido como fala, representando um desconforto que os sujeitos não encontram forma crítica de expressão.

A qualidade ou estado de normal, isto é, o habitual, segundo a norma, parece uma ambição social, política, moral e filosófica, posta sob forma de frequência estatística, para fins de acomodação. A rebeldia, como capacidade de luta contra condições adversas, a fome, a humilhação e a perda de liberdade, adquire o sentido construído, pelo senso comum, de teimosia, obstinação, infantilidade, birra e indisciplina, para fins de justificação da própria impotência.

4. Inserção do trabalho na autorrepresentação

O foco da investigação dirige-se à experiência de trabalho, tanto às relações e aos processos objetivos, como aos significados e às representações construídas a partir deles. Se o trabalho é a atividade estruturante da vida adulta humana, supõe-se a centralidade aqui percebida, a ser desenhada e equacionada, desmembrada em seus elementos, sintetizada em categorias generalizáveis, criticada em relação a determinantes e consequências. Mas se a experiência do trabalho impacta diretamente na vida adulta humana, ela ressignifica as outras atividades experimentadas na adolescência e na infância, sobre as quais o trabalho agia através da vida dos pais ou dos adultos provedores de condições de existência.

Então de que modo o tópico trabalho comparece no discurso que os petroleiros elaboram com a intenção de descreverem o si próprio?

Na fala de cinco sujeitos (25%) nem a palavra ou o seu sentido comparecem. São sujeitos que se aproximam da pergunta de modo árduo, revelando a dificuldade em lidar com o tema pela concisão radical e táticas evitacionistas; são sujeitos cujas categorias de autorrepresentação compõem uma lógica basicamente existencial-moral; são sujeitos que apresentam palavras e expressões-chave idiossincrásicas.

ticas, estabelecendo identificadores de diferença, fortes marcas pessoais. O trabalho e seu universo simbólico encontra-se exilado da autorrepresentação, a experiência central da sobrevivência está expulsa do discurso, a atividade síntese da humanidade é excluída da compreensão expressa em linguagem.

Mas, embora sem retirarem do trabalho as metáforas capazes de simbolizar a identidade, na fala de 15 sujeitos (75%) o tópico trabalho aparece, jogando um papel mais central ou mais lateral na estrutura do discurso. A experiência de trabalho não fornece um léxico, um conjunto de imagens e de simbolizações para explicar a identidade, mas o trabalho é referido e posto no rol dos elementos das experiências de vida. Além de arrolado, há também um esboço de hierarquização, não racionalizada, indicada na centralidade ou lateralidade.

O tópico trabalho é incorporada lateralmente em cinco situações. Numa enumeração de elementos, o trabalho surge, *en passant*, como um propósito necessário, mas não muito importante, ora modulado de modo positivo, ora de modo negativo, em torno das categorias dominantes de felicidade ou satisfação.

Pessoalmente não tenho tido frustrações, mas no trabalho sim.

Sou universitário, executo tarefas de nível médio e sou conduzido por pessoa de nível médio.

Não me sinto satisfeito no trabalho: posso crescer mais, porém o comodismo me vence.

Como trabalhador eu me sinto feliz.

Gosto de trabalhar muito e em casa trabalho até tarde.

Felicidade é ser querido na família e no trabalho.

Nos casos em que a modulação afetiva tende para o negativo, observa-se a competição com outros trabalhadores ou consigo mesmo, a confusão entre grau de escolaridade e as exigências práticas do processo específico de trabalho ou a falta de tônus da própria ambição. Nos casos em que a modulação afetiva tende para o positivo, observa-se a afirmativa genérica, reprodução de um *slogan*, ou a confusão entre mundo da produção e mundo da reprodução, os dois

espaços sociais estratégicos de afirmação que precisam ser defendidos e louvados. Satisfação e felicidade emergem do trabalho e da família, instituições formais e respeitáveis, sem as quais o sujeito não existe. As frases exprimem um esforço propagandístico aprendido, não o reconhecimento profundo, substantivo, da equivalência da experiência com a própria vivência.

No discurso de 10 sujeitos (50%), dividindo o grupo ao meio, o trabalho também não oferece léxico, imagens e simbolizações para explicar a identidade, mas emerge como nome de importante elemento do existir, bem destacado. Os dois sujeitos classificados como apresentando uma composição crítica de discurso (crítico-religioso, crítico-político) estão aqui. Os sujeitos em quem os tópicos discursivos inteligência, rebeldia e maturidade se destacam, também estão aqui. Mas, para todos, parece que o trabalho não realiza, não satisfaz, não traz felicidade.

Apenas para um (5%), o primeiro dos depoimentos seguintes, foi possível a construção de uma delicada trama de compensações, e para dois (10%) uma saída seja vislumbrada. Para os outros sete (35%) o trabalho engendra um impasse intransponível.

O equilíbrio:

Greve é coisa que não faço e por isso sou malvisto pelos colegas. Procuo entender as ordens e mostrar bom serviço aos meus chefes, mas se ganho os chefes perco os colegas, a resultante é zero. Com relação a viver viajando, embarcando e desembarcando, eu gosto. Vejo que o trabalho embarcado prejudica muita gente, mas, não sei por que, me faz bem. Acho que sou meio cigano.

As saídas vislumbradas:

Gosto muito do meu trabalho e do que faço. Não me acho realizado profissionalmente, mas sou muito novo e posso crescer.

Só vou me realizar quando tiver minha independência financeira, mas na empresa não vou conseguir isso. Assim já tenho uma propriedade com uma pequena plantação, é coisa minha, sem patrão.

Fiz Colégio Militar, Colégio Naval e Marinha Mercante e introteji bem esta coisa de hierarquia. Diante de qualquer pessoa com mais idade e posição social, quem quer que seja mais que eu, começo logo a tratar pelos títulos. A Petrobrás continua o sistema, pois a empresa tem lógica paramilitar de relacionamento e somente agora se democratiza. Resolvi fazer o Curso de Direito para ter estabilidade profissional e um jeito de desinibir, pois o Direito obriga a gente a argumentar, a convencer e a se relacionar.

As contradições e os impasses intransponíveis:

Profissionalmente eu me sinto realizado pois passei nos cursos e concursos aos quais me submeti e cumpro meus objetivos de trabalho. Mas hoje a Petrobrás é uma empresa em declínio e eu me sinto declinando com ela.

Meu trabalho é importante mas o rendimento não. A Petrobrás me paga um bom salário, mas não me permite fazer o que gosto.

E o que gosto, ser educador, professor de Matemática, tem péssima remuneração. Fazer o que gosto ganhando mal ou ganhar bem fazendo o que não gosto, que dilema!!!

Ando deprimido, talvez em função do trabalho confinado e da preocupação em ser transferido ou demitido. Quero crescer na empresa e ela não estimula, quero crescer fora da empresa e o trabalho embarcado não deixa.

Na Plataforma me chamam de sabe-tudo, pois sou decidido e tomo as dores dos outros, sobretudo quando injustiçados. Nessa crise que a Petrobrás está passando eu me envolvo, defendo pessoas e acabo sendo prejudicado.

Na Petrobrás encontrei disciplina militar e verdadeiros donos. E o que aprendi no Exército não me ajudou, atrito que nunca tive eu comecei a ter, porrada que eu nunca havia pensado levar comecei a levar.

O primeiro trabalho que surgiu na minha vida, aos 18 anos, foi para embarcar, na Petrobrás. Já são 12 anos embarcando, embarcando. O regime de embarque tem melhorado, mas minha vida tem sido embarcar.

Concluí a Escola Técnica e começou a pressão, da família pobre e da minha consciência, no sentido de começar logo a trabalhar.

Então apareceu o concurso da Petrobrás e era impossível deixar passar aquela chance. Eu não trabalho porque gosto, trabalho porque preciso, então sou um escravo do trabalho. Eu me sinto fracassado, parei no tempo, o trabalho me atrofiou.

O mapa de conflitos é claro. O trabalho raramente foi escolhido crítica e livremente. Se há identificação com o trabalho ou com a empresa, o trabalhador pode entrar em declínio com eles. Nem trabalho ou empresa permitem a realização simultânea de bom salário, segurança e satisfação. Uma profissão liberal ou a propriedade de um pequeno negócio talvez salvem a todos de prisão, atrofia e fracasso, mas isso é apenas uma ideia vaga, um desejo. Politizar a questão, no cotidiano, ninguém está realmente disposto a fazer, pois, no final das contas, as pancadas são aceitas, de modo suavemente fatalista.

5. A circunstância que catalisa as visões

Se a estrutura e o tônus afetivo do olhar são dados pela história, sua tonalidade emocional e relevância são dados pela circunstância. Há algo que esteja acontecendo, na contemporaneidade da entrevista, e que possa ressignificar tendências, alterar a posição figura/fundo, enviasar percepções e atribuições de sentimentos? Apenas três sujeitos (15%) afirmam ausência de algo especialmente perturbador no momento:

Não. Pelo lado da família só conflito pequeno, coisa natural. Pelo lado da empresa... faz é tempo que ouço falar em crise, virou rotina. Pelo do governo, cedo ou tarde verão que o Neoliberalismo não resolve, pelo contrário, piora os problemas do Brasil. Isso tudo preocupa, mas não perturba, pois sou capaz de entender e, se Deus quiser, vencer.

No momento nada. Bom... salário é sempre problema. Na minha família aconteceu um fato desagradável: foi descoberto um tio meu com AIDS. Mas o modo de vida dele, o homossexualismo, tudo antecipava isso.

No momento, nada me perturba de modo especial. A tremedeira nas mãos, por exemplo, é normal em mim. Não sei explicar, tenho isso desde que me entendo como gente. Faz parte de mim a ansiedade, o medo de ser testado, o excessivo cuidado em dar um próximo passo.

A existência de problemas é relatada, porém contra o pano de fundo da naturalidade e da habitualidade. Os conflitos familiares, a situação da empresa, o poder de compra da renda, a política econômica do governo e as características psicológicas pessoais, tudo é incorporado à ordem do natural e posto na linha de previsibilidade da rotina. Fatalidade psicológica ou vontade de Deus são os argumentos tranquilizadores, articulados para explicar o “é assim que tenho sido”, o “é assim que sou”, o “é assim que serei” e o “é assim que as coisas são”.

Dos 17 entrevistados (85%) que acusam a existência de algo especialmente perturbador no momento, cinco o identificam com fenômeno de ordem pessoal, afetivo-familiar e 12 com fenômeno de ordem público-produtiva.

Vejamos o que ocorre no plano pessoal:

Sim. Eu vivia com minha mãe no interior, depois fiquei casado em Fortaleza, agora separei-me e vivo sozinho. Descobri que não gosto de morar só e tem batido uma saudade enorme da família.

Não perturba o trabalho, mas a mim perturba muito.

Eu não tinha ciúmes da minha esposa e agora passei a ter.

Imagino que qualquer atenção de amigo ou de vizinho para comigo, acontecem por interesse nela. Já cheguei até a bater nela. Fico na plataforma imaginando, juntando coisas, deduzindo besteiras e sofrendo.

No momento minha maior preocupação é com um acidente de trânsito. O carro era de meu pai e virou ferro velho. Ele não está me pressionando por dinheiro, mas é constrangedor, sobretudo porque envergonha reconhecer que não posso pagar, o salário está uma miséria. Isto tem me tirado um bocado de sono.

Minha preocupação hoje é com a operação de vesícula que minha mãe necessita e não pode fazer. Ela tem câncer de fígado, o médico não recomenda cirurgia e dá seis meses de vida.

Durante as hospitalizações, os cuidados com ela perturbam totalmente meu trabalho.

Tenho um problema íntimo. Conheci uma colega em um curso e me envolvi. Ela sabe que sou casado. Antes, os meus casos me deixavam arrependido, mas este não. Também não consigo assumir e separar-me. Amo meus filhos e, de certa forma, continuo amando minha esposa.

Mas seja qual for o motivo pessoal – solidão de homem separado, ciúme, infidelidade, doença de familiares ou acidente de carro – de modo secundário, insidioso, as questões do trabalho comparecem agudizando o problema. O regime de embarque impede a assistência a doentes e a presença junto à esposa; a baixa renda impede dar conta de emergências e acidentes; a sociabilidade do trabalho expõe a novos relacionamentos que confrontam os contratos matrimoniais. Pela primeira vez surge o tema do isolamento na plataforma ressignificando solidão e permitindo que a imaginação siga trilhas perversas, como a do ciúme, uma “Síndrome de Otelo”. Otelo existe na plataforma e seu lago é o isolamento do regime de embarque.

No plano do público-produtivo, 12 (60%) trabalhadores entrevistados apontam um sinergismo de crises, sem identificação de saída. As expressões “situação financeira” “falta de dinheiro”, “só contabilizo desvantagem”, “crise da empresa e do país”, “burrice da burocracia”, “crise da função e da imagem do servidor público”, “crise das relações com chefia” e “crise dos projetos profissionais” levam à conclusão de que o tópico discursivo da conjuntura é crise.

O tópico, de modo abstrato e teórico, envolve extraordinária gama de sentidos que vai do ponto de transição ao acidente repentino, passando por ruptura de equilíbrio, quebra de padrão, manifestação violenta, estado de dúvidas e incertezas, tensão e conflito, sem julgamento de valor. Se é boa ou má, de progressão ou de regressão, depende da qualidade dos diagnósticos, das decisões tomadas e das ações implementadas. Mas a fala dos entrevistados adiciona um valor negativo à palavra, de fase difícil, de lance embaraçoso, de perda e de sofrimento.

Minha esposa reclama que choro muita miséria. Tem gente que só conta vantagem e ela diz que eu só contabilizo desvantagem. Mas o ano começou péssimo, fui roubado e o salário mal dá para pagar as dívidas. Detesto atrasar pagamentos e esta preocupação atrapalha trabalho, casamento e saúde. A crise é grande e fico doente com dívida

Eu e minha esposa estamos sendo muito pressionados nos nossos trabalhos. A Petrobrás quer que eu aceite transferência ou peça as contas. Com esse governo que está aí, os dois sendo funcionários públicos federais, a situação é crítica. A empresa e o país tão em crise e o servidor público perseguido.

Aecnológica pela qual a Petrobrás está passando é grave. Privatiza ou não. Desnacionaliza ou não.

Tenho tido depressão. Pode ser por causa de um negócio que há entre mim e o chefe. Não sei o que é, só sei que quando ele está por perto eu fico intranquilo. Outra coisa é a ansiedade antes de embarque, nunca foi fácil mas agora está grave.

Está atrapalhando o grande número de atestados médicos que já coloquei. Sinto-me discriminado – “esse cara é o daquele problema”, “nesse cara a gente não pode confiar”, “esse cara só vive tirando ecnoló” etc.

Não planejei ficar tanto tempo no mar, está durando bem mais que o previsto. Escolhi a Petrobrás para ter segurança, bom salário e carreira. Meu plano começou a vazar quando

suspenderam os concursos internos, congelaram os salários, praticamente acabaram com o Sindicato e estão querendo enxugar o quadro de pessoal, fazer reengenharia. Dá vontade de chorar, mas chorar não resolve, então me comando e fico firme. Não há problema no cotidiano, o problema é a crise profissional, o projeto profissional perdido.

Entrei numa Pós-Graduação e isso me permitiu pedir desembarque sem perda dos adicionais. Disseram-me que eu os estaria ganhando irregularmente. Aí fui ao chefe e lembrei o requerimento. Em novembro eu perdi o Curso por causa de uma disciplina, o engenheiro mandou me chamar e disse que eu, como todo mundo, só queria tirar o dinheiro dele, e que eu teria de devolver os ganhos irregulares. Perguntei: “Dinheiro seu ou da Petrobrás? Tá me chamando de ladrão?”. A burocracia da Petrobrás é burra, só sabe se livrar de responsabilidade. Sou filho de trabalhador, lutei muito na vida e meu único bem é meu nome. Aí vem um cara dizer que sou desonesto, quando o problema é gerencial.

Meu problema é o salário. Todo ano eu fazia um Natalzinho, vestia a família, dava presentes, doava uma cesta básica para os pobres. Este ano nada, não tive condições. Este foi o Natal da crise, passado com roupa velha. Nosso dissídio foi em setembro e ainda está aberto, com o governo peitando a gente. Este Natal deu a medida real de nosso achatamento salarial.

O que mais me preocupa hoje é o salário. Não tenho o padrão de vida que tinha há cinco anos atrás. Isso me deixa muito desmotivado para trabalhar, como todos os outros na empresa. Desde setembro rola, sem ser acertado, nosso acordo salarial.

Desmotivado, a gente relaxa até na qualidade do serviço.

O que me abala realmente é a crise financeira. Meu salário líquido dá por volta de seis salários-mínimos. Depois de pagar aluguel, colégio dos meninos e comida, não sobra mais nada. Como colégio público não presta no Ceará, o jeito é pagar particular, mesmo não podendo.

O início do embarque está virando sofrimento. Sinto vontade de desembarcar mas não posso, a perda salarial é muito grande. Ficar isolado, sem poder dar um pulo em casa se necessário, dá tristeza, irritação, ansiedade. Sou um cara calmo, mas já ando explodindo. Eu estava de serviço, um colega começou a me pressionar nas horas do chefe passar e me apelidou de Zé Maria, assim como quem chama zé Ninguém. Então explodi: “Cara, eu tenho nome!”. Trabalho embarcado há 12 anos e há dois estou ficando assim. É direto no confinamento, só mudando de plataforma e de campo. Em plataforma satélite, eu fico pior. No helicóptero, eu fico pior. Tenho explodido também em casa, principalmente na véspera do embarque.

A última greve aconteceu na véspera de um desembarque meu. Fizeram uma assembleia por rádio e decidiram que os embarcados não desembarcassem, até nova decisão. Eu fiquei louco, não aceitei aquilo, não podia aceitar. A partir daquele dia não consigo mais conversar com ninguém da turma, olho prá pessoa e a vontade que sinto é de dar porrada. Os três dias a mais eu passei realmente transtornado e quando começam a falar em greve, eu começo a temer: “Vai acontecer de novo comigo embarcado”.

A conjuntura de crises perpassa todas as lâminas identitárias e em todas o sujeito se nega a ser “Zé Maria”, “Zé Ninguém”: a de trabalhador (a empresa e a função sendo reestruturadas), a de provedor do sustento familiar (salário achatado), a de homem honesto (a honra do nome, direitos problemáticos e burocratizados), a de corpo (doenças e medos), a de cidadão (o transtorno individual prejudicando a ação coletiva).

Um modelo biunívoco de associação, relacionando um elemento do estado psíquico com um elemento do processo ou da jornada de trabalho, tende a fracassar em situações como esta. Há uma rede sinérgica de elementos inter-reforçando-se, inter-potencializando-se. O achatamento salarial e os atritos decorrentes de competição com chefia ou outros colegas não é específico do trabalho e do trabalhador petroleiro embarcado, mas tanto a história como a

posição estratégica da Petrobrás na definição dos rumos do Estado e da economia brasileiras são fundamentais para a compreensão do acúmulo de crises: somente nela o sujeito poderia realizar este particular projeto profissional; somente ela, que tanto oferecia aos trabalhadores, hoje tudo tira; principalmente em torno dela surgiu um poderoso movimento sindical que hoje o governo procura destruir.

Por último, considere-se a singularidade do trabalho embarcado, seu isolamento, suas condições, suas tensões próprias, com três cortes temporais bem-marcados: a) embarque/desembarque, b) antes/depois do período de pioneirismo da empresa, e c) antes/depois da última grande greve. Estes três cortes expõem fronteiras, que demarcam territórios distintos e realizam os fronts das contradições.

A tendência do grupo fica clara, somando o comparecimento secundário e o comparecimento principal ou exclusivo, é o próprio trabalho que proporciona as emergências capazes de ressignificar o que o próprio trabalho constrói estruturalmente, é o próprio trabalho que proporciona a tonalidade emocional da visão de mundo, embora o tópic trabalho só compareça no discurso de modo instrumental, sem oferecer as metáforas de compreensão da identidade.

CAPÍTULO 3

SER SAUDÁVEL: ÓRGÃOS FUNCIONANDO, A CAPACIDADE DE TRABALHAR E MEDICAMENTOS PARA SUPORTAR

Para que sejam compreendidas as queixas em relação à condição de saúde apresentadas pelos petroleiros embarcados, urge, simultaneamente, mapear o código de valores que o grupo apresenta sobre as queixas e o universo simbólico dado pelas palavras saúde, doença, remédio, drogas, apetite, sono e acidente. Se as três primeiras palavras encaminham a compreensão para o processo de sentir o corpo e seu funcionamento, de modo genérico, as três últimas remetem a compreensão para temas específicos, ligados à especial situação do trabalho embarcado: a superexposição alimentar do regime de confinamento, os transtornos do ritmo sono-vigília derivados de turno e sobreaviso, o risco de incêndio e explosão.

Dramática, como se verá, é a dificuldade de estabelecer nexos entre, por um lado, queixas, e, por outro lado, valores; mais ainda, entre, por um lado, estados de saúde, e, por outro lado, condições de trabalho. Estes trabalhadores assimilaram e apresentam, ativamente, uma concepção causal da determinação do processo saúde/doença, causa atribuída a azares da genética, trama interna do corpo ou acidentalidade derivada do mundo externo.

1. Ser saudável, não ser ou muito pelo contrário

O tema é o da experiência de integridade física e mental, das relações entre potencialidades e capacidades e do processo saúde/doença como percebido e realizado. A primeira abordagem possível do modo como os petroleiros de plataforma representa e pratica o processo saúde/doença é dada pela resposta inicial à pergunta “Você é ou se sente saudável?”.

Apenas três podem ser incluídos na resposta “Sim, sou saudável”, caracterizando uma 1ª categoria; sete caem no limbo dos discursos iniciados por um “relativamente” ou por um “sim, todavia”, isto é, caem numa 2ª categoria denominada “em termos”; e 10 incluem-se na 3ª categoria, aquela em que os sujeitos respondem “Não sou saudável”. O principal dado a ser destacado é o da grande prevalência de trabalhadores queixando-se de problemas de saúde: 50%, se tomarmos o “não”; e 85%, se tomarmos a soma do “não” com o “em termos”

Para colocar o desconforto e a ambiguidade, as fórmulas variam:

Pode ser que eu não esteja nada bem de saúde.

Sou relativamente saudável. De vez em quando tenho minhas crises.

Estou sem sintomas, mas acontece um desequilíbrio e volta tudo

Não me fazem sofrer muito, porém tenho enxaqueca e alergias.

Sim, pois tento me controlar, guardar meus problemas.

Sim, pois embora a lombalgia e as gripes frequentes, sou cuidadoso e Deus me protege.

Física e psicologicamente eu me sinto abalado, frágil, mas não sei o que leva a que.

Sim, mas..

Sim, porém...

Acho que sim, mas tenho muito medo de morrer.

Não, pois estou guardando sofrimento e fracassando profissionalmente.

Ninguém tem saúde plena.

Os mal-estares são difusos, mas deixam marcas, de modo crescente, em concordância com a vida em permanente prontidão para acidentes, a permanente preparação defensiva contra catástrofes iminentes, vida esta realmente experimentada pelos petroleiros embarcados. O corpo, esticado ao limite, e a mente, tensionada para o futuro a fim de prevê-lo e preveni-lo, desaba nas carências, nas dificuldades imprecisas, nas zonas de fronteira entre saúde e doença, vida e morte. O corpo realiza a condição de vida, na formulação precisa de Boltanski (1979).

A situação de trabalho, em posto e local sabidamente insalubres e perigosos, instala no psiquismo uma atenção focada sobre as condições produtoras de insalubridade e perigo. Nada aconteceu ou está acontecendo, mas algo difícil, complexo, ameaçador da integridade do corpo e da vida, pode estar sendo gerado neste exato momento. O treinamento preventivo evita o problema físico e hipertrofia o fantasma, a sombra dentro do psiquismo, o temor insidioso e disperso. Onde e quando ocorrerá o incêndio? Onde e quando ocorrerá a explosão? O que significa esta mudança no tônus do ruído ou da vibração?

Na literatura psicológica, psiquiátrica e psicopatológica encontramos hipocondria como nome de reação de ajustamento, nome de característica de personalidade, nome de sintoma de transtorno, nome de transtorno, nome de entidade nosológica. Para Borsoi (1993), a presença de somatização, ansiedade e preocupação continuada com a higidez corporal caracterizariam a síndrome. E 17 dos 20 entrevistados declaram a preocupação e listam transtornos.

2. O corpo em ruptura de níveis e funções

Apenas um entende saúde como uma questão de sorte e outro o faz como graça de Deus. Assim podemos constituir uma 1ª categoria caracterizada pela visão mágica, na qual se incluem dois entrevistados (10%). Numa 2ª categoria, seis entrevistados (30%) concebem saúde e doença como capacidades vitais produzidas pela

maior ou menor habilidade do organismo em manter a integridade corpo-mente-sociedade e em suportar os estilos de vida impostos ou escolhidos. Numa 3ª categoria, onde se incluem 12 sujeitos (60%), estabelecendo a tendência do grupo, destacam-se aqueles que entendem saúde como condição biológica básica; da qual, se perdida, resta a doença, resultado de desequilíbrio, desarmonia, anormalidade, incompetência, fracasso e falência individual.

No caso da visão mágica, as falas são simples e diretas:

Ter saúde é uma sorte.

Graças a Deus sou forte de corpo e de espírito.

Os trabalhadores incluídos na 2ª categoria, dos desequilíbrios físicos e mentais ligados aos estilos de vida, elaboram um discurso mais complexo e entendem o fenômeno como resultante das condições concretas de existência, onde família, alimentação, sexualidade e trabalho dão as cartas:

Ando engordando, o trabalho exige, o casamento vai mal, o corpo reclama, a paciência está esgotada, então quer dizer que não estou nada bem de saúde.

Posso ficar semanas sem qualquer sintoma, aí acontece um desequilíbrio, briga em casa, dificuldade no trabalho, pacote econômico do governo, falta de dinheiro, e tudo volta de novo.

Uma comissão médica comprovou o nexo entre a doença que tenho e o acidente de trabalho que tive.

Doença é quando me sinto impedido de trabalhar ou ajudar minha família. Doença se relaciona com tudo o que se vive na família.

Saúde é estar de bem com a vida e não guardar sofrimento, pois é preciso esquecer ou resolver.

Tem saúde quem não fica inútil.

Já os componentes da 3ª classificação, que marcam a tendência dominante do grupo, expressam categorias biológicas e individuais. Para eles o mundo é cartesiano, biunívoco, há sempre uma causa para cada coisa e ela se encontra no fundamento material destas coisas:

*Tenho estado doente porque não pratico esportes.
 A enxaqueca é da pancada na cabeça, pelo acidente de carro.
 Minha úlcera é bacteriana.
 Um médico disse que era verme, porém sem cura.
 Doença é degradação do corpo por falta de alimentação
 Na véspera de embarcar eu tenho enjoos e não durmo.
 O problema é decorrente de eu não me alimentar direito.
 Tem gente que tem tendência para ter saúde, outros para ter doença, acho que é genético.*

A preocupação com o corpo e o temor de doenças estão presentes. Capacetes, luvas, botas e máscaras não protegem da preocupação e as regras, mensagens e equipamentos lembram a prevenção e a coisa da qual devemos nos proteger. O conhecimento, sem que o sujeito tenha poder real de alterar a fonte dos perigos, patina no vazio e confunde ou torna pontual, isolada, qualquer explicação consistente. Estes trabalhadores reproduzem, transversal e simultaneamente, em grupo humano homogêneo segundo critérios econômicos, sociais, culturais e laborais, as categorias de pensamento indicadas por Canguilhem (1962) no correr da história, longitudinalmente: saúde/doença como realidades diferentes associadas a graça/desgraça e certo/errado; como tautologia e ambiguidade onde um termo remete ao outro; como quantidade/qualidade diferentes da experiência concreta.

3. O rol das cruces difusas que o corpo carrega

O discurso sobre a saúde toma, com muita facilidade, a forma de um discurso sobre a doença, arrolando dores, mal-estares, mazelas e as tentativas de reduzir ou sufocar dificuldades de trabalhar, impotências, cansaços, desgostos, infelicidades. A lista é extensa, mas sem grandes e características entidades nosológicas, na verdade mera indicação ou descrição de sintomas. Além de extensa é assumida quase universalmente pelo grupo, pois apenas três entrevistados não registram queixas ou uso de medicamentos.

São 27 queixas diferentes, relatadas pelos 17 trabalhadores, resultando em 65 ocorrências, discriminadas conforme o Quadro IV e classificáveis em sete grandes tipos: musculoesquelético, neurológico, infectocontagioso, cardiocirculatório, neurovegetativo, imuno-alérgico, psicossomático e psicológico.

QUADRO IV – Distribuição das queixas referidas pelos entrevistados, segundo tipo e número de ocorrências

| NATUREZA | TIPO | QUEIXA | OCORRÊNCIA |
|---------------|---------------------|---|----------------------------|
| | Músculo-esquelético | Lombalgia Artroses | 3 2 |
| Específicos | Neurológico | Ausência (pequeno mal) Nevralgia Convulsão | 2 1 1 |
| | Infecto-contagioso | Gripe Herpes genital | 2 1 |
| | Cárdio-circulatório | Hipertensão | 1 |
| | Neuro-vegetativo | Dor de Cabeça Enxaqueca Tontura Náusea Vômitos | 8 4 3 2 1 |
| | Imuno-alérgico | Rinite Dermatite Asma Sinusite | 2 1 1 1 |
| Inespecíficos | Psicossomático | Gastrite Labirintite Úlcera Duodenal Otite | 2 2 2 1 |
| | Psicológico | Irritabilidade Estresse Insônia Depressão Ansiedade Angústia | 4 3 3 3 2 1 |

Fonte: Elaboração própria.

Uma primeira análise do Quadro IV evidencia o corte em fenômenos específicos, que envolvem os tipos musculoesquelético, neurológico, infectocontagioso e cardiocirculatório, e em fenômenos inespecíficos, que envolvem os tipos neurovegetativo, imuno-alérgico, psicossomático e psicológico.

No caso dos específicos, são referidas oito queixas, 13 vezes, sempre por sujeitos diferentes. Quem fala em convulsão, não fala em herpes genital, por exemplo. Dos 17 entrevistados que registram prejuízos à saúde, portanto, 13 apresentam transtorno derivado de postura, lesão, ação virótica e alteração metabólica, e todos, com exceção de gripe, tendentes à cronificação. E seis das 13 ocorrências estão efetivamente associadas ao trabalho: o caso de convulsão é decorrente de trauma craniano por acidente de trabalho os casos de lombalgia e artroses foram devidamente associados a defeitos de postura em procedimentos de trabalho. Metade das ocorrências específicas tem no trabalho sua razão de ser, mas como representam sintomas e síndromes adquiríveis de outros modos, em outras condições, não podem ser qualificadas de sintomas ou síndromes laboral-petroleiras, sintomas ou síndromes do petroleiro de produção embarcado.

No caso dos inespecíficos, são referidas 19 queixas, 52 vezes, em variadas associações por sujeito. O campo da poliqueixa e da queixa difusa é vasto, tendo dor de cabeça, enxaqueca e irritabilidade no topo da prevalência. Os trabalhadores entrevistados distinguem bem as entidades “enxaqueca” e “dor de cabeça”, pois quem falou de uma não falou da outra, o que soma 12 casos. E como quem citou irritabilidade também citou enxaqueca ou dor de cabeça, podemos manter a soma, que significa 60% dos entrevistados. Apenas dois dos três casos de queixa de depressão fazem acompanhamento psiquiátrico, embora eventual, o que remete 15 para a peregrinação por clínicos gerais, ortopedistas, cardiologistas, gastroenterologistas e alergologistas, numa ciranda de medicações sintomáticas prescritas e automedicação posterior por aprendizado associado a comodismo.

O sujeito estoura em conversões, somatizações e sinais sistêmico-funcionais de vários tipos, difusamente associados ao que come na plataforma, como dorme na plataforma, à hipertrofia da atenção focada em perigo, ao isolamento, ao ruído, às vibrações, ao sobrea-viso, à preocupação financeira, à distância dos familiares, resultado este que apresenta consistência plena com a descrição do complexo sintomático expresso na tríade hipocondria/depressão/histeria.

4. Os hábitos: medicamentos, álcool, tabaco, maconha

Quanto às táticas de sanar males e apaziguar dores, emerge muito nítida a solução farmacológica, as gotas, pílulas, xaropes e injeções da felicidade, indicando uma forte cultura de automedicação. São citados 17 medicamentos, quatro deles de prescrição controlada, todos industrializados, referidos 36 vezes, por 17 trabalhadores, o que representa, por aproximação, duas referências a medicamentos, em média, por trabalhador, discriminadas conforme o Quadro V e classificáveis em oito grandes tipos: analgésico, anticonvulsivante, antiespasmódico, anti-inflamatório, energéticos, vitamínicos, tranquilizantes e antidepressivos.

QUADRO V – Distribuição das referências a uso de medicamentos, por tipo o número de ocorrências

| NATUREZA | TIPO | QUEIXA | OCORRÊNCIA |
|-----------------|-------------------|----------------------|------------|
| Não Controlados | Analgésico | Tylenol | 5 |
| | | Novalgina | 4 |
| | | AAS | 3 |
| | | Dorflex | 2 |
| | Anticonvulsivante | Tegretol Gardenal | 1 1 |
| | Antiespasmódico | Buscopan | 3 |
| Controlados | Antinflamatório | Voltaren | 2 |
| | Energéticos | Glicose | 1 |
| | | Pó de Guaraná | 1 |
| Controlados | Vitaminas | Vit C | 2 |
| | | Vit B | 1 |
| | | Polivitamínico | 1 |
| Controlados | Tranquilizantes | Diempax | 4 3 |
| | Antidepressivos | Tofranil | 1 |
| Prozac | | 1 | |

Fonte: Elaboração própria.

Salta aos olhos o caráter sintomático dos medicamentos citados. Dor, espasmo, inflamação, ansiedade e falta de ânimo encontram seu destino em soluções que sempre os deixam intactos ou os

reforçam. Há uma relação frouxa entre sintomas e medicamentos, o que pode ser bem exemplificado no caso do uso de drogas neuropsiquiátricas controladas: apenas três sujeitos apresentam diagnóstico neurológico central (dois, ausência; um, convulsão) e dois fazem acompanhamento psiquiátrico (um, depressão; um, transtorno afetivo), mas nove fazem uso de drogas controladas, dois com uso exclusivo de diempax, dois de lexotan, um de prozac e quatro de várias associações, como tegretol e gardenal, glicose e diempax, pó de guaraná e diempax, lexotan e tofranil. Quem prescreve medicamento psiquiátrico para sete sujeitos não é médico psiquiatra, o que amplia a chance da prescrição sintomática e da escolha de mais de um medicamento, visando cobrir as várias aparências, as várias formas de expressão do fenômeno, em prejuízo de uma visão clínico-crítica.

A glicose, o pó de guaraná e as vitaminas indicam certo hábito cultural brasileiro, que incorpora a estas substâncias funções mágicas, panaceias, maravilhas curativas. Mas 14 das 36 referências foram de medicamentos para cefaleia (tylenol, novalgina, AAS, dorflex), de ampla presença na propaganda e na comercialização livre, deste modo fazendo com que lombalgias, dores de cabeça e enxaquecas encontrem seus alívios momentâneos, respaldados na propaganda. De qualquer modo indicam a prática da automedicação, a existência de desconfortos pressionando por solução e a preocupação tensa com o funcionamento corporal.

Não foi objetivo da investigação mapear, rigorosamente, o perfil de consumo de álcool, tabaco e drogas de abuso, embora houvesse a expectativa de que indicativos aparecessem, no centro dos discursos, de modo espontâneo.

Todos declararam conhecimento razoável das consequências negativas das drogas de abuso, riram um pouco quando maconha foi tematizada e afirmaram que, vez por outra, “rola um fuminho”, mas que não existem viciados na Petrobrás. Talvez algum trabalhador de empresa contratada, ou alguém que já pediu demissão, ou alguém que já fez uso, sim, porém no passado, mas a equipe atual, de efetivos, hoje, nada. Declaram tolerância moral em relação ao uso e prometem mostrar ao pesquisador, quando por acaso este embarcar

novamente, alguns *grafitti* louvando o tema. Depois do protocolo de entrevista ser aplicado, em ambiente mais descontraído, não formal, um dos entrevistados elogiou a experiência prazerosa, relaxante, de “um fuminho”, ao entardecer, sentado sozinho no heliponto, a observar o sol desaparecendo no horizonte do mar.

Quanto ao álcool e ao tabaco, drogas de uso e abuso socialmente permitidas, geradoras de grandes, complexos e lucrativos circuitos de propaganda e comercialização, mas, na plataforma, proibidas (álcool) ou circunscritas a espaços e horários limitados (fumo), o perfil que emerge é o seguinte: seis fumam e bebem, cinco só fumam e quatro só bebem. São 15 (75%) os usuários habituais, todos declarando-se conscientes dos males daí decorrentes; todos apresentando sinais de ansiedade e culpa; todos alegando que a compulsão de não beber e fumar nos dias de embarque obriga a compulsão de beber e fumar nos dias de desembarque; oito atribuindo o hábito as irresponsabilidades da juventude; sete atribuindo o hábito aos estresses do trabalho.

Os fumantes optam por cigarros com menos nicotina e os bebedores preferem, predominantemente, a cerveja, em casa ou nos bares, em rituais de rodas de amigos, nas longas tardes ou noites dos períodos de desembarque, envolvendo ou não reiteradas tentativas de retomar a prática de algum esporte. Para quatro dos 20 fica clara a associação, nos períodos de desembarque, entre beber para poder dormir melhor e beber para tolerar relacionamentos sociais.

5. Plataforma: um confinamento de engorda

Em relação ao apetite, exceto por dois entrevistados que o qualificam de ruim ou prejudicado, declarando “comer por necessidade”, fato que não varia com as diferentes situações de vida, os outros 18 declaram bom apetite, gosto pela comida, tendência à gula, medo de engordar, tudo variando com estar em residência ou na plataforma, ter ou não hábito de fumar, ter ou não hábito de consumir bebidas alcólicas, praticar ou não exercícios físicos.

Clássicas relações como parar de fumar ou beber e ganhar peso e voltar a fumar ou beber e perder peso, aparecem claramente em cinco (25%) das entrevistas, mas as questões do trabalho embarcado como determinante de incremento da tensão, aumento da tensão como perturbador de apetite e confinamento como “regime de engorda”, aparecem claramente na fala de 12 (60%) trabalhadores entrevistados. Vejamos:

Na plataforma, fora o trabalho, o que fazemos é assistir televisão, dormir e comer.

Eu tenho medo de engordar, mas não resisto a comer comida gordurosa. Em casa como bem melhor, pois lá eu conheço a procedência dos alimentos.

Na plataforma eu realmente exagero e como muito.

A diferença é casa/plataforma, não tem diferença tranquilotenso, trabalholférias, fumar/não fumar.

Na plataforma tem horário para tudo e, a cada três horas, quem quiser comer, come. É preciso autocontrole e já tem muitos com problema de obesidade. O confinamento faz alguns ficarem tensos e, para aliviar a tensão, comem muito.

Quando chego na plataforma, nos três primeiros dias, geralmente como ruim e tenho diarreia. No dia da viagem de volta para casa eu quase não me alimento.

Como bem nas refeições principais e evito os lanches. Mas, de noite, antes de dormir, faço pipoca ou pesco um peixe pra comê-lo frito. É uma vantagem para quem gosta de pescar.

Eu como muito melhor em casa do que embarcado. A empresa diz que a comida é boa, mas cheque lá sem aviso e você vai ver arroz boiando em água salgada e verdura azeda.

Antes da plataforma eu comia regulado, hoje percebo que exagero, mas não controlo. Como até sentir o estômago cheio. Meu apetite é muito bom, mas varia entre casa e plataforma. Na plataforma a comida, em quantidade e qualidade, é muito diferente da de casa, então a vida fica uma semana de um jeito, outra semana de outro jeito.

Como muito bagulho na plataforma. No primeiro dia em casa eu mantenho este péssimo hábito. Em seguida volto prá boa forma, prá perdê-la de novo no próximo embarque.

Na plataforma eu tenho que me policiar pois há muita comida que engorda. Procuo evitar excessos, mas, quando estou muito tenso, perco o controle. Na plataforma a gente vive em estado de alerta, pelo confinamento e pelos riscos de incêndio e explosão inerentes ao nosso trabalho.

A visão da plataforma como um lugar de tensões psicológicas, decorrentes de ameaças difusas oriundas do processo, da matéria prima e do produto de trabalho, associadas a sedentarismo e confinamento, com abundante e frequente oferta alimentar, fica bem nítida no conjunto destes 12 depoimentos. A comida passa a constituir objeto de aplicação para todas as insatisfações e resposta-panaceia a todas as reivindicações. Se toda queixa é atendida com comida, toda queixa, com o tempo, passa a ser referente a comida.

Um processo avassalador de deslocamento fica, portanto, concluído, e surge uma coorte de novos gordos, insatisfeitos com a própria imagem corporal, cheios de ansiedade, oscilando entre dois estilos de vida, embarcado/desembarcado, dois ritmos sono-vigília, dois padrões alimentares, duas experiências de temporalidade e sociabilidade, dois mundos com lógicas em conflito. A própria imagem da plataforma funde-se com uma nova imagem corporal, negativa, pejorativa, o corpo-plataforma da obesidade provável.

6. Insônia e pesadelos no meio do mar

Exceto por três entrevistados que declaram boa qualidade de sono, os outros 17 apresentam dificuldades de todo tipo: de iniciar ou reiniciar sono, de pouca profundidade ou interrupções do sono por pesadelos, de baixa capacidade do sono ser repousante.

Todos os 17 atribuem os problemas de sono ao regime de trabalho embarcado, informando com muita clareza perceber diferença, num corte longitudinal, entre o antes e o depois do início do

trabalhar embarcado em plataforma de produção de petróleo, mas, sobretudo, num corte transversal, entre residência e plataforma. Eles identificam, com bastante precisão, elementos mediadores: turno, ritmo, perda do poder de compra do salário, chefia, solidão, sobreaviso, ruído, trepidação e higiene da plataforma. Vejamos:

Na plataforma durmo menos, principalmente quando pego o turno da madrugada. Geralmente não pego sono depois de acordado, então passei até a deixar de urinar de noite.

Preciso dormir minhas oito horas por dia, é meu padrão, e a plataforma perturba.

Meu sono se relaciona com sexo. Só durmo bem quando transo. Como não transo na plataforma e estou com dívidas, tenho acordado supercansado, logo de manhã, quando o ritmo da plataforma aumenta e meu setor é muito mais exigido.

Nos primeiros dias não sinto falta e nem raiva quando não durmo, mas do terceiro dia em diante eu sinto irritabilidade e mal-estar. Quando chega o mal-estar eu tento ficar no beliche prá ver se consigo dormir ou desisto e passo a vagar.

De uns anos prá cá tenho insônia, principalmente embarcado. O ritmo de trabalho é intenso e fico a noite de sobreaviso. Então fico logo acordado, esperando a chamada. Devido ao cansaço, tenho tido muito sono durante o dia e, embora com tudo certo, temo o chefe e penso coisas desagradáveis.

A plataforma me deixou o sono leve. Comecei trabalhando sozinho, em plataforma satélite e o sono reduziu bastante. Procuro me fazer companhia falando sozinho e cantando.

Estou com um sono mais leve, talvez por causa do sobreaviso na plataforma, onde qualquer modificação, presença ou ausência de ruído te acorda, pois pode ser uma emergência. A turbina para de fazer barulho e a gente acorda logo.

Fico de sobreaviso ... a qualquer momento vou ter o sono interrompido. Quando chego em casa eu tiro o atraso, mas com sobressaltos... uma buzina na rua representa, na cabeça, alguém dizendo que uma válvula deu problema. Como toda segurança é falha, a gente fica sempre no alerta vermelho.

Se preciso trabalhar de noite eu trabalho, tomo café e pego no batente, mas, antes, eu fazia isso sem sonolência e irritação. Hoje em dia qualquer barulho me acorda. Acho que por ter tomado conta de turbina e o barulho passar de 100 decibéis.

O que incomoda meu sono é o cheiro ruim e as baratas que saem do banheiro. São três banheiros para 50 pessoas, grande parte trabalhador terceirizado, com pouca higiene. Não tem DDT que de jeito e a sujeira é constante.

Quando me sinto deprimido, nervoso, perco a facilidade de relacionamento, o sono fica ruim e tenho pesadelos.

Demoro a dormir e quando durmo acordo cedo ou no meio da noite e fica difícil recomeçar. A perturbação ocorre em véspera do embarque, nos primeiros dias do embarque e do desembarque.

Pela noite vou diversas vezes ao banheiro, para urinar, pois não consigo dormir com a bexiga cheia. Mas o sono é tão grande que acabo dormindo no banheiro.

Meu sono está mal, com muita insônia. Tenho dificuldade de dormir e desperto com qualquer coisa. Véspera de embarcar é um inferno de ansiedade. O primeiro dia na plataforma só é bom porque me inteirei da situação.

Eu era um dorminhoco, mas agora tem aparecido um problema de insônia na véspera dos embarques. Eu trabalho em plantão alternado, de sobreaviso, com muito ruído.

Sempre dormi pouco, mas, antes da plataforma, eu dormia seis horas corridas e acordava legal, agora o sono é picado, com pequenos cochilos, e levanto péssimo. Parece que a cama treme e, em casa, acordo sentindo falta do tremor.

Em todos estes depoimentos perpassa a ideia de dois cortes: o antes e o depois da plataforma na vida destes trabalhadores e a alternância atual de duas experiências radicais, o tudo/nada entre residência e plataforma. Mas mesmo contra o pano de fundo desta visão globalizada, a experiência aponta elementos que confluem para uma piora da perturbação, sobretudo destaca que o ritmo sono/vigília é a dimensão da vida mais suscetível à ação deste trabalho tão singular.

Ruído, trepidação, sono interrompido por emergência real, sono superficializado pelo estado de sobreaviso, a consciência de graves circunstâncias urdindo as potencialidades de acidentes graves, tudo resulta em “prontidão” (Fanon, 1978), em perturbação do ritmo sono-vigília, em “alerta vermelho”. O sono é o da mãe amorosa com filho doente, o do sentinela no *front* de uma guerra.

O sono deve ser analisado em ritmo, profundidade, qualidade e produção onírica. Os trabalhadores de plataforma não deixaram de falar nos sonhos e eles estão assim, para os 11 (55%) que destacaram o tema:

Eu lembro pouco dos sonhos. Logo ao amanhecer eu me esqueço deles, ficam só rápidas lembranças, faíscas.

Eu sonho com as coisas do dia a dia. Se converso com um amigo sobre um freezer que minha mulher quer que eu compre e sobre a falta de dinheiro, aí sonho comprando o freezer prá minha mulher começar um negócio de congelados.

Lembro dos meus sonhos e criei o hábito de anotá-los. Sonhei uma vez que o fogo tomava conta da plataforma, outra vez que um leão de circo matava o domador e começava a matar a plateia onde eu estava, outra vez que eu caía numa selva e sobrevivia com a ajuda de índias muito sexuais.

Tenho sonhos muito sexuais, parece que é a falta de sexo, a carência que a gente fica na plataforma.

Eu sonho acordado e quase não lembro dos sonhos da noite.

Normalmente lembro de meus sonhos: com amigos, vizinhos, filhos, irmãos ou pessoas que não vejo há muito tempo. Mas só na plataforma, em casa não lembro de

sonhos. Sonho raras vezes, mais na plataforma, e quando sonho é com coisas ruins, vejo filho meu morrendo... ou minha mulher.

Sonho às vezes, em casa. Na plataforma sonho muito, já sonhei voando e gostei muito da sensação de flutuar.

Eu sonho muito, sobretudo sonhos eróticos, com a Xuxa, a Luiza Brunet. Às vezes sonho ficando rico. O que me perturba é quando sonho com morte, tenho medo de morrer.

Tenho sonhos ruins, pesadelos, com muito sangue, um cara me matando, eu matando um cara, tudo meio maluco.

Meus sonhos são muito vagos, sem história, mas também sem angústia.

Tenho pesadelos com a plataforma, ela afundando, ela explodindo, gente morrendo em choque de barco com a plataforma, gente morrendo em acidente de helicóptero.

A literatura sobre o ritmo circadiano sono-vigília, sonho, trabalho noturno e em turnos alternados (Kleitman, 1970; Teitelbaum, 1976; Aschoff, 1978; Milner, 1978; Ferreira, 1987) indica que os processos de sonho estão associados às fases de superficialização do sono e que a alternância de turnos, o sobreaviso e a vigília noturna perturbam o ritmo e produzem desordens temporais. Os petroleiros de plataforma, mantidas tais condições de trabalho por longo tempo e impossibilitados de realizarem adaptações exitosas, podem passar a viver como zumbis, em estado de crônica situação transicional sono-vigília. Se os ritmos e os elementos do processo técnico de produção (ruído, trepidação, sobreaviso) superficializam o sono e possibilitam um aumento do sonhar, as preocupações com acidente oferecem cenário, roteiro, iluminação e fotografia para estes sonhos, dentro de limitadas variações individuais.

É de carência sexual direta (as “índias sexuais”, a “Xuxa e a Luiza Brunet”) e indireta (voar e o prazer de flutuar), de retalhos do cotidiano (as “faíscas”, as “conversas do dia a dia”, as “pessoas que não vejo há muito”) e dos medos do trabalho em plataforma (“explosões”, “incêndios”, “acidentes”) que se fazem os sonhos destes petroleiros embarcados. A confluência de perturbações da construção da

identidade, de automedicação, de alterações do apetite, de alterações da qualidade do sono e da ocorrência de sonhos maus, pesadelos de morte e sangue, indica que pelo menos dois (10%) dos entrevistados encontram-se no campo mesmo da Psicopatologia. Se os perigos introjetados compõem uma prontidão hipocondro-depressivo-histórica que marca a maioria do grupo, acrescenta-se uma tonalidade paranoide, já sugerida no inventário psicológico e no exame mental, cujos traços explícitos ou difusos aparecem agora.

7. É fácil observar, difícil é compreender a relação entre doença e trabalho

Metade dos entrevistados produz, no discurso, evidências subjetivas ou objetivas de relação entre transtorno de saúde e processo ou condição de trabalho. Neste momento, de relato espontâneo, tinta, poeira, material de luva, turno, sobreaviso, postura, transporte de peso, ritmo, vibração e ruído são arrolados como elementos concretos do processo e das condições de trabalho que podem ser associados a desgastes vitais e transtornos da saúde:

O pior do trabalho é o ritmo rápido e essa história de dormir tarde, acordar cedo e ficar na expectativa de ser acordado.

Não me dou bem com poeira, tinta e uso de luva, e com tudo isso preciso me envolver no trabalho.

São escadas e pisos vazados em tantos ambientes muito abertos ou muito fechados, que dá tontura, desequilíbrio.

Minha função exige esforço físico, pois trabalho com o transporte de pesados cilindros e galões. Daí eu tenho dores musculares constantes.

Há 12 anos trabalho em plataforma e, após aquelas refeições pesadas, no meio de ruídos e vibrações, sinto formigamento na vista, vejo uns pontos brilhantes, depois enjojo e ânsia de vômito.

Tenho dor de cabeça de tanto ruído.

Ficar de sobreaviso, dormir no trabalho e em cima de motor vibrando, mexeu com meu sono.

Acho que estou com a audição prejudicada. Deve ser o ruído.

Estou com artrose em cinco anéis da coluna, que deve resultar de esforço no trabalho. Cansei de arrancar no braço, porque não dava tempo de esperar pelas talbas, umas válvulas enormes fixas por parafusos de duas polegadas.

Sinto, vez por outra, uma dor nas costas, na região da coluna lombar, pois trabalho muito em posição ruim, abaixada.

E os mesmos sujeitos, no meio de falas descritivas, bem coladas aos fatos e às rotinas, ousam formulações mais abstratas, genéricas, ligadas ora ao plano da subjetividade, ora ao plano do político, onde começa a emergir a consciência de que, na jornada de trabalho, ocorre a guerra civil capital/trabalho, já descrita por Marx (1974^a), hoje arbitrada, mediada, declarada e velada pela Medicina do Trabalho:

Não sei como a gente consegue juntar duas vidas tão diferentes, na plataforma e em casa, e uma perturbando a outra.

Minha vida é sedentária como a de todo petroleiro. O sono fica prejudicado na noite anterior ao embarque e sempre tenho cefaleia no primeiro dia na plataforma.

É embarcar e, no primeiro ou segundo dia, bate logo a enxaqueca.

Acho que os problemas não se ligam a uma ou outra coisa específica, mas sim a um conjunto. Fico ansioso e isto perturba o sono e o apetite, nas vésperas do embarque e do desembarque.

Depois de começar a trabalhar em plataforma descobri que sou alérgico a tudo.

Bom, tenho que aguentar, minha profissão só tem aqui. A gente trata as dores de cabeça e empurra tudo com a barriga.

Durante a desmontagem de uma sonda, um cabo rompeu e me atingiu na cabeça. Faço tratamento neurológico e psiquiátrico até hoje. Uma comissão médica comprovou o nexó entre a doença e o acidente, mas continuo na ativa.

Este suporte no pescoço é por causa de um acidente automobilístico, quando eu retornava de uns jogos da empresa, e não querem reconhecer como acidente de percurso. Era atividade esportiva, fora da jornada de trabalho, mas era promoção da empresa.

Se a gente deixa de embarcar por motivo de doença, podemos receber uma indenização calculada multiplicando o adicional mensal de embarque pelos anos que continuaríamos embarcando, não fosse a doença. Mas a empresa tem medo disso e o médico do trabalho vira sócio da empresa no medo.

Só terei chance de algum progresso na carreira se eu me transferir do Ceará, mas como, se sou apegado à minha família e à minha terra? Tenho tido cansaços, dores de cabeça, insônia e depressão. Mas, por conta desta história de privatização, reengenharia, qualidade total, até a própria empresa anda num clima depressivo. Na plataforma fico triste. Em casa não consigo tirar da cabeça que vou ter que embarcar de novo. Na rua não tolero encontrar colega de trabalho, pois me lembra a plataforma.

O sujeito como força de trabalho aparece, timidamente, nas consciências, com a natureza de mercadoria, algo redutível a preço, valor de troca e valor de uso expropriados do sujeito, passíveis de barganha e de pequenas chantagens quotidianas, prisioneiro das instituições que compram a profissão e detêm o poder real. E da mercadoria-força de trabalho observa-se a evolução da pessoa-mercadoria que transforma em valor de troca até as dores, os dissabores, os achaques, os pedaços mutilados do corpo, calculando indenizações, tudo isto expressando a lógica da forma coisificação do processo de alienação (Marx, 1974b; Schaff, 1979).

Os novos ideais de política e lógica organizacionais aparecem associados aos fantasmas da desnacionalização, da desestatização e da produção de desemprego, encerrando um ciclo histórico de expectativas de desenvolvimento, simbolizadas pela criação e sucessos da própria empresa, a Petrobrás, o que aparece nas consciências como instalando uma cultura depressiva na instituição, nos grupos e nos indivíduos.

Mas, se metade do grupo se esforça por estabelecer uma relação entre o que sente e o que faz, a outra metade não toca no assunto, entre os “talvez” e os “não tenho problemas”, fica perdida, para os próprios sujeitos, a relação entre os estados do corpo e as atividades necessárias à produção das condições de existência.

8. A competência prática que aparece quando estimulada

As perguntas abertas, opção para captar o que os sujeitos sedimentaram e expressam na naturalidade de seus quotidianos, encontram um paradoxo: há discriminatividade, mas, sobretudo, há vagueza. Surge então a necessidade de induzir, de orientar a entrevista com provocações mais técnicas, oferecendo apoio para a memória e para a organização do pensamento: iluminação, ruído, odor, ventilação, temperatura, espaço, equipamento, doença de trabalho, acidente de trabalho, Comissão Interna de Prevenção de Acidentes-CIPA, Serviço de Segurança e Medicina do Trabalho-SESMT, Equipamento de Proteção Individual-EPI e Equipamento de Prevenção Coletiva-EPC cumprem o papel de agentes provocadores.

Os resultados da compreensão dos indicadores de insalubridade e ergonomia, mais ainda, de um esforço para atribuir-lhes valor, são sumarizados no Quadro VI:

QUADRO VI – Atribuição de valor a indicadores de insalubridade e ergonomia

| ITEM | PÉSSIMO | RUIM | REGULAR | BOM | ÓTIMO |
|--------------|---------|------|---------|-----|-------|
| Iluminação | - | 1 | 3 | 15 | 1 |
| Ruído | 7 | 3 | 2 | 5 | 3 |
| Odor | | | | | |
| Ventilação | 4 | 7 | 3 | 6 | - |
| Ventilação | 2 | 2 | 4 | 6 | 6 |
| Temperatura | 1 | 1 | 5 | 10 | 3 |
| Espaço | 1 | 4 | 6 | 4 | 5 |
| Equipamentos | 3 | 2 | 6 | 9 | - |

Fonte: Elaboração própria.

O resultado não apresenta coerência com o registrado pelo observador durante os períodos de observação direta do processo de trabalho. Tomando a distinção marxista de classe em si e classe para si (Marx, 1985; Marx, 1986; Lukács, 1989) é possível identificar uma condição-de-trabalho em si, histórica e objetiva e uma condição-de-trabalho para si, na qual a experiência concreta não se expressa na experiência simbólica. Os trabalhadores parecem estar pensando apenas o alojamento e os espaços ao ar livre, esquecendo a condição real dos postos de trabalho.

A iluminação nas plataformas parece ser um item objetivamente bem qualificado e razoavelmente homogêneo em todos os postos e locais de serviço, pois 75% das referências lhe atribuem valor de bom, 95% o fazendo de regular a ótimo. É também o caso de temperatura, ventilação, espaços e estado dos equipamentos, em relação aos quais, na faixa de atribuição de valor de regular a ótimo, registram-se, respectivamente, 90%, 80%, 75% e 75%, com maior diversidade entre os graus, provável diversidade de postos e locais de trabalho. Situação bem diversa é a de odor e ruído, revelando situação que varia muito com posto e local de trabalho, no geral tendendo para a atribuição de valor de regular a péssimo, respectivamente 70% e 60%. Uma política que enfatizasse melhora do odor e redução do ruído teria impacto positivo na garantia de condições de trabalho mais salubres. O item trepidação não foi listado por não estar incluído nas avaliações oficiais, mas aparece, estrategicamente, nas falas espontâneas.

Estimulados pela questão “reconhece a existência de problema de saúde que possa estar associado ao trabalho de petroleiro de produção?”, a quase totalidade dos entrevistados (95%) responde que sim. A pergunta pode estar organizando as reflexões, fazendo o tema emergir na consciência, agregando julgamento de valor e alertando para a dimensão da qualidade de vida no trabalho, habitualmente secundária aos temas políticos e econômico-financeiros.

Quando a pergunta enfatiza a experiência concreta do sujeito, “e você, já teve algum problema de saúde que pudesse ser associado ao seu trabalho como petroleiro de produção?”, a proporção de res-

posta sim baixa para 65%. Há uma capacidade de separar o genérico (há doença associável?) do específico (você já teve?) e o volume dos que afirmam a experiência, depois de estimulados, ganha incremento de 25% em relação àqueles que, de modo difuso, espontaneamente, referiram ocorrências de desgastes e transtornos relacionados ao trabalho. O que os sujeitos indicam encontra-se sistematizado no Quadro VII.

QUADRO VII – Distribuição das referências de associação entre elemento do processo de trabalho e desgaste vital ou transtorno de saúde por eles provocados.

| | |
|---|---|
| Redução de acuidade auditiva, pelo ruído | 9 |
| Ansiedade, pelo confinamento de embarque | 6 |
| Colunopatia, por postura inadequada | 5 |
| Irritabilidade, pelo ruído | 5 |
| Colunopatia, pelo levantamento de peso excessivo | 4 |
| Irritabilidade, pelo confinamento de embarque | 3 |
| Insônia, pela expectativa de embarque | 3 |
| Ansiedade, por temor às emergências | 2 |
| Ansiedade, por excesso de responsabilidade | 2 |
| Ansiedade, pela perda de poder aquisitivo do salário | 2 |
| Ansiedade, por chefia autoritária | 2 |
| Ansiedade, pelo sistema de turno com sobreaviso | 1 |
| Insônia, pelo sistema de turno com sobreaviso | 1 |
| Depressão, pela sensação de aprisionamento | 1 |
| Náusea, pelo mareamento | 1 |
| Intoxicação, pelos lubrificantes | 1 |
| Intoxicação, pelos aerossóis | 1 |
| Gastrite, pela alimentação inadequada | 1 |
| Hipertensão, pela temperatura elevada | 1 |
| Hipertensão, pelo ruído elevado | 1 |
| Irritabilidade, pela preocupação permanente com risco de vida | 1 |
| Cefaleia, pelo primeiro dia de embarque | 1 |

Fonte: Elaboração própria.

A lista de intuições torna-se lista de situações precisas, onde ruído, confinamento, postura, pesos, emergências, responsabilidades, estilo de chefia, poder aquisitivo, turno, sobreaviso, materiais de contato, alimentação, expectativa de risco, temperatura e climatização dos ambientes fechados, adquirem densidade e intimidade com desgastes vitais e transtornos de saúde: redução de acuidade auditiva, ansiedade, colunopatias, irritabilidade, insônia, depressão, náusea, intoxicação, gastrite, rinite alérgica, obesidade, hipertensão e cefaleias.

A questão da morbidade não aparece complexa, difusa, difícil de abordar, apenas para estes trabalhadores. O desenvolvimento da Epidemiologia (Sampaio, 1998) demonstra como os fenômenos mais amedrontadores, no campo da objetividade quantificável e tratável pelas estatísticas, são aqueles que podem ser caracterizados como eventos únicos e letais. O que deriva de processo crônico, resulta em processo crônico e maltrata, embora não mate, fica esquecido na composição de índices e coeficientes. Em Rouquayrol (1994) podemos contar dez vezes mais índices e coeficientes construídos para medir a ocorrência de morte (mortalidade) do que os para medir a ocorrência de doença (morbidade).

É interessante destacar que a consciência da doença esteve mais livre para expressar-se que a do acidente. Espontaneamente falou-se pouco de acidente, embora sempre lembrado nas campanhas de prevenção o acidente transformou-se em um não dito, quando das falas espontâneas. Mas diante de duas perguntas diretas “já sofreu acidente de trabalho?” e “já presenciou acidente de trabalho de colega?” a resposta veio expressiva. Para a primeira, 55% responderam sim; para a segunda, 30% responderam sim.

Os grandes acidentes coletivos são raros e vigorosamente prevenidos. Há uma guerra permanente contra o acidente que ceife vidas e gere prejuízos de capital e patrimônio. Sobra o pequeno acidente individual: eu sofro e o outro não vê, o outro sofre e eu não vejo, como se pode deduzir dos Quadros VIII e IX.

QUADRO VIII – Distribuição das ocorrências de acidente de trabalho entre os entrevistados, por tipo e determinante (n = 11).

| | |
|--|---|
| Tornozelo torcido, por escorregão em piso oleoso | 2 |
| Pé quebrado, por escorregão em piso oleoso | 2 |
| Mão luxada, por escorregão em piso oleoso | 1 |
| Pé quebrado, por queda em escada | 1 |
| Mão luxada, por queda em escada | 1 |
| Traumatismo de ouvido, pelo protetor auricular | 1 |
| Hematoma na região ocular, por pressão de pistola de ar comprimido | 1 |
| Mão queimada, por substância química adstringente | 1 |
| Lesão de rosto, por estouro de compressor | 1 |
| Mão cortada, por faca | 1 |
| Mão quebrada, por deslizamento de tubo de aço | 1 |
| Mão queimada, por sinalização de fogo | 1 |
| Traumatismo craniano, por queda de peso | 1 |
| Acidente automobilístico de percursos | 1 |

Fonte: Elaboração própria.

QUADRO IX – Distribuição das ocorrências de acidentes de trabalho presenciados pelos entrevistados, segundo tipo e determinante (n = 6).

| | |
|---|---|
| Pé quebrado, por escorregão em piso oleoso | 1 |
| Mão luxada, por escorregão em piso oleoso | 1 |
| Hematoma de coxa, por queda de tambor | 1 |
| Mão luxada, por queda em escada | 1 |
| Mão queimada, por substância química adstringente | 1 |
| Hematoma de tórax, por queda em escada | 1 |
| Mão cortada, por faca | 1 |

Fonte: Elaboração própria.

Pé, tornozelo, coxa, mão, tórax, rosto, olho, ouvido e crânio representam os lugares do corpo onde os conflitos e os riscos se expressam, sob forma de quebra, corte, torcida, luxação, hematoma ou queimadura, decorrentes de pisos e escadas escorregadias, pistolas de tinta, pistolas de ar comprimido, compressores, tambores, tubos, facas, sinalizadores, substâncias químicas e deslocamentos de grandes pesos. Há então que discriminar as funções pois, se todos andam pelos decks, apenas alguns manipulam compressores ou sinalizadores.

Imediatamente associado ao tema acidente vem a pergunta: “há EPI?”. A resposta é de universal desconhecimento. Mas diante da pergunta: “usa EPI?” 17 (85%) dizem sim. A diferença de proporções, sobretudo por ocorrer em empresa de ponta, de um setor econômico de ponta, internacionalizado e legalista, demonstra a cultura da ideologia da responsabilização individual. É o trabalhador quem deve se cuidar. A mensagem dada pelo sistema de produção, e devidamente captada por estes trabalhadores, é que é nas consequências, e não nas fontes, que os esforços preventivos devem ser ancorados. O investimento não acontece na fonte do ruído ou do mau cheiro e sim no ouvido e nas narinas de um trabalhador, neste caso até razoavelmente consciente e usuário ativo, prático, como aparece no Quadro X.

QUADRO X – Distribuição das referências de uso de Equipamentos de Proteção Individual-EPI (n = 17).

| | |
|--------------------|----|
| Farda | 15 |
| Capacete | 12 |
| Bota | 12 |
| Protetor auricular | 12 |
| Luva | 7 |
| Máscara | 2 |
| Avental | 1 |
| Óculos de proteção | 1 |

Fonte: Elaboração própria.

A farda é de uso extenso (75%), equipamento secundado por capacete, bota e protetor auricular, todos com 60% de uso. Estes quatro casos são menos vulneráveis a local, posto e função, em contraste com luva, máscara, avental e óculo de proteção, bastante vulneráveis às citadas variações, os dois últimos bastante idiossincráticos. Sobre o uso dos EPI e sua precedência quase absoluta em relação aos EPC, há uma grande aliança ideológico-cultural entre empresa, mass media e sindicato, este último adere ao uso exclusivo de EPI, sem estudos críticos, sem contrapropostas e sem apoiar-se nas evidências empíricas negativas já acumuladas por SESMT e CIPA.

O Sindicato existe fora da empresa, vinculado a lutas políticas e lutas econômicas, dimensionado como instância de mediação social, na escala das categorias e corporações profissionais. Ele é externo, objetivo, institucionalizado, ligado às estratégias de sobrevivência, produção e reprodução da força de trabalho, artefatos e artifícios da relação capital/trabalho. Todos os trabalhadores sabem de sua existência e polemizam sobre seus objetivos, métodos e parcerias.

Mas as ferramentas internas, vinculadas aos temas da qualidade de vida no trabalho, saúde e segurança, que a legislação trabalhista brasileira, nos últimos 50 anos, criou e fez funcionar, como a CIPA e o SESMT, são conhecidas apenas parcialmente. Dos 20 entrevistados, apenas sete (35%) sabem da existência do SESMT, e destes, um (5%) não pensa que funcione a contento. Com relação à CIPA, 19 (95%) sabem de sua existência, e destes, quatro (20%) não pensam que funcione a contento.

Todos os trabalhadores reconhecem o exercício de uma política de higiene e segurança do trabalho pela empresa e todos externam um comentário, expressam uma opinião, atribuem algum valor a esta política, comportamento sistematizado no Quadro XI.

QUADRO XI – Opiniões e comentários sobre a política de higiene e segurança do trabalho exercida pela empresa.

| | |
|---|----|
| A empresa é legalista, faz tudo o que a legislação exige, porém não mais que isso | 14 |
| Tem educação para prevenir insalubridade e periculosidade | 5 |
| Tem adicionais para remediar insalubridade e periculosidade | 4 |
| A Medicina do Trabalho, aqui, funciona para a empresa e não para o trabalhador, considerado um descartável | 3 |
| O principal não pode ser resolvido, pois é impossível modificar o regime de embarque, que é o maior problema | 2 |
| Há coisa que ninguém resolve: para prevenir surdez a gente usa protetor auricular, mas o tipo concha aperta demais e o tipo <i>plug</i> cria grande pressão interna | 1 |
| A empresa tem uma política global, mas os dirigentes são uns mascarados e a gente não confia | 1 |
| Eles trabalham com planos e a maioria não sai do papel | 1 |
| Mesmo prevenindo, o risco sempre fica no ar | 1 |
| A CIPA atuaria melhor se tivesse verba própria | 1 |
| O Setor de Saúde Ocupacional é bom, mas o tempo de socorro nas plataformas continua sendo um problema real | 1 |

Fonte: Elaboração própria.

Mais de 2/3 dos entrevistados enfatiza o legalismo como característica básica da empresa. Este legalismo pode ser um formalismo, um cumprir as leis, embora significando que a empresa esteja apenas administrando as exigências mínimas e mantendo-se nelas. Outro tema relevante que emerge das opiniões e comentários é o da política centrada em educação do trabalhador, por onde passa a

cultura da responsabilidade individual na prevenção dos transtornos, ou em adicionais indenizatórios de transtornos eventualmente ocorridos. Não se discute a ferramenta educação em qualquer política de prevenção, discute-se a exclusividade. Não se discute o estabelecimento de multas por prejuízos, discute-se a centralidade do procedimento, potencialmente capaz de gerar muitas perversões, como a de serem aceitas condições insalubres e perigosas de trabalho para que adicionais salariais sejam mantidos.

Aqui e ali surgem críticas de fundo, identificando impasses estruturais, não solucionáveis pelas políticas, preventivas ou compensatórias, como o da impossibilidade real de superação da necessidade de trabalho embarcado e a limitada autossuficiência das plataformas, com tempo de socorro externo impossível de ser reduzido. Outra crítica de fundo dirige-se à impossibilidade de transparência por parte da administração superior, capaz de mascarar interesses e descaracterizar as políticas por ocasião de sua operacionalidade concreta, quotidiana. Entre intenção e gesto desaparece a eventual qualidade das políticas. Por fim, a denúncia de um radical impasse: a relação entre administradores e trabalhadores resulta em antagonismo, pois administradores, representantes dos interesses dominantes, vinculados às chamadas classes produtoras, visam valorizar capital, enquanto os trabalhadores visam valorizar a força de trabalho. Tal antagonismo não pode ser solucionado sem transformações profundas da relação empresa/trabalhadores e do regime de propriedade.

CAPÍTULO 4

OS ROMANCES FAMILIARES

A investigação acerca-se de um ponto fundamental: como estes trabalhadores concebem suas famílias, as de origem e as constituídas por eles, numa perspectiva de desdobramento, superação, oposição ou negação.

Se o nível analítico é o da Genética, família desempenha papel estratégico, na condição de campo de possibilidades, de determinação e de expressão para o que acontece com o ser humano. Todos os saberes aplicados, que se respaldam na dimensão biológica, buscam compreender família e discriminar o que se lhe pode atribuir no processo de constituição de seus objetos específicos, por exemplo Medicina e processo saúde/doença.

Se o nível analítico é o das Ciências Sociais, família novamente aparece, numa vasta literatura, para o desvendamento das experiências primeiras, das estruturas e lógicas de funcionamento da rede de relações dos indivíduos, vínculos, valores, hierarquia, interdependência, poder, autonomia, identidade.

E se o nível analítico é o da Psicologia, todas as grandes teorias postulam centralidade para a posição da família, modelo básico inato ou instância de mediação historicamente saturada, nas explicações de comportamentos e sintomas. A Psicanálise encerra na família as experiências pulsionais primitivas, a trama de desejos e as armadilhas inconscientes que marcam tudo o que os indivíduos possam vir a ser. O Psicologia Concreta entende família como instituição onde se

realiza a socialização primária e constitui instância de mediação indivíduo/sociedade, ela própria mediada pelas lógicas de produção e distribuição de riqueza e pela propriedade (Engels, 1991). Neste caso, devemos, sobretudo, considerar as formulações de Adorno (1950), pois, nas sociedades complexas, divididas em classes, imersas em alienação, o indivíduo elaborará e reelaborará, significará e ressignificará, a partir de um filtro ativo representado por instâncias de mediação, como escola, igreja, sindicato, partido político, *mass media* e família.

Para estabelecer-se o peso do trabalho na gênese das percepções, opiniões e representações dos petroleiros de plataforma entrevistados, e o da experiência familiar nas percepções, opiniões e representações que estes sujeitos formulam sobre trabalho, impõe-se deixá-los falar sobre suas famílias.

1. A transição rural-urbano e a ascensão social

Todos os 20 trabalhadores entrevistados identificam-se, de maneira mais ou menos precisa, imediata ou ancestral, como pessoas localizadas na transição entre o rural e o urbano, postulada como oposição interior (incluindo as sedes dos municípios do interior) *versus* cidade (capital).

A forma empírica de categorizar que estes trabalhadores estão usando faz sentido, sobretudo pela história do desenvolvimento demográfico do Estado. Até a primeira metade do século XVIII o Ceará foi indígena, com lenta e sistemática ocupação dos sertões por bandeiras de gado, lideradas por ibéricos, bahianos e paulistas, o que criou pequenos núcleos urbanos em tudo dependentes da cultura rural. A emancipação da província completa 200 anos, período em que a sociedade cearense vem sendo moldada pela relação seca/migrações. Em movimentos de evasão para fora do Estado e de concentração na capital, os passos de passagem são das sedes urbanas do interior para a capital, nos períodos entre secas, e das zonas rurais para a capital ou para fora do Estado, nas secas. Fortaleza concentra 34.7% da população do Estado e tem 62% de migrantes de primeira ou segunda geração (Sampaio, 1999).

Um outro sentido básico desta categorização diz respeito à estrutura da família nestes contextos de tamanho mais extenso, lógica patriarcal de organização, posição mais passiva da mulher, relação mais vertical e de obediência dos filhos, no estilo de vida rural; para tamanho mais concentrado, organização centrada na díade pai-mãe, relação mais intensamente afetiva e democrática dos filhos, no estilo de vida urbano.

Se sete (35%) nasceram no interior, filhos de agricultores, um deles em Pernambuco, os outros seis no Ceará; nove (45%) nasceram em Fortaleza, mas pelo menos um dos pais nasceu no interior; e quatro (20%) nasceram em capital, um em São Paulo e três em Fortaleza, os pais são de Fortaleza, mas pelo menos um dos avós nasceram no interior cearense. Entre migrantes de primeira ou segunda geração temos 80%, proporção significativamente maior que a na população geral da cidade, que é de 62%.

Sistematizando as falas:

Julgo minha família uma batalhadora, tradicional e saudável família brasileira. Vida de cidade e origem interiorana.

Minha mãe e meu pai são do interior, casaram-se lá e, quando eu tinha seis anos, nos mudamos para Fortaleza.

Meu pai é agricultor, criado em fazenda. Foi ser seringueiro na Amazônia e voltou. Foi ser operário em São Paulo e também voltou. Fixou-se aqui e casou com minha mãe. As famílias eram conhecidas e a conversa foi pouca: chegou, casou.

Meu pai era de família mais pobre que a da minha mãe. Ambos são daqui, mas as famílias vieram do sertão. Ele é funcionário público, ela é do lar.

Somos gente de Fortaleza, com raízes no interior, e fui criado no meio de gente remediada, de poucas posses.

Meu pai é ferreiro e agricultor, um homem responsável como trabalhador e justo com funcionários quando teve posse. Na adolescência, vim, com duas irmãs, estudar em Fortaleza e morar na casa de uns tios.

Meu pai é um homem de 72 anos, caminhoneiro aposentado. Minha mãe tem 65 anos e sempre foi do lar. Eles vieram do interior, mas casaram aqui.

O valor de meu pai é o trabalho duro e a persistência. Minha mãe é do lar. Eles são daqui mesmo.

Meu pai, minha mãe e uma irmã minha nasceram no interior, o resto nasceu na capital.

É uma vergonha não saber mais sobre minha família, que é de origem portuguesa e já está no Ceará há mais de 100 anos. Meu pai foi vereador no interior. Ainda pesquiso minha genealogia.

Sou o 1º filho de meus pais. Meu pai montou uma empresa, mas não era homem de birô. A situação financeira era boa, com casa boa em área nobre de Fortaleza. Mas a família deles vem do interior.

Eu conheci meu pai, minha mãe e meus irmãos, gente do sertão, mas fui criado por parentes, na capital. Minha mãe já era separada do meu pai e vivia em grande pobreza, por isso me deu prá ser criado fora da família.

Nasci numa região de serra, aqui do Ceará, e minha infância foi muito boa. Não conheço bem a família do meu pai, mas a de minha mãe sim. A irmandade de minha mãe é unida e leva uma vida tranquila, de agricultor.

Meus pais se originam de duas famílias bastante humildes e grandes: minha mãe tem oito irmãos; meu pai, 13. A de mamãe veio do interior; a de papai e daqui.

Sou o mais velho de uma família pobre do interior. A minha mãe se separou do meu pai pois ele bebia muito e isso deixa trauma na gente. Hoje sou eu que sustento minha mãe e meu irmão mais novo.

Meu pai e minha mãe são do interior do Ceará. Eu tinha oito anos quando a mudança prá Fortaleza aconteceu.

Eu nasci em na região norte do Ceará e fiquei por lá até meus 12 anos. Meu pai era vaqueiro, tomava conta de fazenda. Eu e meus irmãos cuidávamos da lavoura. Eu sou o 9º entre 10 filhos. A vida. Era ruim, só não houve fome porque meu pai era um cara trabalhador.

Meu pessoal é de Fortaleza, mas eles devem ter origem familiar no interior, não sei bem.

Já sou da cidade, mas meus pais são do interior.

Eu nasci em São Paulo e vim para Fortaleza aos cinco anos de idade, por ocasião da separação de meus pais. Minha mãe, que era de família daqui, veio para Fortaleza com os três filhos.

Embora a tonalidade do interesse oscile desde certa negligência (“penso que”, “eu acho”, “não sei bem”) até o orgulho de ascendência (árvore genealógica), estes trabalhadores afinam no diagnóstico da transição rural/urbana.

Embora o estilo oscile da rotina descritiva (nasci em tal lugar, meu pai em tal e tem qual idade etc.) até sínteses teórico-metafóricas (a batalhadora, tradicional e saudável família brasileira), estes trabalhadores afinam no diagnóstico da transição rural/urbana.

Embora o entendimento do processo migratório seja apenas exposto (vim, viemos, mudei, mudamos) ou articule consciência dos determinantes (busca de trabalho, busca de estudo, separações), estes trabalhadores afinam no diagnóstico da transição rural/urbana.

Todos os 20 identificam, de maneira mais ou menos precisa, que a mudança para Fortaleza, o estudo em escola técnica e a entrada na Petrobrás, lhes colocaram numa situação social superior à dos pais. A ideia de ascensão social não é formalizada de modo categórico, mas é expressa descritivamente.

A situação descrita também faz bastante sentido. Se estes filhos estão entre os 30 e os 40 anos, seus pais constituíram família nas décadas de 1950 e de 1960, período auge do desenvolvimentismo nacional, da industrialização, da cultura do estudo como alavanca para o crescimento econômico. O Ceará não viveu diretamente esta realidade socioeconômica, mas o fez indiretamente, via *mass media* e efeitos retardados. Nos anos 1970, sob égide autoritária, o poder público brasileiro ensejou o “Milagre Econômico” e o aprofundamento da industrialização, trazendo a atividade de produção petrolífera para o Ceará.

A Fábrica de Asfalto da Petrobrás foi inaugurada em 1966 e a produção começou a operar em 1980. Concluir escola técnica, tentar concursos públicos, sobretudo em estado com realidade econômico de estagnação dos setores primário e secundário da economia, experimentar residualmente outras inserções no mercado de trabalho, descobrir a Petrobrás e ser admitido, parece ser a nistória de sucesso mais comum desta geração. Um depoimento registrado por Sampaio, Borsoi e Ruiz (1998) expressa, com muita propriedade, a questão:

A empresa oferecia o dobro do salário praticado pelo mercado e carreira adequada à formação. Não seria possível a um rapaz pobre, de formação técnica, deixar do embarcar nessa. (p. 74)

Mas voltemos às falas dos entrevistados:

Meus pais não são ambiciosos, e mesmo pobres deram conta do recado na criação dos filhos, sem faltar nada. Nos deram educação e hoje estamos melhor que eles.

Fomos um tanto superprotegidos, sem brincadeira de rua, mas com infância alegre. Hoje temos vantagens que nossos pais não tiveram.

Minha família perdeu tudo pelo alcoolismo de meu pai. Hoje, ajudo minha mãe.

A separação de meus pais foi difícil, emocional e financeiramente. Ajudo minha mãe, por ser atenciosa toda vez que a ela eu recorria.

Acho que procurei minha independência porque eu odiava apanhar de meus pais. Desde então nunca mais ninguém bateu em mim e estou numa situação razoável.

Meu pai e minha mãe estimulavam a igualdade entre nós, ninguém mandava em ninguém, e isso me ajudou a vencer na vida e ter melhores chances.

Meus irmãos se encontram em situação financeira pior que a minha e eu os ajudo. Um irmão, agora, se formou, já trabalha e também ajuda. Uma irmã separou-se e está em grande dificuldade financeira e emocional. Quando tenho tempo, eu a chamo pra passear e distrair-se.

Terminei a Escola Técnica, entrei na Petrobras três anos depois, casei, quero fazer faculdade. As condições para subir na vida a minha família me deu.

Já dependi de meu pai e de meus irmãos e me decepcionei. Hoje, sinto-me até livre.

Meu pai foi um homem de sucesso, mas prejudicou-se querendo ser político honesto, sofreu tanta perseguição que o comércio dele faliu. Eu tive que assumir parte das responsabilidades e ficar forte para ajudar a mãe.

Aos 15 comecei a trabalhar escondido porque desejava independência financeira e meu pai queria que eu estudasse. O excesso de trabalho e o baixo salário de minha mãe me revoltavam. Pra que estudar tanto? Minha situação é razoável, mas tenho meus fracassos: não entrei na Aeronáutica e perdi um Mestrado pela metade.

Minha infância foi de muita pobreza, eu vivia de pequenos bicos e muitas surras. Estudei de teimoso. As coisas só se acertaram quando entrei na Petrobrás.

Meu pai foi um homem próspero e queria que eu estudasse até fazer uma Faculdade. Preferi a Escola Técnico e estou agora parado na Petrobrás. A situação ainda não é ruim e a escolha foi minha.

Durante o Colegial eu resolvi trabalhar, achei ter chegado a idade e queria dinheiro pra fazer o que meus colegas ricos faziam. Fui office boy, auxiliar de escritório e entrei na Petrobrás. Hoje tenho o meu carro e até em vestibular já passei.

Meu pai vive de uma poupança, da bebida e do dinheiro que, vez por outra, mando pra ele. Minha mãe e meu irmão moram em um sítio de minha propriedade.

Meus pais sempre foram pobres, mas a eles só posso elogiar e agradecer. A batalha sempre foi dura e, quando criança, vivi de bicos. Até muito tempo depois de eu ter casado ainda ajudei em casa.

Acho que nós saímos de casa pra nos libertarmos de meu pai. Ninguém iria crescer ali

Fiz Marinha Mercante e faculdade, só pra provar que eu poderia fazer o que quisesse, sem a ajuda de meu pai. Eu gosto da minha mãe. E meu pai, embora da forma errada, acho que visava meu bem. Ele aposentou-se por problemas neurológicos e isso perturbou minha profissão, a vida, tudo.

Meu pai sempre se esforçou por mim, queria que eu fosse um doutor, o que ele não conseguiu ser. E até nisso eu fracasei com ele.

Vivi separado do pai, criado pela mãe e por uma irmã mais velha. Imagino o que minha mãe deve ter passado para nos dar boa educação e saúde. Moro perto dela, ajudo na sua sustentação e sempre ajudarei.

Embora o crescimento tenha se dado a partir de famílias historicamente pobres ou de famílias cuja pobreza derivou de perdas (separação, alcoolismo de pai, perseguições políticas, falências), estes trabalhadores efetivamente conseguiram ascensão social, pois estão em melhor posição que seus pais.

Embora o esforço de estudo e trabalho tenha sido estimulado pela família (exemplo, exigência, negociação afetuosa) ou ter ocorrido apesar dela (pai que abandonou, mãe que precisou dar em adoção), estes trabalhadores efetivamente conseguiram ascensão social, pois estão em melhor posição que seus pais.

Embora a consciência do sucesso apareça muito expressiva, positiva e eufórica (eu apoio, eu sustento, vivo melhor) ou ser crítica, também identificando perdas, estes trabalhadores efetivamente conseguiram ascensão social, pois estão em melhor posição que seus pais.

Embora a consciência do sucesso derive da ideia de prêmio (fiz por onde, esforcei-me, mereci) ou de um doloroso sentimento pessoal de desforra, de vingança (só pra provar que podia, não me deram nada mas estou aqui, para me libertar, odiava apanhar), estes trabalhadores efetivamente conseguiram ascensão social, pois estão em melhor posição que seus pais.

2. O sistema familiar: união e desunião, pendências de dever e mágoa, a felicidade possível

Como a organização familiar é concebida e como a família constituída é comparada com a de origem? Quais os sentimentos prevalentes e como influíram na concepção do novo grupo familiar? De que modo as imagens de pai, mãe, marido, esposa e filhos se articulam? Deixemos os sujeitos falarem:

QUADRO XII – Distribuição comparativa dos discursos sobre estrutura familiar.

| SOBRE A FAMÍLIA DE ORIGEM | SOBRE A FAMÍLIA CONSTITUÍDA |
|---|--|
| <i>Eu adoro meus pais, eles vivem praticamente para a família, sempre trabalho e casa. Nunca soube de briga séria entre eles.</i> | <i>Custei a casar e o fiz na hora certa. Mas sou um tanto autoritário e quando as ideias se opõem, olha, sai fãisca.</i> |
| <i>Meu pai é um sujeito bom, mas rude, sem instrução, e minha mãe nos protegendo, segurando as pontas. Mas não havia brigas.</i> | <i>Estou realizado com minha família, minha esposa é paixão antiga. Sinto-me feliz, a despeito de algumas brigas bobas.</i> |
| <i>O alcoolismo do meu pai estragou tudo. Minha mãe ficava entre nós e ele. Eu e outro parecemos com ela. Os outros dois com ele, um ficou até viciado.</i> | <i>Sou separado. Havia mais sexo que companheirismo. Não tolero mentira, imaturidade e chantagem.</i> |
| <i>O mais difícil foi conviver com a separação de meus pais. Hoje entendo que duas pessoas podem deixar de se gostar e é melhor a separação. Mas foi duro.</i> | <i>Faço com meus filhos o que meu pai deveria ter feito e odeio a palavra não, que ele tanto usava. Vivo pra casa e trabalho. A gente casa, ama aquela pessoa, depois vem os filhos e o amor se desloca.</i> |
| <i>Eu sou o 3º filho do 2º casamento, um entre 14, 9 vivos. Os filhos do 1º casamento nunca se deram bem com minha mãe e entre nós há respeito, mas frio, cada um na sua.</i> | <i>Entre eu e minha mulher há respeito, nos ajudamos nos problemas. O relacionamento é igual ao do namoro. Não queríamos filhos mas o que veio é bem-vindo.</i> |
| <i>Meus pais vêm de famílias grandes e criaram um ambiente bom. Sempre tive liberdade para chegar com amigos e minha mãe dava um jeito de dar almoço pra mais um.</i> | <i>Sou solteiro. Tenho 32 anos e ainda posso esperar tempo melhor para fazer curso superior e casar. Ainda não vejo nenhuma razão pra sair da casa de meus pais.</i> |
| <i>Meu pai era grosseiro e levei muita pancada dele. Quando meu pai viajava o comando era da minha mãe que também batia, embora menos. Os nove irmãos estamos todos batalhando pela vida.</i> | <i>Procuro ser pai brincalhão, atento, mas sei que sou de grito. Às vezes bebo pra aliviar a depressão e fico violento. O ciúme, junto com a bebida, já me fizeram até bater em minha mulher. Deus me livre de voltar a bater nela e nos filhos.</i> |

| | |
|---|--|
| <p><i>Minha mãe é nervosa e totalmente submissa a meu pai. Nunca tive defêsa da mãe, era na minha avó que eu me refugiava. Nunca fomos unidos e o tempo piorou.</i></p> | <p><i>Pedi as contas de minha mulher num emprego que ela tinha e nos acomodamos só com a minha renda. A situação financeira está braba. Minha mulher me fascinava mas hoje está meio fria, descuidada.</i></p> |
| <p><i>Minha família é do tipo sempre unida e caseira. Ainda hoje, todos os domingos, os cinco irmãos comparecem à casa de nossos pais.</i></p> | <p><i>Meu casamento vai bem. Somos muito unidos.</i></p> |
| <p><i>Meu pai, meu avó e minha mãe sempre se orgulharam do meu gosto pelo trabalho e pelo estudo. Meu pai é um homem sério e respeitado. Minha mãe ali, ao lado, assumindo as responsabilidades dela e me ensinando a ser sensível. Acho que aprendi muito dos dois e procuro reproduzir.</i></p> | <p><i>Namoramos cinco anos e estamos casados há sete. Eu fiquei analisando e descobri que, além da atração, eu contaria com uma companheira de boa personalidade. Nos identificamos muito.</i></p> |
| <p><i>Meu pai viajava muito e minha mãe segurava a barra sozinha. Tenho admiração e orgulho de meu pai, mas não amor. Tenho pena de minha mãe, é uma pobre coitada que se lascou de trabalhar para aposentar-se com um salário mínimo, parece piada.</i></p> | <p><i>Conheci minha mulher num carnaval e decidimos casar na Quarta-Feira de Cinzas. O casamento já dura cinco anos, nos deu dois filhos e me ensinou a economizar. Minha mãe é professora, deve ser castigo de Édipo.</i></p> |
| <p><i>Meus pais eram separados e fui criado por uma tia. Fui estimulado a trabalhar desde cedo pela tia mas também levei muita surra do pai de criação. Minha infância e adolescência não foram de brincadeira, foram de muito trabalho.</i></p> | <p><i>Casei-me pela 1ª vez aos 22 anos e a vida de casado foi regular, a separação consensual e cuidamos juntos da filha. Ela tinha seu próprio dinheiro e queria mandar também. Hoje vivo uma 2ª relação que é muito boa, ela gosta de ser do lar, é amiga de minha mãe e eu me sinto chefe de família, finalmente.</i></p> |
| <p><i>Meus pais são humildes mas trabalhadores e unidos, sempre dando força para os filhos terem pelo menos um bom estudo.</i></p> | <p><i>Não casei com ninguém mas tenho dois filhos, de duas mulheres. Oriundo de uma família estruturada não iria deixar filho sem pai e os registrei em meu nome. Sou pai de fim de semana mas me dedico muito.</i></p> |

| | |
|--|---|
| <p><i>Minha mãe se separou de meu pai por causa do alcoolismo dele. Sou o mais velho de uma família pobre, e desestruturada, do interior. Na infância não tive segurança de pai e carinho de mãe. Agora estoura problema: descobri um irmão que é homossexual.</i></p> | <p><i>Meu casamento está muito bom e melhorou depois que minha mulher passou a trabalhar, ela ficou mais segura. Minha família e os amigos que tenho no trabalho são tudo para mim.</i></p> |
| <p><i>Meus pais são pobres, mas batalhadores e maravilhosos, só posso é agradecer. Os filhos tiveram que se virar, ajudar os outros, sem se desligarem da casa dos pais. Agora estamos juntos, pois se é pra passar dificuldade, é melhor passar em família.</i></p> | <p><i>Meu casamento foi rápido, o que tem de dar certo não depende de tempo. Ela não tem a escolaridade que eu tive, assim, para ganhar pouco, é melhor cuidar da casa e da família. A gente convive em harmonia e ela é excelente esposa, dona de casa e mãe.</i></p> |
| <p><i>Meu pai era autoritário demais, reprimia bastante, e isso refletiu muito em mim. Minha mãe defendia mas não conseguiu impedir que a irmandade brigasse muito. Eu e um outro, que saiu de casa, brigávamos pela autoridade máxima sobre os outros irmãos.</i></p> | <p><i>Minha mulher é 10 anos mais velha que eu e nos conhecemos numa festa de associação de bairro. É nosso primeiro casamento e, com certeza, será o único. Ela queria mandar mas aí eu consegui que ela parasse de trabalhar e hoje sou autoridade em minha casa.</i></p> |
| <p><i>Meu pai e minha mãe brigavam muito. As coisas pioraram quando ele fez uma neurocirurgia. Meus pais se separaram depois de velhos e o relacionamento, então, melhorou.</i></p> | <p><i>Decidi casar em busca de segurança mas já vivi muita dificuldade. Minha mulher tinha crises de violência, talvez por conta da família cheia de doença mental. Somos conservadores e nos gostamos, talvez por isso o casamento continue.</i></p> |
| <p><i>Meu pai ainda é um homem rústico, sem educação, e viajava muito. O contato de todos nós era com a mãe. Eram interessados, davam força e os filhos os respeitavam.</i></p> | <p><i>Nosso casamento foi por amor, paixão mesmo. Fomos colegas de Escola Técnica. Mas o trabalho na plataforma me impede de acompanhar a criação do filho, que fica aos saltos, com lacunas.</i></p> |
| <p><i>Eles brigavam muito, até a separação. Minha mãe tem personalidade mais forte que a minha. Com meu pai há uma frieza e uma incompreensão que duram 25 anos.</i></p> | <p><i>Eu e minha mulher trabalhamos e temos uma relação de diálogo. Sinto-me importante e feliz por ser pai. Acho legal passar para os filhos os nossos pontos de vista em relação ao certo e ao errado.</i></p> |

Fonte: Elaboração própria.

Em grandes traços temos, na família de origem, 16 (80%) casamentos mantidos, um deles em segundas núpcias, e quatro (20%) separações dramáticas, marcantes, com muita briga e infelicidade. Dos 20 entrevistados, 10 (50%) referem briga dos pais ($n = 2$; 10%), ter sido educados com surra ($n = 3$; 15%) ou as duas coisas ($n = 5$; 25%). Pelas estatísticas de brigas conjugais crônicas, sem separação, pelo menos três dos 15 casamentos de primeiras núpcias também não constituem experiências consideradas satisfatórias

Excetuando um único solteiro, os casos de separação ($n = 1$; 5%), coabitação ($n = 1$; 5%), segundo ($n = 1$; 5%) e primeiro casamento ($n = 16$; 80%) conformam a situação civil atual do grupo. O grau de agregação, de capacidade de manter união duradoura, parece ser idêntico entre a família de origem e a constituída, mas o de satisfação evidencia-se como bem maior nas novas famílias. Apenas três (15%) referem briga conjugal e um (5%), educar com surra. Apenas três (15%) referiram briga conjugal e um (5%), educar com surra.

A análise deste tema impõe certo despojamento interpretativo, pois entre marxismo e psicanálise acordos conceituais vêm sendo construídos, sobretudo no que diz respeito ao manejo da dialética essência/aparência e ao postulado da dinâmica repressiva que obriga ao manejo da dialética família/sociedade. Se Marx, Engels e Gramsci trataram do assunto, entre os clássicos do marxismo, Freud, Reich e Fromm trataram do assunto, entre os clássicos da psicanálise, e a escola constituída por Canevacci (1985) sistematiza e faz avançar o debate. Nesta intersecção coloca-se o esforço interpretativo desta Tese.

Para falar das brigas dos pais, traumática vivência que marca a vida e o modo de se relacionar com colegas, mulheres e autoridades, os entrevistados assim se expressam:

Eles brigavam entre si e eram passivos com os filhos.

Não sou revoltado, mas tenho meus traumas de infância, da pobreza e das brigas dos meus pais.

Eles viviam brigando. Quem aguenta um cara bêbado, que deixava o comércio da família falir, vomitava na sala e defecava na roupa?

Meu pai e minha mãe brigavam muito, o que piorou com o tempo.

Eles brigavam muito e decidiram se separar. Foi a melhor coisa.

Se as pessoas não se gostam mais, por que não se separam, em vez de viver brigando, como eles viviam?

Não sei quem tinha razão, o que eu via era a briga.

Para falar das pancadas que levaram, por descarrego de raiva ou tática educacional, traumática vivência que marca a vida e o modo de se relacionar com os próprios filhos, os entrevistados assim se expressam:

Lá em casa era tudo generalizado, quando um apanhava todos apanhavam.

Eu apanhava muito. Acho uma covardia adulto bater em criança, que não tem como se defender.

Não sei quem disse que bater educa e não concordo, pois travessura de criança não merece pancada.

Levei muita pancada de meu pai e minha mãe também não pensava duas vezes na hora de bater.

Meu pai me pegou uma vez e me deu uma surra de cinturão de fivela, que tirou sangue, daí em diante ele nunca mais me bateu, mas eu também nunca mais conversei normalmente com ele.

Queria acordar mais tarde e apanhava, saía escondido pra jogar futebol na rua e apanhava, tirava nota ruim no colégio e apanhava

Acho que as surras que eu levei na infância pagaram bem metade dos meus pecados da vida inteira.

Elas acreditavam que pancada é que educa.

Assim, estes trabalhadores encontram-se respaldados plenamente para exigirem de si mesmos contenção no número de filhos, construção de uma ideologia que justifique separações e divórcios,

exigência de equilíbrio democrático no relacionamento marido/esposa ou busca de esposa que aceite a suserania masculina e, sobretudo, o fim da relação pai/filhos baseada no espancamento:

Sou liberal, procuro negociar.

Não bato, castigo eventualmente e procuro explicar as coisas.

Não bato, descubro o que mais gostam e corto por uma semana, duvido que repitam o erro.

A gente protege e a relação é aberta, sincera.

Na criação de meus filhos eu esqueço os erros de meus pais e uso como base os acertos.

Castigos e surras não existem em nossa casa.

Mesmo pai solteiro, dou mais atenção que pai presente e amor ausente.

Não sou autoritário e nem gosto de repressão, é assim no trabalho, com a esposa e com os filhos.

Acho legal passar para os filhos o meu ponto de vista sobre o certo e o errado.

É interessante assinalar que estes pais, de modo empírico, sem elaboração intelectual formal, apontam para uma certa cultura da tolerância. Os tópicos-chave do discurso são sinceridade, presença, proteção, explicação e negociação. Embora haja confusão entre espancamento e autoritarismo, como se o primeiro termo caracterizasse o segundo de modo exclusivo, o que indica interessante tendência do grupo, a pretensão de todos pode ser consubstanciada na última proposição, indicativa do prazer de educar, da satisfação de ver a identidade social tendo continuidade.

Dos 19 em vivência conjugal, para dois (10%) deles o casamento e a entrada na Petrobrás aconteceram simultaneamente; para 11 (55%) o casamento veio depois da entrada na Petrobrás e do trabalho embarcado; e para seis (30%), o casamento antecedeu o trabalho atual.

Há uma impressão recorrente, nas discussões anteriores com o SINDIPETRO e em depoimento espontâneo prestado por esposa de petroleiro de produção, de que o início da experiência de trabalho embarcado, quando ocorrendo depois do casamento, constituía fonte de transtornos, dificuldades e infelicidades. Quando o enamoramento, o casamento, os primórdios da vida em comum e o nascimento de filhos já aconteciam com o trabalhador embarcando, o fato diluía-se, naturalizava-se, sem maiores perturbações.

A questão fica registrada para outras explorações. Os dados presentes não são conclusivos, pois a distribuição do registro de brigas e insatisfações apresenta-se homogênea entre os que iniciaram vida conjugal antes ou depois da experiência de trabalho embarcado. Mas é possível explorar outro ângulo, o da necessidade do acordo, da negociação, da satisfação mútua, para a manutenção dos vínculos, dos equilíbrios e o sentimento de pertinência que estes trabalhadores precisam ter. Por blocos de sete dias, entremeados por blocos de sete dias, as esposas são chefes de família – o marido está na plataforma – e cuidam da casa, dos filhos, dos negócios de complementação de renda e das contas/correntes bancárias. A chegada em casa obriga o marido a negociar os controles, sem desprestigiar ou inabilitar a esposa. A família constituída é muito diferente da família de origem e, neste caso, parece mais democrática e satisfatória, embora surjam novas tensões.

3. Socialização primária, valores aprendidos e valores reproduzidos

A representação da mulher, como mãe, esposa e filha, aparece bastante sintônica com os movimentos da tradição cultural judaico-cristã, patriarcal, ocidental, e, como prescreve a mesma tradição, simétrica à representação de homem, pai, marido, filho.

O universo semântico que identifica a mulher envolve passividade, fragilidade, insegurança, ingenuidade, inexperiência, sofrimento, carência, *doçura*, carinho, disposição para o ciúme, capacidade de cuidar, dedicação, disponibilidade para acomodar, fidelidade, mundos do lar e do amor.

O universo semântico que identifica o homem envolve experiência sexual, rigor, força, justiça, ordem, respeito, honestidade, persistência, capacidade de luta, disposição para enfrentar tarefas árduas, liderança, mundos da rua e do trabalho.

As expressões que apontam na direção de um complicado relacionamento entre mulheres que amam sem ordem e homens que ordenam sem amor podem ser exemplificadas, de modo paradigmático, como se segue:

Meu pai procurava entender, mas não tinha medo de punir, como minha mãe.

Se, no casal, os dois quiserem mandar, sai fãisca.

Não tenho jeito prá tarefa doméstica, fico como um peixe fora d'água.

Nos depoimentos sobre a família constituída, todos remetem à de origem, com negativas e adversativas – não, mas, apesar, embora, nenhum, não faço o mesmo, o que vivi de jeito nenhum repito, era assim mas agora é de outro modo, embora tenha recebido isso eu não transfiro. Há um aprendizado, esforço real de uma modernização identificada através dos tópicos diálogo, negociação, democracia, harmonia e acordo. Há também um esforço no sentido de aceitar separação consensuada, trabalho da mulher, fidelidade do marido, homem presente na educação dos filhos e, sobretudo, homem carinhoso, mas o temor de ser traído continua, onipresente, no ar dos relacionamentos.

Estes homens podem admirar os próprios pais, mas poucos querem reproduzi-los e não constroem com eles uma hierarquia amorosa. As mulheres aparecem na hierarquia afetiva destes homens numa ordem que é, simultaneamente, acumulativa e de superação, equação tornada explícita, com toda clareza, da seguinte maneira:

Minha maior felicidade hoje é a minha filha, depois vem minha mulher que antes de minha filha nascer era a minha maior felicidade, do jeito que mais anteriormente ainda havia sido a minha mãe. Na verdade, hoje, é difícil dizer quem vem em primeiro.

A família unida é entendida como base da vida social, matriz de tudo o que vem depois, atualmente vivendo um dilema relacionado ao poder. Nas sociedades complexas, hierarquizadas, com divisão de classe e forte tendência à concentração de dinheiro, poder e prestígio, qualquer relacionamento que implique em qualquer tipo de desigualdade pode ser interpretado, e realmente vivido, como um relacionamento opressor/oprimido, dominador/dominado, explorador/explorado. É assim entre empregador e empregado, professor e aluno, pais e filhos, esposo e esposa.

Ao falarem sobre as famílias de origem, há mais descrição de estruturas organizacionais e de marcas deixadas. Ao falarem sobre a família que constituíram ou pretendem constituir estes trabalhadores são mais explicativos, interpretativos, ensaiam teorias sobre união desejável e sobre educação de filhos, expõem um sistema de pensamento e justificam o processo:

Nada é pior, para a vida de uma pessoa, que família desunida. Nada é melhor que família unida.

A vida e família, com pai, mãe e irmãos, é que determina a personalidade.

Um homem desempregado, sem trabalho e sem dinheiro, perde o respeito de si mesmo, da mulher e dos filhos.

Meu maior valor é a família, origem de tudo. Emprego a gente troca, família não.

É na vida familiar que a gente aprende a ser responsável.

Casamento é bom: satisfaz a mulher, equilibra o homem e deixa os filhos preparados para a vida.

Os entrevistados orbitam em torno de valores clássicos das classes médias urbanas, ocidentais, pós amadurecimento do capitalismo industrial: trabalho como estratégia digna de garantia da sobrevivência, trabalho e renda própria como ferramentas indispensáveis à autonomia, sucesso no trabalho em decorrência de esforço pessoal, de competência e de estudo continuado. A tradição cultural cristã do trabalho como forma de ascese a uma vida sem pecado e a tradição

cearense-sertaneja de honra do homem pelo trabalho árduo são reforçados e reformulados pela lógica de inserção no trabalho, além de oferecerem sabor local, idiosincrasia cultural, aos valores associados ao período histórico do trabalho.

4. A empresa na família e a família na empresa

Será que estes trabalhadores são capazes de perceber as inter-determinações e interseções entre família e trabalho? Poderão identificar as relações, vinculações e transferências, os deslocamentos de sentido e de adaptações psicofísicas, que possam existir entre família e trabalho?

Ao falar sobre família ou sobre trabalho, espontaneamente, os entrevistados formulam visões:

Vida normal é viver sem atritos na família, manter a casa no melhor padrão possível de conforto e não misturar os problemas de casa com os de trabalho.

Minha família e os amigos que tenho no trabalho são tudo para mim. Uma vez minha mulher embarcou comigo e quando me dei conta daquela união, daquela cerveja tomada na hora do jantar, na plataforma, com a mulher e meus amigos, eu quase chorei. Ah, se fosse possível acontecer aquilo toda semana.

Por conta da natureza de meu trabalho, o meu filho, hoje com oito anos, está muito mais próximo de minha mulher do que de mim.

Tanto eu como ele ficamos sentidos pelo tempo que passo totalmente fora de casa.

Sinto muito não poder acompanhar o desenvolvimento de meu filho. Eu quero ficar junto de minha mulher e de meu filho, mas por causa do regime de embarque eu não posso. Então o relacionamento fica uma coisa aos saltos, com lacunas.

O tópico discursivo-chave é descontinuidade, sobretudo devida à natureza singular deste trabalho, feito de jornadas de sete dias, gerando dificuldades impossíveis de serem superadas. A visão idílica do companheirismo com esposa e colegas de trabalho, regada a cerveja, numa noite da plataforma, aponta agudamente para a excepcionalidade e para a impossibilidade.

De qualquer modo o tema é rico demais, estratégico demais, para que a análise possa deter-se apenas no que emergiu espontaneamente. O entrevistador estimula respostas mais objetivas, destacando o tema diretamente: “sua vida familiar interfere no seu trabalho?” e “seu trabalho interfere em sua vida familiar?”. As perguntas dirigidas aos trabalhadores com família própria, excluindo o que permanece solteiro, resultam no seguinte conjunto de considerações.

Apenas três, dos 19, afirmam não reconhecer qualquer interferência mútua entre trabalho e família:

Acho que, para amadurecer, tenho que guardar tudo dentro de mim. Então consigo ser estante nada do trabalho levo para casa, nada da casa levo para o trabalho.

Não acho que meu trabalho interfira na minha vida familiar e vice-versa. Minha mulher e as filhas já me conheceram neste trabalho.

No começo, sim, mas depois a gente acaba aprendendo a separar os problemas da casa dos do trabalho.

No primeiro caso fica evidente a pretensão intelectual de ser capaz de separar as dimensões do existir em comportamentos estanques e não fica possível distinguir o que é da ordem do fato do que é da ordem da racionalização. A ida ao inventário psicológico e ao exame mental aponta, respectivamente, um resultado problemático em depressão e um diagnóstico de transtorno de ansiedade, com dificuldade neurótica no campo da sexualidade e o esforço de passar imagem de supersocializado, bom moço, o oposto do pai. A racionalização torna-se hipótese mais plausível.

No segundo caso há uma opinião positiva, derivada da suspeita de adaptação da família ao seu regime de trabalho. A ida ao

inventário psicológico e ao exame mental aponta, respectivamente, um resultado problemático em hipochondria e um diagnóstico de transtorno de ansiedade, com vaidade narcísica e reconhecimento de imaturidade emocional. Pode estar havendo negação do problema e projeção da capacidade de tolerância para os outros.

No terceiro caso existe a certeza de um processo de adaptação e a crença de que as dificuldades são superáveis via aprendizado. A ida ao inventário psicológico e ao exame mental aponta, respectivamente, um resultado normal e um diagnóstico de personalidade introvertida, marcada por forte religiosidade. Há presunção de construção de equilíbrios e superações, articuladas.

Mas 16 entrevistados afirmam a existência de porosidade entre estas duas dimensões do existir: trabalho e família. Apenas um deles afirma a porosidade, sem discriminar diferenciais, explicar ou justificar.

É impossível separar trabalho de casa. Um influencia o outro.

Então 15 (75%) petroleiros de produção, independente de faixa etária, nível de escolaridade, função no trabalho, turno ou sobreaviso, estado de satisfação conjugal, resultado do inventário psicológico e diagnóstico dinâmico do exame mental, afirmam a porosidade trabalho/família e discriminam diferenciais, explicam e justificam, demonstrando grande capacidade de entender o próprio cotidiano e de identificar relações. A diversidade das formulações permite classificação em quatro categorias básicas:

1. Constata-se a interinfluência e o que pode reduzir as consequências negativas (confiança na esposa, boa comunicação, direito de desembarcar em certas circunstâncias, rituais de relaxamento segundo as crenças):

O tempo embarcado é de total ausência da casa, o tempo em casa é de total ausência do trabalho, nos dois casos acontece descontinuidade. Mas confio na capacidade de iniciativa de minha esposa e, em caso de algo mais sério, sei que posso pedir para desembarcar. Confiança na esposa e boa comunicação telefônica ajudam a resolver os problemas.

Todo trabalho interfere na vida privada e o nosso mais ainda. Um colega trouxe uma caixa de areia para ele ficar pisando e assim reduzir o stress de viver num lugar todo de ferro. Os problemas de casa a gente não esquece, mas a ansiedade diminuiu quando a comunicação por telefone substituiu a por rádio amador.

2. Constata-se a interinfluência e o que pode aumentar as consequências negativas (a própria lógica radical do regime de embarque, insegurança em relação à esposa, queda do poder de compra do salário, período de endividamento, boa comunicação):

Não existe trabalho que não interfira na vida familiar e vice-versa, mas o nosso interfere mais, por causa deste tudo-nada, sete dias só com a família, sete dias só com o trabalho. Ligo todo dia para casa e quando minha mulher não está eu fico com muita raiva.

Ninguém consegue separar casa de trabalho e vice-versa, porém o que mais perturba é dificuldade financeira e dívida.

Antigamente era possível separar trabalho e casa. Eu não era casado e as comunicações eram difíceis. Quando chegava num ou noutra lugar é que ficava sabendo dos acontecimentos. Hoje tem telefone e sempre há alguma cobrança por parte da mulher. Já perguntei se ela quer embarcar no meu lugar prá cuidar do gerador.

3. Constata-se a interinfluência e o predomínio da família sobre o trabalho (as questões emocionais, ligadas à vida familiar, são mais poderosas que as do trabalho):

Meu trabalho não interfere na minha vida familiar, mas minha vida familiar interfere no trabalho, pois as vezes discuto em casa e os problemas me seguem até a plataforma. Fico ansioso e fumo mais. Quanto aos problemas da plataforma... basta entrar no ônibus de volta para casa que eu esqueço tudo

4. Constata-se a interinfluência e o predomínio do trabalho sobre a família (os elementos do trabalho, como o ritmo pesado que desgasta saúde e a natureza do regime de embarque, que interfere na vinculação com os filhos, com a vida sexual e com a possibilidade de continuar estudando):

É claro que o trabalho interfere na vida familiar, pela descontinuidade da vida e pela preocupação. Eu telefono todo dia pra minha casa. A vida familiar não chega a interferir no trabalho.

Só quando há briga, coisa que a gente pode resolver por telefone. No trabalho embarcado o problema é grande, pois a gente perde a continuidade da educação dos filhos e passa a viver deprimido. Mas não levo problema de casa para o trabalho.

O trabalho interfere na vida familiar pois a convivência de casal fica alterada, até sexualmente. Vem desejo... e a gente está embarcado. A gente desembarca.... A mulher pode estar menstruada ou um dois gripar, adoecer, sei lá.

Família é um lado, trabalho é outro. Os dois me completam e um não deve interferir no outro. Mas em dia muito pesado, bate uma dor de cabeça e a gente chega em casa moído, sem vontade pra nada. Mas é mais fácil deixar os problemas de casa em casa.

Meu trabalho é em lugar quente e isto piora a herpes, que atrapalha minha vida sexual, que atrapalha meu sono. Tem também o problema do salário que ficou curto para dar conta de duas pensões.

Sempre existe alguma interferência, pois o regime de embarque impede programar estudo e vida familiar. O trabalho embarcado para a família. Muda a rotina familiar e é preciso montar uma logística de atenção para a família.

O trabalho interfere na vida familiar? Sim, a esposa não tolera quando embarco. A vida familiar interfere no trabalho? Não, de jeito nenhum.

Consigo deixar a casa em casa quando vou para o trabalho, porém não consigo mais deixar o trabalho no trabalho. A vida está confusa.

É paradoxal o efeito da melhora da comunicação entre plataforma e residência, ao mesmo tempo entendido como fator de redução das tensões, pois permite a satisfação afetiva de uma forma de contato e a consulta para decisões, mas também entendido como incrementador das tensões, pelas fantasias de monitoramento e controle, pela preocupação com a notícia desagradável em situação de impotência para resolvê-la.

Um trabalhador, aquele que aparece ao inventário psicológico como multi-problemático, exibindo a síndrome hipocondria/depressão/histeria, e que, ao exame mental, apresenta-se com *facies* depressiva, respiração ofegante, evidenciando esforço de autocontrole, foi o único que, após entrevista de duas horas de duração, pediu para ouvir a fita inteira e, só então, deu o seu *ok* e formulou a seguinte consideração paradigmática:

Evito levar problemas do trabalho pra casa e da casa pro trabalho, mas nem sempre é possível. No meio da noite, em casa, por causa de alguma insônia, vem à cabeça problemas do trabalho. No trabalho, em algum momento de ociosidade, vem à cabeça problemas da casa, sobretudo os de dinheiro. Só é possível separar o mundo da casa do mundo do trabalho quando tudo vai maravilhosamente bem nos dois.

Cabe destacar a consciência de que ser do sexo masculino, numa cultura masculina, ainda sob égide pelo menos simbólica do patriarcalismo, facilita deixar a casa em casa, mas nenhum treinamento ou ritual defensivo os habilita a deixar o trabalho no trabalho.

CAPÍTULO 5

A TRAMA DOS RELACIONAMENTOS SOCIAIS E A QUESTÃO DA SEXUALIDADE

A partir da família, que filtra a condição material, o cuidado e o olhar do mundo sobre a criança e o adolescente, o sujeito se lança no mundo, enviesado pelo trabalho, pela renda, pelo nível de escolaridade e pelo prestígio dos pais e do parentesco. Se antes a experiência direta de sociabilidade acontecia na família, agora a família desloca-se, descentra-se, mantém sua primitiva carga de metabolismos afetivos, e deixa o sujeito entrar em contato direto com o que ela antes filtrava: escola, trabalho, rede de relações por escolha e possibilidades de exposição, sexualidade e reprodução das redes.

Socialização e sociabilidade são temas da Psicologia Social e da Sociologia, que usam tais conceitos para designar fenômenos estruturais da vida humana, sem eles não sendo possível entender produção e difusão de noções, conceitos, categorias, representações, ideologias, comportamentos, atitudes e compartilhamento das visões de mundo. O Marxismo, ao constituir a expressão “ser social” (Marx, 1993; Codo, Sampaio & Hitomi, 1993), estabelece uma categoria explicativa para os conjuntos diferentes de probabilidades, genéticas, econômicas, culturais e psicossociais, que uma criança atualiza ao nascer, por emergir em certa família, etnia, classe social, país e período histórico. O nível de análise da sexualidade consti-

tui-se objeto da Sexologia e fundamenta grandes teorias, como a Psicanálise (Freud, 1977, Reis, 1987): as negações, deslocamentos, introjeções e projeções de conteúdos sexuais formariam a matriz básica da experiência psicológica.

Pretende-se estabelecer o peso do trabalho na gênese das percepções, opiniões e representações dos petroleiros de plataforma entrevistados, e para que seja estabelecido o quanto das experiências de relacionamento social e sexualidade repercutem nas percepções, opiniões e representações que estes sujeitos formulam sobre trabalho. Que impactos diferentes a sexualidade pode ter na constituição das visões de mundo, se tiver ocorrido depois da chegada ao trabalho e do desenvolvimento do papel de trabalhador?

1. As marcas do isolamento e da conciliação

Os apelidos explicitam os tipos dominantes no repertório de uma sociedade ou grupo social, marcando, de modo irônico, condescendente ou agressivo, valores e contra-valores, ideais e contra-ideais. Dos 20 entrevistados, quatro fazem referência a apelidos, dos quais os primeiros três – O Senhor Explosão, o Burro Leso e o Homem das Cavernas – parecem paradigmáticos de grandes situações vividas na condição de embarcado em plataforma petrolífera:

Aproveito o futebol prá jogar tudo prá fora, eu grito, dou canelada, xingo. Por isso ganhei o apelido de Senhor Explosão. Depois relaxo, fico manso, peço desculpas.

Um colega ficou sendo chamado, logo no primeiro embarque, de Burro Leso. Ele tinha medo de cair, ficava tonto, escorregava nas escadas, andava bem lento, com as pernas abertas e segurando corrimão.

Depois que comecei a trabalhar embarcado eu fiquei mais trancado, mais isolado, o pessoal até me chama de Homem das Cavernas.

A impulsividade de um, circunscrita ao ritual do jogo de futebol, como lugar socialmente autorizado para catarse, atrai para si, como nome, o principal inimigo da segurança em plataforma petrolífera, a possibilidade permanente de explosões, com risco de vidas e patrimônio, mas também dominantemente domada. A insegurança de outro, calouro lembrando aos experientes como já foram inexperientes, inadaptado lembrando aos adaptados como pareceram ridículos, atrai para si, como nome, o duplo estigma da burrice e da lerdice. O isolamento de um terceiro, seu fechamento interior, sua difícil sociabilidade, prognóstica o destino de quem desenvolve uma espécie de vida dupla, semana presente, semana ausente, escotomas existenciais, regredido à brutalidade recôndita e ancestral da caverna, pré-civilizado.

E este vulcão inativo, prestes à explosão; este ser que, arduamente, supera a burrice lerda e se adapta; para logo em seguida regredir da civilidade; sobretudo descreve a si mesmo, em discurso espontâneo sobre as relações sociais, como um insociável por definição, um sociável com fortes restrições ou em decorrência de grande esforço:

a) Insociável por definição:

Sou tímido, trancado, tido como chato, não me abro para qualquer um.

Sou caseiro, saio pouco e mantenho fidelidade aos amigos do tempo de escola.

Não faço amizade facilmente, mas procuro manter as que faço.

Na verdade, sou um cara tímido e seleciono as amizades. Procuro conciliar, não entrar em atrito.

Fora meus filhos, não tenho nenhum outro interesse atualmente.

É difícil começar amizades, sempre espero a iniciativa da outra pessoa, pra não passar vexame.

Defino-me bem nas amizades, mas, no círculo social fora do trabalho e do futebol, eu não me entroso.

Sou tímido, de poucos amigos e amizade difícil. Costumo dizer que tenho colegas, pois amigo é palavra muito forte.

A maioria dos meus relacionamentos é papo vai, papo vem, sem muito contato.

Não sou fácil de fazer amizades, mas não me acho trancado.

Cultivo colegas como passe-livre para o futuro na empresa. Mas lá fora a coisa é diferente, é identificação e brincadeira.

Na empresa talvez tenha três amigos. Fora, talvez um só. Estou abaixo do mínimo: dizem que quem tem menos de cinco amigos deve procurar analista.

São 11 (55%) os que compartilham o retraimento, a timidez, a seletividade rigorosa. De modo mais ou menos explícito, descritivo (sou, não sou, tenho, não tenho, faço, não faço) ou explicativo (timidez, fidelidade, plano profissional, idealização do ser amigo), todos concordam com a insociabilidade.

Convém destacar os dois últimos depoimentos. No primeiro caso, a despeito da dificuldade de fazer amizade, há um esforço por cálculo – este que é meu colega pode ser meu superior no futuro, este a quem nada devo pode ser útil a mim no futuro -, sendo o ambiente da empresa em tudo diferente do mundo lá fora, concebido como lugar da espontaneidade, da escolha livre, do prazer. No segundo caso, a despeito da autoconsciência irônica, enumera três amigos no trabalho e um lá fora, realiza o esclarecimento conceitual entre colega e amigo, e demonstra o estreito círculo afetivo no qual se move, tão estreito que julga escapar da normalidade e entrar no campo do distúrbio.

b) Sociável sob condições ou às custas de grande esforço.

São sete (35%) os que identificam o retraimento, a timidez, a seletividade rigorosa, mas destacam o esforço de ajustamento social, para defenderem-se, na perspectiva do conformismo. O primeiro destes depoimentos é paradigmático de uma tendência, inclusive por traçar uma hierarquia de procedimentos – franqueza, retirada >

aliança tática. O quarto depoimento é paradigmático de outra tendência, a do espelhamento narcísico, pois o sujeito deixa claro que só faz amizade se o outro for igual a ele.

c) Os sociáveis.

Sou do tipo que chega num canto e arruma conversa rápido. Perguntam até se sou político.

Não tenho grupo vasto de amizade, mas é de bom tamanho e, com os amigos que tenho, a relação é forte e a simpatia é recíproca.

Entre 20, apenas dois (10%) afirmam-se como desinibidos para fazer e manter amizades, sem idealizações e pré-exigências rígidas. Um deles apresenta inventário psicológico problemático e o outro normal. Um deles apresenta exame mental compatível com sofrimento psíquico e o outro não. Um deles vem de família estruturada e o outro não. Um deles é operador e o outro da manutenção. Os insociáveis ou sociáveis com restrição e esforço também se distribuem por todos os indicadores, sem concentrações significativas.

A magnitude e a distribuição quanto às associações lógicas com indicadores de personalidade, de origem social e de trabalho, parecem indicar que as dificuldades de sociabilidade marcam o grupo, enquanto grupo, pelo que têm em comum. Não se sustenta, logicamente, imaginar que insociáveis “preferem” o trabalho em produção petrolífera ou que a Petrobrás “selecionou” insociáveis.

2. A fofoca

É necessário retomar o tema dos apelidos, estes tipos do repertório de uma sociedade ou grupo social, para entendermos o que se passa na comunicação dos trabalhadores embarcados, longe de casa e dos centros de decisão da empresa (Fortaleza, Natal, Rio de Janeiro, Brasília), obrigados a convivência em módulos de sete dias, em agregado de convívio masculino estrito como quartel, presídio, seminário e colégio interno. Um designativo individual, um quarto dos identifica-

dos, é Língua de Cobra. Além dos individuais, surgiu um designativo coletivo, direcionado à rede espontânea de comunicação, à trama de suspeitas, informações impressionistas e de fofocas, que é Rádio Peão.

Dizem que eu falo muito, de todo mundo, e já me deram até o apelido de Língua de Cobra.

As piadas e os boatos circulam rapidíssimo. Antes que algum documento, da empresa ou do sindicato chegue na plataforma, a Rádio Peão já noticiou tudo, e sempre acrescentando mais de um ponto.

Como as cobras não falam, os sujeitos devem estar tomando a peçonha, o veneno, uma arma de muitas espécies de cobras, para denominar estilo – sem subterfúgios, positivo, direto – e conteúdo da fala – irônico, humilhante, debochado, corrosivo. O segundo depoimento é explicativo e circunstanciado, demonstra a rapidez, os assuntos, a criatividade infinita dos acréscimos; demonstra também como rádio ainda é o veículo mais portátil, barato e popular de *mass media*; por fim, destaca um termo usado para designar, pejorativamente, operários e trabalhadores de construção civil, reveste-o de nova roupagem, valorizada, e o aplica ambigualmente, como substantivo ou como adjetivo qualificativo, demonstrando a imensa capacidade humana de inventar e reciclar signos e significados.

Mas, que mensagens são formuladas pelos Línguas de Cobra e transmitidas velozmente pela Rádio Peão? Dos 20, 12 (60%) oferecem pistas que qualificam as mensagens. Vejamos através dos depoimentos:

d) Descritivos

Surge muita fofoca: sobre chifre, chefe, quem vai ser transferido, quem pode entrar em demissão voluntária, quem é viado.

Surge muita fofoca e muita piada de português, de viado, de negro, de corno, de português, de preto.

É tanta história: quem trai quem com quem, o cara de um satélite que foi encontrado agarrado com outro cara, quem se vendeu prá empresa na última greve.

O que a gente conversa ultimamente? Sobre traição, viadagem, dificuldade de grana, as modas de reengenharia e qualidade total, o que aconteceu na folga de cada um, a falta de perspectiva do Estado brasileiro e a privatização da empresa.

Destes quatro (20%) depoimentos é possível extrair os temas da comunicação informal. Alguns de conteúdo político, porém ligados às lutas de valorização do trabalho e de sobrevivência da empresa: comportamento nas greves (a empresa tomada como inimiga) e a perspectiva de privatização de estatais (a empresa como objeto a ser defendido). Outros de conteúdo diretamente operacional ou cotidiano: salários congelados e perda do poder aquisitivo, programas de redução de pessoal por transferência ou demissão, as modas organizacionais (reengenharia e qualidade total, aplicadas para o aprimoramento de produtos e processos, mas sempre resultando em redução de pessoal) e os acontecimentos dos períodos de desembarque. Por fim, os de conteúdo moral: infidelidade conjugal, homossexualismo, vingança cultural contra o antigo colonizador e racismo antinegro.

A cada depoimento o tema das preocupações, chistes, piadas e blagues aprimora-se politicamente, porém o mais recorrente, o *leit motif*, é infidelidade e homossexualismo, “corno” e “viado”. O que um bando de homens, nordestinos, cearenses, de origem rural-patriarcal, de cultura machista, confinados em alto mar, poderia mesmo falar a não ser na sobrevivência de si mesmos como trabalhadores, como provedores do lar e como machos? O relativo alto nível de escolaridade, comparando com os dados da cidade de Fortaleza e do Estado do Ceará, a densa história de militância sindical e a simpatia por partidos políticos de esquerda, não parecem influenciar a natureza dos temas da comunicação informal. Mas o que se identifica não é a ocorrência real de infidelidades ou práticas homossexuais, e sim a preocupação difusa, os temores supervalorizados, condensados e projetados nestes temas, como fantasmas.

e) Explicativos

O pessoal da operação se sentia dono da plataforma. Trancavam os telefones e os armários de comida pra gente ter de pedir a eles. Hoje a relação é menos competitiva e podemos conversar, brincar e falar sem medo das coisas do trabalho.

As fofocas são cordiais, mas dentro de cada grupo: operadores, mecânicos, contratados. A especialização, a redução de pessoal e a sobrecarga de trabalho estão reduzindo a camaradagem e aumentando os grupinhos.

Existe um espaço para fofocas e piadas, o que até é necessário por causa do confinamento.

Depois do fracasso das últimas greves, a grande fofoca é sobre quem furou a greve e se aliou aos engenheiros.

Conversamos sobre coisas do emprego, da política, do futebol, dos noticiários. E todos são civilizados, exceto os mecânicos. A gente precisa polir os mecânicos.

As piadas são sempre sobre chefe, sobre chifre e sobre as burradas dos contratados, pessoal sem a boa qualificação e a boa origem da gente, pois são recrutados nas faixas bem baixas da sociedade.

Estes seis (30%) depoimentos arrolam alguns temas, mas, afirmando a existência universal da fofoca, essencialmente buscam descrevê-las: necessidade interna de defesa dos grupos subordinados contra os subordinadores (manutenção versus operação, técnicos versus engenheiros), a cordialidade do tom em relação diretamente proporcional à homogeneidade e solidariedade do grupo (tamanho e competitividade menores), a natureza do regime de embarque (o confinamento aumenta a distância das fontes de informação, produz intimidade compulsória e reduz alternativas), o desmantelamento da capacidade de organização da categoria (as derrotas, perdas e fracassos aumentam a comunicação informal e indicam mudança de tema dominante) e a desqualificação social de certos subgrupos (mecânicos, contratados).

Tais trabalhadores intentam dizer que a situação política da empresa, sua estrutura organizacional marcadamente taylorista, sobretudo na manutenção, a especificidade do regime de embarque e a formação social de certos subgrupos explicam o incremento da comunicação espontânea e justificam a mudança de toma dominante, dos genéricos da cultura patriarcal-machista, ressignificados pela experiência de grupo de homens confinados, para os específicos da condição de trabalhadores de uma empresa estatal estratégica em crise de produtividade, natureza, identidade e missão, que está terceirizando sem controle de qualidade. Quando há medo de talar das coisas do trabalho, a necessidade da fofoca assume a forma dos padrões gerais da cultura, isto é, temas mais primitivos, antropológica e psicologicamente

Tais trabalhadores intentam dizer que a situação política da empresa, sua estrutura organizacional marcadamente taylorista, sobretudo na manutenção, a especificidade do regime de embarque e a formação social de certos subgrupos explicam o incremento da comunicação espontânea e justificam a mudança de tema dominante, dos genéricos da cultura patriarcal-machista, ressignificados pela experiência de grupo de homens confinados, para os específicos da condição de trabalhadores de uma empresa estatal estratégica em crise de produtividade, natureza, identidade e missão, que está terceirizando sem controle de qualidade. Quando há medo de falar das coisas do trabalho, a necessidade da fofoca assume a forma dos padrões gerais da cultura, isto é, temas mais primitivos, antropológica e psicologicamente.

O preconceito contra operadores e engenheiros traduz contradições políticas, luta interna por hegemonia do poder. O preconceito contra mecânicos adiciona, à contradição anterior, a questão do menor nível de escolaridade e da maior especificidade de conhecimento, pois fora do manual da especialidade não saberiam nada, daí a necessidade de serem “polidos”. O preconceito contra contratados adiciona, às contradições anteriores, em complexo sinergismo, a denúncia da terceirização, a rejeição dos estranhos, o primitivo divórcio político-social entre inseridos e não inseridos. As categorias marxistas de “Proletário” e “Lumpen-proletário” (Bottomore, 1988) adquirem

vida: os petroleiros de produção ascenderam social e economicamente em relação a seus pais, recusam o patrimônio cultural rural deles, mas os localizam no mapa das classes produtivas, enquanto os contratados, lotados nas funções mais desqualificadas, ganhando salários muito menores, realizando regime de embarque mais exigentes (15 dias por 15 dias), são extraídos das faixas inferiores da sociedade. Os mecânicos parecem ser o lumpem dos efetivos e os contratados o lumpem de todos.

f) Defensivos

Nada me impede de conversar, contar piada, fofocar, mesmo no meio do trabalho, se isso não distrair a atenção e não prejudicar a segurança

A empresa não tem regra pra controlar conversa, colocar esparadrapo na boca de ninguém, mas o papo só deveria ser livre fora do expediente, não se deve usar a jornada de trabalho pra fofoca.

Na plataforma tem muita fofoca: quem está passando chifre em quem; homem que sai com homem; competição de masturbação no banheiro. Mas isso é coisa de menino besta ou gente sem formação moral.

Destes três (15%) depoimentos, o primeiro deixa implícito que acontecem conversas, piadas, fofocas; que tais comportamentos são naturais e inevitáveis; e devem ser permitidos, contanto que não prejudiquem a segurança. O segundo declara, de modo agressivo, não estar cometendo nenhuma ilegalidade, provavelmente são os “outros” que praticam a comunicação informal e ele, pessoalmente, não concorda e até propõe uma higiene da jornada de trabalho. O terceiro afirma, descreve e, negando indiretamente sua própria participação, condena como prática de menino besta e gente sem formação moral.

O inventário psicológico dos três aponta comprometimento, em risco ou problemático, da escala paranoia, o que permite compreender a prontidão defensiva, antes mesmo de descrever, explicar ou justificar. Fica bastante claro o grito: não estou fazendo nada de errado, e quer saber mais, sou contra. Mas tal defensividade não mar-

ca, não caracteriza predominantemente o grupo. Se 35% omitem-se e silenciam e 15% defendem-se e condenam, restam 50% que afirmam, descrevem, explicam e justificam.

3. Vida social e trabalho: a fonte e o espaço da construção das amizades

Em quais espaços sociais os amigos são recrutados? Qual instituição de mediação entre o indivíduo e a sociedade está mais atuante no fornecimento de pares afetivos para a conversa espontânea, o aconselhamento sem peso de autoridade, a identificação de gostos, os rituais de relaxamento, a crítica que não fira? Dos 20 entrevistados, 15 (75%) ofereceram trabalho, família e vizinhança, nesta ordem: 11 associam dois a dois (trabalho/família ou família/trabalho); dois associam os três; e dois indicam família como única e exclusiva fonte de companheirismo e amizade.

Os outros cinco (25%) apresentaram, cada qual, uma associação especial capaz de agregar igreja, futebol, escola e grupo informal à trindade trabalho/família/vizinhança.

Dos sete que indicaram trabalho e família, em primeiro e segundo lugares, respectivamente, a seguinte opinião é paradigmática:

Meus amigos estão no trabalho, de relacionamentos que foram sendo construídos nos muitos anos de embarcado. A família é importante, porém não é mais de onde surgem os amigos, principalmente num trabalho como o nosso, que deixa a gente isolado.

Dos quatro que indicaram família e trabalho, em primeiro e segundo lugares, respectivamente, a seguinte opinião é paradigmática:

Quem tem família e casa própria tem quase tudo na vida. Fora disso é o trabalho, mas é um jeito quando a empresa vai bem, outro jeito quando vai mal, a família é que equilibra.

Dos dois que associam família/trabalho/vizinhança, nesta ordem, o seguinte depoimento resume a lógica:

Acho que faço amigos na família, no trabalho e entre os vizinhos. Eu moro perto de vários colegas de trabalho e nos encontrávamos, vez por outra, na casa de um deles, para bater papo e depois sair para tomar cerveja ou jogar futebol. Só houve problema quando disseram que eu estava paquerando a mulher de um cara, então esfriei, mas isso vai ser superado.

Os dois que elegem a família como fonte exclusiva dos relacionamentos devem, ambos, ser ouvidos, pois um faz o arco de duas famílias bem constituídas, amplas, acolhedoras, e o outro constituiu família que permanece agregada, satisfatória, compensação às tragédias da família de origem:

Amigo mesmo é só pai, irmãos, esposa, filhos. No fundo, amigo de verdade é só a mãe. Quando solteiro, as amizades eram os colegas da Escola Técnica.

Depois que casei, isolei-me com minha mulher e meus filhos, pois cada um deve tomar seu caminho.

Por fim, cinco (25%) referem configurações singulares e gradativamente mais extensas:

Tenho um pequeno círculo de amizade, quase tudo gente do mesmo signo astrológico, que compartilha, sobretudo, fidelidade. (Grupo informal)

Tenho um grupo fixo de amigos há mais de 10 anos, gente de um grupo de jovens da Igreja onde conheci minha esposa. A Igreja e a família são tudo pra mim. (Igreja e família)

O bom do futebol são os comentários: quem fez gol, como foram os gols, quem está mais velho, quem está mais barrigudo. E o futebol pode juntar gente da família e do trabalho. (Futebol, família e trabalho)

O tempo que passo em casa faz com que eu conheça mais o pessoal do bairro, mas tenho amigos do trabalho, da faculdade, da minha antiga turma da Escola Técnica e da família. Tenho parentes e colegas de faculdade que também trabalham na Petrobrás, são colegas de trabalho. (Vizinhança, trabalho, escola e família)

Busco amizade e penso que posso, encontrá-la em qualquer lugar – família, igreja, estudo, vizinhança e trabalho – mas tenho uma dificuldade, um preconceito, com relação ao trabalho: aqui não somos colegas, somos adversários, concorrentes. Gosto de gente atenciosa, verdadeira, e isso não encontrei na Petrobrás. (Família, Igreja, escola, vizinhança e trabalho)

Família, em qualquer ordem, aparece com 19 (95%) referências, sete (35%) vezes em primeiro lugar, duas (10%) vezes sozinha. Trabalho, em qualquer ordem, aparece com 16 (80%) referências, sete (35%) vezes em primeiro lugar, nunca sozinho. Família e trabalho, os dois juntos ou acrescentados de outras instituições, independentemente da ordem, aparecem com 16 (80%) referências. A família de origem é compulsória; a família constituída é compulsória, exceto a esposa, escolhida em tramas de paixão, mas também de necessidades; os colegas de trabalho são compulsórios: são nestes lugares compulsórios, com repertório restrito de outros sujeitos, sob relógios dissincrônicos, que o sujeito exercita seus poderes de escolha.

Parece haver um esforço muito grande, uma disposição psicológica carregada de muita energia, para que o dueto sete dias no trabalho e sete dias na família não rompa a integridade subjetiva. Apenas um único sujeito, inventário psicológico e exame mental normal, formação superior completa, casamento e vida sexual satisfatórios, trabalhador da operação, registra um campo diversificado de fontes de relacionamento, associando seis das sete instituições citadas

4. Relações sociais e formas de organização do trabalho

Se a tecnologia envolvida e os objetivos definem a organização do trabalho, se esta organização funciona como poder estruturante, e se tal estruturação define o modo como os trabalhadores se relacionarão uns com os outros e tirarão metáforas para a compreensão do mundo, então impõe-se rastrear a compreensão que estes trabalhadores, exercendo suas funções há pelo menos dez anos, convivendo com os mesmos colegas, estáveis na empresa e na função, desenvolvem sobre relações sociais no trabalho.

Codo, Sampaio & Hitomi (1993) teorizam sobre as marcas do trabalho na linguagem, no comportamento e nas características psicológicas. Sampaio, Borsoi & Ruiz (1998) identificam as marcas concretas do trabalho na linguagem dos petroleiros de produção, o discurso intertravado e lógico, como o processo de produção, e as gírias, oriundas do nome dos equipamentos, dos manuais de operação e das normas da empresa. O sujeito se transforma no que trabalha e isso pode ser observado tanto a partir das teorias que o pesquisador porte como a partir da experiência empírica, do vivido saturado de senso comum, que os próprios trabalhadores portam.

Analisemos de modo mais discriminativo alguns depoimentos

Com o pessoal do mar, mais politicamente radicais, o relacionamento é estremecido, mas com o pessoal de terra é satisfatório. O pessoal da manutenção tem visão de curto prazo, de intervir para solucionar problema, enquanto na inspeção precisamos de uma visão preventiva de médio e longo prazo, para evitar que os problemas apareçam.

O pessoal do mar é politicamente mais radical. O que opera para configurar esta opinião e este fato? Serem mais jovens, mais escolarizados, detentores do prestígio de trabalhadores em setor mais moderno, de ponta, ou a consciência de controlarem setores vitais da empresa, o que lhes possibilita maior poder político de barganha, maior poder contratual? O depoente informa e não oferece pistas explicativas. Ele o faz ao distinguir pessoal da manutenção *versus*

pessoal da inspeção: os primeiros são acionados pelos acontecimentos, assistencialmente, e os segundos são obrigados ao planejamento preventivo. Há, no limite, uma contradição insanável: se a prevenção fosse perfeita a manutenção tornar-se-ia desnecessária. Uma função estimula tirocínio e comportamento tático, pontual, emergentista; outra estimula tirocínio e comportamento estratégico, antecipatório, de cenários. Diariamente chamados a agir assim e precisando destas habilidades para sobreviverem enquanto trabalhadores, as características se fixam e geram uma identidade, um modo estável de expressão do psiquismo.

As relações sociais no trabalho mudam de acordo com o setor. Na operação há organização mais coletiva e as pessoas apresentam mais solidariedade grupal; na manutenção há organização mais individualista e as pessoas apresentam um comportamento mais egoísta.

Novamente aparece uma descrição de diferenças organizacionais associadas a características psicossociais desenvolvidas pelo grupo, e, mais uma vez, a manutenção surge como um dos polos da diferença: a operação que tem equipes que se revezam nos turnos e faz os trabalhadores passarem por um rodízio de funções, tornando-os polivalentes, concentraria pessoas mais solidárias; a manutenção, que tem uma equipes que permanecem de sobreaviso fora de seus turnos e fixa subgrupos de trabalhadores em disciplinas especializadas, concentraria pessoas mais egoístas. O desdobramento é lógico, embora não revele o sentido da determinação. Por exemplo: egoístas “prefeririam” a manutenção ou a experiência dos processos e lógicas da manutenção os “tornariam” egoístas?

Entre pessoal de nível médio e superior a diferença é que os últimos têm salário maior e acesso fácil a cargos de importância. Entre pessoal da manutenção e da operação, os últimos revezam turma de plantão, não precisam ficar de sobreaviso e têm mais adicionais. Houve uma época em que se dizia que os operadores é que administravam as plataformas, então eles ficavam cheios de si e nos achavam meros assessores.

O tema das diferenças continua chamando a atenção. Primeiramente os trabalhadores são distinguidos segundo nível de escolaridade, tomando o curso superior como corte: técnicos médios e técnicos universitários têm salários diferentes e diferentes acessos a cargos. Mas daí não são deduzidas diferenças psicológico/comportamentais. Entre os técnicos médios reaparece a cisão operação/manutenção: revezamento de turno/sobreaviso, rodízio de funções/disciplinas especializadas, mais/menos adicionais, leva a mais/menos poder e uma guerra civil cotidiana, em surdina, caracterizada por diferenciais de arrogância: quem manda em quem.

O relacionamento com os colegas é muito bom e ultrapassa a empresa. Eu, um chefe e dois subordinados, que éramos amigos antes, vivemos o medo da situação de chefia estender-se à vida comum, e ficamos tensos, vigiando uns aos outros. Discutimos o assunto, decidimos nos avaliar em grupo e isso está sendo muito bom. Em outros setores a situação é difícil, com falta do sentido humano do trabalho, com controle de tudo, com fiscalização autoritária e burocrática.

O depoimento destaca o drama de amigos que, na malha hierárquica, tornam-se chefes e chefiados. Se assumirem os papéis, a amizade finda. Se não assumirem, salva-se a amizade, mas os objetivos da organização podem não ser atingidos e a carreira profissional estagnar. Temos o testemunho de uma saída crítica, a de incorporar à gerência um estilo democrático que permita realizar carreira, atender aos objetivos organizacionais e salvar a amizade, a partir de um planejamento estratégico coletivo. O que é concebido como “humanizador” é a perspectiva da criatividade, da decisão coletiva e da democracia. A empresa torna-se campo de uma experiência micropolítica bem-sucedida.

As confraternizações anuais cresceram de algo íntimo para uma coisa complexa, cheia de conflitos e de gente que não faz nada e quer serviço de luxo. Essa coisa mais rude acontece entre os mecânicos, pois eles furam apoio e perturbam, ao contrário do pessoal da elétrica que fica firme. Os mecânicos dizem que os equipamentos da elétrica são finos. Mas todos têm a mesma formação

básica e que história é essa de equipamento modificar comportamento? Os mecânicos acham ter mais chances de encontrar emprego fora da Petrobrás, essa é a questão.

O que se consolida na cultura dos trabalhadores da empresa não tem, infelizmente, natureza democrática. Para que não se experimentem mutuamente, em iniciativas comunitárias, é preciso que a iniciativa fique restrita, corporativa de campo de produção, local ou posto de serviço. O sócio, parceiro, comporta-se como usuário, consumidor, e quer ser servido. Operação *versus* manutenção reaparece como um corte claro, linha de contradições, desculpas, pretextos e projeções. Um novo olhar discriminativo encontra, dentro das disciplinas de manutenção, uma linha de ruptura entre mecânicos e eletricitas, os primeiros descompromissados e desleais, os segundos comprometidos e leais. O comportamento dos mecânicos é explicado por uma presunção de liberdade, pois deteriam maior empregabilidade fora da Petrobrás.

Pistas são oferecidas para a compreensão do que acontece na intimidade das tramas cotidianas, voluntaristas, espontâneas, obtidas por coerção ou cooptação, entre o que somos e onde trabalhamos, isto é, onde produzimos nossas condições de existência.

5. A sexualidade possível

Dos 20 entrevistados, cinco (25%) evitam falar da vida sexual, oferecendo respostas sucintas, do tipo “é tudo normal”, “sem problema”, “está tudo muito bem”. Os registros de diário de campo não indicam desconforto ou reações de vergonha, e sim convicção, decisão de falar apenas aquilo, sem detalhamento. Tal comportamento é aleatório quanto aos resultados do inventário psicológico, do exame mental, da faixa etária, da situação civil e da função.

Entre os 15 que aceitam discorrer sobre o tema, com algum riso nervoso, mas com evidente vontade de cooperação, três (15%) descrevem sua vida sexual como algo simples, comum, amortecido, rotineiro; quatro (20%) como algo perturbado pela timidez, pelo fim da

atração erótica, pelo regime de embarque, enfim, insatisfatório; e oito (40%) anunciam a satisfação de uma experiência biológica, sensorial e social das mais importantes. Estes mesmos 15 sujeitos aproveitam a oportunidade, espontaneamente, para falarem da masturbação, da aprendizagem sexual original e do consumo de vídeos pornográficos.

a) Rotina

Minha vida sexual tá mais prá lá do que para cá.

Meu relacionamento é normal. E sexo normal é dentro do casamento.

Em matéria de sexo já fui um galo de briga, mas, depois do casamento, as coisas amorteceem normalmente.

A descrição de algo não importante é feita com poucas palavras, mas, em sua concisão e clareza, indicam dois grandes preconceitos que circulam na cultura: a normalidade estabelecida a partir do rito burocrático-religioso do casamento e o fim da paixão pela monogamia e pela convivência continuada. Depreende-se que as personalidades, os níveis de renda ou de escolaridade e os trabalhos das pessoas não influem, pois a vida e o casamento são assim mesmos.

b) Insatisfação

A demora da minha vida sexual se deve à timidez, cheguei até a pensar que sexo não existia. O sexo ainda é perturbado: tenho dificuldade, pela timidez, e tenho necessidade, para poder dormir bem.

Sexo tem que se fazer com amor. Mas com minha mulher não existe mais ardor, a gente passa semanas sem fazer sexo. Eu a vejo nua e não sinto o desejo.

Minha esposa foi minha primeira mulher. Até o 1º filho nossa vida sexual foi boa e constante. A gravidez quebrou a constância e menino pequeno reduz a liberdade. Aí junta com o trabalho embarcado e tudo piora.

Minha vida sexual, com a esposa, é perturbada pelo regime de embarque: não é obrigatório fazer sexo na última noite da folga, mas há uma pressão. A véspera de embar-

que é cansativa, cheia de preocupação em pôr as coisas em ordem e calcular o que nos espera... não, realmente não é um bom momento para sexo.

Nos dois primeiros casos a insatisfação é atribuída à questões pessoais, conflitos da personalidade e fim do desejo. No terceiro caso, a sobrecarga de exigências familiares, devido ao nascimento de filho, sinergiza com o regime de embarque para perturbar algo que, de outro modo, poderia não estar perturbado. O último expõe com grande fidelidade uma contradição insanável o regime de embarque e o regime do desejo, o relógio da lógica produtiva com o relógio da relação homem/mulher, as exigências, necessidades e inspirações do homem do trabalho e da mulher do lar.

c) Satisfação

Minha vida sexual é boa. Eu tive bastante experiência antes e teste, antes do casamento, com minha mulher.

Houve choque no início do casamento por que minha mulher era mais experiente sexualmente. Ela ficou um pouco decepcionada, mas fui aprendendo e melhorando aos poucos, o que sei sobre sexo aprendi com ela.

Há dois anos sou parceiro de uma namorada só. Acho que é uma questão de maturidade, pois além de procurar, de caçar, chega a hora de estabilizar e construir.

Minha vida sexual vai bem, pois há fidelidade mútua. Eu sou como sou, sem constrangimentos e traumas.

Minha vida sexual não era muito ativa. Depois da Petrobrás tudo melhorou e tive a sorte de viver bons momentos, fazendo sexo com namoradas pelas quais eu estava apaixonado.

Os oito (40%) que afirmam a satisfação de uma sexualidade bem realizada, dividem-se quanto ao envolvimento do trabalho no processo. Os quatro primeiros omitem o trabalho, sexualidade é fenômeno restrito à ordem do biológico-pessoal experiência técnica, adquirida e testada antes ou durante; maturidade resultante necessária da fase de vida; e fidelidade mútua, como um fenômeno co-natural ao ser, que é de bom senso aceitar.

O segundo bloco de quatro coloca o trabalho no coração da satisfação. O primeiro indica que a satisfação necessita da segurança obtida pela ascensão àquele emprego. Os três últimos afirmam que o afastamento periódico permitido pelo regime de embarque rompe a rotina e autoriza uma espécie boa de apetite, uma espécie boa de carência, que revitaliza a relação. Mas há um perigo rondando a proposição: e se na hora do retorno houver algum impedimento, se a rede dos eventos da vida tramar impedimentos?

Esta porcentagem de, *soi disant*, sexualmente satisfeitos corresponde à porcentagem dos que declararam satisfação com as famílias constituídas e, sobretudo, demonstram a impossibilidade de uma lei geral: embarque prejudica × favorece satisfação. Felicidade e satisfação exigem visão de caso, singularização, resgate das histórias pessoais e dos universos simbólicos para a significação concreta.

d) Masturbação

Masturbação é médio. Posso ficar sete dias na plataforma sem fazer, mas de vez em quando acontece, pra equilibrar.

Eu me masturbava muito antes do casamento, ainda pratico, mas bem menos, na plataforma.

Na adolescência eu me masturbava, e hoje, mesmo casado, mantenho o hábito. Artificio necessário quando estou embarcado.

Acho que já me masturbei mais vezes do que pratiquei sexo a dois. E até para me preservar do risco de doença.

Minha primeira masturbação foi aos 12 anos, ainda hoje lembro até a hora – a primeira masturbação a gente nunca esquece. A plataforma favorece a lembrança.

Masturbação eu descobri por volta dos 14 anos. Estava tomando banho, comecei a me esfregar, foi ficando bom, virou massagem e tomei um susto com o que senti.

A fimose atrapalhava antes da cirurgia. Na adolescência, uma vez, a pele subiu, passou da glande e não voltou, inflamou, fiquei dois dias chorando de vergonha, com medo de minha mãe descobrir. Às vezes me masturbo, mas ainda tenho vergonha.

O pessoal conta que tem um colega, de outra plataforma, que sempre se masturba, ao pôr do sol ou de noite, antes do jantar, no heliponto.

Se 40% louvam a satisfação sexual genital, 40% louvam a masturbação, com interseção de cinco. São concebidas, portanto, como práticas alternativas e legítimas.

Os quatro primeiros concebem-na como prática higiênica, propiciadora de equilíbrio vital e de proteção contra doenças. O corpo masculino necessitaria de escapes para a retenção energética, a relação sexual constitui um escape poderoso, a forma genital adulta não se encontra disponível, então as práticas infanto-juvenis têm seu lugar, como artifício, simulacro, sucedâneo, compensação. O quinto e o sexto depoimentos representam glorificações, o susto que não se esquece, a invenção espontânea que se torna padrão da sexualidade masculina, contraponto dominante ao penúltimo relato, de dor e vergonha, mas que, a despeito destes sentimentos, não se pode fugir. Por último, ao falar do outro e não de si, a masturbação é posta contra pano de fundo lírico e ecológico: no ponto mais alto da plataforma, entre o pôr do sol e o jantar, diante do mar e de horizontes ainda luminosos, sozinho consigo mesmo, o petroleiro de produção celebra seus mistérios sensuais.

e) Aprendizagem com prostitutas

Antes do casamento era tumultuado, sem pessoa certa. Conheci mulher desde o baixo meretrício até a alta sociedade.

Antes da Petrobrás fui marinheiro, e empregadas domésticas, prostitutas e marinheiros são espécies que se dão bem. Quem, da nossa geração, não teve a primeira relação sexual com prostituta?

Conheci prostituta aos 17 anos. Procurei cabaré por estímulo de um irmão. Depois continuei sozinho e só parei quando apareceram namoros e parceiras fixas.

A gente namorava a namorada e fazia sexo com as profissionais. Não me viciiei em transar com prostitutas pois não gostei, é tão rápido, a gente se sente numa espécie de fila horrível.

Logo na primeira relação sexual, na zona, eu fui castigado com ressaca e gonorréia.

A minha primeira relação, aos 15 anos, foi horrível. Sai com uns tios prá conhecer um prostíbulo e, enquanto eu tentava alguma coisa, no quarto ao lado um rapaz esturava uma menina.

Minha primeira relação foi com prostituta, aliás, antes de minha mulher, foi só prostituta. Todo final de semana, com mais ou menos dinheiro, a gente estava lá, visitando as meninas. Fiquei mesmo viciado em sexo e bebida.

Tive minha primeira experiência sexual aos 15 anos, em um bordel. Eu já trabalhava e os colegas comentavam sobre minha virgindade. Não foi da maneira romântica que eu sonhava, mas a partir daquele momento passei a me sentir homem.

Novamente são oito (40%) os que, espontaneamente, remetem ao aprendizado técnico, destacando o papel das prostitutas na iniciação. Ora o tumulto das primícias e das buscas; ora o reconhecimento de dois destinos culturais, o de marinheiro e o de certa geração; mas sempre a consciência da transição, pois a meta seria o acasalamento, a fixação de parceria. Prostitutas são alfabetizadoras e provisórias, no centro da moral cindida: namoradas para namorar, prostitutas para o sexo. Porém há preços de trauma por pagar a horrível fila mercantil, as doenças venéreas, a vizinhança com a perversão e o vício. O último depoimento resgata um certo acordo possível. Contrapondo o amor romântico, idealizado e impossível, à iniciação profissional, possibilitadora de segurança. Estes homens buscam segurança nas prescrições da cultura, mesmo que, no limite, saibam que elas não oferecem segurança.

f) Vídeos e revistas pornográficos

O pessoal de plataforma, sobretudo os contratados, se massacram com revista e vídeo ecn. Os coitados passam até quatro semanas embarcados e só conhecem esta forma de extravasar.

Se sexo for doença ou loucura, vou morrer logo ou ficar louco mas não deixarei de fazer, porque é coisa que gosto muito. E quando não posso fazer, as fitas de vídeo ajudam a combater a solidão.

Quando estou embarcado penso muito em sexo, nas horas de lazer vejo vídeo erótico e leio revistas de mulheres peladas.

Apenas três (15%) abrem o jogo no que diz respeito a revista e vídeo pornográfico. Durante observação de processo de trabalho, quando auxiliares de pesquisa embarcaram, foram identificadas cinco fitas de vídeo e quatro revistas destinadas a público masculino e reconhecidas pelos próprios petroleiros como pornográficas. O responsável pela locadora de vídeo contratada para fornecer fitas informou que levantamento realizado mensalmente, com o objetivo de orientar a seleção das fitas a serem destinadas para as plataformas, sempre encontra o gênero erótico ou pornográfico nos três primeiros lugares na preferência, disputando com aventura, ação e drama. Não há registro de pedido de filmes de arte.

A fita de vídeo ou a revista funcionam como substitutivos do sexo genital, auxiliares ou substitutivos da masturbação, funcionando como uma espécie de masturbação visual ou contemplação masturbatória. Surgem duas expressões bastante fortes: a denúncia dos “coitados contratados” como os consumidores preferenciais e a escolha até da morte e da loucura se a vida ficar sem qualquer tipo de expressão sexual.

6. Os fantasmas da sexualidade

A mesma parcimônia para falar da qualidade da vida sexual e de seus derivativos não é encontrada quando o tema são as fantasias, que envolveram os tabus da virgindade, da traição, das Doenças Sexualmente Transmissíveis-DST e da homossexualidade. Os 20 entrevistados emitiram 30 proposições, exatamente a metade expôs duas proposições, tendencialmente articulando, homossexualidade/ DST e traição/DST.

Apenas três (15%) registraram preocupação com a virgindade e quatro (20%) o fizeram em relação a DST/AIDS. A quase totalidade ocupa-se dos dramas da traição e do temor da homossexualidade.

a) Virgindade

Minha primeira relação foi com minha esposa, mas nem ela sabe disso, até hoje não consegui dizer.

Virgindade não é problema para o homem. Mas a sociedade é exigente com a mulher. Para que minha filha não sofra, eu a aconselho a permanecer virgem até o casamento. Assim ela garante respeito e a liberdade de não casar forçada.

Se minha filha engravidar solteira, não obrigarei casamento sem amor, só por causa da perda da virgindade ou da existência de um filho.

Estes três depoimentos nos dizem que ser virgem é problema para o homem, não ser virgem é problema para a mulher. Exceto pelo primeiro, enfático na construção da ilusão, que se mantém após dez anos de casamento, de que tinha experiência sexual por ocasião da noite de núpcias, o tema não parece muito relevante, em quantidade e qualidade. Entre o segundo e o terceiro, inclusive, há evidente diferença de pontos de vista. Destaque-se que estes últimos simulam a situação com filhas, com isso demonstrando abertura de ideias e franqueza. Resíduos da formação moral patriarcal subsistem dentro do esforço de ser atual e sem preconceito antigos.

b) DST/AIDS

Minha vida sexual não está boa pois estou sozinho, sem parceira firme e com o fantasma da AIDS.

Hoje em dia eu prefiro me resguardar, só com a esposa mesmo e acabou. Na juventude eu não tinha medo, pois a AIDS ainda não existia.

Não fui virgem para o casamento, mas transava com namorada, nunca com prostituta, até por causa do medo das doenças venéreas. Com a AIDS o negócio piorou de vez. Não me acostumo com camisinha.

Hoje eu me sinto bem, embora tudo tenha ficado restrito, cuidadoso, com esse fantasma da AIDS.

Dos quatro depoimentos extrai-se a ideia-força da doença sexualmente transmissível, incluindo a AIDS com sua letalidade, no repertório dos motivos para a monogamia. Uma das tradições católicas, a do bem por temor ao mal, em oposição ao bem por amor ao bem, fica exposta aqui. A AIDS é um fantasma poderoso que torna mais extensa e complexa a logística da relação sexual. Restringe parcerias e obriga ao uso de preservativos. O auxiliar de enfermagem e um membro da CIPA falaram que, excluídos os temas de segurança do trabalho, prevenção da AIDS é a primeira solicitação, seguida de prevenção da dependência química, quando as SIPAT são preparadas.

c) Fidelidade e traição

Podemos um dia nos separar, mas não por traição, pelo menos da minha parte. Já tive uns casos, mas não houve traição, porque foram sem sexo consumado.

Minha mulher não me dá folga e tem sido difícil sexo extraconjugal.

Só acontece quando viajo a serviço da empresa, então, de noite, saio do hotel e procuro casa noturna atrás de alguém que queira me fazer este favor. Sexo é necessidade do homem, não é traição.

Não sou santo, de vez em quando tive uns casos, coisas de forró. Ela reclama, eu dou razão, tudo volta à paz. Mulher sabe que homem precisa disso.

Minha visão de sexo é a do padrão divino: homens e mulheres devem se amar, se casar e praticarem sexo dentro do casamento.

Não cumpri com o padrão divino e tenho pago caro por isto.

O dilema proposto pelos três últimos depoimentos é o seguinte: fidelidade é coerção ético-moral (padrão divino), infidelidade é coerção biológico-natural (necessidade do homem), é preciso optar por um polo da contradição e pagar o preço de não atender o outro. A solução proposta pelo primeiro é de conciliação formal: o que é

mesmo traição, como conceituar traição. De qualquer modo, por todos os discursos perpassa outra dicotomia: amor e sexo. Homens seriam capazes do amor sem sexo (sublimado, pela mulher idealizada) e do sexo sem amor (compulsório, higiênico, mercantil, com prostitutas ou casos eventuais). As mulheres estariam destinadas à impossível missão de juntar sexo e amor.

d) Homossexualismo

Já pegaram um cara, na plataforma, transando com outro, mas na verdade isto é coisa rara.

Uma vez fui assediado por um superior, mas cheguei prá ele e disse: eu gosto é de mulher. Não transformei o assédio em problema prá ninguém.

O que existe é pouco e a fala é conversa fiada de tanto homem junto, igual a quartel ou a seminário.

Já pegaram colegas nossos praticando sexo, mas existe uma ética, uma auto-defesa do grupo, que impede de qualquer um comentar estas coisas prá gente de fora. Entre nós a informação circula rápido.

Na plataforma, um lugar onde basicamente só trabalha homens confinados, a censura é muito grande. Todos estão sempre atentos e a fofoca é total. Ficam de antena ligada, perguntam, comentam, especulam. Um tempo atrás a esposa de um petroleiro pegou o marido com outro homem, na casa de praia deles, e foi a maior revolução na plataforma. Quem? Onde? Quando? Como? Qual a função dos caras?

Dos 20, 18 (90%) expõem opinião sobre homossexualidade e homossexualismo. Estes cinco (25%) primeiros identificam o problema, dimensionam como pequena sua ocorrência real, dimensionam como grande a circulação do tema no imaginário e diagnosticam a autodefesa de grupo fechado que propaga o que for bom para a imagem social e esconde o que possa. A rápida circulação dos quem? onde? quando? como? demonstra a curiosidade em prontidão da corporação masculina de exilados em alto mar.

Eles realizam, de modo bem específico, um fantasma da masculinidade:

Tive brincadeiras homossexuais na infância, mas hoje só faço sexo normal.

Quando pequeno, tinha uns meninos quietos com quem a gente transava. Não tinha menina, ia menino mesmo.

Aos 13 anos um rapaz me prometeu mundos e fundos pra eu fazer sexo com ele, fiquei confuso, com medo e seduzido pelos prêmios. Ele se aproveitou de minha confusão e começou, só consegui sair da paralisia quando ele tentou contato anal, aí eu consegui escapar.

Quando adolescente eu tive duas relações homossexuais ativas: numa o cara era bem mais velho e eu nem penetrei direito, não sabia como era, noutra a penetração ia ser total, mas o medo de pegar doença apareceu e falhou tudo.

No meio da vida dissipada do meu tempo de solteiro eu caía nas tentações dos vícios e do sexo. É verdade que raras vezes, mas, no tempo de vadiagem, até sexo com bicha e travesti eu fiz.

Este segundo bloco de cinco (25%) depoimentos concebe a homossexualidade como uma sexualidade infantil, transicional ou perversa. Uma ameaça que vem de fora, pode haver queda em tentação, mas que alívio quando tudo passa. O assédio, o temor, a ambiguidade, os prêmios e castigos, a possibilidade de ser passivo ou de contrair doença como limites finais, tudo aparece nestes relatos confiantes, francos, confessionais.

Na minha vida houve uma única abordagem homossexual, mas eu recusei.

Não vou desfazer dos homossexuais, mas não é a minha. Todo mundo deve ter liberdade para seguir seu caminho. Eu já fui convidado, mas me expliquei e pedi desculpas.

Não tive experiência homossexual, mas já recebi cantadas. Certa vez fui a uma praia deserta, com vários conhecidos. Esquecemos os copos, um dos caras se dispôs a voltar comigo para pegá-los e no meio do caminho começou a me cantar. Falei que era heterossexual e pronto.

Nunca tive experiência homossexual, mas já recebi cantadas: a primeira ocorreu quando eu era ainda um garotão e um rapaz me propôs passeio de bicicleta e presentes, eu não entendi bem o objetivo da coisa, achei estranho e recusei. Só muito tempo depois fui me dar conta do significado.

Destaca-se, nestes quatro (20%) casos, a necessidade de lidar com tema polêmico, afirmando as próprias opções sem discriminar ou agredir o outro. O estorço de modernização urbana e democrática do comportamento faz-se presente. A recusa, a explicação, o pedido de desculpas, a firmeza, a ingenuidade que significa tardia e retrospectivamente o fato, tudo aparece nestes relatos confiantes, francos, confessionais.

Sou do tempo em que homem era feito pra mulher e vice-versa.

Homem nenhum ousou me cantar, pois basta eu desconfiar para amarrar logo uma cara de bravo.

Sexo com homem não faz minha cabeça. Um cara que me assediou não gostou do resultado. Eu estava cheio de bebida e uma mulher colou em mim, deu-me um beijo e eu senti a barba do bicho. Pedi que não repetisse o beijo, ele atacou meus órgãos genitais e eu tive que dar uma violenta torção no braço dele, pra deslocar do ombro

Pode até ser que um dia eu faça sexo com homem, pois a gente nunca sabe o que vai acontecer no futuro, mas rezo todo dia para continuar querendo mulher.

Isso me deixa preocupado. Se alguém me cantar, será por que terei dado a entender alguma coisa?

Agora estamos no campo da arbitrariedade, da dúvida que perturba, da homofobia, seja discreta, nas máscaras da cultura patriarcal-machista (a cara amarrada de bravo), ou inequívoca, no comportamento expressivamente violento (a torção de braço e o deslocar de ombro). Este último bloco, de quatro (20%) depoimentos, inscreve-se no conjunto de inventários psicológicos com escalas clínicas afetadas como problemáticas e no conjunto de exames mentais indicadores de sofrimento psíquico na fronteira do reconhecimento

como transtorno mental. Embora haja homofobia na cultura, a que aparece aqui está relacionada com o transtorno, que enviesa e hipertrofia aquela, simultaneamente alimentando-se dela.

7. Sexualidade e trabalho

Após o período de emulação espontânea para que os sujeitos se pronunciem sobre sociabilidade e sexualidade, foi apresentada uma provocação, um estímulo dirigido: “vê influência da sexualidade no desempenho laboral ou vice-versa?” Dos 20 entrevistados, 13 (65%) dizem sim e sete (35%) dizem não. A turma do Sim é mais discursiva e discriminativa.

a) Sim

O calor, o ruído, o salário baixo e o medo de perder o emprego estão infemizando a minha vida, então mexe com o sexo.

O regime de embarque entra em choque com os momentos de desejo: o desejo vem e não se pode; pode-se e o desejo não vem.

Em dia muito pesado, bate uma dor de cabeça e a gente chega em casa moído, sem vontade de nada.

O trabalho interfere na vida afetivo/sexual – chego desmotivado e quero é dormir. Um influencia o outro, sim.

Todo trabalho interfere na vida privada e o nosso mais ainda.

Claro que sim. A vida sexual fica irregular e misturada com preocupação, ansiedade.

É claro que o trabalho interfere na vida familiar, inclusive no sexo.

Acho que nem sei se tenho a capacidade de ficar separando, deixando o que é do trabalho no trabalho e o que é da casa na casa, e aí entra sexo, é claro.

O trabalho interfere na vida afetivo/sexual, sobretudo pelo cansaço, mas é coisa de qualquer trabalho, não só do nosso.

Antes era possível separar trabalho, afeto e sexo, mas agora não.

Ninguém consegue separar o que se faz no trabalho e a nossa disposição sexual, só quando se é muito jovem.

Os cinco primeiros depoimentos atentam para a associação lógica entre trabalho e qualidade da vida sexual, sobretudo discriminam os elementos determinantes do trabalho: calor, ruído, salário baixo, medo do desemprego, ritmo intenso e regime de embarque. Os oito seguintes afirmam a associação, mas de modo genérico, opinião sem explicação ou justificativa, impressionista. O 11º descharacteriza a influência do trabalho de produção petrolífera, pois seria papel de todo e qualquer trabalho, desde que gerador de cansaço, argumento que, obviamente, inscreve-se na tradição das discussões da Medicina do Trabalho sobre fadiga e estafa. Os dois últimos estabelecem um corte, um antes e depois, que pode estar remetido a momentos históricos da empresa (campanha de privatização) ou do indivíduo (juventude).

b) Não

Minha vida sexual e afetiva não interfere no meu trabalho.

Nunca percebi interferência. Não há mistura.

Nada do trabalho levo pra casa e vice-versa.

Consigo separar bem o trabalho da vida sexual.

Suspendo completamente o sexo até voltar pra casa e isto não me causa problema. Aí, em casa vivemos o que temos de viver.

Não acho que meu trabalho interfira nas questões afetivas e sexuais e vice-versa. No período de embarcado não sinto nenhum violento desejo sexual, coisa que me prejudique ou que me desequilibre.

Aproximadamente 1/3 afirma não haver interferência entre trabalho e vida afetivo/sexual. E este 1/3 é contido e genérico, o que falar parece como crença, opinião que formulam visando convencer ou se convencerem. O último, que declara capacidade de controle dos desejos para alocá-los nos períodos socialmente permitidos apresenta o inventário psicológico com maior número de escalas afetadas, em risco e problemático, além de ter recebido do entrevistador o seguinte registro no diário de campo: cauteloso, busca oferecer a melhor imagem de si, pede para ouvir a fita inteira da entrevista e então dá o seu *ok*.

A sexualidade encontra-se marcada pelo cansaço e pelos abalos à saúde física eventualmente derivados do trabalho, mas, sobretudo, encontra-se marcada pelo regime de embarque, a expectativa de um tempo obrigatoriamente sem sexo, a expectativa de problemas que afetem a disponibilidade sexual por ocasião do desembarque, os rituais de véspera de embarque e de primeiro dia de desembarque. A grande questão é a do ajuste entre disponibilidades.

Mas a sociabilidade encontra-se marcada profundamente pelo trabalho e pela produção de um isolacionismo aprendido, derivado do confinamento crônico e da perda de fontes de companheirismo, de amizade e de informações consideradas civis, desinteressadas (empresa/sindicato). A grande questão é a da radical alternância de experiências existenciais: o período de ocupação, produção, sexualidade infante-juvenil, grupo de convivência compulsória e trabalho na plataforma; o período de repouso, lazer, consumo, sexualidade adulta, grupos de convivência espontânea e família em terra.

CAPÍTULO 6

DE ONDE VIM, ONDE ESTOU, PARA ONDE VOU

1. O que rege os acontecimentos da vida

A teoria do *locus* de controle, referente à percepção sobre os determinantes e a natureza das fontes dos eventos (Heider, 1958; De Charms, 1968), nos permite interpretar as construções dos sujeitos na perspectiva do arranjo de fontes, fatores e processos. São duas as fontes – internas (internalidade) e externas (externalidade) -, quatro os fatores – capacidade, esforço, dificuldade e acaso – e quatro os processos, dispostos de modo binário – estabilidade/instabilidade, controlabilidade/incontrolabilidade.

Os acontecimentos da vida não podem ser explicados pela maioria destes trabalhadores sem a ideia de Deus, concebido como ente transcendental, força natural ou força moral, para 15 (75%) dos 20 entrevistados. No caso de cinco (20%) deles, apenas Deus é suficiente para tudo explicar, mas, para dois (10%), Deus só age por meio do Destino, para outros dois (10%), Deus só age por meio do Acaso e para outros seis (30%), Deus é parte de uma trama de determinantes que inclui o Destino, o Acaso e a História dos próprios homens, seres de vontade e capacidade.

Entre os que tudo atribuem a Deus, foram colhidos os seguintes depoimentos;

Deus nos libertou do pecado e da morte, nos dando a capacidade de mudar e a chance de vida eterna.

Só vem o bem para quem vive para o bem e só vem o mal para quem vive para o mal. Há uma força natural e moral que organiza a vida e equilibra o ser humano.

Essa energia toda só pode vir de Deus, desde o início da criação do Universo. Acredito no Ser Supremo, na Vida Futura, na Energia que nos impele, mantém, alimenta.

Tudo o que acontece depende de Deus: Deus dá e Deus tira, é esta a fatalidade da condição humana.

Eu acho que todos nós temos que acreditar em Deus, em alguma coisa que não sei direito, uma força superior que nos cria e mantém, senão como suportaríamos a morte, o medo, a doença?

As três primeiras falas representam atos puros de fé – aprendi que Deus existe, creio que ele de fato existe, a ele tudo devo e ele tudo faz e tudo rege. As duas últimas apontam para a construção de um amparo para a consciência do desalento, da finitude, da fragilidade e da morte. Há, nitidamente, um complexo mecanismo elaborado para funcionar como talismã, bálsamo e panaceia contra o medo.

É interessante destacar que, entre os 15, apenas quatro associam Deus a uma religião específica, quando são chamados a falar sobre o que influencia ou determina o que de bom ou de mal possa lhes acontecer. Dois afirmam a fé Católica, os outros dois apontam pontes e trânsitos entre Catolicismo e Espiritismo. As respostas oferecidas na identificação (95% de referência a religião, sendo 60% ao catolicismo) aparecem bem reduzidas aqui. Há um Teísmo, mas a Igreja formata pouco a ideologia.

O segundo padrão, centrado na ideia de que a vida humana é radicalmente social, experimentada por sequência de eventos dinâmicos produzidos pelos indivíduos e pelos grupos, articulando causalidades e casualidades, à luz do livre arbítrio, denominada História, é referido por 10 (50%) dos entrevistados. No caso de quatro (20%)

deles, apenas a História é suficiente para explicar as ocorrências, mas, para os outros seis, História é parte de uma trama de determinantes que inclui Deus e o Destino.

Entre aqueles que tudo atribuem à História, os seguintes depoimentos foram colhidos:

Eu acho que tudo depende da minha atuação. Se uma coisa dá errado é sinal que cometi um erro em algum lugar. Descobrir isto faz o ruim se tornar bom, a gente aprende com o próprio erro.

Parto do seguinte princípio – se planto coisa boa, colherei coisa boa; se planto coisa ruim, colherei coisa ruim. Pode ser que venha o contrário da coisa plantada, mas é muito difícil e aí a gente se apegamos com o Destino, com Deus ou com o Azar para explicar.

Acredito que cada um é responsável pelo que lhe ocorre, que somos o sujeito da História e que traçamos o nosso destino segundo o modo individual de pensar e de agir.

A História concebida por estes sujeitos tem uma natureza claramente voluntarista, com forte ideologização da responsabilidade individual, o “eu” e o “meu” tomando o lugar do “nós” e do “nosso”. O último fez profissão de fé materialista, por ocasião do formulário de identificação, demonstrando rigorosa coerência, mas o penúltimo, que explicita formulação histórica para explicar as ocorrências, registrou opção Espirita na identificação, e aqui, de modo evidente, julga os conceitos de Destino, de Deus e de Azar como equivalentes, todos elaborados como defesa, apanágio do desconhecimento.

É interessante destacar a polarização das explicações: cinco isolam Deus, quatro isolam a História, um isola o Destino, e no meio uma ampla (n = 10, 50%) gradação de sincretismos.

O conceito de Destino, expressando predeterminação e fatalidade, seja de natureza metafísica (a vontade de Deus), biológica (estrutura e organização do ser) ou social (estrutura e organização da sociedade) aparece em sete (35%) das respostas, mas apenas uma vez de modo isolado:

Acredito no Destino, pois todo acontece quanto tem que acontecer e o que tem de acontecer acontece.

As ideias de Acaso e de Livre Arbítrio nunca aparecem isoladas. Os registros de Superstição e de Misticismo também nunca aparecem isolados e sempre para serem, em seguida, rejeitados. Em relação ao Acaso, emerge o significado de acontecimentos que não são produto consequente de nenhum antecedente, são aleatórios e classificados segundo as eventuais expressões. Azar, se ruins; Sorte, se boas. Quanto ao Livre Arbítrio surge a noção de capacidade especificamente humana de escolha, dadas as alternativas oferecidas por Deus, pelo Destino, pelo Acaso ou pela História.

Nesta complexa gradação de sincretismos, podem ocorrer associações de dois, de três e até de quatro das grandes categorias identificadas: Deus, História, Destino e Acaso, com ou sem Livre Arbítrio, Superstição e Misticismo:

Acredito muito no livre arbitrio, em Deus e em mim mesmo. As coisas não acontecem aleatoriamente, mas qualquer um pode escolher o seu caminho e a vida humana não é só isso que a gente vive materialmente.

Eu acredito em Deus, mas ele nos deu o livre arbitrio, que é produto de uma consciência histórica. Precisamos sentar junto, conversar e planejar o futuro.

Eu acredito em Destino, que é aquilo que Deus traça para uma pessoa. Algumas coisas eu posso modificar, mas a determinação de Deus pesa mais do que a minha.

É o Destino, que vem da vontade de Deus. O mal, o bem, o que não é um ou outro, tudo está traçado.

Tudo o que acontece em minha vida, atribuo a Deus e ao meu trabalho, à minha capacidade de fazer as coisas.

Eu acredito em Deus, em Sorte, em Azar, mas também atribuo à minha insegurança as coisas ruins que acontecem minha na vida.

Penso que Deus e o Destino existem, que nem tudo pode ter sentido e na capacidade humana de escolha, de criação e de trabalho... É um pouco de tudo, sabe.

Deus para mim é Criador e Guia. O Destino não é uma coisa fixa, mas é uma tendência, uma linha de vida. O que acontece é vontade de Deus, tendência do destino e resultado de ação minha.

Acho que há equilíbrio entre o determinismo de Deus ou do Destino e a escolha pessoal, decorrente do Livre Arbítrio e das condições sociais, pois nossa consciência liga-se a um princípio moral maior. A gente peca por impulso, depois reflete e se arrepende, ou escolhe continuar errando.

Na vida tudo acontece misturado: acredito um pouco no Destino, outro pouco em Sorte e Azar e acho que meus sonhos ruins são produtos da vida que levei e levo e escolhi levar – inflação, carestia, insegurança no emprego, pouco dinheiro.

Entre os formuladores de sincretismo, há uma observação paradigmática da questão da Superstição, expressa por quatro (20%) entrevistados:

Eu me ligo em bobagens, como procurar pôr o pé direito no chão quando acordo e nunca deixar no chão meu chinelo emborcado.

Às vezes me revolto e levanto com o pé esquerdo, de propósito. Descobri que não acontece nada, mas, no outro dia, me pego repetindo a bobagem.

Entre os formuladores de sincretismo, há uma observação paradigmática da questão do misticismo, expressa por três (15%) entrevistados:

Sinto-me entregue a forças sobrenaturais, energias que ligam meu corpo com a terra. Penso sobre o que seria de um sonâmbulo que caísse no meio desse mar escuro.

Não sou sonâmbulo e não conheço caso na plataforma, mas penso nisso, sobretudo quando estou sem sono e vou para o deck, de madrugada, para pescar.

Pescar é uma distração na plataforma, e aí eu reflito sobre o mar, sobre a morte e sobre Deus.

A força poética deste depoimento não admite dúvidas. A cena noturna de um homem sozinho, numa ilha artificial, em pleno mar, refletindo sobre o natural e o sobrenatural, com tonalidade filosófica metafísica, é impressionante. E o risco do sonambulismo sobre os abismos da escuridão, do mar, da morte e de Deus? O trabalhador equilibra explicações, aplica cada natureza de explicação a cada natureza de problema, adequadamente, e apresenta-se normal ao inventário psicológico, porém demonstra um grande temor, o da perda da racionalidade (sonambulismo) e demonstra encontrar-se sozinho no meio de outro mar o das ambiguidades e das angústias difusas dos seus colegas de trabalho.

Mas esta, realmente, não constitui a tendência do grupo, dividido entre visões de mundo divergentes, em dissonância cognitiva não suturada pela fé em Deus ou na História. A tendência do grupo é identificada nas seguintes declarações, de modo claro:

Sou uma pessoa limitada e cheia de barreiras, mas quando converso com os amigos sinto que a visão aumenta, que as barreiras podem ser quebradas. Saber que certa experiência traumática foi vivida por outro parece que diminui o trauma.

Conhecer outras experiências parece que aumenta o leque das nossas próprias. As forças que nos influenciam dependem do preparo intelectual, da personalidade e da conduta da pessoa, mas tudo é muito confuso.

O arrependimento é sofrimento, castigo e resgate. Eu me arrependo de não ter concluído minha faculdade, mas escolhi este trabalho que me permite renda boa, melhor que a da minha família. O trabalho não deixa descansar, mas eu o escolhi. O filho aumentou as despesas e restringiu ainda mais o tempo livre, mas a gente decidiu que estava na hora de termos um filho.

Há uma consciência crispada, dolorosa, das contradições, e esta encontra-se razoavelmente bem elaborada nos discursos, com tonalidades poéticas, filosóficas e políticas, impede que os trabalhadores de plataforma de produção, no Ceará, embarquem na

Síndrome de Poliana, a da ingenuidade emocional, do *albeimento* do presente num futuro onde sempre haverá chance de correção de qualquer problema; ou embarquem na Síndrome de Pangloss, a da cegueira ideológica, na qual todo problema é racionalizado pela convicção de que vivemos no melhor dos mundos.

Se o sincretismo marca o grupo, convém não esquecer a polaridade entre os que tudo atribuem a Deus e os que tudo atribuem à História e a pequena margem para as fontes internas concretas, representadas por capacidade e esforço. O corte da pesquisa é momentâneo, então para quais rumos o grupo tenderá, sob o impacto das modificações políticas, organizacionais e técnicas que se encontram em curso?

2. O Brasil me dá régua e compasso

O historiador Eric Hobsbawn (1981) aloca os debatedores, no sec. XIX, sobre o tema do crescimento demográfico, em três categorias: otimistas (estamos sempre melhores que no passado e o sistema tem condições de retificação de curso e aperfeiçoamento), pessimistas de direita (as coisas pioram ou melhoram aleatoriamente, mas no fundo tudo depende da natureza humana que é egoísta e perversa) e pessimistas de esquerda (o desenvolvimento das forças produtivas obriga a novas formas de organização da produção e as coisas melhorarão com a transformação do atual sistema).

Os grandes autores em debate eram, respectivamente, Clapham, Malthus e Marx. Mas sem o conhecimento deste debate e destes autores, as respostas dadas pelos trabalhadores entrevistados, à pergunta sobre o que pensam da situação política, social e econômica do país, podem ser classificadas conforme a categorização de Hobsbawn (1981).

Com uma ocorrência de quatro (20%), os otimistas assim se expressam:

Ainda creio neste país e estou otimista com o Presidente, homem inteligente e preparado. Mas se houvesse melhor distribuição de renda e uma reforma agrária que desconcentrasse e tornasse produtiva a terra mal utilizada, o país seria bem melhor.

Acredito no Brasil. Tem muita miséria, mas sou um otimista. A minha preocupação social é individualista: vejo uma criança na rua, com fome, penso que poderia ser filho meu, então tenho pena. De qualquer modo já é muito a transição que o país fez da ditadura militar para a democracia, em que a imprensa e os cidadãos têm liberdade de expressão.

O Brasil tem muitas riquezas e com estabilidade da moeda tudo vai melhorar. Já podemos planejar, sem necessidade de acumular coisas em casa, pensando que o preço vai aumentar ou que o produto vai sumir do mercado. O Brasil é um ótimo país, nem terremoto temos. O que falta é melhorar a formação dos políticos.

Acho que o país melhorou e o plano contra a inflação está dando certo. Não sei bem identificar os partidos políticos e escolho pela pessoa dos candidatos, torcendo para que algum seja trabalhador e honesto, na profissão de político, como eu sou na minha.

O otimismo não é ideologicamente cego. Os trabalhadores que se declaram otimistas são capazes de constatar as dificuldades, demonstrar consciência das incoerências e inconsistências, generalizar bastante para garantia do tom da atitude e apontar questões importantes, assumidas pelo pensamento progressista: o distributivismo da renda, a reforma agrária, o planejamento estratégico, o regime democrático e a política como profissão competente, diligente e honesta.

Também com ocorrência de quatro (20%), os pessimistas de direita assim se expressam:

Sou muito pessimista. Acho que não temos solução e podem ocorrer coisas muito ruins, tipo revolução violenta, pois o país está acumulando muita miséria, corrupção e injustiça. Só não ser se vai melhorar. Os setes humanos são os mesmos.

Acho que o país está desorganizado, mas quem sou eu para resolver? O meu voto tem sido sempre vencido pelo da maioria do povo. Por ignorância ou natureza parece que o povo gosta.

Embora não goste de dar esmolas, pois pode incentivar irresponsabilidade, vadiagem, vejo que é necessário dar, em certos casos, pra minorar a situação.

Difícil. Acho até que é sem solução. Os problemas são muito graves e cada um só pensa em levar vantagem. O salário-mínimo é imoral, ridículo. A aposentadoria dos trabalhadores é um crime. E pra todo lado há corrupção.

A situação do Brasil é péssima. A sociedade cada vez mais egoísta, as pessoas cada vez mais individualistas, a corrupção generalizada.

Embora atravessada por surda esperança, a convicção de uma espécie de natureza popular, ignorante, individualista, propensa à vadiagem, sem qualquer reconhecimento de determinantes históricos para a construção do fenômeno observado, leva estes entrevistados a “lavarem as mãos”. Egoísmo e corrupção são os tópicos-chave para o entendimento da visão que tais trabalhadores têm de povo, de brasileiro, de ser humano em geral. A extrapolação e a generalização sem garantias, a partir de uma experiência empírica singular, caracterizam a visão como puramente ideológica (Chauí, 1984; Eagleton, 1997).

Mas, se são fortes estas visões, a marca do grupo é dada pelos pessimistas de esquerda, que são 12 (60%). Os discursos são bem mais elaborados, complexos, e apresentam, para além da tonalidade da visão (otimistas *versus* pessimistas), desdobramentos interessantes que distinguem política de políticos, a importância do servidor público, interesses nacionais de interesses internacionais, uma defesa do monopólio estatal do petróleo e escolhas doutrinárias para o futuro, como Democracia Cristã, Trabalhismo e Socialismo.

Entre os 12, de modo mais ou menos sutil, todos distinguem a política dos políticos. O seguinte depoimento é paradigmático da distinção efetuada:

Sempre detestei política, só que não podemos viver à margem pois tudo se relaciona com política. O que eu não confio mesmo é nos políticos. Alguns são honestos, mas a maré é contra. É um absurdo um país, com tudo para ser um paraíso, ter políticos que não pensam no povo.

Todos os 12, de modo mais ou menos sutil, expressam consciência da importância de um funcionalismo público bem pago e bem treinado, lamentando o que consideram campanha deliberada de difamação efetuada pelo governo, para fins de desnacionalização. Os desmoralizados perdem a capacidade de organização e defesa, é o que podemos depreender dos seguintes depoimentos, paradigmáticos:

Não somos uma categoria corporativa, queremos apenas a justa remuneração por um trabalho importante, estratégico, muito útil para o país.

Parece que querem o trabalhador sem vida decente, inseguro, brigando com outro trabalhador por emprego e pequenos direitos, um verdadeiro escravo, bucha de canhão para o aumento do lucro de estrangeiros.

Todos os 12 também, de modo mais ou menos sutil, distinguem interesses nacionais de interesses internacionais, neste momento histórico de comunicação em tempo real, uso intensivo de alta tecnologia, monopolização e hegemonia do capital financeiro. Não aparece o panfleto anti-imperialista, mas o dedo apontado para os Estados Unidos da América é evidenciado. Os dois depoimentos seguintes são paradigmáticos:

Os países ricos não querem o nosso desenvolvimento, pois a riqueza deles depende da nossa pobreza.

Os USA têm reserva petrolífera para cinco anos, o Brasil tem para 35, então o que eles querem é acesso livre às nossas reservas e o controle do refino e da distribuição do óleo, deixando só a exploração e a produção, coisas muito mais caras e de risco, para a gente.

A defesa do monopólio estatal do petróleo é expressa, espontaneamente, em seis depoimentos, metade dos pessimistas de esquerda, 30% do total de entrevistados. Pela posição geral, os pessimistas

de esquerda e os otimistas, se provocados diretamente, poderiam defender o monopólio estatal do petróleo, mas a proporção da defesa espontânea já é um bom indicador do ânimo geral:

Sou contra a privatização da Petrobrás, sem ela vamos virar um país de pequenos comerciantes, vendendo e comprando produto estrangeiro.

Nada justifica acabar com o monopólio estatal do petróleo. A Petrobras não presta serviço com o dinheiro do cidadão, ela produz com seu dinheiro e repassa muito para sustentar o governo.

Nossa vida está em situação muito delicada, com o parque industrial privatizado e desnacionalizado, o governo sem ter como gerar riquezas. Privatizar a Petrobrás e desnacionaliza-la: sou duas vezes contra.

A Petrobrás não pode ser privatizada ou perder o monopólio. Quem tem o monopólio do poder e do dinheiro, com a grande capacidade tecnológica que a empresa desenvolveu, não pode abrir mão.

A Petrobrás não foi criada por acaso, mas por muita luta popular, e o que vemos é o governo a destruindo lentamente. Entre o sucateamento e a privatização prefiro a última, mas, de princípio, quero que a empresa continue séria, detentora do monopólio estatal do petróleo no Brasil. Se for para privatizar as refinarias e a distribuidora é melhor privatizar a empresa toda, porque é no refino e na venda que a empresa tem lucro.

É uma loucura o que querem fazer com a Petrobrás, um poder estratégico, que, desestatizado, vai passar para as multinacionais.

Mesmo que consigam apenas a quebra do monopólio, sem privatização, a empresa vai ficar frágil no mercado internacional. Abusam da Petrobrás, depois dizem que a empresa é que não é boa. Estão traindo a campanha “O Petróleo é Nosso”, que eu tanto ouvi falar.

Conhecimento histórico, conhecimento da posição econômica e técnica ocupada pela empresa no cenário mundial e nacionalismo oferecem densidade à posição de defesa da manutenção do monopólio estatal do petróleo pela Petrobrás. O desacordo com a política dos governos Fernando Collor de Mello (1991-1993) e Fernando Henrique Cardoso (1995-1998, 1999-2002), inclusive com o aparecimento de ironias sobre os “Fernandos”, em outros pontos dos depoimentos, é clara entre os pessimistas, de direita ou de esquerda.

O setor petrolífero é considerado estruturalmente monopolista ou oligopolista, devido à imensa escala de riscos, de pesquisa e de capital, tanto de investimento como de giro, necessária para manter empresa que possa atender desde a prospecção até o refino, donde a defesa do monopólio. O setor é produto de um patrimônio de lutas nacionais contra a dependência econômica e tecnológica, donde a defesa do estatismo. Os atuais trabalhadores sentem-se herdeiros de uma tradição e parte de uma elite cujo desmonte representaria o fim das esperanças nacional-desenvolvimentistas alimentadas, no Brasil, nas décadas 40/50 deste século (Marinho-Jr, 1989; Ferreira & Iguti, 1996).

Três dos 12 realizam um diagnóstico completo e um prognóstico de Economia Política. Segundo eles, quais seriam as saídas necessárias e possíveis para os impasses e as crises, injustiças, corrupção, péssima distribuição de riqueza e perda da identidade nacional percebidas na realidade brasileira? Na solução proposta, os três divergem:

a) Trabalhismo: A proposta é de um retorno ao nacional-desenvolvimentismo vigente no período dos governos Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

Estão jogando fora tudo o que os trabalhadores conquistaram com Vargas e Juscelino. Precisamos recuperar líderes da estatura daqueles e dizer um basta ao FMI, à desnacionalização, à dívida externa

b) Democracia-Cristã: A proposta é mais moral do que política, sem alusão a forma de organização, como uma utopia generosa marcada pelas palavras-chave Democracia e Valores Cristãos.

O país terá saída se os democrata-cristãos resolverem mudar realmente a nossa história.

c) Socialismo: A proposta apresenta elementos de organização e de princípios centrados na crítica ao modo de produção capitalista, gerador de desigualdade e dependência, cada vez mais incapaz de produzir novas riquezas e empregos.

Eu defendo o Socialismo, pois no Capitalismo a pessoa vale o dinheiro que tem e eu não concordo com isso. Acho que todos devem ter direitos efetivamente iguais. Mas para a mudança precisaremos contar com um partido político diferente da maioria que está aí.

Mesmo quando a insatisfação toma forma de uma proposta concreta, observam-se indefinições e formulações de natureza moral, voluntaristas, o que faz sentido quando nos lembramos que a principal categoria identificada para a construção da visão sobre o si mesmo, no capítulo II, foi existencial-moral. Sabem o que não mais querem, porém, confusos, desarticulados, empíricos e moralistas, sentem-se incapazes de formular as saídas práticas

3. O que o futuro me reserva

Os 20 trabalhadores entrevistados referiram preocupações com o futuro, pelo menos uma, no máximo três, e também indicaram ou descreveram planos, ora situando, ora não, numa perspectiva de curto, médio ou longo prazo, rigorosamente na mesma proporção das preocupações.

No âmbito das preocupações, sete tipos ficam bem delineados. Vejamos os mais significativos, em ordem decrescente de ocorrência:

a) Como entrar, cursar e/ou concluir curso superior, mantendo-se embarcado?

Paralelo com o trabalho eu gostaria de fazer um curso superior, Engenharia Mecânica, mas embarcado, de sobrevivência, não poderei mesmo me dedicar.

Eu quero, mas temo, fazer faculdade. Um colega meu fez o curso superior embarcando. Mas foi muito difícil, faltava mais do que ia, levou séculos para concluir. Matriculava-se em cinco e só passava em uma disciplina, por semestre. Era reprovado por falta ou o professor não aceitava recuperação.

Cedo ou tarde enfrentarei o vestibular de Engenharia. Aí penso que vai ser preciso desembarcar e estanco... como fazer isso, se a perda financeira vai ser muito grande?

Realizar um curso superior é o grande objetivo e é interessante considerar a alta porcentagem deste nível de escolaridade entre os petroleiros de produção, de 45,8% (20,2% de superior incompleto, 16,8% de superior completo sem pós-graduação, 8.8 de superior completo com pós-graduação), proporção 11 vezes mais elevada que a da população do município de Fortaleza, em geral, no censo de 1991. Se considerarmos apenas o grupo selecionado para entrevista, a proporção cai, mas mantém-se ainda seis vezes superior à de Fortaleza. A característica é claramente de uma classe média urbana e escolarizada. Mas a lógica do regime de embarque torna muito difícil ou implode as ambições ideológicas de classe.

b) Como complementar a renda atual?

Entreí na Petrobrás com boa visão interna de futuro, hoje só vejo futuro fora, a empresa virou bico. Diante da crise, eu e alguns colegas criamos uma cooperativa de investimento. Cada um faz depósitos mensais e aplica o montante em fundos, poupança e consórcios.

Eu e minha mulher estamos pensando em montar uma microempresa, para a gente não depender mais só do salário da Petrobrás.

Tenho muita vontade de fazer alguma coisa fora da plataforma, mas pra se conseguir dinheiro é preciso dinheiro e eu não tenho.

Eu não tenho expectativas de crescimento, seja profissional ou financeiro, neste emprego. É chato estar num local sabendo que não vai crescer.

O trabalho, o emprego e a empresa, que já foram paradigmas de sucesso técnico, financeiro e de prestígio social, tomaram-se “bicos”, garantia de renda mínima e base para outros projetos a serem realizados simultânea ou sucessivamente. A tonalidade do sentimento é ativa e otimista em dois casos, passiva e pessimista nos dois outros, demonstrando um impasse, um certo ponto de encruzilhada

c) O que fazer se for demitido ou obrigado a pedir demissão?

Emprego já não tenho, pois a produção está parando e os investimentos não chegam. Não quero ser transferido, então vou fazer acordo de demissão, já me considero desempregado, mas não tenho ideia do que possa fazer.

Eu já não sei o que esperar do futuro... O governo vive cortando as perspectivas. O que sei fazer só serve aqui.

Passividade e pessimismo tomam o horizonte deste subgrupo. Um já se considera desempregado e o outro diagnostica duas armadilhas: a suas habilidades só podem realizar-se no mercado naquela empresa específica e se ela não tem futuro, suas habilidades também não têm futuro; b) quem mantém a empresa é o governo e ele próprio vem cortando as expectativas, então quem lhe mantém não lhe quer mais.

d) Quando aposentar-se?

Nem sei mais quando vou me aposentar, pois o governo está acabando com a aposentadoria por tempo de serviço. Dá pra imaginar uma pessoa, com 60 anos de idade, labutando em plataforma? Com certeza não vai produzir nada.

Aposentar? Nem sei se vou conseguir... tem esta mudança de lei previdenciária que o governo quer.

Ficarei esperando aposentadoria, venha quando vier, pois não tenho mais planos, dentro da empresa. Tenho queixa do governo federal, o sócio majoritário da empresa, pois ele a explora e a põe em camisa de força.

É pessimista e de impasse a visão aqui expressa. Se há uma crise na empresa e no emprego, há outra, muito pior, no antigamente desejado pós-emprego, isto é, na aposentadoria. Não há outro jeito senão esperar, mas esperar mesmo o quê? esperar quanto? esperar por quanto tempo?

e) Como complementar a renda quando a aposentadoria chegar?

Já fiz os cálculos e o dinheiro da aposentadoria não vai dar pra viver. Penso, penso, e não saio do lugar.

Eu quero viver e ficar velho, morrer de velhice. Mas não sei se o dinheiro da aposentadoria vai deixar.

Faltam menos de 10 anos para minha aposentadoria, mas não quero sair daqui e ficar sem ter o que fazer. Procuo um futuro útil.

Depois de aposentado, o que poderei fazer? Vou ter que arrumar quebra galho. Quer dizer, vou ser um velho, com uma aposentadoria de nada para compensar o trabalho duro de uma vida inteira, e condenado a viver de bico.

O último depoimento é paradigmático: velhice, frustração, precariedade. E o desamparo tem prazo e é deduzido após cálculos. São muito objetivos e racionais estes trabalhadores, até quando planejam seus longos tempos de existência e caem na armadilha da falta real de condições.

f) Quais as condições de emprego e renda que os filhos terão no futuro?

Com tanta mudança do homem pela máquina, a massa das pessoas não vai ter dinheiro para consumir, então que adianta produzir? Minha maior preocupação com o futuro é com minha filha, em que mundo ela viverá?

Que vida meus filhos, os nossos filhos, vão ter? É desemprego, pobreza, insegurança, violência. Ficar pensando nessas coisas me deixa muito angustiado.

Aqui a visão ultrapassa a pessoa e alcança a descendência, numa perspectiva geracional. Dado o prosseguimento dos efeitos atuais do processo de desenvolvimento social, com revoluções tecnológicas e gerenciais multiplicadoras de precariedade ocupacional e de desemprego, como poderá ser o mundo novo dos filhos e filhas? Há uma pergunta angustiada lançada ao futuro, na tentativa de prevenir danos maiores e maiores inseguranças.

g) Como regularizar a vida afetiva e equilibrar-se psicologicamente?

As pessoas casam, movidas pela paixão, mas não entendem a responsabilidade e a maturidade necessárias para o amor e... erram. Eu vou casar, mas quando for a hora certa do destino. Espero descobrir qual a hora.

Não sei bem o que fazer da minha vida: o casamento não vai bem, mas os filhos não me deixam romper.

Comecei um tratamento psicológico e agora consigo separar as coisas, não levo problemas da casa para a empresa, mas acho impossível deixar de levar problemas da empresa para casa.

Essa história de não dormir direito, de ficar de sobreaviso e de ficar feito ping pong entre casa e plataforma, já me perturbou muito, nem sei se vou sair dessa.

Quatro deles, entre aqueles que apresentam inventário psicológico e exame mental comprometido, abandonam parcial ou integralmente o campo do trabalho para tematizarem suas dificuldades afetivas e seus sofrimentos pessoais. Um teme não saber a hora de casar, outro não saber a hora de terminar um casamento que deixou de ter sentido e tornou-se apenas uma obrigação, um outro deixou a vida da casa ser invadida pela vida da empresa e um último confessa ter caído no abismo.

O conjunto dos tipos de temor pode ser enquadrado em três grandes grupos: o que se volta para o próprio trabalhador, seu presente e seu futuro profissional ou poder de compra; o que se volta para os filhos, os próprios ou, genericamente, a nova geração, diante

de um futuro incerto para a sobrevivência dos trabalhadores; por fim um retorno ao si mesmo, desta vez tematizando as fragilidades pessoais, existenciais e psicológicas, decorrentes de impasses, pasmos e inseguranças.

Com a confiança na manutenção do *status quo*, o curto prazo gera preocupação ligada à qualificação, realizando o sonho do curso superior, porém com a consciência das impossibilidades derivadas diretamente da condição de embarcado. Há perspectiva real com iniciativas em andamento, ou pasmo, quando a busca é de complementação da renda atual, mantido o *status quo*. Não há perspectiva, apenas pasmo, se a conjuntura for de perda imediata do emprego. Os rumos da reforma do sistema previdenciário público levam a incerteza quanto à data da aposentadoria, com perplexidade e conformismo forçado. E seja qual for o tempo da aposentadoria, contando com a expectativa da permanência do emprego, o que preocupa é o baixo poder de compra do benefício futuro, seu desgaste absoluto e relativo, forçando a prejuízo do estilo de vida e a necessidade de bicos.

Os trabalhadores apresentam uma consciência dolorida sobre os desdobramentos da crise atual, uma crise que envolve emprego, trabalho e renda. Mais ainda, entendem que a crise é responsável pela reprodução da pobreza e da violência, fenômenos que apresentam tendência a crescer, tomando todo o horizonte do futuro e paralisando a todos de angústia.

O último grupo, menos prático e menos generoso, não compreende determinantes, sequer questiona, e assume o mal-estar, o fracasso coletivo ou individual. Os casamentos, a sexualidade e o próprio psiquismo estão abalados, comprometidos, sem saída.

A tendência do grupo é representada pelos que, com muita obstinação, estudam a realidade e advinham saídas. No capítulo dos planos, por exemplo, sete deles ficam bem delineados, em simetria com os sete projetos. Vejamos os mais significativos, em ordem decrescente de ocorrências:

h) Concluir curso superior ou pós-graduação, para tornar-se mais competitivo como trabalhador.

Dentro de 10 anos posso ter um negócio próprio, mesmo não ligado ao curso que estou fazendo. Gosto de Pedagogia, mas isto não dá pra sobreviver dignamente. Vou ter o diploma pra minha satisfação e um negócio para a sobrevivência.

Vou aproveitar pra fazer algum curso de Especialização e assim melhorar minhas chances no mercado de trabalho.

Mesmo depois de concluir a Escola Técnica nunca deixei de estudar e pretendo me aposentar tendo um plano de vida para evitar qualquer problema. Quero especializar-me em construção de equipamentos médico-cirúrgicos.

Meu sonho é concluir Engenharia Civil. Antes o objetivo era ascensão na empresa, mas agora é por mim, gosto de aperfeiçoar-me, e para alternativas futuras de trabalho.

Quero ser advogado. Na 1ª chance vou pedir transferência pra cidade onde tenha Direito, em universidade pública. Pra fazer carreira na empresa é preciso estudar e quero ter alternativa digna de trabalho, quando me aposentar.

Todos os planos passam pela capacitação, pela educação continuada, pelo aprimoramento profissional buscando maior competitividade num mercado de trabalho cada vez mais restritivo, exigente. Um deles expõe, com bastante realismo, um dilema do trabalhador/cidadão o que é necessário para incorporar valor de troca à força de trabalho e o que é necessário para atender interesses espirituais do ser humano, isto é, negócio para a sobrevivência versus diploma para a satisfação pessoal.

i) Prestar outro concurso público federal em área onde a ameaça de reforma, extinção ou privatização não esteja presente.

Vou procurar algum canto onde eu tenha segurança para produzir, mas sempre no serviço público.

Meu plano é prestar concurso para a Receita Federal. O governo não é louco de privatizá-la.

Preparo-me para um concurso de Auditor Fiscal e, se passar, sairei da Petrobrás. Não aguento mais a instabilidade

Quero fazer concurso para o Tribunal Regional do Trabalho, pode ser que lá a gente não fique tão ameaçado.

Os tópicos discursivos centrais são segurança e serviço público. Onde existe ainda serviço público prestigiado, com garantia de estabilidade e remuneração digna, fora da lógica hegemônica de privatização? Se este lugar existir, é para lá que o desejo move os sujeitos.

j) Poupar e investir para montar negócios urbanos familiares.

Mesmo ferindo a estética da casa, estamos aumentando um espaço para um negócio, uma butique, no futuro.

Minha mulher gosta de costurar e sonha em ter uma confecção. Vou começar a comprar máquinas.

Pretendo trabalhar mais alguns anos, então, aposentado ou não, abrir um comércio para que meu futuro não dependa só de emprego, tudo isso construindo um patrimônio que dê segurança para minha família.

Minha esposa é Técnica em Contabilidade e poderá tomar conta da papelada de alguma pequena empresa que a gente venha a montar.

São quatro (20%) os que demonstram espírito de comerciante, sonhando com seus pequenos negócios e supostas liberdade e autonomia. Os dois últimos nada decidiram sobre o ramo de investimento do interesse, mas os dois primeiros focam os negócios de vestuário, seja na perspectiva do comércio (butique), seja na da produção (confecção). Operários almejando o pequeno patronato urbano, como camponeses almejando o assentamento rural.

l) Aposentar-se, vender os bens urbanos e retornar ao interior de origem para montar negócios rurais familiares.

Então venderei tudo que eu tenho por aqui e volto para o interior, para, junto da minha mãe, arrumar meio de vida criando peixe ou gado.

No interior eu vou fazer minha plantação de limão, acerola e goiaba.

Gosto mesmo é do campo, cidade grande só é bom para passear nas férias, então vou vender o que eu tiver por aqui e montar algum negócio no interior.

A casa de campo, a volta para o interior, as culturas rurais (fruticultura, piscicultura, pecuária), mas como patronato autônomo. Há um sabor de recuperação do passado perdido, tornado idílico na lembrança, que nega a cidade como lugar de morada, pois é lugar de passeio e mercado. Há de ser e produzir no interior, trocar e fruir na cidade.

m) Aposentar-se vender os bens urbanos e retornar ao interior de origem para serviços sociais.

Penso em voltar para o interior, criar um programa de rádio para educação técnica ou pra clarear a cabeça do povo em matéria de política, quem sabe um programa educativo e preventivo para a saúde.

n) Resguardar-se dentro do que ganha para manter a família unida e satisfeita.

Tento me resguardar dentro do que ganho, investir em algumas coisas pra armazenar energia e garantir abrigo, alimentação e estudo para a família.

o) Resguardar-se dentro do que ganha e ficar livre para o sonho de viajar pelo mundo.

Não preciso de muito dinheiro pra viver. Terei meu carrinho e continuarei viajando muito. Do Brasil só não conheço o Pantanal. Na América do Sul, já estive nas fronteiras de Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Na Europa já fiz uma turnê de 34 dias por Portugal, Espanha, França, Itália e Grécia. Quero ver o mundo.

O conjunto dos tipos de plano pode ser enquadrado em três grandes grupos: um capaz de desenvolver projeto prático, investindo na formação e em outros concursos públicos, visando a continuidade da condição de trabalhador; um capaz de desenvolver projeto prático, de poupança para a construção de bases que permitam a saída da condição de trabalhador para a de empregador; um capaz de esboçar projeto idealista, associado ao serviço social e a utopias conservadoras ou aventureiras.

No primeiro caso emerge o uso do aprimoramento intelectual como tática para melhorar o desempenho pessoal e técnico, visando maior competitividade em mercado de trabalho e carreira. O serviço público continua sendo uma escolha densa, consistente, embora incluindo a fantasia da estabilidade num mundo que se revela cada vez mais instável. No centro de uma poderosa crise fiscal do Estado, com o mundo do trabalho submetido a tantas revoluções tecnológicas e organizacionais, a economia saindo da indústria e do valor trabalho para as finanças e o valor especulativo, onde o trabalhador pode encontrar segurança?

O segundo grupo, no qual a ambição é tornar-se pequeno proprietário, deixar de ter patrão, ser dono do próprio negócio, implica na suposição de uma segurança básica dada pela aposentadoria do atual emprego e cinde-se na saturação dos pequenos negócios urbanos ou na fantasia do retorno ao mundo rural perdido, desejo contrário ao do período nacional-desenvolvimentista dos anos 1950/60. Entre a pequena indústria de confecções e a fruticultura, a butique e a criação de peixe, o coração destes trabalhadores, nos quais a ideologia pequeno burguesa tornou-se dominante, balança.

Por fim surge um paradoxo, um grupo feito de idiosincrasias, em comum a conformidade com o que a renda de aposentado pode comprar. Acreditam no privilégio relativo do que ganham, na proteção relativamente privilegiada que gozam, e lançam-se ao voluntarismo generoso do serviço social, ao ideal pleno da fantasia de poderem proteger a família de todas as tormentas e ao ideal pleno do sentimento de aventura da liberdade de viajar, conhecer o mundo, viver em prazer sem mais a árdua luta diária pela sobrevivência.

Uns tentam se afirmar na consciência política (a tecnologia, as novas formas de gerência, os planos econômicos, tudo é feito para favorecer as elites nacionais e as empresas multinacionais, realmente nada é para a gente), outros no ascetismo de uma vida não submetida ao dinheiro (tento não ser escravo do dinheiro, pego o salário sabendo que não posso gastar cem por cento, pago a casa financiada, pago o consórcio do carro, aplico um pouco em poupança e o restante utilizo para o dia-a-dia), ainda outras procuram recuperar o orgulho de ofício, a velha segurança de quem é o melhor em empresa que é a melhor (a Petrobrás não vai se acabar e pode me dar condições de crescimento para a minha realização e a dela própria, assim reconhecendo o meu valor), mas todos já preparam a bagagem, a saída, o desembarque final.

A tendência destes trabalhadores é hegemônica pelo grupo prático. O objetivo é não ficar sem alternativas, reduzir os acidentes de percurso e sobreviver. O futuro continua aberto, o que parece bastante positivo diante das decepções acumuladas.

CAPÍTULO 7

COMO PRODUZO MINHAS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA E PENSO A REDE DE RELAÇÕES

1. A rede que me sustenta

A primeira leitura das respostas dadas à questão do associativismo civil já oferece um resultado muito instigante: a participação ou militância nas várias organizações sociais está restrita a uma alternativa solitária ou polarizada, em tensão de duas opções, com os impedimentos e dilemas justificados pelo cansaço, pelas exigências do trabalho e da vida familiar, pela natureza do regime de embarque, pela falta de opinião, pela incapacidade de decodificar tantos papéis. E o sindicalismo, pela íntima relação com o trabalho e com a profissão, pela suposição de agente estratégico para a garantia de renda, ganha dominância.

A relação com o Sindicato pode ser de franca recusa, utilidade desconsiderada naturalizada, estabelecida pela tradição ou devida à espontânea coerção do grupo; militante afetiva, apaixonada, estabelecida pela consciência da posição estratégica diante da sobrevivência de si e da família, tanto da financeira como daquela referente ao prestígio simbólico; militante crítica, a partir de valores conservadores, personalistas ou moralistas, considerados valores do campo político de direita; militante crítica, a partir de valores progressistas, trabalhistas ou revolucionários socialistas, considerados valores do campo político de esquerda; ou ambígua, confusa, contraditória, com espasmos de consciência crítica e rebeldia.

A recusa é clara, despojada de argumentação, categórica:

Do Sindicato tudo me afasta.

Não vejo razão pro Sindicato, o trabalhador competente consegue as coisas diretamente com a empresa.

As falas da naturalização são claras, autoexplicativas e pouco elaboradas:

O Sindicato é uma necessidade do trabalhador, mas só participo quando o negócio aperta.

O Sindicato é uma sequência do meu trabalho e todo mundo faz parte.

O Sindicato precisa existir, mas tenho até dificuldade de formar uma opinião sobre isso.

Quando entrei na empresa já veio na folha de registro a opção de me filiar ao Sindicato. Achei normal.

As falas da paixão carecem de justificativas e são carregadas pelo temor do desamparo do indivíduo em sociedade complexa

Não sei o que seria de mim sem o Sindicato. Os trabalhadores não contam com a riqueza, com amigos importantes, com políticos poderosos, só com o Sindicato.

Admiro muito o Sindicato, é a única irmandade do trabalhador.

Mas os 14 (70%) sujeitos que oferecem uma fala política, histórico-crítica, sobre o Sindicato, dão a tônica, a posição dominante do grupo, embora divididos entre críticos de direita e críticos de esquerda. Para Bobbio (1998) ainda faz sentido distinguirmos eixos, sentidos e direções políticas em direita *versus* esquerda, os primeiros sendo depositários das concepções de desigualdade natural, de liberdade tutorada, de redução do político ao técnico, de reivindicações financeiras dentro da ordem vigente, e os segundos sendo depositários das concepções de desigualdade historicamente produzida, de liberdade e autonomia construídas, de enquadramento do técnico no político, de reivindicações para o aprimoramento humano, independente da pos-

sibilidade de subversão da ordem vigente. Mas nenhuma lógica exclui a ambiguidade, com tons de mera rebeldia ou desencanto, o que nos habilita a criar uma terceira categoria, a da crítica contraditória.

A crítica de direita:

Penso que o Sindicato não defende mais os direitos da classe.

Existem pessoas que dependem do poder do Sindicato e têm interesses que podem não ser mais o da peãozada, então fico distante, com um pé atrás.

Nós, trabalhadores, organizamos e fizemos o Sindicato, mas não gosto de ficar prá trás, de avançar sozinho, de fazer as coisas só porque a liderança mandou, ou de fazer política.

Participo sempre do Sindicato até prá julgar se os indicativos são justos e sérios, não são políticos.

Não sou contra o Sindicato, mas não participo, há muitos desvios.

Politicamente eu me classifico como direita-moderada.

O Sindicato é um instrumento de luta dos trabalhadores por melhores condições de vida, dentro de uma sociedade capitalista materialista, mas as fixações socialistas e comunistas estão atrapalhando a missão do Sindicato. O capitalismo se moderniza e o sindicalismo parou.

A crítica de esquerda:

O Sindicato anda fazendo acordos absurdos e recuando. Mas quem faz o Sindicato é a categoria e se ele erra é porque a categoria está fraca ou burra.

Eu procuro ler muito, principalmente sobre meus direitos e deveres, e o que o Sindicato preconiza é a liberdade de pensamento, mas está faltando transparência e democracia.

Sou sindicalizado, não como dirigente, diretor, presidente, mas como filiado participante, unidade representativa dos trabalhadores que deve ter seu pensamento respeitado e deve respeitar o pensamento dos outros. Não devemos ser descartados por causa de discordâncias.

O Sindicato está perdendo a batalha política contra o governo e a batalha financeira contra a empresa. É hora de rever as táticas de luta, a consciência da categoria e a situação político-econômica.

A crítica contraditória:

Sei que é preciso fazer a cabeça desse povo alienado, analfabeto e faminto, mas não sei se o Sindicato é bom pra isso. Quem sabe, talvez.

De Sindicato eu não tenho nada contra, mas ele está se envolvendo muito com a política e como não gosto da política e não entendo nada, acho errado. Eu não tenho nada contra o Sindicato mas não tenho muito o que falar dele.

Sindicato? Pode ser bom, mas acho que não nasci pra isso.

Ninguém desconhece o Sindicato. Uma minoria (10%) é contra, pondo em xeque sua própria necessidade, mas 90% o aceitam e o avaliam. Dentre os que o aceitam, destaca-se a parcela dos que o fazem de modo automático ($n = 4,2\%$). Como um pré-dado ou um fenômeno natural (ele existe), mas a corrente dominante, que marca o grupo de modo decisivo, é a dos que o polemizam ($n = 12,6\%$), a partir das perspectivas do sindicalismo de resultados (que se restrinja ao financeiro e ao corporativo), da transformação social para um horizonte de democracia e justiça social (que incorpore a política de matriz socializante), ou que, no gume de afiadas contradições, perplexidades sejam expressas e vividas.

As opiniões são densas e, considerando o contexto nacional de derrotas do movimento sindical como um todo, de hegemonia política dos grupos favoráveis à privatização da Petrobrás e dos dramáticos recuos resultantes das duas greves anteriores, sobretudo da greve que ocorreu durante o campo da pesquisa, a persistência de uma postura propositiva de esquerda ($n = 4, 20\%$) parece muito indicativo da coerência da formação histórica da categoria e do grau de maturidade política atingida.

A religião aparece em seguida, no rol das mediações sociais preferidas, enviesada nos silêncios, nas alusões, nas categorias morais de compreensão da realidade, na atitude caritativa; ou francamente

expressa, dominante entre aqueles que naturalizam o Sindicato ou apresentam-se em conflito de opinião. A expressão passa pela adesão naturalizada, de quem dá continuidade a uma tradição; pela adesão militante, o exercício da fé; e pela adesão crítica, porém exclusivamente a partir de uma perspectiva fundamentalista.

A religião aludida é moral e caritativa:

Eu participo de um clube de serviço e de um grupo de casais que, voluntariamente, leva assistência de creche, médica e odontológica para uma favela.

É preciso ajudar quem sofre e quem tem menos. Fiquei danado com uma colaboração de 3% que o Sindicato pediu na última greve, mas acabei concordando, depois de perceber que era uma espécie de caridade

Não sei se Deus existe, não pratico nenhuma religião, mas acho que precisamos lutar uns pelos outros, sermos solidários, justos e éticos.

A melhor forma de religião é fazer o bem sem olhar a quem

A adesão naturalizada à religião:

É a religião de minha família. Vou aos domingos à missa.

Acho que a inteligência humana não pode entender Deus, então sou Católico por tradição.

Bom... eu sigo a tradição de meus pais e avós.

Frequento a Igreja pelo menos uma vez por ano e atendo aos apelos de mobilização quando acontece algum grande problema social.

Vou à missa de três em três meses, mas procuro participar através das orações, como aprendi com minha mãe.

Eu acredito em Deus, é impossível que Deus não exista.

Simpatizo com o Catolicismo porque sou de família católica.

Simpatizo com o Espiritismo por causa de minha mulher.

Fui criado assim.

A maioria pensa assim.

A adesão militante à religião:

Hoje eu me considero um crente e um participante de minha lareira, numa relação verdadeiramente muito profunda.

Tenho fé verdadeira, sigo os ensinamentos da Bíblia e as orientações da igreja

A adesão crítica fundamentalista à religião.

A Igreja Católica não é mais a mesma da minha infância, não tem mais as mesmas práticas e concepções, por isso mudei para o Espiritismo. Não tenho frequentado o Centro mas leio sempre, procuro aprofundar-me na doutrina.

Não gosto de participar da Igreja porque observo que o interesse dela é material. As pessoas vão lá também pra observarem o lado material uns dos outros. Sinto falta da convicção, do fervor, da espiritualidade de antigamente.

A Igreja moderna é muito diferente da antiga, sem missa cantada, latim e batina, com padre tomando cerveja e falando de política como qualquer um. Fiquei descrente e deixei de ir à missa, mas não deixei de crer e de rezar. Quando viajo eu levo uma exemplar da Bíblia.

Não concordo com movimento carismático ou encontro de casais.

É milagre demais: era alcoólatra, foi lá, não bebe mais, batia na mulher, foi lá, virou santo. Isso é mentira e hipocrisia. O cara trabalha, aparece uma folga, quer viajar com a família, não pode porque tem reunião da Igreja. Está errado. A Igreja deve retornar aos seus ritos antigos.

Acredito em Deus e não sei o que seria de minha vida sem esta crença. Mas separo Deus da Igreja, que é feita de homens e andam muito ruins. Deus não pode concordar com a lareira possuir riquezas, terrenos, imóveis.

A marca do grupo é dada pela vinculação frouxa, indireta ou rotineira, tradição naturalizada ($n = 13$, 65%), e a adesão militante, não crítica, é minoritária ($n = 2$, 10%). Destacam-se pelo menos três grandes evidências: a relação de adesão sindicalismo/religião é inversamente proporcional; quem faz crítica de esquerda, transfere realmente a militância para o Sindicato, não deixando aparecer uma crítica religiosa de esquerda, defensores da Teologia da Libertação, por exemplo; quem é contra o Sindicato ou faz crítica contraditória a ele, encontra-se realizando crítica fundamentalista à religião. Autores como Gorsuch (1980; 1988) demonstram que a crença/militância religiosa, genericamente, sem discriminar a análise pelas confissões religiosas e igrejas, apresenta uma consistente correlação direta com o não envolvimento com drogas ilícitas e lícitas, inclusive o alcoolismo, e inversa com as tentativas de suicídio. Nossos petroleiros estão vivendo um universo de desencantamentos.

Mas é fascinante encontrar cinco trabalhadores (25%, $\frac{1}{4}$ dos entrevistados) de uma empresa estatal, de ponta tecnológica, cosmopolita, integrantes de uma categoria profissional politicamente articulada, solicitando o retorno da missa em latim, das reuniões litúrgicas cerimoniais, da pureza das virtudes infantis e do despojamento franciscano. A distribuição destes sujeitos pelos resultados do MMPI é aleatória: dois normais, dois problemáticos e um risco, donde não ser possível sequer especular sobre alguma relação de determinação entre um fundamentalismo de natureza regressiva ou saudosista com sofrimento psíquico e depressão, por exemplo. Os três sujeitos com escalas afetadas, incluem entre elas a escala de depressão, os dois problemático são também enquadrados na condição pelo exame mental, mas os dois normais apresentam um perfeito ajuste das escalas ao padrão médio preconizado pelo inventário. Não há como caminhar mais por aqui.

Excluindo sindicalismo e religião, tudo o mais é disperso e muito frouxo em matéria de pertinência a movimentos sociais, a instâncias de estruturação de interesses da sociedade civil, no sentido gramsciano (Gramsci, 1984; Bobbio, 1997) de sociedade politicamente organizada, além do Estado; ou instâncias de mediação

indivíduo/sociedade, no sentido adorniano (Adorno, 1950) de reguladores concretos da experiência humana em sociedades complexas. É disperso pois 11 indicativos diferentes são oferecidos – Rosacruz, Lions Clube, Rotary Clube, Associação de Bairro, Condomínio, Grupo de Jovens, Grupo de Casais, Clube Sócio-Esportivo, Clube da Empresa, Time de Futebol, Partido Político -, nenhum ultrapassando duas referências. É frouxo pela evidente displicência dos enunciados ou por recuos temporais: “é... tem”, “às vezes”, “há tempos”, “certa vez” “não sou muito disso” etc.

Numa segunda rodada de análise, sobre respostas estimuladas, o tema da Política e do Partido Político emerge com mais densidade, mas, fora os quatro (20%) que se omitem, apenas para que os “sim” e os “não” sejam imediatamente condicionados. Ora o tema é emparelhado a sindicalismo e Sindicato, para diferenciação e contraposição; ora para ser recusado com base em diagnóstico moral, centrado na idéias de que todos os Partidos Políticos são corruptos; ora para que sejam veículos de uma ação política não corporativa eventual, associada a período eleitoral.

Partido e Sindicato são diferentes e devem colaborar:

Sou simpatizante do PT, junto com o Sindicato. Precisamos defender o salário e brigarmos pela participação nos lucros. Os trabalhadores são fundamentais na formação do país.

Não sou filiado mas simpatizo o PT, um partido sério que traduz pra mim tudo o que o trabalhador deve esperar dos partidos políticos e dos políticos. Embora com objetivos específicos diferentes, há espaço para partido e sindicato.

Partido e Sindicato são diferentes e o Partido não deve subordinar o Sindicato:

Estou decepcionado com a política. Não sou simpatizante de nenhum partido, gosto de algumas posições do PT mas o considero muito dividido e dominado por radicais, o que não é bom pro partido ou pro Sindicato, que deve ser livre.

Os Partidos são instituições desacreditadas, centrais de corrupção, sobrando, eventualmente, algumas pessoas.

Política deve ser lugar de quem promete e faz, mas hoje só temos corruptos e demagogos. Estou só esperando o que este novo Presidente da República vai aprontar.

Homens preparados é que podem fazer os partidos, por isso voto em pessoas, não em partidos, procurando seguir a tendência geral, a maioria, dos meus companheiros.

Não acredito que partido político faça bem para o homem.

Não quero generalizar... ou concluir nada... mas, no meio de poucos honestos e idealistas o que há é muita sujeira nos partidos políticos. Isso desestimula a militância política, estraga a formação dos jovens, faz desaparecer perspectiva e esperança. A culpa disso é dos próprios partidos, que falam, mas não tomam atitude saneadora.

Não tenho ligação com partido político. Admirava um de esquerda mas agora nada. Soube de umas falcatrúas e de sacanagem eu quero é distância. A gente escuta coisas. A televisão noticia.

Todos os partidos são iguais:

Não tenho vínculo com nenhum partido político. Os partidos que estão por aí não representam nenhum ideal do povo brasileiro, sobretudo nenhum procura a harmonia.

Não entendo de política e posso votar em qualquer candidato. Mas a escolha não é só da minha cabeça, pois sempre peço para quem entende de política que me explique qual o mais capacitado pra trabalhar pelo povo brasileiro. Pode ser uma falha minha não gostar de política, mas quando começa o horário eleitoral eu desligo a televisão.

A política não é minha praia, não vejo nada de legal.

Os exemplos que a gente vê na política não permitem crédito. Não simpatizo com nenhum partido político e com nenhum político.

Talvez algum se salve mas... acho sempre que querem me enrolar.

Posso admirar pessoas independente do partido e acho que em todos os partidos existe hipocrisia. Não aturo o Sarney e o Collor, mas me sinto mais a vontade para criticar o Sarney porque não votei nele. Evito falar em política porque tem pessoas que levam a ideologia muito a sério e eu não quero confrontar.

Os Partidos são ferramentas políticas necessárias, mas quando praticam democracia interna e não se submetem ao radicalismo

Sou partidário do PT quando defende o velho lema francês de igualdade, fraternidade e liberdade. O problema são as facções internas, os dissidentes da luta armada que vieram pro partido, por isso não me filio. Antigamente, os partidos eram só de direita, ligados aos coronéis e aos militares. Então apareceu o PT, uma oposição que lutava pelo direito do trabalhador, pela honestidade na política, pela democracia. O PC do B tem o mesmo problema.

Imagina só, a sociedade se preparando pra derrubar em paz um Presidente da República e aparece aquela história de contrabando de armas pelo PC do B.

O Partido representa ferramenta política necessária, mas delegada, com aproximação real apenas nos períodos eleitorais:

Sou simpatizante do PT e de candidaturas populares progressistas, mas sou militante apenas em época de eleição. Os políticos conservadores, tudo é carniça pura.

Sou um simpatizante do PT. Não sou filiado, mas ajudo bastante o partido em época de eleição.

Entre a omissão e o descrédito a marca do grupo é construída por 15 (75%) entrevistados. Aqueles que emitem um claro sim à política não entram em acordo sobre natureza e extensão formulam uma prática espasmódica, nas conjunturas eleitorais, como “olimpíadas” ou “copas do mundo” cívicas, ou tecem uma sutil malha de aproximações e diferenciações tomando o Sindicato como termo de

comparação. A política sensibiliza as mentes, apenas para ser rejeitada, de modo categórico ou argumentado. De qualquer modo se confirma a concentração de expectativas no PT, como catalisador de interesses e insatisfações.

O tema da greve é tratado de modo enfático, que, computada a omissão de apenas um entrevistado, desdobra um leque de fortes sentimentos. Numa conjuntura política nacional favorável à privatização da empresa, à desqualificação social do funcionalismo público e à anulação do poder de barganha dos Sindicatos e das Centrais Sindicais, herdeiros do trabalhismo-assistencialista do período que aliou o Estado Novo com a CGT e do trabalhismo-socialista que aliou o PT com a CUT, estes trabalhadores estão buscando sobrevivência do emprego, da renda, da categoria, do *status* social e do poder político de barganha. A coluna dorsal do poder da Federação dos Sindicatos de Petroleiros havia sido abalada pela resistência da empresa a concessões salariais, pela capacidade da empresa de mobilizar-se e impedir prejuízos à produção e pela decisão judicial de considerar ilegais as greves realizadas, resultando numa multa que empenhava o próprio patrimônio dos Sindicatos.

Aquele que se omite é exatamente o trabalhador com maior número de escalas comprometidas e com escores mais elevados, portanto, o mais psicologicamente comprometido. Todas as outras falas são tensas e emocionadas.

Contra a greve ou fazer greve:

Sou contra greve e tenho o direito de pensar assim.

Não sou contra greve, mas nunca fiz, não faço e não farei.

Eu admiro a coragem de quem faz, mas não consigo fazer, fico inseguro, temo ser manipulado.

Não vejo necessidade. Pode ser mais lento, mas as coisas se resolvem melhor conversando.

Nunca ninguém ganhou nada com confronto. Só temos corrido riscos e acumulado derrotas.

O momento não permite.

A favor, de modo naturalizado, formalista ou empírico:

A greve é garantida na Constituição.

É um direito do trabalhador e querem nos tirar até isso.

A greve é válida e é o último recurso do trabalhador.

Greve faz parte, umas vezes a gente perde, outras vezes a gente ganha.

Não tenho muito conhecimento, mas defendo o direito de greve e a nossa greve.

Patrão nenhum dá alguma coisa de graça a trabalhador.

Nossas maiores vitórias foram decorrentes de greves.

A favor, mas apenas quando corporativo-financeira:

Sou contra greve política.

De greve política, sem objetivo claro de defesa do salário, eu não participo. Sei que essa minha visão é egoísta, mas calculo os custos e os benefícios.

Os prejuízos da última greve foram maiores que os ganhos, a imagem da empresa piorou para a população brasileira e acelerou-se o processo da queda do monopólio da produção de petróleo no país, por isso sou contra greve política.

Quando percebo que é greve política eu me retiro. O Sindicato só é bom quando a serviço da categoria e dos seus interesses concretos.

Uma campanha salarial é um movimento político, mas não é político-partidário, se uma greve tiver dimensão político-partidária eu também não faço.

Da afirmação individual rebelde (sou contra porque sou contra) à prudente constatação das agruras políticas da conjuntura (o momento não permite), em seis (30%) trabalhadores entrevistados emerge o registro de perdas e derrotas, de fragilidades individuais, grupais ou coletivas. Do refúgio institucional formal na letra da Car-

ta Magna (a Constituição permite) até a disfórica constatação de que todo tido foi obtido em luta (nossas maiores vitórias), em sete (35%) trabalhadores entrevistados emerge o registro de orgulho de ofício, respaldado ou não em alguma teoria, visão de mundo, constatação do senso comum. No mesmo equilíbrio de tendências, outros seis (30%) trabalhadores entrevistados aceitam e defendem a greve, mas como instrumento corporativo-financeiro, recusando adotá-la se o motivo for externo aos objetivos específicos da luta de interesses entre os trabalhadores e a empresa o sentimento de grupo privilegiado e o descrédito da política alimentam esta posição, que apresenta diferenciais sutis entre o político-partidário e o político, até diferenciais grosseiros ligados à constatação de egoísmo e de gravidade das perdas e derrotas acumuladas.

Mas a importância e o emocionalismo do tema levam a testemunhos pessoais da grande amargura que um processo desses pode produzir. Constatar a necessidade (perda do poder de compra do salário, perda do *status* alcançado historicamente etc), articular massa crítica de apoio, negociar contraditórios, preservar respeito mútuo apesar das divergências, decidir, operacionalizar, administrar complexidades e tensões técnicas e políticas, administrar complexidades e tensões particulares e nacionais, identificar limites e perdas toleráveis, avançar ou recuar quando explodem emoções desencontradas e situações profundamente individuais, ganhar ou perder, não é processo que ocorra sem dores, sem traumas, sem entalhes dramáticos na memória.

Dois depoimentos podem ser contrapostos. Um deles busca equilibrar doses exatas de impessoalidade e distanciamento:

Não devemos jogar os colegas que fazem greve contra os que não fazem. O colega que não está na greve pode ter boas razões pessoais para isso. Eu não vou ridicularizar o colega pois pode ser que um dia eu também, com medo de alguma transferência ou demissão, decida não fazer greve. Tento compreender quem faz e quem não faz greve.

Outro depoimento rasga o conflito individual e expõe um caso-síntese, efeito-demonstração da ruptura entre prioridades de mesmo peso, trágica experiência de crônica dissonância cognitiva

Em 1990, eu passei um período muito ruim. Minha mulher esperava nosso 1º filho, com um diagnóstico de tumor, e eu aguentei toda a greve convivendo com isso. Alguém da empresa ligou me ameaçando de demissão e minha mãe e minha mulher passaram mal. O tribunal julgou a greve ilegal, as dificuldades financeiras cresceram e eu ameaçado de desemprego no momento de meu filho nascer, foi demais. Nas greves anteriores fui atuante, mas aquela me pegou fraco e eu decidi sair da greve. Eu andava prá lá e prá cá, porque meu coração dizia prá eu continuar no movimento e a razão dizia prá eu parar. Acabei atendendo a minha razão. Mas não seria de modo covarde, ir pro Sindicato, levantar minha mão votando pela continuação da greve e no outro dia embarcar escondido. Na frente de quase 300 petroleiros eu disse que não ia mais fazer a greve e se eles decidissem continuar eu não acataria. A direção do sindicato disse que eu desmobilizei o movimento e tive até que puxar arma prá não levar uma surra. Mas era tudo questão de liberdade de pensamento e eu teria de ser respeitado. Ganhei a fama de furão e fiquei sendo maltratado pelos colegas. Depois disso eu fiz greve, não para pedir desculpas, mas porque considerei justo fazer a greve.

O conflito entre coração e razão desvenda, metaforicamente, o conflito entre o mundo do trabalho e o da família, produção e reprodução, lei da sobrevivência e fidelidade a princípios, independência individual e coerção grupal, lealdades substantivas e lealdades aparentes, violência para fora e violência para dentro.

O primeiro depoimento é de um trabalhador registrado como em risco psíquico pelo inventário psicológico e o segundo como em normalidade: há mais coisas entre os conflitos existenciais, o sofrimento psíquico e a doença mental do que sonha a nossa vã Psicopatologia.

Estão em desencantamento, em mudança de crenças, dependentes do mundo exterior para as explicações do que lhes sucede e sofrendo os sentimentos oriundos das tensões permanentes, fixadas na irresolução, resultando em comportamentos paradigmáticos de

reação à dissonância cognitiva (Festinger, 1975), expressos por sintomas facilmente identificáveis entre os petroleiros de plataforma que constituem os sujeitos desta pesquisa.

2. Assim se faz a produção da sobrevivência

A descrição crítica de resultados necessita de nova escala de aprofundamento para completar-se. Dos vinte entrevistados, quatro são reconhecidos pelo inventário psicológico e pelo exame mental como experiências de sofrimento psíquico, captáveis pelos instrumentos técnicos e pela interpretação dos discursos.

Reações, transtornos, desconfortos, tensão, *stress*, constituem palavras capazes de melhor expressar o que aparece nas histórias e representam conceitos estratégicos, isto é, categorias explicativas, no âmbito de várias teorias.

Dois dos entrevistados destacam-se como paradigmáticos, faixa etária, tempo de empresa, grupo de trabalho, estado civil, resultado ao MMPI e ao exame mental, tudo ajustado dois a dois. Tomando o primeiro como representante da Operação e o outro da Manutenção Mecânica, temos duas histórias de busca de trabalho, de desempenho dentro da empresa, de compreensão da realidade e de visão de mundo, ambos exemplares de quem ganha a vida trabalhando em plataforma de produção petrolífera, no mar do Ceará, no final do século XX, sujeitos às mudanças de processos técnicos e de culturas organizacionais próprias de um momento político-econômico denominado, pelo campo do modo de produção, de capitalismo financeiro; pelo campo tecnológico, de era da informática e da automação, com comunicação em tempo real; pelo campo das relações internacionais, de globalização; pelo campo das teorias sócio-político-econômicas de justificativa e sustentação, de neoliberalismo; e pelo campo da posição relativa do Brasil, de economia periférica dependente industrializada com estado burocrático-autoritário.

Chamemos ao primeiro de José, ao segundo de João, e assim eles falam:

a) Sobre os antecedentes ao trabalho atual

José -

Não me envergonha dizer em tudo quanto trabalhei, em banca de verdura, venda de picolé e servente de limpeza, até os 20 anos. Meu pai trabalhava num hospital e conseguiu meu emprego numa terceirizada. Fiquei no almoxarifado, o que me deixava estudar. Sai do emprego por que consegui um estágio, pela Escola Técnica, numa construtora. Devido a salário mudei de estágio três vezes, como técnico ou como fiscal. Ai fiquei uns meses desempregado até ser encarregado pela manutenção de um hotel, de onde sai por me sentir muito preso. Voltei às construtoras, mudando de empresa por causa de salário e função.

João -

Comecei como estagiário técnico de uma mineradora multinacional. Passei um ano em rodízio pelos setores de mecânica, mineralogia, compras, vendas, transportes, segurança. Depois passei a ser um técnico mecânico e fiquei na empresa por três anos. Numa festa, um pessoal me informou sobre a empresa e que ela estava precisando de gente jovem, capaz, querendo crescer, disposto a viajar. Eu havia concluído a Escola Técnica e já viajava muito, meu pai vivia sendo transferido, então gostei do desafio. O entrevistador me disse “você não tem medo da vida, a chance é sua”. Passei por uma bateria de testes psicológicos, pediram minha folha corrida, investigaram se eu era viciado em droga. Minhas expectativas eram ter um emprego, viajar muito, ganhar bem e aplicar tudo o que aprendi na Escola Técnica. A dificuldade que encontrei foi me estabelecer, com 21 anos de idade, no meio de pessoas com média de 50 anos. Depois ficou difícil sair, pois todos me consideravam como filho ou irmão mais novo. Fiz cursos sigilosos, sobre tecnologias que só a empresa detinha. Quando precisávamos de equipamento ou peça diferente, nós elaborávamos um protótipo, a empresa produzia e registrava minhas criações no nome dela. Até entendi esta atitude da empresa, mas ficou certa mágoa e procurei sair.

Se José chegou à Petrobras por meio de um processo de ascensão do informal ao formal, do inferior ao superior, do mal remunerado ao bem remunerado, dos “bicos” de baixo prestígio, os pequenos negócios marginais, ao “emprego” de alto prestígio, em setor monopolista de ponta tecnológica, driblando pobreza e envergonhamentos, flexível e vitorioso durante a flexível fase da juventude; João teve reforçada a autoimagem de competência e boa sorte, entrando e saindo por mérito próprio, com o poder de escolher, fazendo adaptações vitoriosas a equipes mais velhas, perdendo em agilidade mas ganhando em estabilidade, no circuito, desde o início, de empresas cosmopolitas, oligopolistas ou monopolistas, de ponta tecnológica.

José incorpora o jeitinho e a gratidão pela oportunidade de crescimento; o segundo incorpora o rigor e o orgulho de ofício de quem “fez por merecer”. Ele pode até fracassar, mas encontra reserva de energia e confiança para reerguer-se, pois lembra que já subiu uma vez. João percebe-se prisioneiro do reforço rígido da confiança, elaborando mágoas, mas acostumado a sucessos. Nos dois casos, os ideais de ascensão social pelo estudo e a admiração pelas estatais brasileiras são características do período histórico no qual seus pais foram formados e seus primeiros esforços em busca de trabalho, dinheiro e autonomia tiveram êxito.

b) Sobre a entrada na empresa

José -

Fui chamado três anos depois do concurso, aos 23 anos. O salário me atraía. Hoje o que mais prende é a assistência médica. Sobre o salário houve uma armadilha: elevamos o padrão e o fomos cortando, pois a empresa defasou. No começo do embarque tive um grande problema de adaptação e me perguntava “o que estou fazendo aqui?” Entrei como Operador de Produção e permaneço na função, apenas mudei de plataforma. Antes do primeiro embarque fiz um curso de salvação, o resto a gente aprende no dia-a-dia. Depois fiz outro curso de salvação e um de tratamento de óleo. Já li sobre a empresa, que é enorme, com uns 40.000 trabalhadores, e tem uma história longa e bonita.

João -

Aproveitei umas férias e prestei quatro concursos. Eu queria me testar, mas passei nos quatro: mecânico da Petrobras, plataformista da Petrobras, mecânico da REFFESA e instrumentado de voo da Aeronáutica. Fui chamado para plataformista e adorei. Na época a empresa era um sucesso nacional e o salário era o maior. Eu tinha 25 anos e senti o quanto o treinamento foi puxado, dedicação total. Fomos avaliados em vários testes e provas, todas eliminatórias. A dificuldade maior, mas comum a todos, era o desconhecimento das ferramentas de perfuração. No treinamento teve outro módulo intenso que foi o de abertura de bombas, de injeção de lama e centrífuga, envolvendo tarefas complicadas que preenchem quase todo o nosso trabalho. O treinamento foi ótimo e fiquei em 3º lugar.

Se os cursos, a história da empresa, o salário e a política social, em momentos diferentes e em posições relativas de importância, fazem o vínculo com a empresa, José não deixa de pontuar as primeiras dificuldades, decepções e distanciamentos, sobretudo a prisão do regime de embarque e a armadilha do salário. Trocou a liberdade das ruas pelo alto padrão de vida e ele se esborou, agora a prisão torna-se confortável pela compensação dada pela proteção social, mas, por quanto tempo? Enquanto isso João reafirma sua história de vencedor de testes, aos quais está sempre se submetendo, passa em todos os concursos de seleção e em todas as provas de treinamento, idealizando os rigores e a capacidade de colher o que lhe aprouver, normalizado e hipersocializado

c) Sobre a organização da empresa

José -

A organização da empresa é complicada, mais agora que ocorre reestruturação por conta da qualidade total. Eles só pensam a parte da empresa, nunca nas condições de trabalho da gente. As chefias estimulam competição, "seleção natural" como eles chamam, através de uma central de boatos. Aí começaram as pressões, de transferência, de mudança de função, de desemprego. Quando mudou •

Superintendente, foi apresentado um painel sobre a produção no Ceará: situação ruim, reserva de petróleo para três anos, produção baixa, custo elevado e número alto de funcionários. Quanto a avaliação, não sei direito, parece que somos classificados, anualmente, em Superior, Médio e Inferior. A pessoa com dois “inferior” fica passível de demissão. E dizem que essa pressão é para incentivar o trabalho do funcionário. Vem por aí um tal de Gerenciamento de Desenvolvimento de Pessoal-GDP, que é mais cruel, vai acabar com a estabilidade e dar mais poder de demissão. Foi descartado no acordo Sindicato/Empresa, mas tem gente tentando enfiá-lo garganta a baixo.

João -

Estou há dez anos na Petrobrás e acho que conheço a organização e a história da empresa. Sei que há 40 anos um grupo de brasileiros, liderado por Monteiro Lobato, sonhava que no solo da Bahia havia petróleo. Escavaram e comprovaram a verdade do sonho, mas as multinacionais disseram que não havia nada. Depois ali mesmo foi descoberto o primeiro campo de petróleo do Brasil. Até hoje a Petrobrás necessita das multinacionais para a perfuração de poços e deve estar sempre atenta para não ser lesada. Tenho certa ideia de como a empresa funciona, a presidência, as diretorias (comercial, financeira etc), as superintendências de ramo e de região, até chegar ao nível operacional de base.

Entre uma consciência crítica sobre a natureza das contradições que percebe e um difuso sentimento de ser perseguido, vitimado, José discrimina complexidade de confusão, a gravidade objetiva dos problemas de uma suposta gravidade manipulada por interesses anti-trabalhador. As expressões são críticas e duras - parciais (só o lado da empresa), autoritários (enfiar garganta a baixo), estimuladores de competição primitiva (seleção natural) e destruidores de conquistas históricas (fim da estabilidade). As palavras de João são contemporizadoras, orgulhosas das conquistas da tecnologia nacional, apontando sua crítica para a conjuntura internacional de exploração, contra o poder das multinacionais estrangeiras. Para o primei-

ro, destaca-se a crise; e para o segundo, a história. Para o primeiro, as contradições internas, independente da bandeira hasteada sobre o patronato, a nacionalidade do capital; e para o segundo, o que torna digno a permanente prontidão de defesa (deve estar sempre atenta para não ser lesada), é o embate externo, ecoando sons distantes das palavras de ordem anti-imperialistas, lembrando deslocado ajuste de contas com a empresa que lhe tomou o registros de criações.

d) Carreira

José -

Minha jornada é de turnos de 12 h, diurnos ou noturnos, na maioria das vezes misto. Almoço por volta das 11 h 30 min e o jantar é por volta das 18 h. Trabalho, refeições, descanso, tudo é feito na própria plataforma. As emergências nos obrigam até a emendar turno e é horrível não ganharmos hora extra. A gente esquece até de comer, quando acontece emergência, pois a prioridade é o trabalho. Eu conheço pouco sobre as normas da empresa, sei apenas o que vem na CI (Comunicação Interna) semanal. Nunca fui punido mas conheço quem foi e acho injusto, radical, o sistema de punição. Esse ano não houve avaliação por conta das greves, então eles decidiram repetir as notas da avaliação anterior. Ouvi falar que cada classificação de “médio” que a pessoa recebe equivale a seis meses de atraso em relação a quem tirou. “superior” e se tirar mais de um “médio” significa ficar dois níveis abaixo dele. A parte de treinamentos anda muito fraca. Soube de época em que um pessoal entrou na empresa sem fazer concurso, mas eu fiz concurso e esperei três anos para ser chamado. Toda vez que falam em redução de custos, a gente já sabe, é redução de postos de trabalho. Vantagens: o salário ainda está acima da média e a assistência médica é excelente. Desvantagens: o confinamento do embarque e as pressões terroristas sobre o trabalhador. Quando começam as transferências, fica impossível trabalhar direito. Estamos desmotivados, fazendo só o essencial. Quem saiu da empresa até agora foram voluntários com visão do futuro e coragem, pois a situação interna degradingolou.

João -

Vejo muita injustiça na DRH: quase todo mundo está “topado” no alto de suas carreiras. O mecânico parece que vai até o nível 36, com promoção de um nívelano, ao chegar ali deveria ser promovido a contramestre, que, ao chegar a 46, deveria ser promovido a mestre, e ao topar no nível máximo de mestre deveria ser promovido a auxiliar técnico, de onde então deveria ser promovido a técnico. Aí estaria na hora da aposentadoria e teria crescido sempre. O plano existe, é bom, mas não é praticado. Dois segmentos da empresa, embora vizinhos, podem ser muito diferentes na lógica de trabalho e no relacionamento entre os trabalhadores. Num, há tendência para trabalho coletivo e união, o que gera muita amizade também fora do serviço. No meu setor o estímulo é para o trabalho solitário, cada qual na sua, o que gera muito individualismo, dentro e fora do serviço. As vantagens são a assistência médica e o complemento de licenças e aposentadorias. As desvantagens são a carreira “topada”, a distância da família, o regime de embarque e o sistema de sobreaviso.

Ambos, José e João, convergem para o diagnóstico de dificuldades e injustiças. José descreve a rotina, o sistema de turnos, o sobreaviso, as emergências, a ausência de pagamento da hora extra, o sistema de punições descrito como radical, o sistema de avaliação entendido como prejudicial, as pressões ditas terroristas sobre o trabalhador e a prisão do confinamento. João descreve a carreira, a ausência da chance de progredir, a contradição entre o plano de carreira e a prática concreta do plano, o sistema de sobreaviso, a distância da família derivada do regime de embarque e alguma coisa cultural, ligada à lógica dos setores, que impede uma socialização solidária.

E ambos começam a transcender a descrição e a análise interna, apontando para o esboço de duas interessantes teorias: para José, são visionários e corajosos os que estão saindo, pois é preciso aliar uma visão de futuro capaz de prevê o colapso da empresa, sobretudo dos ideais que a tornaram importante e forte, com a coragem de abandonar a segurança do salário ainda relativamente bom e a

incomparável proteção social, a fim de correr os riscos da liberdade, pois a quem fica deve faltar pelo menos uma das duas características; para João, a observação das diferentes lógicas dos setores e dos diferentes comportamentos fora do trabalho, quando fica evidente a adequação entre lógica e comportamento, permite deduzir que a vida social decorre e espelha o aprendido no mundo do trabalho, o trabalho constituindo-se em matriz pedagógica de experiências, percepções, estilos, ideias e visões de mundo.

e) Representações

José -

As fofocas dos trabalhadores são uma forma de escapismo: sobre chifre, “veado” e puxa-saco. Eu conheço a diretoria do sindicato, é um pessoal bom, já o pessoal da diretoria da empresa conheço só de vista. Dificilmente recebo instruções de como manejar as máquinas e, quando chegam, estão escritas em Inglês. Do trabalho, passamos ao nosso dia-a-dia algumas expressões em inglês - tum on, stand by, stop etc – daqui a pouco a gente fala uma língua misturada. A empresa está informatizada e os funcionários aprendem computação à força. O Assistente Técnico de Operação-ATOP é o manda-chuva na plataforma. é ele quem ordena as tarefas e diz quem deve fazer isto ou aquilo. Um engenheiro pede amostra e o ATOP manda alguém executar. Nosso trabalho é importante para o trabalhador, é seu ganha-pão; e para o país, pois o petróleo é uma das maiores riquezas do mundo e o Brasil deve buscar sua auto-suficiência.

João -

Conheço o pessoal do Sindicato, o pessoal da Diretoria e as normas da empresa, elas estão no contrato, por escrito: lugar determinado de fumar, hora autorizada para locomoção, horário de ir ao refeitório etc. Mas existem outras normas, não escritas, sobretudo ligadas a contato com a imprensa, em caso de acidente ou descoberta de poco. Se alguém falar e for descoberto, vai passar por um

duro processo interno. Essas normas informais acabam sendo mais rígidas do que as escritas, pois não sabemos direito seus critérios. Tem alguma coisa errada nos cursos modulares: um cara faz apenas a primeira fase, outro faz a segunda, outro faz a terceira. Não está certo. O cara deveria fazer as três fases, senão para que o curso? Nossa tecnologia aqui no Ceará está entre moderna e avançada. As nossas turbinas são de fabricação norueguesa e a grande maioria do material é importada. Tem poucos manuais escritos em português, a maioria ainda o é em inglês. Consigo ler o suficiente para dar conta de minhas tarefas. Quando ocorre um problema, juntamos a equipe e com o palpite de todos damos conta da tarefa. Acho que o vendedor deveria preparar manuais na língua natal dos compradores. Boa parte da empresa é computadorizada, mas não sei usar computador.

A visão de José tem foco antropológico, acompanhando, em grande cenário ou no detalhe, as atitudes, os comportamentos, as relações internas: a presença maior do pessoal do Sindicato, os manuais escritos em inglês, a transposição da linguagem técnica para o cotidiano, a queda-de-braço com o computador e a hierarquia dominada pela figura do ATOP. Para João a empresa é observada por um filtro macropolítico, em grande cenário, das normas escritas, mais impessoais, negociáveis através de acordos explícitos, e das normas não escritas, ambíguas, difíceis de contra-controle por parte do trabalhador, mas sem descurar de detalhes, como as soluções coletivas para o baixo conhecimento da língua exigida pelos manuais, da modularidade dos treinamentos e, também, o da queda-de-braço com o computador.

Se João tem visão mais abstrata e política, satisfaz-se com a narrativa da visão, enquanto José, mais clínico, mais subjetivo, sente-se capaz de elaborar algumas teorias: 1-sobre as fofocas, um escape da prisão-plataforma e um escape bem humorado das armadilhas da condição, como a das esposas e namoradas, abandonadas em terra, poderem procurar consolo e compensação em homens de terra, desembarcados e desembaraçados (“chifre”); a do constrangimento de

uma comunidade masculina condenada ao seu próprio convívio, podendo chegar ao consolo e à compensação auto-suficiente (“viado”); a da salvação individual da carreira e do emprego, via adesão submissa aos detentores do poder institucional (“puxa-saco”); 2- sobre o diferencial de importância do trabalho para o trabalhador, para a empresa e para o país, estes dois últimos identificados como um só interesse, e em todos os casos trabalho é igual a sobrevivência, o ganha-pão do indivíduo, a auto-suficiência em riqueza estratégica do país.

f) Quotidiano

José -

Estamos com dois operadores em cada horário quando anormalidades ocorrem, os aparelhos eletrônicos da sala de controle detectam e o operador da sala avisa, pelo alto-falante, para o operador da área verificar a ocorrência. A atenção é total, o operador de área deve verificar diariamente os poços, para testar a produção de óleo, visando mantê-la num limite pré-fixado. Caso a produção baixe, tem que verificar o problema e consertar, pois o poço não pode cair daquele mínimo. O gás é combustível das turbinas e, às vezes, pode ocorrer alguma obstrução nos tubos, dando uma baixa que prejudica todo o sistema. A correria é grande tem que aumentar a abertura do poço, às vezes é necessário abrir outro poço e desarmar o painel do depurador, para, com a baixa de pressão, não haver mistura de gás com óleo. Um prejuízo da turbina pode resultar em até três horas de falta de produção, o que significa milhares de dólares perdidos. Às vezes, na hora de desmontar um regulador de fluxo do poço, descobrimos que é impossível regular o dial porque não existe a ferramenta apropriada. Nesse meu último embarque foi um inferno, pois uma turbina parou por baixa pressão de óleo, aí parou a bomba de transferência e não tinha para onde o óleo ir. Os poços surgentes possuem pressão própria e mandam o óleo para a superfície, não precisando de bomba. Os poços não surgentes mandam óleo para o vaso, de onde é puxado por uma bomba até o oleoduto, e quando a geração de energia pára, essa bomba também

pára. Tudo isso faz parte do meu dia-a-dia: operação com problemas em equipamentos, válvula de controle de nível defeituosa, risco de prejuízo etc. Para realizar esse trabalho a pessoa tem que aliar tudo: força para abrir válvula, pensamento rápido para escolher os caminhos certos nas horas certas, boa visão e capacidade de decisão.

João -

A rotina do plataformista era de embarque de 14 dias direto, expediente de 12 às 18 h, descanso até às 24 h e novo expediente até às 12 h do dia seguinte. Depois o embarque mudou para sete dias direto e o expediente para turnos alternados de 18 às 24 h, com repouso até às 12 h e novo expediente até às 24 h. O trabalho na mesa de perfuração consiste em limpeza da sonda, montagem de equipamentos de Gogurança, preparar a tubulação que desce no poço e medir as roscas, colocar tubo e descer a rampa, auxiliar na preparação da lama química, ajudar o sondador com as sondas pois só tinha um sondador por sonda e é serviço que cansa muito. O trabalho de plataformista é muito pesado e cheio de riscos. Tem o período de 12 horas de trabalho contínuo e a completa ausência de horas vagas dentro da jornada. A transferência para Fortaleza se deu por causa de um acidente de trabalho que sou, da aprovação em outro concurso para mecânico da Petrobrás e da necessidade da empresa em reforçar a equipe de produção do Ceará. A minha expectativa com a mudança foi grande, pois a base da minha vida já estava pronta. Até hoje a expectativa está se realizando, no dia em que isso não acontecer mais eu saio da empresa. Eu me sinto bem, a viagem é longa e difícil mas é muito melhor ser mecânico de plataforma marítima de produção do que plataformista de mesa de perfuração em terra. Meu horário de trabalho: acordamos e das 06 às 18 h trabalhamos, temos duas paradas de meia hora para um lanche por volta das 09 e das 15 h, de 12 às 13h 30 min é a folga do almoço. São 10 horas de trabalho direto. Das 18 às 06 h o sistema é de sobreaviso para necessidades, o que pode te acordar por 20 minutos ou por cinco ho-

ras. Certa vez fiquei acordado 72 horas por causa de uns problemas. Não é toda semana que acontece emergência, mas tem embarque no qual acordamos duas, três, quatro vezes por noite. Posso ter de atender emergência na minha plataforma ou pegar lancha para deslocamento até plataforma satélite. Já acordei de madrugada numa plataforma para, meia hora depois, subir em outra, de cesti-nha puxada pelo guindaste, sem energia, o cara do barco sem ver nada para cima, o cara do guindaste sem ver nada para baixo e eu no meio, balançando bruscamente no escuro, quase batendo nas colunas da plataforma.

A competência técnica e a lógica do processo produtivo ficam plenamente expressas nos discursos. José e João sabem do que falam e falam do que sabem, demonstrando, numa equação matemática, a rotina de calmarias e emergências e a guerra-civil permanente com a idade da planta física, a idade dos equipamentos e as opções de investimento e segurança da empresa. A cultura é de instituição total, sem o correlato de mortificação do eu, mas mantidas a farda, a padronagem e o controle pela hetero e auto-vigilância (Foucault, 1978; Goffman, 1978), onde, do trabalho ao repouso, passando pela alimentação e pelo precário lazer, tudo ocorre numa ilha artificial, cercada de temores por todos os lados. O ritmo sono-vigília é violado, de modo agudo, pelas emergências e, de modo insidioso, crônico, pela situação permanente de sobreaviso. A consciência tensa, em prontidão, de estar operando fenômenos muito maiores que o homem, todos entregues às forças da natureza e tendo que contar com os próprios recursos, decidindo no gume da navalha da própria capacidade de decisão, recebendo o apoio e o pagamento, nunca suficientes, que distantes político-burocratas outorgam. E o sentimento da dimensão gigantesca dos alazeres traz, para José e para João, suas próprias condições pessoais: para José, a descrição das habilidades, a capacidade de correr riscos, a força física, a agilidade de pensamento, o olhar arguto; para João, numa cena simbólica, alegórica, uma Cesta suspensa no escuro, balançando entre grandezas que o podem esmagar.

g) Saúde e trabalho

José -

A iluminação e a ventilação do meu ambiente de trabalho são boas e os alojamentos são refrigerados, mas os aparelhos vivem com defeito; o ruído é intenso e existe odor, tanto de gás como de produtos químicos; o espaço é regular, mas o estado dos equipamentos é precário. O principal problema de saúde que eu relaciono ao trabalho é a perda de audição. Fazemos exames periodicamente e percebo a maioria dos amigos reclamando. Estou tomando um medicamento para um catarro seco, que tento engolir e não consigo, o pessoal chama de “barba na garganta”, mas acho que isso não se relaciona com meu trabalho. Já tive dois acidentes de trabalho o primeiro foi uma queda de escada; o segundo foi um tambor que caiu e quebrou meu pé. Resolvi o primeiro na plataforma, mas o segundo eu tive que desembarcar. Uso equipamentos de proteção individual - farda, bota, capacete, protetor auricular e luva - mas nunca participei da CIPA. As idéias são muitas mas poucas são implantadas, o que desacredita.

João -

Nós desmontamos turbinas, no meio de muito ruído, às vezes acima dos 115 decibéis. Há descanso no meio do expediente e discussão dos problemas com os colegas, o que não ocorre em outros setores. Depois de meu acidente fiquei 15 dias de atestado médico, 45 dias de férias e mais 60 dias de atestado médico. Desmontávamos uma sonda e, na hora de folgar os esticadores de cabo, um deles deu problema. Éramos três envolvidos no processo de descida do telescópio, a parte superior do mastro. Quando o esticador estourou as roscas, o cabo se soltou e acertou minha cabeça, me jogando sobre uma caixa de marcha de transferência. O impacto foi grande, perdi os sentidos e só me lembro de cenas muitas horas depois, já no hospital. As condições de trabalho são assim: a temperatura, na sala de turbina, é péssima, pois a descarga dos geradores pode chegar a 560° C, e o ruído é sempre muito elevado, o que

perturba audição (surdez), pressão arterial (hipertensão) e comportamento (irritabilidade). A impossibilidade de rodízio é um fato: os postos de terra são menos da metade dos postos de mar. Outra coisa é que trabalhamos 12 h e nas outras 12 h ficamos de sobreaviso. Os problemas estão relacionados a preocupação com acidentes, sistema de sobreaviso, ritmo do trabalho, ruído e o isolamento do confinamento. A empresa tem uma política de higiene e segurança boa, a CIPA é ativa e meus equipamentos individuais de segurança são bons, o problema é o tipo de trabalho mesmo. A luva incomoda devido aos pequenos espaços que temos para colocar as mãos, mas damos um jeito. O protetor auricular não consegue proteger o suficiente no caso de alto nível de decibéis. Fiquei traumatizado com trabalho noturno e se suspeito de problema em plataforma satélite, eu prefiro ir logo, de dia, e já dormir por lá. O trabalho embarcado prejudica meu tratamento neuropsiquiátrico, pois não consigo fazer psicoterapia, só uso de remédio. O sobreaviso prejudica meu sono, fico sempre na expectativa de uma emergência, de uma coisa ruim por acontecer. Não podemos ter barba grande porque se a gente precisar de máscara de oxigênio para salvar um colega acidentado dentro de um vaso, a barba pode deixar passar gás entre a pele do rosto e a máscara e nos intoxicar. Não podemos ter cabelo grande porque o cabelo grande pode enrolar em equipamento giratório e matar a pessoa. São normas técnicas, de segurança, que viram normas de comportamento.

A percepção das condições de trabalho é bastante objetiva, discriminativa e crítica, capaz de identificar problemas, estabelecer associações lógicas de determinação, mas sem o desenvolvimento de uma compreensão esclarecedora dos modos de operação. José identifica no ruído a principal fonte de ameaças à saúde em seu trabalho, especula de modo folclórico por associações analógicas, descreve dois acidentes de trabalho de baixa gravidade e mais uma vez retorna às suas ambiguidades: denuncia a CIPA pelo que ela deixa de fazer, sem

afirmação positiva do estado de ânimo nos resultados que porventura obtenha, num clima de distanciamento e descrédito, de mitigadas decepções. João é mais atento, justifica tecnicamente as normas de segurança, lista problemas (risco de acidentes, elevação de temperatura e ruído, sobreaviso, confinamento), descreve os paradoxos dos equipamentos de proteção individual (a luva que diminui margens de manobra necessárias à boa consecução das tarefas, o protetor auricular incapaz de dar proteção ao volume de ruídos, a opção entre o temor da solidão em plataforma satélite e o temor maior de deslocar-se na escuridão da noite) e relaciona de forma biunívoca elementos do processo de trabalho com elementos do processo saúde/doença: calor, ruído, confinamento, sobreaviso = surdez, hipertensão arterial, insônia e irritabilidade. Por fim, com precisão, relata um último e definitivo paradoxo: a nova tarefa é formalmente reabilitadora, considerando o grande acidente de trabalho sofrido, mas impede a continuidade e a qualidade do tratamento. A nostalgia de liberdade de José o coloca no centro de inúmeras clarividências e armadilhas do cotidiano; o orgulho profissional de João o encurralou em alto mar, depois de uma experiência catastrófica, diagnóstico cruel do fracasso da onipotência, transformada em doença e desamparo.

h) Trabalho, família e consumo

José -

Quando estou em terra tenho encontros casuais com os colegas, nunca planejo nada. Frequento o clube da Petrobras vez por outra, pois minha filha gosta da piscina. Eu penso muito em passear, mas a condição financeira não deixa. Meus amigos dizem que é uma obrigação reservar dinheiro para o lazer, mas eu invisto em melhoria da casa e nunca sobra nada. Minha esposa faz crediário de roupas e calçados, a escola e a feira aumentam, só não aumenta meu salário, a única coisa inflacionária, segundo o governo. Minha esposa quer aprender a dirigir e eu não sei ensinar, falta paciência. Por um lado tenho medo que ela se acidente, por outro vejo que é necessário, pois às vezes minha filha perde aula quando estou embarcado. O transporte da plataforma é bom, quando é de heli-

cóptero, mas ele atrasa, pela espera de outras pessoas. A lancha é ruim, mas pontual. Então prefiro embarcar de helicóptero e desembarcar de lancha. No desembarque, a impaciência não deixa esperar o helicóptero, é tempo de nossa folga que perdemos. O transporte é muito desorganizado, eles não se preocupam com as pessoas, só em economizar combustível. Meu trabalho interfere na minha vida familiar pois em qualquer embarque a minha esposa fica revoltada e chora. Só que minha vida familiar não interfere no meu trabalho. Estou na empresa há seis anos e só agora eu consegui comprar um video-cassete. Acho que já falei demais e o que não foi dito.

João -

Não tem sobrado tempo e dinheiro para nada, só para a sobrevivência da família e para tratamento. Não sei o que seria de mim se não fosse minha mulher e minha filha, mas os problemas do trabalho parece que tornam a gente obcecado. Estou com uma poupança muito pequena investindo no financiamento da casa e sem muita condição para enfrentar este arrocho de salário, também sem perspectiva de fazer alguma coisa fora daqui. Talvez montar um comércio e continuar criando meus passarinhos. Já aprendi a não levar problema de casa para o trabalho, embora minha mulher se preocupe, mas ainda não aprendi a não levar os problemas do trabalho para casa. Não tenho mais o que dizer.

José e João estão sem poupança, rendas arrojadas, investindo com dificuldade na melhoria da casa própria, acreditando que o trabalho interfere em suas vidas familiares e em suas sociabilidades, mas também acreditando, com a mesma firmeza, que a vida familiar não interfere no trabalho, embora as esposas se preocupem, como a de João, ou chorem e se revoltam, como a de José. O tempo de desembarque é de desconexão com o trabalho, os colegas, a plataforma, a empresa. José, mais uma vez, é cronista das contradições: o uso do helicóptero é confortável, mas admite atrasos, por isso é bom para os

embarques; o uso da lancha é desconfortável, mas há pontualidade, por isso é bom para os desembarques - há aqui uma milimétrica contabilidade dos minutos ganhos e perdidos na jornada ou no tempo dito de folga, uma milimétrica expressão. da guerra civil da jornada de trabalho (Marx, 1974a).

Nada no trabalho está sendo plenamente compensador, os prêmios do início sumiram, as ilusões também. Nada fora do trabalho está tendo poder reparador, recuperador, religador, reapropriador. José e João apresentam-se inteiros, competentes, conscientes de um certo viver com gosto trágico, narradores precisos de suas armadilhas, deixando o desencanto e a ambiguidade nas entrelinhas (de José) ou projetando a obsessão e a impotência nos passarinhos (de João).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRABALHADORES EM LUTA PELA SANIDADE, PELO ORGULHO DE OFÍCIO E PELA VIDA DIGNA

Estabelecer a relação entre certas realidades, certas formas de expressão e certos nomes constitui apenas o começo de um processo de compreensão que pode ser apoiado em três ferramentas básicas: uso de trabalho como categoria ontogênica; de concepção de mundo, ideologia e ser social como categorias operacionais; e de modo de reapropriação como categoria explicativa.

Os objetivos são montar o mapa de conflitos entre trabalho e saúde mental, tal como aparece para os trabalhadores montarem o mapa de soluções de compromisso, que mantenham estes trabalhadores em funcionalidade social satisfatória, a despeito dos preços psicossociais a pagar; e identificar, em nível teórico, as grandes formas de expressão das soluções encontradas. Aqui o texto retoma a dimensão teórica, reconstruindo abstratamente o concreto estudado e testando os instrumentos do mapa de conflitos e dos modos de reapropriação. buscando demonstrar como a experiência específica de trabalho gera um jeito próprio de conflito psíquico, de expressão dos impasses e de saídas.

1. As ações e as verdades.

Os sujeitos discursam sobre o si mesmo por meio de exposição direta, concisa, admitindo um segundo padrão no qual a exposição revela-se difícil, mas o uso de adversativos permite o aquecimento necessário à fala. O grupo, indo direto ao assunto ou pontuando o tema com desconfortos, apresenta-se articulado, fluente, com bom domínio da língua, esforçando-se em colaborar, informar e ser sincero. A experiência prévia de mobilização sindical para a defesa de direitos trabalhistas e política para a defesa da exploração nacional-estatal do petróleo, a alta escolaridade média que inclui titulação mais elevada que a exigência formal do mercado de trabalho para as funções específicas, e as exigências de atualização organizacional e tecnológica, ajustam-se ao perfil apresentado pelo grupo.

Quanto à natureza das categorias de autorrepresentação, com facilidade é possível identificar um modo hegemônico de expressão. Olvidam religião, política e tradições culturais para afirmarem-se como indivíduos independentes, livres e iguais em mercado de indivíduos, existindo em sociabilidade que apenas se expressa na esfera do privado. O grupo encontra na rotina do existir, na moralidade individual e nas impressões do mundo do consumo, as fórmulas capazes de expressar o que sente e pensa. Além disso, não se esforçam por superar a superfície do empírico, a aparência dos fenômenos, e, em contradição com a história de militância político-sindical e de simpatia por propostas nacional-desenvolvimentistas, aderem a categorias existencial-morais na hora de elaborarem um discurso que fotografe a própria identidade. Há uma consciência de direitos que nasce na esfera corporativa e se amplia contra a miséria das massas populares e a prática fisiológico-autoritária das políticas públicas.

O conceito inteligência surge sempre qualificado de modo negativo. Da noção de complexa faculdade de apreensão mental, de análise de informações e de compreensão perspicaz, os petroleiros extraem apenas uma expressão operativa, carregada de certo sentimento de inferioridade e decorrente da ética comodista. Um processo de trabalho intertravado e lógico, como o deles, exige um sistema

de procedimentos postos em manual. adequado a uma rotina fática, pouco flexível e pouco criativa, e isso é transferido para a linguagem do trabalho, uma linguagem-trabalho vivida. A qualidade ou estado de normal, isto é, habitual ou segundo a norma, emerge como ambição social, política, moral e filosófica posta sob forma de frequência estatística, para fins defensivos de acomodação. A rebeldia, como capacidade de luta contra condições adversas, a humilhação e a perda de liberdade, adquire o sentido construído, pelo senso comum, de obstinação, infantilidade e indisciplina, para a justificação de um sentimento de impotência advindo da luta para garantirem o trabalho, o emprego, a lógica pública da empresa e a posição financeira mais ou menos paralisada há uma década

Inábil e frustrado é o esforço em estabelecer nexos entre, por um lado, queixas, e, por outro lado, valores; mais ainda, entre, por um lado, estados de saúde, e, por outro lado, condições de trabalho. Estes trabalhadores assimilaram e apresentam, ativamente, uma concepção causal da determinação do processo saúde/doença, causa atribuída a azares da genética, trama interna do corpo ou acidentalidade derivada do mundo externo. É diminuta a visão mágica ou dialética, imperIALIZADAS pelo saber médico constituído como um positivismo prático nos últimos 200 anos, pois a tendência do grupo é entender saúde como condição biológica básica, da qual, se perdida, resta a doença, resultado de desequilíbrio, fracasso e falência biológica-individual.

Todo o grupo identifica-se, de maneira mais ou menos precisa, imediata ou ancestral, como localizado na transição entre o rural e o urbano, postulada como oposição interior versus capital. O estilo descritivo oscila da rotina (nasci em tal lugar, meu pai nasceu em tal lugar etc.) a sínteses teórico-metafóricas (somos da batalhadora, tradicional e saudável família brasileira). O entendimento do processo migratório vai da simples exposição (vim, viemos, mudei, mudamos) a consciente articulação de determinantes (busca de trabalho, busca de estudo, separações). A família de origem é concebida como de estilo rural, antiga, tamanho extenso, lógica patriarcal de organização, posição passiva da mulher, relação vertical e de obediência dos filhos, enquanto a família que o grupo está sendo capaz de constituir é con-

cebida como de estilo urbano, moderna, tamanho concentrado, organização centrada na díade pai-mãe, relação intensamente afetiva e democrática com os filhos. A identificação de um crescimento social é dada, pois, a partir de famílias historicamente pobres ou de famílias cuja pobreza derivou de perdas, através de estudo e escolaridade como alavancas para o crescimento, estes trabalhadores efetivamente conseguiram oferecer ascensão social a si e às suas famílias sentem-se vitoriosos, realizando o mito do *self made man*, em perspectiva histórica relativa.

O grau de agregação, de capacidade de manter união duradoura, parece ser idêntico entre a família de origem e a constituída, mas o de satisfação evidencia-se como bem maior nas novas famílias. O grupo denuncia as brigas dos pais, traumática vivência que marcou a vida de todos, e nelas inspira-se, pelo avesso, ao estabelecer relacionamento com colegas, mulheres e autoridades. Também denuncia os espancamentos sofridos, por descarrego de raiva ou tática educacional, outra traumática vivência que marcou a vida de todos, e nelas inspira-se, pelo avesso, ao estabelecer relacionamento com filhos e filhas. A lógica da ação é sempre especular e, deste modo, encontram-se respaldados plenamente para exigirem de si mesmos contenção no número de filhos, construção de uma ideologia que justifique divórcios, exigência de equilíbrio democrático no relacionamento marido/esposa ou busca de esposa que aceite a suserania masculina e, sobretudo, o fim da relação pai/filhos baseada no espancamento. De modo empírico, sem elaboração intelectual formal, eles apontam para uma cultura da tolerância, consubstanciada na proposição indicativa do prazer de educar e da satisfação de perceber a identidade pessoal tendo continuidade nos filhos.

De todo modo, por quaisquer que sejam os caminhos, os sujeitos voltam à autoimagem, que explicita os tipos dominantes no repertório comunitário, marcando, de modo irônico, condescendente ou agressivo, valores e contravalores, ideais e contra ideais. Alguns consideram-se insociáveis, mas, a despeito da dificuldade em fazer amizade, há um cálculo - este que é meu colega pode ser meu superior no futuro, este a quem nada devo *pode* ser útil a mim no futuro - ,

e o ambiente da empresa é considerado em tudo diferente ao mundo externo, concebido como lugar da espontaneidade, da escolha livre, do prazer. Há uma autoconsciência irônica, realiza-se o esclarecimento conceitual entre colega e amigo e fica demonstrado o estreito círculo afetivo no qual o grupo se move. Outros apresentam-se sociáveis, mas às custas de um vigoroso esforço de ajustamento social para superarem o retraimento, a timidez, a seletividade rigorosa. O estudo indica que as dificuldades de sociabilidade marcam o grupo, enquanto grupo, pelo que têm em comum. Não se sustenta, logicamente, imaginar que “insociáveis preferem” o trabalho em produção petrolífera ou que a “empresa selecionou” insociáveis.

Se insociáveis, num ambiente marcado pela ordenação normativa dos processos técnicos de produção e pela hierarquia em estilo militar, como se passa a comunicação destes trabalhadores embarcados, longe de casa e dos centros de decisão da empresa, obrigados a convivência em módulos de sete dias, em agregado de convívio masculino estrito? A comunicação informal apresenta, sobretudo, conteúdo diretamente operacional ou quotidiano: o congelamento de salários e a perda do poder aquisitivo, os programas de redução de pessoal por transferência ou demissão, as modas organizacionais de qualidade total ou reengenharia, os acontecimentos dos períodos de desembarque, o comportamento em greve (a empresa como inimiga) e a perspectiva de privatização de estatais (a empresa como objeto a ser defendido). Paralela ou sucessivamente, imiscui-se o conteúdo moral. infidelidade, homossexualismo, piadas contra portugueses (o colonizador-explorador arcaico) e negros (o trabalhador-explorado arcaico).

O tema das preocupações e chistes aprimora-se politicamente, porém o *leit motif* inicial, recorrente num primeiro plano, é infidelidade e homossexualismo. O que um bando de homens, nordestinos, origem rural-patriarcal, cultura machista, confinados em alto mar, poderia mesmo falar a não ser na sobrevivência de si mesmos como provedores do lar e como machos? Não se identifica a ocorrência real de infidelidades ou práticas homossexuais, e sim a preocupação difusa, os temores supervalorizados, condensados e projetados nestes temas. Esgotadas as lógicas iniciais de aquecimento dos contatos, os

trabalhadores dizem que a situação política da empresa, sua estrutura organizacional taylorista-militarista, a especificidade do regime de embarque e a formação social de certos subgrupos explicam o incremento da comunicação espontânea e justificam a mudança de tema dominante, dos genéricos da cultura patriarcal-machista, ressignificados pela experiência de grupo de homens confinados, para os específicos da condição de trabalhadores de uma empresa estatal estratégica em crise de produtividade, identidade e missão, que está terceirizando sem controle de qualidade. Mas quando há medo de falar das coisas do trabalho, a necessidade de comunicar e significar reassume temática primitiva, recuperando os padrões gerais da cultura.

Entre os que aceitam discorrer sobre o tema da sexualidade, com algum nervosismo, mas evidente vontade de cooperação, a tendência é descrever a vida sexual como algo comum, porém insatisfatório, pois perturbado pela timidez, pelo fim da atração erótica e pelo regime de embarque. A descrição de algo amortecido é feita com poucas palavras, mas, em sua concisão e clareza, indicam dois grandes preconceitos que circulam na cultura: a normalidade estabelecida a partir do rito burocrático-religioso do casamento e o fim da paixão pela monogamia e pela convivência continuada. Depreende-se que as personalidades, os níveis de renda ou de escolaridade e as exigências que os trabalhos colocam sobre as pessoas não determinam, apenas influem neste processo, pois a vida e o casamento são assim mesmos. A insatisfação é atribuída a questões pessoais acidentais, conflitos da personalidade e fim do desejo.

Mas segmento considerável anuncia o sexo como experiência biológica, sensorial e social das mais importantes, satisfação sexual genital e masturbação concebidas como práticas alternativas e legítimas, higiênicas, propiciadoras de equilíbrio vital e de proteção contra doenças. A relação sexual é tida como realização poderosa e, se a forma genital adulta não se encontra disponível, então as práticas infanto-juvenis têm seu lugar, como sucedâneo, compensação, consistindo em um susto prazeroso que não se esquece, em artifício que se torna padrão da sexualidade masculina. Ao final, a masturbação é posta contra pano de fundo lírico e ecológico, e, no ponto mais alto

da plataforma, ao pôr do sol, entre o mar e o horizonte luminoso, sozinho consigo mesmo, o petroleiro de produção pode celebrar seus mistérios sensuais. É significativo o número dos que descrevem o aprendizado técnico do sexo, destacando o papel das prostitutas na iniciação, mas sempre com a consciência da transição, pois a meta seria o acasalamento, a fixação de parceria. Prostitutas são alfabetizadoras, no centro da moral cindida: moças para namorar e casar, profissionais para o sexo e o prazer. Porém há preços de trauma por pagar a horrível fila mercantil do *sexual self service*, as doenças venéreas, as perversões e os vícios. A locadora de vídeo credenciada pela empresa informa que o gênero erótico ou pornográfico ocupa sempre um dos três primeiros lugares na preferência, disputando com aventura, ação e drama. A fita de vídeo ou a revista funcionam como substitutivos do sexo genital, auxiliares ou substitutivos da masturbação. Mas, neste momento, surgem duas expressões bastante fortes: a denúncia dos “coitados contratados” como os consumidores preferenciais e a escolha até “da morte e da loucura” se a vida ficasse sem qualquer tipo de expressão sexual.

Os acontecimentos da vida não podem ser explicados pela maioria destes trabalhadores sem a ideia de Deus, concebido como ente transcendental, força natural ou força moral, ora suficiente para tudo explicar, ora parte de uma trama de determinantes que inclui o Destino, o Acaso e a História dos próprios homens, seres de vontade e capacidade. Apenas poucos associam Deus a uma religião específica, o que demonstra haver um Teísmo, mas com as Igrejas apresentando pouco poder de formatar a ideologia. Um segundo padrão centra-se na ideia de que a vida humana é radicalmente social, experimentada através de uma sequência de eventos dinâmicos produzidos pelos indivíduos e pelos grupos, denominada História, que articula causalidades e casualidades, à luz do livre arbítrio. A História concebida por estes sujeitos tem uma natureza claramente voluntarista, com forte ideologização da responsabilidade individual, o “eu” e o “meu” tomando o lugar do “nós” e do “nosso”. É interessante destacar a polarização das explicações: cinco isolam Deus, quatro isolam a História, um isola o Destino, e no meio uma

ampla gradação de sincretismos, entremeadas de referências a fontes internas e concretas de motivação, representadas por capacidade e esforço, controle pelo menos parcialmente posto sob as mãos do sujeito. Há uma consciência crispada, dolorosa, das contradições, e esta consciência razoavelmente bem elaborada nos discursos, com tonalidades poéticas, filosóficas e políticas, impede que os trabalhadores de plataforma de produção, no Ceará, embarquem em puras cegueiras, emocionais ou ideológicas.

Os trabalhadores que se declaram otimistas com o trabalho e com o país são capazes de constatar as dificuldades, de demonstrar consciência das incoerências e inconsistências, de generalizar e de indicar a agenda necessária a um futuro melhor: realizar a reforma agrária, criar dinamismos econômicos que possibilitem a distribuição de renda, incorporar o planejamento estratégico na esfera pública, ampliar o regime democrático e fazer do exercício político uma profissão competente, diligente e honesta. Mas, embora esperançosos, a convicção de que o brasileiro é ignorante, individualista, propenso à vadiagem, sem qualquer reconhecimento de determinantes históricos para a construção dos fenômenos que vive e observa, leva estes entrevistados a “lavarem as mãos” e desabarem em armadilha narcísica: eu sou bom, o “brasileiro” não. Egoísmo e corrupção são os tópicos-chave para o entendimento da visão que tais trabalhadores têm de ser humano, de povo e de povo brasileiro. A extrapolação e a generalização sem garantias, a partir de uma experiência empírica singular, caracterizam a visão como puramente ideológica.

Mas, se são fortes estas visões, a marca do grupo é dada pelos pessimistas de esquerda. Os discursos são bem mais elaborados, complexos, e apresentam, para além da tonalidade da visão (otimistas versus pessimistas), desdobramentos interessantes que distinguem política de políticos, a importância do servidor público, interesses nacionais de interesses internacionais, uma defesa do monopólio estatal do petróleo e escolhas doutrinárias para o futuro: Trabalhismo (a proposta é de um retorno ao nacional-desenvolvimentismo vigente no período dos governos Getúlio Vargas a Juscelino Kubitschek), Democracia-Crista (a proposta é mais moral do que política, sem

alusão a forma de organização, como uma utopia generosa marcada pela expressão valores cristãos) e Socialismo (a proposta apresenta elementos de organização e de princípios centrados na crítica ao modo de produção capitalista, gerador de desigualdade e dependência, cada vez mais incapaz de produzir novas riquezas e empregos).

Mesmo quando a insatisfação toma forma de uma proposta política concreta, observam-se indefinições e formulações de natureza moral, voluntaristas. Sabem o que não mais querem, porém, confusos, desarticulados, empíricos e moralistas, sentem-se incapazes de formular as saídas práticas. Sobretudo porque a sobrevivência, o imediato dia-de-amanhã, pressiona por solução, através de rol de preocupações: Como entrar, cursar e/ou concluir curso superior, mantendo-se embarcado? Como complementar a renda atual? O que fazer se for demitido ou obrigado a pedir demissão? Quando pedir a aposentadoria? Como complementar a renda quando a aposentadoria chegar? Quais as condições de emprego e renda que os filhos terão no futuro? E como regularizar a vida afetiva e equilibrar-se psicologicamente?

As perguntas enquadram projetos que se voltam para o próprio trabalhador, seu presente e seu futuro profissional ou poder de compra; que se voltam para os filhos, os próprios ou, genericamente, a nova geração, diante de um futuro incerto para a sobrevivência dos trabalhadores; ou que se voltam novamente sobre o si mesmo, desta vez tematizando as fragilidades pessoais, existenciais e psicológicas, decorrentes de impasses, pasmos e inseguranças: concluir curso superior ou pós-graduação, para tornar-se mais competitivo como trabalhador; prestar outro concurso público federal em área onde a ameaça de reforma, extinção ou privatização não esteja presente; poupar e investir para montar negócios urbanos familiares; aposentar-se, vender os bens urbanos e retornar ao interior de origem para montar negócios rurais familiares; aposentar-se, vender os bens urbanos e retornar ao interior de origem para serviços sociais: resguardar-se dentro do que ganha para manter a família unida e satisfeita; e resguardar-se dentro do que ganha e ficar livre para o sonho de viajar pelo mundo.

Os trabalhadores apresentam uma consciência dolorida sobre os desdobramentos da crise atual, uma crise que envolve emprego, trabalho e renda, entendendo que a crise é responsável pela reprodução da pobreza e da violência, fenômenos que apresentam tendência a crescer, tomando o horizonte do futuro e paralisando a todos de angústia. Mas a tendência do grupo é representada pelos que, com muita obstinação, estudam a realidade e advinham saídas: 1 - Primeiro emerge o uso do aprimoramento intelectual como tática para melhorar o desempenho pessoal e técnico, visando maior competitividade em mercado de trabalho e carreira. O serviço público continua sendo uma escolha consistente, embora incluindo a fantasia da estabilidade num mundo que se revela cada vez mais instável. Mas, no centro de uma poderosa crise fiscal do Estado, com o mundo do trabalho submetido a tantas revoluções tecnológicas e organizacionais, a economia saindo da indústria e do valor trabalho para as finanças e o valor especulativo, onde o trabalhador pode encontrar segurança? 2- Em seguida emerge a ambição de tornar-se pequeno proprietário e deixar de ter patrão, o que implica na suposição de uma segurança básica dada pela aposentadoria do atual emprego e cinde-se na saturação dos pequenos negócios urbanos ou na fantasia do retorno ao mundo rural perdido, desejo contrário ao do período nacional-desenvolvimentista. Entre a pequena indústria de confecções e a fruticultura, a butique e a criação de peixe, o coração destes trabalhadores, nos quais a ideologia pequeno burguesa tornou-se dominante, balança. 3- Por fim, surge um paradoxo, um grupo feito de idiosincrasias, em comum apenas a conformidade com o que a renda de aposentado pode comprar. Acreditam na proteção relativamente privilegiada que gozam e lançam-se ao voluntarismo generoso do serviço social, ao ideal pleno da fantasia de poderem proteger a família de todas as tormentas e ao ideal pleno do sentimento de aventura da liberdade de viajar, conhecer o mundo, viver em prazer sem a árdua luta diária pela sobrevivência.

Uns tentam se afirmar na consciência política, outros no ascetismo de uma vida não submetida ao dinheiro, ainda outros procuram recuperar o orgulho de ofício, a velha segurança de quem é o

melhor em empresa que é a melhor, mas todos já preparam a bagagem, a saída, o desembarque final. A tendência destes trabalhadores é prática. O objetivo é não ficar sem alternativas, reduzir os acidentes de percurso e sobreviver. O futuro continua aberto, o que, psicologicamente, parece bastante positivo diante das decepções acumuladas.

2. A presença do trabalho na visão de mundo

Para $\frac{1}{4}$ do grupo nem a palavra trabalho ou o seu sentido comparecem nos discursos. O trabalho e seu universo simbólico, atividades sínteses da hominidade, experiências básicas da sobrevivência, encontram-se exilados da autorrepresentação, fora da compreensão expressa em linguagem. Para a maioria, no entanto, embora sem daí extraírem as metáforas capazes de simbolizar a identidade, o tópico trabalho aparece. A experiência de trabalho não fornece um léxico, um conjunto de imagens e de simbolizações para explicar a identidade, mas o trabalho é referido e posto no rol dos elementos das experiências de vida. Além de arrolado, há também um esboço de hierarquização, pouco racionalizada, mas indicado no valor positivo/negativo ou na posição central/lateral ocupados pelo trabalho no esforço de explicação.

Nos casos onde a modulação afetiva tende para o negativo, observa-se a competição com outros trabalhadores ou consigo mesmo, a confusão entre grau de escolaridade e as exigências práticas do processo específico de trabalho ou a falta de tônus da própria ambição. Nos casos em que a modulação afetiva tende para o positivo, observa-se a afirmativa genérica, reprodução de um slogan, ou a confusão entre mundo da produção e mundo da reprodução, os dois espaços sociais estratégicos de afirmação que precisam ser defendidos e louvados. Satisfação e felicidade emergem do trabalho e da família, instituições formais e respeitáveis, sem as quais o sujeito não existe. As frases exprimem um esforço propagandístico aprendido, não o reconhecimento profundo, substantivo, da equivalência da experiência com a vivência.

Metade do grupo oferece ao trabalho uma posição central nos procedimentos de compreensão. Nem aí o trabalho oferece léxico, imagens e simbolizações para explicar a identidade, mas emerge como nome de importante elemento do existir, bem destacado, aparentemente como um aprendizado cognitivo, sem grande substância afetiva. O consenso percebido é o de que trabalho é importante, inelutável, mas não realiza, não satisfaz, não traz felicidade, engendrando impasses intransponíveis.

As condições de vida presentificam-se no corpo e o corpo atrai a atenção pelas dualidades satisfação/insatisfação, conforto/desconforto, dores/ausência de dores, prazeres/ausência de prazeres, possibilidade de trabalhar/impedimentos ao trabalho. Os mal-estares são difusos, mas deixam marcas, de modo crescente, em concordância com a vida em permanente prontidão para acidentes, a permanente preparação defensiva contra catástrofes iminentes, vida está realmente experimentada pelos petroleiros embarcados. O corpo, esticado ao limite, e a mente, tensionada para o futuro a fim de prevê-lo e preveni-lo, desaba nas carências, nas dificuldades imprecisas, nas zonas de fronteira entre saúde e doença, entre vida e morte, realizando uma condição fantasmagórica de vida.

A situação de trabalho, em posto e local sabidamente insalubres e perigosos, instala no psiquismo uma atenção focada sobre as condições produtoras de insalubridade e perigo. Nada aconteceu ou está acontecendo, mas algo difícil, complexo, ameaçador da integridade do corpo e da vida, pode estar sendo gerado neste exato momento. O treinamento preventivo evita o problema físico e hipertrofia o fantasma, a sombra dentro do psiquismo, o temor insidioso e disperso, engendrando prontidão hipocondríaca. Capacetes, luvas, botas e máscaras não protegem da preocupação e as regras, mensagens e equipamentos lembram a prevenção e a coisa da qual devemos nos proteger. O conhecimento, sem que o sujeito tenha poder real de alterar a fonte dos perigos, patina no vazio e confunde ou toma pontual, isolada, qualquer explicação consistente. Mas metade dos entrevistados produz, no discurso, evidências subjetivas ou objetivas de relação entre transtorno de saúde e processo ou condição de

trabalho: tinta, poeira, luva, turno, sobreaviso, postura, transporte de peso, ritmo, vibração e ruído são arrolados como elementos concretos do processo e das condições de trabalho associáveis a desgastes vitais e transtornos da saúde.

E os mesmos sujeitos, no meio de falas descritivas, bem coladas aos fatos e às rotinas, ousam formulações mais abstratas, genéricas, ligadas ora ao plano da subjetividade, ora ao plano do político, onde começa a emergir a consciência de que, na jornada de trabalho, ocorre a guerra civil capital/trabalho, arbitrada, mediada, declarada e velada pela Medicina. O sujeito, como força de trabalho, aparece, timidamente, nas consciências, com a natureza de mercadoria, algo redutível a preço, valor de troca e valor de uso expropriados do sujeito, passíveis de barganha e de pequenas chantagens quotidianas, prisioneiro das instituições que compram a profissão e detêm o poder real. E da mercadoria-força de trabalho observa-se a evolução da pessoa-mercadoria que transforma em valor de troca até as dores, os dissabores, os achaques, os pedaços mutilados do corpo, calculando indenizações, tudo isto expressando a lógica da coisificação.

Mas, se metade do grupo se esforça por estabelecer uma relação entre o que sente e o que faz, a outra metade não toca no assunto, entre os “talvez” e os “não tem problema”, fica perdida, para os próprios sujeitos, a relação entre os estados do corpo e as atividades necessárias à produção das condições de existência. Há alguma discriminatividade, mas, sobretudo, há vagueza, obrigando à oferta de induções, de provocações técnicas, que ofereçam apoio para a memória e para a organização do pensamento: iluminação, ruído, odor, ventilação, temperatura, espaço, equipamento, doença de trabalho, acidente de trabalho, CIPA, SESMT, EPI e EPC cumprem o papel de agentes provocadores.

Os entrevistados orbitam em torno de valores clássicos das classes médias urbanas, ocidentais, pós amadurecimento do capitalismo industrial: trabalho como única estratégia digna de garantia da sobrevivência; trabalho e renda própria como ferramentas indispensáveis à autonomia pessoal; sucesso no trabalho em decorrência de esforço pessoal, de competência e de estudo continuado. A tradição cultural

cristã do trabalho como forma de ascese a uma vida sem pecado e a tradição cearense-sertaneja de a honra do homem ser construída pelo trabalho árduo são reforçadas e reformuladas pela lógica de inserção no trabalho atual, além de oferecerem sabor local, idiossincrasia cultural aos valores associados ao período histórico do mundo produtivo.

O tópico discursivo chave é descontinuidade, sobretudo devido à natureza singular deste trabalho, feito de jornadas de sete dias, gerando dificuldades aparentemente impossíveis de serem superadas. A visão idílica do companheirismo com esposa e colegas de trabalho, regada a cerveja e alegria, na plataforma, tornada possível pela empresa uma certa vez, aponta agudamente para a excepcionalidade e para a impossibilidade. De qualquer modo o tema é estratégico demais para que a análise possa deter-se apenas no que emergiu espontaneamente. Novas respostas são buscadas através de provocações diretas: “sua vida familiar interfere no seu trabalho?” e “seu trabalho interfere em sua vida familiar?”.

Fica evidente a pretensão intelectual de ser capaz de separar as dimensões do existir em compartimentos estanques, sendo impossível distinguir o que é da ordem do fato do que é da ordem da racionalização: a negação do problema, com projeção da capacidade de tolerância para os outros; a convicção num processo permanente de adaptação, com as dificuldades sendo superáveis via aprendizado; ou, ao fim, a presunção de equilíbrios e superações passíveis de ocorrência. De modo dominante, afirma-se a existência de porosidade entre estas duas dimensões do existir: trabalho e família, obrigando aos estudos sobre família qualificarem trabalho e aos estudos sobre trabalho qualificarem família.

De modo sintético percebe-se que os petroleiros de produção, independente de faixa etária, nível de escolaridade, função, turno ou sobreaviso, estado de satisfação conjugal, resultado do inventário psicológico e diagnóstico dinâmico do exame mental, afirmam a porosidade trabalho/família e discriminam diferenciais, explicam e justificam, demonstrando grande capacidade de entender o próprio cotidiano e de identificar relações. A diversidade das formulações permite classificação em quatro categorias básicas:

1. Constata-se a interinfluência e o que pode reduzir as consequências negativas (confiança na esposa, boa comunicação, direito de desembarcar em certas circunstâncias, rituais de relaxamento segundo as crenças);

2. Constata-se a interinfluência e o que pode aumentar as consequências negativas (a própria lógica radical do regime de embarque, insegurança em relação à esposa, queda do poder de compra do salário, período de endividamento, boa comunicação);

3. Constata-se a interinfluência e o predomínio da família sobre o trabalho (as questões emocionais, ligadas à vida familiar, são mais poderosas que as do trabalho);

4. Constata-se a interinfluência e o predomínio do trabalho sobre a família (os elementos do trabalho, como o ritmo pesado que desgasta saúde e a natureza do regime de embarque, que interfere na vinculação com os filhos, com a vida sexual e com a possibilidade de continuar estudando).

Cabe destacar a consciência de que ser do sexo masculino, numa cultura masculina, onde os homens encontram-se inseridos no mercado de trabalho há milênios, dele tirando as funções-exponentes de realizador e provedor, sob égide das lógicas patrimonialista e patriarcal, facilita deixar a casa em casa, mas nenhum treinamento ou ritual defensivo os habilita a deixar o trabalho no trabalho.

Mas, em quais espaços sociais os amigos são recrutados? Qual instituição mediadora indivíduo/sociedade está mais atuante no fornecimento de pares afetivos para a conversa espontânea, o aconselhamento sem peso de autoridade, a identificação de gostos, os rituais de relaxamento, a crítica que não agrida? Família, em qualquer ordem, aparece com 19 referências, sete vezes em primeiro lugar. Trabalho, em qualquer ordem, aparece com 16 referências, sete vezes em primeiro lugar. Família e trabalho, os dois juntos ou acrescentados de outras instituições, independentemente da ordem, aparecem com 16 referências. A família de origem é compulsória; a família constituída é compulsória, exceto a esposa, escolhida em tramas de paixão, mas também de necessidades; os colegas de trabalho são compulsórios: é

nestes lugares compulsórios, com repertório restrito de outros sujeitos, sob relógios dissincrônicos, que o sujeito exercita seus poderes de escolha. Parece haver um esforço muito grande, uma disposição psicológica carregada de muita energia, para que o dueto sete dias no trabalho e sete dias na família se rompa. Apenas um único sujeito, inventário psicológico e exame mental normal, formação superior completa, casamento e vida sexual satisfatórios, trabalhador da operação, registra um campo diversificado de fontes de relacionamento, associando seis das sete instituições citadas.

A tecnologia envolvida e os objetivos definem a organização do trabalho, a organização funciona como poder estruturante e a estruturação define o modo como os trabalhadores se relacionam uns com os outros e tiram metáforas para a compreensão do mundo. O sujeito se transforma no que trabalha e isso pode ser observado tanto a partir das teorias que o pesquisador porte como a partir da experiência empírica, do vivido saturado de senso comum, que os próprios trabalhadores portam.

Os que afirmam a satisfação de uma sexualidade bem realizada, dividem-se quanto ao envolvimento do trabalho no processo. Metade omite o trabalho: a sexualidade é considerada fenômeno restrito à ordem do biológico-pessoal: com experiência técnica, adquirida e testada dentro ou fora de casamento; maturidade resultante necessária de fase evolutiva da vida individual; e fidelidade mútua, como um fenômeno conatural ao ser, que é de bom senso aceitar. Mas metade coloca o trabalho no coração da satisfação o trabalho é marcador da autonomia e da segurança existenciais, da autoconfiança e da competência; permitindo afastamentos que rompem a rotina e autorizam uma espécie boa de apetite, de carência, que revitaliza a relação. Entretanto, há um perigo rondando a proposição: e se na hora do retorno a rede de eventos da vida tramar impedimentos? um dos cônjuges gripado? uma criança doente? a esposa menstruada? A parte da vida que é vendida como jornada de trabalho apresenta cortes rígidos, alheios aos ritmos do corpo, produtora de um outro tempo e de um outro cotidiano.

Quando provocados por um estímulo dirigido, os depoimentos, que afirmam uma relação entre trabalho e qualidade do desempenho sexual, discriminam os elementos do trabalho - calor, ruído, salário baixo, medo do desemprego, ritmo intenso e regime de embarque - com maior impacto negativo. Alguns afirmam a associação, mas de modo genérico, impressionista, opinião sem explicação ou justificativa, ligando o problema a qualquer trabalho, desde que gerador de cansaço, argumento que, obviamente, inscreve-se na tradição das discussões da Medicina do Trabalho sobre fadiga e estafa. Outros estabelecem um corte, um antes e um depois, remetido a momentos históricos da empresa: um antes da campanha de privatização e de estímulos à demissão voluntária, como uma idade dourada, propícia à todas as formas de satisfação, um depois destas catástrofes, propício aos medos, às frustrações, aos fracassos. A sexualidade encontra-se marcada pelo cansaço e pelos abalos à saúde física eventualmente derivados do trabalho, mas, sobretudo, encontra-se marcada pelo regime de embarque, a expectativa de um tempo obrigatoriamente sem sexo, a expectativa de problemas que afetem a disponibilidade sexual por ocasião do desembarque, os rituais de véspera de embarque e de primeiro dia de desembarque. A grande questão é a do ajuste entre disponibilidades.

Mas a sociabilidade esta sim encontra-se marcada profundamente pelo trabalho, pela produção do isolacionismo aprendido, derivado do confinamento crônico e da perda de fontes de companheirismo, de amizade e de informações consideradas civis e desinteressadas. O que vem do sindicato ou da empresa nunca pode ser de todo confiável, pois maculado pela suspeita de um interesse envolvido, capaz de perturbar a verdade. A grande questão é a da radical alternância de experiências existenciais: repouso e lazer restritos, consumo alimentar e de vídeo, sexualidade infanto-juvenil, grupo de convivência compulsória, informação sempre interessada e vida de trabalho na plataforma; repouso e lazer nas condições domésticas, consumo ampliado, sexualidade adulta, grupos de convivência espontânea, informações aparentemente desinteressadas e vida com a família em terra.

De um ponto de vista empírico, as primeiras manifestações de reconhecimento da identidade estão postas na rede de valores (valor de uso) e preços (valor de troca) oferecidos por um *status quo ante*, em relação a etnia, gênero, escolaridade, poder aquisitivo e profissão/desempenho produtivo, tudo ressignificado, de modo a incluir arbitrariedades e deslizamentos subjetivos, pela experiência concreta do indivíduo adulto em seu mister de sobrevivência. O que sei passa pelo que faço, o que sou passa pelo que tenho, poderes e possibilidades em interação, interdependência e (inter)determinação. Assim, uma vida social escotomizada pelo tudo/nada de exposição a condições de vida - sete dias no trabalho, sete dias na família - obriga a uma maior necessidade de compreender as formações sociais incluídas, mas pouco propicia condições de efetiva compreensão.

3. Um mapa de conflitos

O trabalho raramente foi escolhido, crítica e livremente. Se há identificação com o trabalho ou com a empresa, o trabalhador pode entrar em declínio com eles. Nenhum trabalho, empresa, profissão ou emprego permitem a realização simultânea de bom salário, segurança e satisfação. Uma profissão liberal ou a propriedade de um pequeno negócio talvez salve a todos de prisão, atrofia e fracasso, mas isso é apenas uma ideia vaga, um desejo. Politizar a questão, no cotidiano, ninguém está realmente disposto a fazer, pois, no final das contas, as perdas são aceitas, de modo suavemente fatalista. A existência de problemas é relatada, porém contra o pano de fundo da naturalidade e da habitualidade. Os conflitos familiares, a situação da empresa, o poder de compra da renda, a política econômica do governo e as características psicológicas pessoais, tudo é incorporado à ordem do natural e posto na linha de previsibilidade da rotina. Fatalidade psicológica ou vontade de Deus são os argumentos tranquilizadores, articulados para explicar o “é assim que tem sido, o “é assim que sou”, o “é assim que serei e o “é assim que as coisas são”

Fenômenos perturbadores, afetivo-familiares ou público-productivos, estão intervindo na experiência de trabalho. Mas seja qual for o motivo pessoal - solidão, ciúme, infidelidade, doenças ou acidentes - de modo secundário, insidioso, as questões do trabalho comparecem agudizando o problema. O regime de embarque impede a assistência a doentes e a presença junto à família; a baixa renda impede dar conta de emergências e acidentes; a sociabilidade do trabalho expõe a novos relacionamentos que confrontam os contratos matrimoniais. Pela primeira vez surge o tema do isolamento na plataforma ressignificando solidão e permitindo que a imaginação siga trilhas perversas, como a do ciúme, uma “síndrome de Otelo”, pois Otelo existe na plataforma e seu lago é o isolamento do regime de embarque. No plano do público-productivo, acontece um sinergismo de crises, sem identificação de saída. As expressões “situação financeira”, “falta de dinheiro”, “só contabilizo desvantagem”, “crise da empresa e do país”, “burrice da burocracia”, “crise da função e da imagem do servidor público”, “crise das relações com chefia” e “crise dos projetos profissionais” levam à conclusão de que o tópico discursivo da conjuntura é crise.

A conjuntura de crises perpassa todas as lâminas de organização da autoimagem e em todas o sujeito se nega a ser “Zé Ninguém”, mas não alcança as identidades de trabalhador (a empresa e a função sendo reestruturadas), de provedor familiar (salário achatado), de corpo hígido (ameaça permanente de doenças e medos), de homem honesto (direitos problemáticos e burocratizados) e de cidadão (a ideologia individualista e as urgências do cotidiano prejudicando a ação coletiva). Um modelo biunívoco de associação, relacionando um elemento do estado psíquico com um elemento do processo ou da jornada de trabalho, tende a fracassar em situações como esta, pois há uma rede sinérgica de elementos interreforçando-se, interpotencializando-se. O achatamento salarial e os atritos decorrentes de competição com chefia ou outros colegas não é específico do trabalho e do trabalhador petroleiro embarcado, mas tanto a história como a posição estratégica da empresa na definição dos rumos da política e da economia brasileiras são fundamentais para a compreensão

do acúmulo de crises: somente nela o sujeito poderia realizar este particular projeto profissional; somente ela, que tanto oferecia aos trabalhadores, hoje tudo tira; principalmente em torno dela surgiu um poderoso movimento sindical hoje anulado.

Então, considere-se a singularidade do trabalho embarcado, seu isolamento, suas condições, suas tensões próprias, com três cortes temporais bem-marcados: a) embarque/desembarque, b) antes/depois do período de pioneirismo da empresa, e c) antes/depois da última grande greve. Estes três cortes expõem fronteiras, que demarcam territórios distintos e realizam os *fronts* das contradições. A tendência do grupo fica clara, somando os comparecimentos secundário e principal ou exclusivo, é o próprio trabalho que proporciona as emergências capazes de ressignificar o que o próprio trabalho constrói estruturalmente, é o próprio trabalho que proporciona a tonalidade emocional da visão de mundo, embora o tópico trabalho só compareça no discurso de modo instrumental, sem oferecer as metáforas de compreensão da identidade.

O discurso sobre a saúde toma, com muita facilidade, a forma de um discurso sobre a doença, arrolando dores, mal-estares, mazelas e as tentativas de reduzir ou sufocar dificuldades de trabalhar, impotências, cansaços, desgostos, infelicidades, em mera indicação ou descrição de sintomas. A lista é extensa, não apresenta entidades nosológicas características e é assumida quase universalmente pelo grupo, pois apenas 15% não registram queixas ou uso de medicamentos. Uma primeira análise evidencia o corte em fenômenos específicos, que envolvem os tipos musculoesquelético, neurológico, infecto-contagioso e cardiocirculatório, e em fenômenos inespecíficos, que envolvem os tipos neurovegetativo, imuno alérgico, psicossomático e psicológico.

No caso dos específicos, os registros indicam transtornos derivados de postura, lesão, ação virótica e alteração metabólica, e todos, com exceção das gripes, tendentes à cronificação. Seis delas associáveis ao trabalho: convulsão decorrente de trauma craniano por acidente de trabalho; lombalgias e artroses decorrentes de defeitos de postura em procedimentos de trabalho. Metade das ocorrências

específicas tem no trabalho sua razão de ser, mas como representam Sintomas e síndromes adquiríveis de outros modos, em outras condições, não podem ser qualificadas de sintomas ou síndromes laboral-petroleiras, sintomas ou síndromes do petroleiro de produção embarcado.

No caso dos inespecíficos, campo da poliqueixa e da queixa difusa, dor de cabeça, enxaqueca e irritabilidade instalam-se no topo da prevalência. Apenas dois dos três casos de queixa de depressão fazem acompanhamento psiquiátrico, embora eventual, o que remete $\frac{3}{4}$ do grupo para a peregrinação por clínicos gerais, ortopedistas, cardiologistas, gastroenterologistas e alergologistas, numa ciranda de medicações sintomáticas prescritas e automedicação posterior por aprendizado associado a comodismo. O sujeito estoura em conversões, somatizações e sinais sistêmico-funcionais de vários tipos, difusamente associados ao que come na plataforma, como dorme na plataforma, à hipertrofia da atenção focada em perigo, ao isolamento, ao ruído, às vibrações, ao sobreaviso, à preocupação financeira, à distância dos familiares, resultado este que apresenta consistência plena com a síndrome identificada no nível epidemiológico do estudo, expressa na tríade hipocondria/depressão/histeria.

Quanto às táticas de sanar males e apaziguar dores, emerge muito nítida a solução farmacológica, as gotas, pílulas, xaropes e injeções da felicidade, indicando uma forte cultura de automedicação, classificável em oito grandes tipos: analgésica, anticonvulsivante, antiespasmódica, anti-inflamatória, energética, vitamínica, tranquilizante e antidepressiva. O caráter sintomático dos medicamentos é claro: dor, espasmo, inflamação, ansiedade e falta de ânimo encontram seu destino em soluções que sempre os deixam intactos ou os reforçam. Há uma relação frouxa entre sintomas e medicamentos, o que pode ser bem exemplificado no caso do uso de drogas neuropsiquiátricas controladas, não prescritas por psiquiatras ou neurologistas, o que amplia a chance da prescrição sintomática e da escolha de mais de um medicamento, visando cobrir as várias aparências, as várias formas de expressão do fenômeno, em prejuízo de uma visão clínico-crítica.

Quanto ao álcool e ao tabaco, drogas de uso e abuso socialmente permitidas, geradoras de grandes, complexos e lucrativos circuitos de propaganda e comercialização, mas, na plataforma, proibidas (álcool) ou circunscritas a espaços e horários limitados (fumo), são muitos os usuários habituais, todos declarando-se conscientes dos males decorrentes; apresentando sinais de ansiedade e culpa; alegando que a compulsão de não beber e fumar nos dias de embarque obriga a compulsão de beber e fumar nos dias de desembarque; atribuindo o hábito às irresponsabilidades da juventude e aos estresses do trabalho. Nos períodos de desembarque fica evidente a associação entre beber para poder dormir melhor e para tolerar relacionamentos sociais.

A visão da plataforma como um lugar de tensões psicológicas, decorrentes de ameaças difusas oriundas do processo, da matéria prima e do produto de trabalho, associadas a sedentarismo e confinamento, com abundante e frequente oferta alimentar, fica bem nítida no conjunto dos depoimentos. A comida passa a constituir objeto de aplicação para todas as insatisfações e resposta-panaceia a todas as reivindicações. Se toda queixa é atendida com comida, toda queixa, com o tempo, passa a ser referente a comida. Um processo avassalador de deslocamento fica, portanto, concluído, e surge uma corte de novos gordos, insatisfeitos com a própria imagem corporal, cheios de ansiedade, oscilando entre dois estilos de vida, embarcado/desembarcado, dois ritmos sono-vigília, dois padrões alimentares, duas experiências de temporalidade e de sociabilidade, dois mundos com lógicas em conflito. A própria imagem da plataforma funde-se com uma nova imagem corporal, negativa, pejorativa, um corpo-plataforma.

Nos depoimentos perpassa a ideia de dois cortes: o antes e o depois da plataforma na vida destes trabalhadores e a alternância atual de duas experiências radicais, o tudo/nada entre residência e plataforma. Mas mesmo contra o pano de fundo desta visão globalizada, a experiência aponta elementos que confluem para uma piora da perturbação, sobretudo destaca que o ritmo sono/vigília é a dimensão da vida mais suscetível à ação deste trabalho singular. Ruído, trepidação, sono interrompido por emergência real, sono superficialidade pelo estado de sobreaviso, a consciência de graves circuns-

tâncias urdindo as potencialidades de acidentes graves, tudo resulta em prontidão paranoide, em perturbação do ritmo sono-vigília, em “permanente alerta vermelho”. O petroleiro de plataforma, mantidas tais condições de trabalho por longo tempo e impossibilitados de realizarem adaptações exitosas, passa a viver em estado de crônica situação transicional sono-vigília. Se os ritmos e os elementos do processo técnico de produção superficializam o sono e possibilitam um aumento do sonhar, as preocupações com acidente oferecem conteúdo para estes sonhos, dentro de limitadas variações individuais.

É de carência sexual, de retalhos do cotidiano e dos medos do trabalho em plataforma («explosões», «incêndios», «acidentes») que se fazem os sonhos. A confluência de perturbações da construção da identidade, de automedicação, de alterações do apetite, de alterações da qualidade do sono e da ocorrência de sonhos maus, pesadelos de morte e sangue, indica que pelo menos 10% dos entrevistados encontram-se no campo mesmo da Psicopatologia. Se os perigos introjetados compõem uma prontidão hipocondro-depressivo-histérica que marca a maioria do grupo, acrescenta-se a tonalidade paranoide, já sugerida no inventário psicológico e no exame mental, cujos traços explícitos ou difusos aparecem agora.

A lista de intuições sobre a relação entre a própria condição de saúde e a experiência específica de trabalho torna-se, após reflexões sucessivas, lista de situações precisas, onde ruído, confinamento, postura, pesos, emergências, responsabilidades, estilo de chefia, poder aquisitivo, turno, sobreaviso, materiais de contato, alimentação, expectativa de risco, temperatura e climatização dos ambientes fechados, adquirem densidade e intimidade com desgastes vitais e transtornos de saúde: redução de acuidade auditiva, ansiedade, colunopatias, irritabilidade, insônia, depressão, náusea, intoxicação, gastrite, rinite alérgica, obesidade, hipertensão e cefaleias.

É interessante destacar que a consciência da doença aparece mais livre para expressar-se que a do acidente. Embora sempre lembrado nas campanhas de prevenção o acidente transformou-se em um não dito, quando das falas espontâneas. Mas diante das provocações diretas a resposta veio expressiva. Os grandes acidentes coletivos

são raros e vigorosamente prevenidos. Há uma guerra permanente contra o acidente que ceife vidas e gere prejuízos de capital e patrimônio. Sobra o pequeno acidente individual - eu sofro e o outro não vê, o outro sofre e eu não vejo -: pé, tornozelo, coxa, mão, tórax, rosto, olho, ouvido e crânio representam os lugares do corpo onde os conflitos e os riscos se expressam, sob forma de quebra, corte, torcida, luxação, hematoma ou queimadura, decorrentes de pisos e escadas escorregadias, pistolas de tinta, pistolas de ar comprimido, compressores, tambores, tubos, facas, sinalizadores, substâncias químicas e deslocamentos de grandes pesos.

Quanto às perguntas sobre proteção coletiva e proteção individual, as respostas são de desconhecimento e de conhecimento pleno, respectivamente, o que demonstra a cultura da ideologia da responsabilização individual. É o trabalhador quem deve se cuidar. A mensagem dada pelo sistema de produção, devidamente captada por estes trabalhadores, é que é nas consequências, e não nas fontes, que os esforços preventivos devem ser ancorados. O investimento não acontece na fonte do ruído ou do mau cheiro e sim no ouvido e nas narinas de um trabalhador, neste caso até razoavelmente consciente e usuário ativo.

O Sindicato existe fora da empresa, vinculado a lutas políticas e lutas econômicas, dimensionado como instância de mediação social, na escala das categorias e corporações profissionais. Ele é externo, objetivo, institucionalizado, ligado às estratégias de sobrevivência, produção e reprodução da força de trabalho. artefatos e artifícios da relação capital/trabalho. Os trabalhadores sabem de sua existência e polemizam sobre seus objetivos, métodos e parcerias. Mas as ferramentas organizacionais internas, criadas pela legislação trabalhista nas últimas décadas, e vinculadas aos temas da qualidade de vida, saúde e segurança, são conhecidas muito parcialmente.

Mais de 2/3 dos entrevistados enfatiza o legalismo como característica básica da empresa. Este legalismo pode ser um formalismo, um cumprir as leis, embora significando que a empresa esteja apenas administrando as exigências mínimas e mantendo-se nelas. Outro tema relevante que emerge das opiniões e comentários é o da política centrada em educação do trabalhador, por onde passa a

cultura da responsabilidade individual na prevenção dos transtornos, ou em adicionais indenizatórios de transtornos eventualmente ocorridos. Não se discute a ferramenta educação em qualquer política de prevenção, discute-se a exclusividade. Não se discute o estabelecimento de multas por prejuízos, discute-se a centralidade do procedimento, potencialmente capaz de gerar muitas perversões, como a de serem aceitas condições insalubres e perigosas de trabalho para que adicionais salariais sejam mantidos.

Aqui e ali surgem críticas de fundo, identificando impasses estruturais, não solucionáveis pelas políticas, preventivas ou compensatórias, como o da impossibilidade real de superação da necessidade de trabalho embarcado e a limitada autossuficiência das plataformas, com tempo de socorro externo impossível de ser reduzido. Outra crítica de fundo dirige-se à impossibilidade de transparência por parte da administração superior, capaz de mascarar interesses e descaracterizar as políticas por ocasião de sua operacionalidade concreta. Entre intenção e gesto desaparece a eventual qualidade das políticas. Por fim, a denúncia de um radical impasse: a relação entre administradores e trabalhadores resulta em antagonismo, pois administradores, representantes dos interesses dominantes, vinculados às chamadas classes produtoras, visam valorizar capital, enquanto os trabalhadores visam valorizar a força de trabalho. Tal antagonismo não pode ser solucionado sem transformações profundas da relação empresa/trabalhadores e do regime de propriedade.

Há uma impressão recorrente, nas discussões anteriores com o SINDIPETRO e em depoimento espontâneo prestado por esposa de petroleiro de produção, de que o início da experiência de trabalho embarcado, quando ocorrendo depois do casamento, constituía fonte de transtornos, dificuldades e infelicidades. Quando o enamoramento, o casamento, os primórdios da vida em comum e o nascimento de filhos já aconteciam com o trabalhador embarcando, o fato diluía-se, naturalizava-se, sem maiores perturbações. O fato é que há necessidade absoluta de acordo, de negociação, de satisfação mútua, para a manutenção dos vínculos e do sentimento de pertinência que estes trabalhadores precisam ter. Por blocos de sete dias, entremeados

por blocos de sete dias, as esposas são chefes de família e cuidam da casa, dos filhos, dos negócios de complementação de renda e das contas/correntes bancárias. A chegada em casa obriga o marido a negociar os controles, sem desprestigiar ou inabilitar a esposa. A família constituída é muito diferente da família de origem e, neste caso, parece mais democrática e satisfatória, embora cheia de novas tensões.

A família unida é entendida como base da vida social, matriz de tudo o que vem depois, atualmente vivendo um dilema relacionado ao poder. Nas sociedades complexas, hierarquizadas, com divisão de classe e forte tendência à concentração de dinheiro, poder e prestígio, qualquer relacionamento que implique em qualquer tipo de desigualdade pode ser interpretado, e realmente vivido, como um relacionamento opressor/oprimido, dominador/dominado, explorador/ explorado. Ao falarem sobre as famílias de origem, há mais descrição de estruturas organizacionais e de marcas deixadas. Ao falarem sobre a família que constituíram ou pretendem constituir estes trabalhadores são mais explicativos, interpretativos, ensaiam teorias sobre união desejável e sobre educação de filhos, expõem um sistema de pensamento e justificam o processo.

A mesma parcimônia para falar da qualidade da vida familiar é encontrada quando o tema são as fantasias que envolvem os tabus da virgindade, da traição, das doenças sexualmente transmissíveis-DST e da homossexualidade. A quase totalidade ocupou-se dos dramas da traição e do temor da homossexualidade. Fidelidade é coerção ético-moral (padrão divino), infidelidade é coerção biológico-natural (necessidade do homem), sendo preciso optar por um polo da contradição e pagar o preço de não atender o outro ou construir uma conciliação formal. De qualquer modo a dicotomia básica é entre amor e sexo. Homens seriam capazes do amor sem sexo (sublimado, pela mulher idealizada) e do sexo sem amor (compulsório, higiênico, mercantil). As mulheres estariam destinadas à impossível missão de juntar sexo e amor.

Sobre a homossexualidade os depoimentos primeiros identificam o problema, dimensionam como pequena sua ocorrência real, dimensionam como grande a circulação do tema no imaginário e

diagnosticam a autodefesa de grupo fechado que propaga o que for bom para a imagem social e esconde o que possa prejudicá-la. A rápida circulação dos quem? onde? quando? e como? demonstra a curiosidade em prontidão da corporação masculina de exilados em alto mar. Eles realizam, de modo bem específico, um fantasma da masculinidade. A homossexualidade é percebida como uma sexualidade infantil, transicional ou perversa. Uma ameaça que vem de fora, pode haver queda em tentação, mas que alívio quando tudo passa. O assédio, o temor, a ambiguidade, os prêmios e castigos, a possibilidade de ser passivo ou de contrair doença como limites finais, a recusa, a explicação, o pedido de desculpas, a firmeza, a ingenuidade que significa tardia e retrospectivamente o fato, tudo aparece nestes relatos confiantes, francos, confessionais.

A comunicação informal, instrumentalizada pela fofoca, justifica-se pela emergência de múltiplas linhas de conflito: necessidade interna de defesa dos grupos subordinados contra os subordinadores (manutenção *versus* operação, técnicos *versus* engenheiros), a cordialidade do tom em relação diretamente proporcional a homogeneidade e solidariedade do grupo (tamanho e competitividade menores) a natureza do regime de embarque (o confinamento aumenta a distância das fontes de informação, produz intimidade compulsória e reduz alternativas) o desmantelamento da capacidade de organização da categoria (as derrotas, perdas e fracassos aumentam a comunicação informal e indicam mudança de tema dominante) e a desqualificação social de certos subgrupos (mecânicos, contratados).

O preconceito contra operadores e engenheiros traduz contradições políticas, luta interna por hegemonia do poder. O preconceito contra mecânicos adiciona, à contradição anterior, a questão do menor nível de escolaridade e da maior especificidade de conhecimento, pois fora do manual da especialidade não saberiam nada, daí a necessidade de serem “polidos”. O preconceito contra contratados adiciona, às contradições anteriores, em complexo somatório e sinergismo, a denúncia da terceirização, a rejeição dos estranhos, o primitivo divórcio político-social entre inseridos e não inseridos. As categorias marxistas de “proletário” e “lumpen-proletário” adquirem vida

os petroleiros de produção ascenderam social e economicamente em relação a seus pais, recusam o patrimônio cultural rural deles, mas os localizam no mapa das classes produtivas, enquanto os contratados, lotados em funções desqualificadas, ganhando salários muito menores e realizando regime de embarque mais exigentes, são extraídos das faixas bem baixas da sociedade. Os mecânicos parecem ser o lumpem dos efetivos e os contratados o lumpem de todos.

O pessoal do mar é politicamente mais radical. O que opera para configurar esta opinião e este fato? Serem mais jovens, mais escolarizados, detentores do prestígio de trabalhadores em setor mais moderno, de ponta, ou a consciência de controlarem setores vitais da empresa, o que lhes possibilita maior poder político de barganha, maior poder contratual? Os depoimentos distinguem manutenção versus prevenção a primeira sendo acionada pelos acontecimentos, assistencialmente, e a segunda sendo obrigada ao planejamento preventivo. Há, no limite, uma contradição insanável: se a prevenção fosse perfeita, a manutenção tornar-se-ia desnecessária.

Novamente aparece uma descrição de diferenças organizacionais associadas a características psicossociais desenvolvidas pelo grupo, e, mais uma vez, a manutenção surge como um dos polos da diferença: a operação que tem equipes que se revezam nos turnos e faz os trabalhadores passarem por um rodízio de funções, tornando-os polivalentes, concentraria pessoas mais solidárias; a manutenção, com equipes que permanecem de sobreaviso fora de seus turnos e fixa subgrupos de trabalhadores em disciplinas especializadas, concentraria pessoas mais egoístas. O desdobramento é lógico, embora deixe à descoberto o sentido da determinação. Por exemplo: egoístas “prefeririam” a manutenção ou a experiência dos processos e lógicas da manutenção os “tornariam” egoístas? A mesma pergunta pode ser feita para a relação operação/solidariedade.

O tema das diferenças continua. Primeiramente os trabalhadores são distinguidos segundo nível de escolaridade, tomando o curso superior como corte: técnicos médios e técnicos universitários têm salários diferentes e diferentes acessos a cargos. Mas daí não são deduzidas diferenças psicológico/comportamentais. Entre os técni-

cos médios reaparece a cisão operação/manutenção revezamento de turno/sobreaviso, rodízio de funções/disciplinas especializadas, mais adicionais/menos adicionais, mais poder/menos poder e uma guerra civil cotidiana, em surdina, caracterizada por diferenciais de arrogância: quem manda em quem.

Os depoimentos destacam o drama de amigos que, na rede da hierarquia da empresa, tornam-se chefes e chefiados. Se assumirem os papéis a amizade findará. Se não assumirem os papéis, salva-se a amizade, mas os objetivos da organização podem não ser atingidos e a carreira profissional estagnar-se-á. Temos o testemunho de uma saída crítica, a de incorporarem à gerência um estilo democrático que permita realizar carreira, atender aos objetivos organizacionais e salvar a amizade, a partir de um planejamento estratégico coletivo. O que é concebido como “humanizador” é a perspectiva da criatividade, da decisão coletiva e da democracia. A empresa tornar-se-ia campo de uma experiência micropolítica bem-sucedida.

Porém, o que se consolida na cultura da empresa não tem natureza democrática. Para que não se explorem mutuamente, em iniciativas comunitárias, é preciso que a iniciativa fique restrita, corporativa de campo de produção, local ou posto de serviço. O sócio, parceiro, comporta-se como usuário, consumidor, e quer ser servido. Operação versus manutenção reaparece como um corte claro, linha de contradições, desculpas, pretextos e projeções. Um novo olhar encontra, dentro das disciplinas de manutenção, uma linha de ruptura entre mecânicos e eletricitas, os primeiros tidos como descompromissados e desleais, os segundos comprometidos e leais. O comportamento dos mecânicos é explicado por uma presunção de liberdade, pois deteriam maior empregabilidade fora da empresa.

Pistas são oferecidas para a compreensão do que acontece na intimidade das tramas diuturnas, voluntaristas, espontâneas, obtidas por coerção ou cooptação, entre o que somos e onde trabalhamos, isto é, onde produzimos nossas condições de existência. Há sempre uma referência a certas contradições percebidas como insanáveis: o regime de embarque versus o regime do desejo, o relógio econômico-racional da lógica produtiva versus o relógio biológico-subjetivo da

circularidade de desejos da relação homem/mulher, as exigências, necessidades e inspirações do homem no trabalho versus da mulher no lar. Algumas funções estimulam tirocínio e comportamento tático, pontual, emergentista; outras estimulam tirocínio e comportamento estratégico, antecipatório, de cenários. Diariamente chamados a agir assim e precisando destas habilidades para sobreviverem enquanto trabalhadores, as características são fixadas e geram uma identidade, uma personalidade, um modo estável de expressão do psiquismo. Jeito-operação, jeito-apoio, jeito-manutenção de existir.

A primeira leitura das respostas dadas à questão do associativismo civil oferece um resultado muito instigante: a participação ou militância nas várias organizações sociais está restrita a uma alternativa solitária ou polarizada, em tensão de duas opções, com os impedimentos e dilemas justificados pelo cansaço, pelas exigências do trabalho e da vida familiar, pela natureza do regime de embarque, pela falta de opinião, pela incapacidade de decodificar tantos papéis. E o sindicalismo, pela íntima relação com o trabalho e com a profissão, pela suposição de agente estratégico para a garantia de renda, ganha dominância.

Os sujeitos que oferecem uma fala política, histórica crítica, sobre o Sindicato, dão a tônica, a posição dominante do grupo, embora divididos entre críticos de direita e de esquerda. Uma minoria é contra, pondo em xeque sua própria necessidade, mas, entre os que o aceitam, destaca-se a parcela dos que o fazem de modo automático, como um dado prévio ou um fenômeno natural (ele existe), e a parcela dominante dos que o polemizam, a partir das perspectivas do sindicalismo de resultados (que se restrinja ao financeiro e ao corporativo) ou da transformação social para um horizonte de democracia e justiça social (que incorpore a política de matriz socializante).

A religião aparece em seguida, no rol das mediações sociais preferidas, enviesada nos silêncios, nas alusões, nas categorias morais de compreensão da realidade, na atitude caritativa; ou francamente expressa, dominante entre aqueles que naturalizam o Sindicato ou apresentam-se em conflito de opinião. A expressão passa pela adesão

naturalizada, de quem dá continuidade a uma tradição; pela adesão militante, o exercício da fé; e pela adesão crítica, porém exclusivamente a partir de uma perspectiva fundamentalista.

A marca do grupo é dada pela vinculação frouxa, indireta ou rotineira, tradição naturalizada. Destacam-se pelo menos três grandes evidências: a relação de adesão sindicalismo/religião é inversamente proporcional; quem faz crítica de esquerda, transfere realmente a militância para o Sindicato, não deixando aparecer uma crítica religiosa de esquerda; quem é contra o Sindicato ou faz crítica contraditória a ele, encontra-se realizando crítica fundamentalista à religião.

Tudo o mais é disperso e muito frouxo em matéria de pertinência a movimentos sociais, a instâncias de estruturação de interesses da sociedade civil, no sentido gramsciano de sociedade politicamente organizada, ou instâncias de mediação indivíduo/sociedade, no sentido adorniano de reguladores concretos da experiência humana em sociedades complexas. Entre a omissão e o descrédito pela política partidária, por exemplo, os que emitem um claro sim à política não entram em acordo sobre natureza e extensão: apenas formulam uma prática espasmódica, nas conjunturas eleitorais, como “olimpíadas” ou “copas do mundo” cívicas. A política sensibiliza as mentes, apenas para ser rejeitada, de modo categórico ou argumentado.

O tema da greve é tratado de modo enfático, o que desdobra um leque de fortes sentimentos. Numa conjuntura política nacional favorável à privatização da empresa, à desqualificação social do funcionalismo público e à anulação do poder de barganha dos Sindicatos e das Centrais Sindicais, estes trabalhadores estão buscando sobrevivência do emprego, da renda, da categoria, do status social e do poder político de barganha.

Da afirmação individual rebelde (sou contra porque sou contra) à prudente constatação das agruras políticas da conjuntura (o momento não permite), o que aparece é o registro de perdas e derrotas, de fragilidades individuais, grupais ou coletivas. Do refúgio institucional formal na letra da Carta Magna (a Constituição permite) até a disfórica constatação de que todo tido foi obtido em luta (nossas maiores vitórias), o que emerge é o registro de orgulho de ofício,

respaldado ou não em alguma teoria, visão de mundo, constatação do senso comum. Grande parte aceita e defende a greve, mas como instrumento corporativo-financeiro, recusando adotá-la se o motivo for externo aos objetivos específicos da luta de Interesses entre os trabalhadores e a empresa: o sentimento de grupo privilegiado e o descrédito da política alimentam esta posição.

Mas a importância e o emocionalismo do tema levam a testemunhos pessoais da grande amargura que um processo desses pode produzir. Constatar a necessidade (perda do poder de compra, perda do status alcançado historicamente etc), articular massa crítica de apoio, negociar contraditórios, preservar respeito mútuo apesar das divergências, decidir, operacionalizar, administrar tensões técnicas e políticas, administrar tensões particulares e nacionais, identificar limites e perdas toleráveis, avançar ou recuar quando explodem emoções desencontradas e situações profundamente individuais, ganhar ou perder, não é processo que ocorra sem dores.

O grupo encontra-se em desencantamento, em mudança de crenças, dependentes do mundo exterior para as explicações do que lhes sucedem e sofrendo os sentimentos oriundos de tensões permanentes, explodindo em sintomas somatomorfos. Fixados no limiar de forças e fraquezas, irresolutos, apresentam comportamento paradigmático de reação, impasses crônicos entre sentimento e conhecimento. O conflito entre coração e razão desvenda, metaforicamente, o conflito entre o mundo do trabalho e o da família, produção e reprodução, lei da sobrevivência e fidelidade a princípios, independência individual e coerção grupal, lealdades reais e lealdades aparentes, violência para fora e violência para dentro.

4. A reapropriação pela autoironia

Repassando a psicodinâmica de fundamento fenomenológico, psicanalítico ou dialético, sobretudo as proposições de Moffatt (1987) e de Sampaio (1998), o texto inteiro, se disposto sob forma técnica de manual, poderia seguir a lógica da exemplificação de classes.

Os modos de reapropriação, quanto à natureza, podem ser reais ou mágicos. O grupo de petroleiros de produção opta, predominantemente, pelo real, pela identificação concreta das contradições e dos antagonismos vividos, dimensionando os conflitos com rigor, a despeito da massa de inseguranças e dúvidas, para a construção de táticas de enfrentamento que sejam idênticas, em forma, lugar e lógica, aos conflitos. Se o problema é econômico, político, técnico ou afetivo, a solução só pode ser econômica, política, técnica ou afetiva. Há individualismo fático, mas não ilusão de autossuficiência. Há moralismo, mas pragmático. Eventuais saídas mágicas, aglomeradoras de deslocamento, representam ritos líricos: a solidão em cesta suspensa, balançando entre barco, mar e plataforma, na escuridão, com o medo entre parênteses, indagando mistérios; a suspensão de cena que permanece na memória, de esposa, amigos e cerveja, fusão de família, trabalho e prazer lúdico, na plataforma de uma possibilidade solidária; a adubagem da estrutura de ferro com a terra física trazida do continente, para a experiência orgânica de manter os pés na terra do real e na terra da infância, dissolvendo cansaços; o sexo cósmico e solitário, entre o repouso dos helicópteros e o horizonte do entardecer, masturbando-se para relaxar, revelar e fertilizar as tribos rubras do sol poente e a própria vida; o silêncio e a paz de recuperar as pescarias rurais, finito gesto humano entre a sombra poderosa de um gigante artificial e a poderosa sombra do mar e da morte, vinculando o autocontrole às arcaicas rotinas.

Quanto à operacionalidade, os modos de reapropriação podem ser redutores ou deslocadores. O grupo de petroleiros de produção caminha, aqui, em todas as direções. A tática pode ser a da simplificação do conflito visando incluí-lo no campo da governabilidade individual ou microgrupal. Também pode ser a de transferir a dinâmica dos conflitos para sets distintos de ocorrência, mantida a consciência do deslocamento, pois todos podem até, no cotidiano, serem loucos, mas não são burros. Apenas no cotidiano e individualmente a simplificação e a transferência se dão, pois quando os trabalhadores se encontram juntos, certos dos seus direitos, organizados em categoria profissional, autorizados pela conquista

legal da greve, o enfrentamento direto e pleno se faz, como já se fez, em lendas históricas. O maior ou menor uso de uma ou outra alternativa, ou da preponderância de uma sobre a outra em soluções articuladas, parece relacionar-se exclusivamente à variáveis pessoais, marcadas pelas experiências acumuladas.

Quanto à temporalidade, os modos de reapropriação podem ser contemporâneos, retrospectivos ou prospectivos. Poucos e muito pouco das experiências de todos são lançados de volta ao passado, pois todo o passado foi de lento crescimento e o melhor momento seria hoje, não fosse o galope de crises abruptas, insuspeitas, oriundas da ameaça econômica estrangeira incorporada por um governo nacional tornado estranho. Na verdade, não há um bom velho tempo, bem circunscrito a remotos paraísos, pretexto para o escape retrospectivo. Sobre o futuro sim, existem preocupações e perspectivas, mas muito práticas, calculadas sobre a força do presente, fazendo evocar confiantes alternativas pois há ainda uma relação de valor de uso com o presente, com pouca fuga real para o futuro, e as soluções que arborescem são desdobramentos viáveis. O que existe, de maneira claramente dominante, é a guerrilha do presente, marcada por somatizações, conversões, urgências do corpo, apego a medicamentos e a táticas políticas de resistência. A vivência é de crise-luta, com as decorrentes tensões e desgastes impressos numa plataforma-corpo ancorada no presente, corroída pela maresia, mas firme, diante de ventanias e marés de sizígia.

Se o esforço de categorizar leva os modos de reapropriação para o campo dos vínculos, na dimensão da qualidade (amor ou ordem) ou do sentido (egoísta ou altruísta), o resultado inscreve o grupo de petroleiros de produção no centro de uma elaboração muito característica. São indivíduos independentes, percebidos em meio a mercado de indivíduos, sociabilidade expressa na esfera do privado, construindo fórmulas de explicação sobre o pensar, o sentir e o ser com elementos da rotina, das táticas de sobrevivência, da moralidade existencial, da impressão psicológica e do mundo do consumo. Estes sujeitos debatem-se entre a felicidade pessoal, a satisfação dentro da família nuclear, a realização profissional e a indignação abstrata contra miséria e corrupção, mas tudo com elegante autoironia. O

sentido egoísta é dominante e procuram amar com ordem e ordenar com amor, mas não se levam muito a sério, o que se traduz numa atitude de crítica e distanciamento, com bom humor, expresso ou incorporado às entrelinhas, aos subtextos, à comunicação não-verbal, onde paradoxos são formulados com a consciência do paradoxo e um brilho esperto, maroto, surge no olhar.

Uma discreta e autoirônica formulação discursiva pontua os depoimentos:

Este foi o Natal da crise, passado com roupa velha.

Fora do trabalho, parece vida boa, o que fazemos é assistir televisão, comer e dormir.

Já perguntei à minha mulher se ela quer embarcar em meu lugar, pra cuidar de gerador.

Fazer o que gosto ganhando mal ou ganhar bem fazendo o que não gosto, que dilema einh, só comigo mesmo.

Todos são civilizados, exceto os mecânicos, é preciso polir os mecânicos -

Arranjo conversa rápido, perguntam até se eu sou político.

Sou desinteressado, mas no trabalho me chamam burro lesado.

Estou sem praticar esporte, a não ser levantamento de copo e arremesso de ponta de cigarro.

O jeito é fofocar, mas sem prejudicar a segurança.

É tanta história: quem trai quem com quem, o cara que foi encontrado agarrado com outro cara, quem se vendeu pra empresa na última greve.

Reengenharia, qualidade total, será que eles sabem o que estão falando? Isto é coisa de japonês.

Ninguém consegue colocar esparadrapo na boca de ninguém.

Eu quero morrer de velhice, mas não sei se o dinheiro da aposentadoria vai deixar.

- Procuo me fazer companhia, falando sozinho e cantando.

O roteiro planejado a priori, pela parentela, dentro dos limites de possibilidade oferecidos pela estrutura cultural-social de uma região tropical, bafejada pelos ritmos calmos de uma vida artesanal, extrativista, apresenta frestas sempre abertas para deslizamentos, descolamentos, imprevistos, e torna-se aberto a uma prática produtiva nova, determinada pela dinâmica de uma vida econômica avançada, global, tecnológica, que coloca uma plataforma de petróleo entre as imensidões azuis-verdes de céu e mar cearenses. Então, entre a palha das normas, das recomendações, dos desejos, das profecias, e o fio de aço das novas lógicas produtivas, emerge o fiapo de uma estreita autonomia microgrupal e individual, emerge uma experimentação, tipo tentativa-e-erro, que decora o roteiro, joga-o fora e improvisa um outro. Por fim, sobre o balanço de perdas e ganhos, fracassos e sucessos, prazeres e dores, um outro roteiro, dramático e lírico, autoirônico, é construído como ficção-síntese. Eu sou o que desejaram e o que desejei que minha vida fosse, mais o que me impuseram e o que me impus, tudo reconstruído pelo que imaginam e imagino, desde que cada minuto presente se transforma em passado, tempo fugidivo. Resta o que narro, a história que organizo para relatar, as reinvenções significativas a cada momento e a racionalidade do que se fixa, mesmo quando significado algum o justifique. Toda história é um mito irônico, como entendem bem estes trabalhadores, tecelões inteligentes, íntegros, de uma linguagem de trabalho muito densa de compreensões, na qual se revela o sofrimento psíquico como tensão básica da existência humana, neste caso paradigmática, no centro de uma luta de três titãs alienados: indivíduos em busca da felicidade e da segurança, o tempo todo conscientes de que tais termos se excluem; um Estado autoritário em busca de autorreprodução sustentada, sempre incapaz de fazê-lo devido ao descompasso funcional entre sua lógica e seus determinantes, internos ou externos; um agente econômico monopolista, internacionalizado, dedicado a transformar conhecimento e habilidade humana em mudanças do ecossistema e em abstrações financeiras, sobretudo dedicado a transformar-se, em última instância, na própria fonte das explicações e da racionalidade pura. A autoironia realiza um deslocamento final, voltando sobre o trabalhador o que é devido ao *mix* emprestado.

Realistas, redutores/deslocadores, pragmáticos, egoístas e contemporâneos, estes trabalhadores tornaram-se essência da esfinge e produzem uma ideologia singular: são e falam o trabalho e a empresa, até quando o tema é Deus ou as primícias sexuais, a História ou espancamentos na infância, pois tudo se encontra poderosamente imantado por uma atualidade muito específica dentro do panorama sócio-econômico-cultural da região. Entre os elementos de especificidade destacam-se a onipresença da empresa, o fetiche da proteção e da segurança, o fetiche da modernidade tecnológica e a dramaticidade radical da vida de embarcado, que a tudo ressignifica permanentemente.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. et al. **The Authoritarian Personality**. New York: Harper & Row, 1950.

ALMEIDA, Naomar de, MAIR, Jair do J.; COUTINHO, Eduardo - Estudo Multicêntrico de Morbidade Psiquiátrica em Áreas Urbanas Brasileiras. Brasília, São Paulo, Porto Alegre: **Revista ABP/APAL**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, 93-104,1992.

ASCHOFF, John. Features of arcadian rhythms relevant for the design of shirt schedules. **Ergonomics**, v. 21, n. 10, p. 739-54,1978.

BARROSO, Sara M. C. **Perfil Sócio-Económico do Trabalhador da Petrobrás no Ceará**. Fortaleza; SINDIPETRO/Ce, Mimeo, 1993

BOBBIO, Norberto. **Ensaio sobre Gramsci e o Conceito de Sociedade Civil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BOLTANSKI, Luc. **As Classes Sociais e o Corpo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

BORSOI, Izabel C. F. **Saúde Mental e Trabalho**: um estudo de caso da Enfermagem. São Pauto: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1993.

BLOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BRAZ, Aldo. Aspectos Psicológicos do Trabalho Embarcado. *In: Anais [...]* I Seminário Latino-Americano de Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho Marítimo. Angra dos Reis, 1987.

BREILH, Jaime; GRANDA, Edmundo. **Investigação de Saúde na Sociedade**. Guia Pedagógico sobre um Novo Enfoque do Método Epidemiológico. São Paulo: IS/A8RASCO, 1986

CAMPANA, Arturo K. **Aspectos Metodológicos da la investigación & Manejo Epidemiológico dal Objeto Personalidad**. Quão: Documentos CEAS N° 7, 1988.

CANEVACCI, Massimo (org). **Dialética da Família**: gênese, estrutura s dinâmica de uma instituto repressiva. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Fofense Universitária, 1962.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros Passos.

CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson Coelho. (orgs.). **Sofrimento Psíquico nas Organizações**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CODO, Wanderley, SAMPAIO, José Jackson Coelho; HITOMI, Alberto Haroyushi. **Indivíduo, Trabalho e Sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DE CHARMS, Richard. **Personal Causation**. New York: Academic Press, 1968.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 5ª ed., São Paulo: Global, 1991.

FANON, Frantz. **Les Damnés de la Terre**. 2ª ed. Paris: François Maspero Edicteur, Petite Collection Maspero, 1978.

FERREIRA, Leda L. Trabalho em turnos: temas para discussão. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, Fundacentro, v. 58, n. 15, pp. 27-32, 1987.

FERREIRA, Leda L.; IGUTI, Aparecida M. **O Trabalho dos Petroleiros: perigoso, complexo, contínuo e coletivo**. São Paulo: Scritta, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

FESTINGER, Leon. **Teoria da Dissonância Cognitiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro. Graal, 1984b.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol VII.

GOFFMANN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GRAHAM, John Robert. **MMPI: Guia Prática**. México DF: Editorial El Manual Moderno, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política, o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

HEIDER, Fritz. **The Psychology of Interpersonal Relations**. New York: John Wiley & Sons Inc. Publishers. 1958.

HOBBSAWN, Eric J. **Os Trabalhadores**: estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOORNAERT, Eduardo. Catequese e Aldeamento. *In*: SOUZA, Simone de (org.) **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/NUDOC, 1994.

IBGE. **Tendências Demográficas**. Uma Análise dos Censos Demográficos e da Contagem da População de 1996, Vol 11, Estado do Ceará. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1996.

JASPERS, Karl. **Psicopatologia Geral**: Psicologia Compreensiva, Explicativa e Fenomenológica. 2ª ed. São Paulo: Livraria Athenau, 1967.

KLEITMAN, Nathaniel. Padrões de sonhos. *In*: **Psicobiologia**: as bases biológicas do comportamento, organizado por Nathaniel Klitman. São Paulo: Edusp/Polígono. 1970.

LEONTIEV, Alexis N. **Actividad, Consciência y Personalidad**. Buenos Aires. Ediciones Ciências del Hombre, 1978.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência do Classe**: estudos da dialética marxista. Rio de Janeiro: Porto, Publicações Efos/Publicações Escorpião, 1989.

MARINHO JR, Ilmar P. **Petróleo, Política e Poder**: um novo choque do petróleo. Rio de Janeiro; José Olympio, 1989.

MARX, Karl. A Jornada de Trabalho. *In*: MARX, Karl. **O Capital**. Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974a.

MARX, Karl. A Mercadoria. *In*: MARX, Karl. **O Capital**. Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974b.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luis Bonaparte**. 3ª ed., São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1985.

- MARX, Karl. **A Guerra Civil na França**. São Paulo: Editora Global, 1965.
- MARX, Karl. **Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844**. Lisboa: Edições 70, Terceiro Manuscrito, 1993.
- MILNER, Peter P. **Psicologia Fisiológica**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MINAYO, Maria C de S. **O Desafio do Conhecimento: metodologia da pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MOFFAT, Alfredo. **Terapia do Crise/Teoria Temporal do Psiquismo**. São Paulo: Cortez, 1987.
- OMS. **International Classification of Diseases and Related Health Problems Tenth Revision**. Geneva World Health Organization, 1992.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. Campinas: Editora Pontes, 1999.
- PÉCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.
- POLITZER, Georges. Psychology Mitologique et Psychology Cientifique. Qu est que c'est la Psychology Concrete. Le Bergsonisme. **Revue de Psychologie Concrete**, 1926/9. re-edição 1965.
- REIS, José R. T. Família, Emoção e Ideologia. In: LANE, Silvia; CODO; Wanderley (orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. 4ª ed. São Paulo; Brasiliense, 1967.
- RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE Editors, 1998.
- ROUQUAYROL, Maria Z. **Epidemiologia da Saúde**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora MEDSI. 1994.
- SAMPAIO, Dorian. **Anuário do Ceará do 1998**. Fortaleza: Stylus, 1999.
- SAMPAIO, José J. C. **Epidemiologia da imprecisão: processo saúde/doença mental como objeto da epidemiologia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

SAMPAIO, José Jackson C.; BORSOI, I. C. F.; RUIZ, E. M. **Saúde Mental e Trabalho em Petroleiros de Plataforma**: penosidade, rebeldia e conformismo em petroleiros de produção (On Shore/Off Shore) no Ceará. Fortaleza: FLACSO/EDUECE, 1998.

SCHAFF, Adam. **La Alienacion como Fenómeno Social**. Barcelona: Editorial Critice, 1979.

SÈVE, Lucien. **Marxismo e Teoria da Personalidade**. 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1979.

TEITELBAUM, Philip. **Psicologia Fisiológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1964.

